



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FCI  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCINF

DANIELE GALVÃO PESTANA NOGUEIRA

**A Preservação da Memória do Tribunal de Contas da União por meio de  
seu Museu**

**(1970 – 2010)**

Brasília

2015

DANIELE GALVÃO PESTANA NOGUEIRA

**A Preservação da Memória do Tribunal de Contas da União por meio de  
seu Museu**

**(1970 – 2010)**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador: PROF. DRA. ANA LÚCIA DE  
ABREU GOMES

Brasília

2015

N774p

Nogueira, Daniele Galvão Pestana  
A preservação da memória do Tribunal de Contas da  
União por meio de seu museu / Daniele Galvão Pestana  
Nogueira; orientador Ana Lúcia de Abreu Gomes. --  
Brasília, 2015.  
515 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciência da  
Informação) -- Universidade de Brasília, 2015.

1. Museologia. 2. Memória Institucional. 3. Tribunal de  
Contas da União. 4. Museu do Tribunal de Contas da União.  
5. Museus de História. I. Gomes, Ana Lúcia de Abreu,  
orient. II. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Título: A Preservação da Memória do Tribunal de Contas da União por meio de seu Museu (1970 - 2010)**

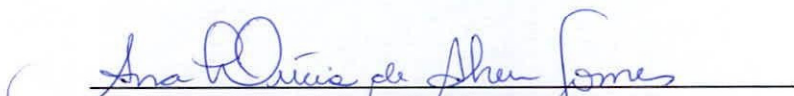
**Autor (a): Daniele Galvão Pestana Nogueira**

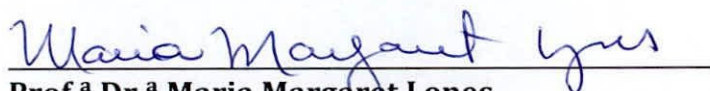
**Área de concentração:** Gestão da informação

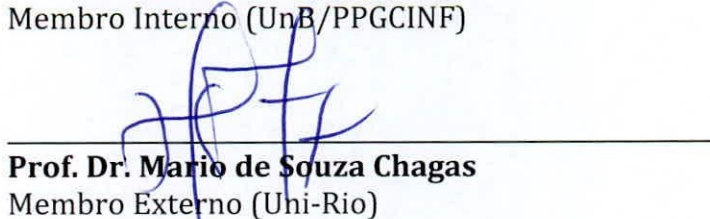
**Linha de pesquisa:** Organização da Informação

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre** em Ciência da Informação.

Dissertação aprovada em: 01 de julho de 2015.

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Abreu Gomes**  
Presidente (UnB/PPGCINF)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Margaret Lopes**  
Membro Interno (UnB/PPGCINF)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Mario de Souza Chagas**  
Membro Externo (Uni-Rio)

\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam Paula Manini**  
Suplente (UnB/PPGCINF)

## Dedicatória

Aos meus pais, minha luz, Maria Aparecida Galvão Pestana e Gerson Pestana.

Aos meus familiares tão queridos que estiveram tão próximos, Júlio César Galvão Pinto (in memória), Denise Mattos Pinto, Valéria Galvão Pinto, Daniella Mattos Pinto e Nathalia Mattos Pinto.

Ao meu esposo Dinaldo Alves Nogueira. Aos queridos Francisco Nogueira Coelho, Juliana Alves Furtado, Ana Cristina Alves Nogueira e Christian Alves Nogueira.

Aos meus filhos Lucas Pestana Nogueira e Daniel Pestana Nogueira.

A Malu, minha linda.

## Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Mário Chagas, pela formação acadêmica e por compartilhar suas reflexões por meio de publicações.

A Prof. Dr.<sup>a</sup> Mirian Minini, por me apresentar leituras que foram fundamentais para mudar muitos caminhos na minha vida profissional e pessoal.

A Prof. Dr.<sup>a</sup> Margaret Lopes, que me ofertou muitas inquietações.

A Prof. Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Abreu Gomes, meu muito obrigada. Ela jamais saberá a dimensão do trabalho que realizou durante o período que estivemos juntas.

A amiga e colega de profissão, Karla Inês Silva Uzeda, por todas as portas que me abriu.

Ao amigo Prof. Glauber Guedes de Lima, sua ajuda me trouxe até aqui!

Aos colegas de trabalho, que muito contribuíram para esta realização, Luciana Lobato, Marcello Augusto Cardoso, Lucivânia Pereira da Glória, Robson Goes, Bianca Novaes e Eudaldo Sobrinho e Mônica de Souza Andrade.

Aos servidores do Tribunal que estiveram sempre dispostos a ajudar Soraya Martins Duarte, Ana Cristina Medeiros Da Costa, Evelize Quadrado e Ivo Montenegro.

Ana Claudia Henriques e Thayse Cantanhede, amigas que fiz no caminho.

Aos queridos Vanda Lúcia Ferreira de O. Silva e Manoel Alagoano, pelas palavras de incentivo.

“Desistir...?”

Eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério; é que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça”

Cora Coralina

## RESUMO

Este trabalho tem como problema a criação de museus no interior de órgãos públicos. Percebemos nesse ambiente um contexto diferente de trabalho. Esses museus, muitas vezes desenvolvem atividades que buscam produzir uma boa imagem institucional, sem necessariamente se preocupar em problematizar o papel do órgão na sociedade e nem os processos de memória ali condensados. Delimitamos nosso objeto de estudo em Brasília, Capital do país, sede de vários órgãos da Administração Federal, região que possui mais de 50 % de seus museus neste formato. Para tal empreendimento, a presente dissertação analisou a preservação da memória do Tribunal de Contas da União - TCU, órgão vinculado ao Poder Legislativo, por meio de seu museu, criado pela Portaria n. 19/1970. Nosso objetivo principal foi a verificação dos processos e dos percursos que possibilitaram a preservação da memória do Tribunal de Contas da União. A coleção do museu do TCU, composta por um conjunto de elementos selecionados dentre uma variedade de itens relacionados à história da instituição, indica uma visão sobre fatos, acontecimentos, personagens, ou seja, uma leitura possível da história do tribunal. Nesse aspecto analisamos as ideias de preservação que tomaram corpo ao longo do tempo. Tivemos como base para nossa análise a dimensão simbólica dos objetos - portadores de informação; o caráter subjetivo dos critérios de seleção de acervo; e preservação como meio de se estabelecer o processo de comunicação entre a instituição e a sociedade. Os resultados do processo de pesquisa foram a compilação e sistematização da documentação referente à Criação do Tribunal, assim como o registro de entrevistas feitas com servidores e ex-servidores do Tribunal e autoridades daquela instituição. Igualmente, procedemos ao levantamento da coleção formada ao longo dos anos de existência do Museu do Tribunal de Contas, promovendo uma interpretação da relação dessa coleção com a memória institucional.

Palavras-chave: Museologia, Memória Institucional, Tribunal de Contas da União, Museu do Tribunal de Contas da União, Museus de História



## ABSTRACT

This work has the problem the creation of museums within public bodies. We realized that environment a different work environment. These museums often carry out activities that seek to produce a good corporate image, without necessarily bothering to question the role of the body in society nor the memory processes condensed there. We delimit our object of study in Brasilia, the country's capital, home to various agencies of the Federal Administration, a region that has more than 50% of its museums in this format. For such an enterprise, this thesis analyzed the preservation of the memory of the Federal Audit Court - TCU, an agency of the Legislature, through its museum, created by Ordinance No. 19/1970. Our main goal was checking processes and pathways that enabled the preservation of the memory of the Federal Audit Court. The TCU museum's collection, consisting of a set of selected elements from a variety of items related to the history of the institution, indicates an insight into facts, events, characters, ie a possible reading of the history of the court. In this aspect we analyze the conservation of ideas that took body over time. We are building upon our analysis to the symbolic dimension of objects - carriers of information; the subjective character of the body of selection criteria; and preservation as a means of establishing the communication process between the institution and society. The results of the research process was the compilation and systematization of documentation to the Court's creation, as well as the record of interviews with servers and court former employees and officials of that institution. Also proceeded to survey the collection formed over the years of the Court's Museum, promoting an interpretation of the relation of this collection with the institutional memory.

Keywords: Museology, institutional memory, the Federal Audit Court, Court of Auditors' Union Museum, History Museum

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Fotografia da bandeira, exposição do TCU: uma História para Contar .....	69
Figura 2 - Fotografia da exposição TCU: uma História para Contar.....	89
Figura 3 - Fotografia da Balança, coleção do Museu do TCU.....	100
Figura 4 - Fotografias da exposição TCU: uma História para Contar.....	113
Figura 5 - Fotografias da exposição TCU: uma História para Contar.....	113
Figura 6 - Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU .....	114
Figura 7 - Fotografia do quadro Convite à Presidência, de autoria do Ministro Guido Mondin.....	120
Figura 8 - Imagem da documentação de lançamento do selo comemorativo do 85º aniversário do TCU .....	121
Figura 9 - Cartão confeccionado pelo Ministro Luciano Brandão com imagem do quadro “Convite à Presidência” .....	121
Figura 10 - Fotografias da exposição Lusófanos.....	125
Figura 11 - Fotografias da exposição 30 Anos de TI.....	126
Figura 12 – Fotografias da exposição Colecionando História .....	126
Figura 13 - Fotografias da exposição TCU RIO-BSB 50 Anos .....	128

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Porcentagem (%) de museus com orçamento próprio, segundo natureza administrativa, por unidades da Federação e grandes regiões, Brasil, 2010 .....	32
Tabela 2 - Quadro comparativo dos artigos 1º e 2º das Portarias n.º 19/1970 e n.º 210/2004 do TCU.....	76
Tabela 3 - Quadro comparativo dos artigos 3º e 5º das Portarias n.º 19/1970 e n.º 210/2004 do TCU.....	77

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CNM	Cadastro Nacional de Museus
CEDOC	Centro de Documentação
CTS	Centro de Treinamento e Seleção
CFC	Conselho Federal de Cultura
ICOM	Conselho Internacional de Museus
DEMU	Departamento de Museus e Centros de Culturais
ECMV	Espaço Cultural Marcantonio Vilaça
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISC	Instituto Serzedello Corrêa
MINOM	Movimento para uma Nova Museologia
OISC/CPLP	Organização das Instituições Supremas de Controle da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
PNM	Plano Nacional de Museus
SEGCult	Serviço de Gestão Cultural
STI/Seade	Secretaria de Tecnologia da Informação do TCU
SBM	Sistema Brasileiro de Museus
TCU	Tribunal de Contas da União
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>O TRIBUNAL E SEU MUSEU.....</b>	<b>3</b>
<b>3</b>	<b>PROBLEMA .....</b>	<b>5</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>9</b>
<b>5</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>10</b>
<b>6</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
<b>7</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>22</b>
<b>8</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>28</b>
<b>9</b>	<b>INFORMAÇÃO E MEMÓRIA .....</b>	<b>35</b>
9.1	O MUSEU DO TCU.....	43
<b>10</b>	<b>INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEMÓRIA NO TCU .....</b>	<b>53</b>
10.1	criação do Museu do TCU.....	53
10.2	Revitalização do Museu do TCU .....	61
<b>11</b>	<b>MUSEALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO TCU.....</b>	<b>89</b>
11.1	Aquisição de <i>ACERVO</i> museológico do TCU.....	91
11.2	Documentação museológica do Museu do TCU.....	101
11.3	Tipologia do <i>ACERVO</i> .....	105
11.4	Exposições no TCU.....	108
<b>12</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>134</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>139</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>150</b>
	APÊNDICE 1 - ENTREVISTA SERVIDOR ANSELMO BESSA 03/06/2014 .....	150
	APÊNDICE 2 - ENTREVISTA SUB PROCURADOR GERAL DR. SEBASTIÃO BAPTISTA 28/11/2014.....	162
	APÊNDICE 3 - ENTREVISTA SERVIDORA EVELISE QUADRADO 02/06/2014.....	180
	APÊNDICE 4 - ENTREVISTA SERVIDOR IVO MONTENEGRO 09/12/2014.....	194

APÊNDICE 5 - ENTREVISTA SERVIDOR MARCELLO AUGUSTO 11/06/2014 .....	219
APÊNDICE 6 - ENTREVISTA MUSEÓLOGA MARINA GUARIDO 16/12/2014.....	240
APÊNDICE 7- ENTREVISTA MINISTRO VALMIR CAMPELO 04/04/2014 .....	260
APÊNDICE 8 - ENTREVISTA MUSEÓLOGA KARLA INÊS SILVA UZEDA – IBRAM 06/04/2014 .....	265
APÊNDICE 9 - ENTREVISTA SERVIDORA VIVIAN PIMENTA 20/08/2014.....	269
<b>ANEXOS .....</b>	<b>274</b>
ANEXO 1 - PORTARIA Nº 19, DE 27 DE FEVEREIRO DE 1970 .....	274
ANEXO 2 - PORTARIA Nº 21, DE 10 DE MARÇO DE 1970.....	275
ANEXO 3 - PORTARIA N.28, DE 11 DE MARÇO DE 1970.....	276
ANEXO 4 - RESOLUÇÃO-TCU Nº 162, de 1º de OUTUBRO de 2003.....	277
ANEXO 5 - PORTARIA N.º 210 DE 2004 .....	283
ANEXO 6 - PORTARIA-ISC Nº 6, DE 17 DE MAIO DE 2005.....	289
ANEXO 7 - RESOLUÇÃO TCU Nº 189, DE 19 DE ABRIL DE 2006.....	300
ANEXO 9 - PORTARIA-GABPRES Nº 1, DE 30 DE MARÇO DE 2009.....	311
ANEXO 10 - PLANO DIRETOR DO MUSEU DO TCU.....	317
ANEXO 11 - REFERENCIAL ESTRATÉGICO .....	321
ANEXO 12 - DOCUMENTOS DO MUSEU DO TCU DATADOS DE 1970 E 1971 .....	322
ANEXO 13 - FICHA CATALOGRÁFICA .....	326
ANEXO 13A - INSTRUÇÕES PARA PROCESSAMENTO TÉCNICO DE ACERVO.....	330
ANEXO 14 - LISTA DE ACERVO CATALOGADO .....	338
ANEXO 15 - IMAGENS DO MUSEION.....	366
ANEXO 16 - RELATÓRIO DE RESULTADO DE CONSULTA DOS BENS À CARGA DO CHEFE DO SERVIÇO DE GESTÃO CULTURAL.....	369
ANEXO 17 - PLANTA BAIXA DO MUSEU DO TCU.....	482
ANEXO 18 - ROTEIRO DE ATIVIDADES PARA IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DO TCU .....	483
ANEXO 19 - TEXTO DA EXPOSIÇÃO TCU: UMA HISTÓRIA PARA CONTAR .....	488

## 1 APRESENTAÇÃO

Em 2010, ao retomar minha vida profissional como museóloga, fui trabalhar no Museu do Tribunal de Contas da União sediado em Brasília. Com o passar do tempo, envolvida pelos desafios que o trabalho me colocava, pude observar que minha trajetória profissional havia se caracterizado pelo desempenho de atividades profissionais em museus criados no interior de outras instituições. Ainda durante minha graduação em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro eu já havia estagiado nos Museus do Exército, no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e no Museu da Justiça do Rio de Janeiro. Já formada, trabalhei durante três anos no Museu do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.

Este trabalho é, inegavelmente, consequência de uma série de questões sobre as quais refleti ao longo dessa trajetória e, portanto, pretende problematizar os museus criados no interior de órgãos públicos. Percebemos nesses ambientes um contexto de trabalho condicionado ao fato da atividade fim da instituição que os abriga não corresponder àquelas que hoje são, por muitas vezes, definidoras de um museu, quais sejam: as atividades de conservação, pesquisa e comunicação<sup>1</sup>. Consideramos relevante outra característica desses museus, embora não só deles: não possuem autonomia política, administrativa e orçamentária e, algumas vezes, desenvolvem atividades visando uma boa imagem institucional<sup>2</sup>, sem necessariamente se preocupar em oferecer ao público uma reflexão sobre o papel da instituição na sociedade e nem um questionamento acerca dos processos de memória ali condensados.

---

<sup>1</sup> O Decreto n.º 8.124/2013, no art. 2, inciso IX considera museu “instituição sem fins lucrativos, de natureza cultural, que conserva, investiga, comunica, interpreta e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de outra natureza cultural, abertos ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. Para consulta <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm)>.

<sup>2</sup> Seja para os servidores do próprio órgão como para o público externo.

Para desenvolvermos tal pesquisa, optamos por nos debruçar sobre o processo que possibilitou a criação de um museu no Tribunal de Contas da União (TCU)<sup>3</sup> bem como sobre o desenvolvimento de uma série de práticas museológicas naquela instituição. Esta pesquisa optou, portanto, por analisar o Museu do TCU pela perspectiva da musealização de sua memória institucional.

---

<sup>3</sup> O Tribunal de Contas da União foi criado por meio do Decreto 966-A em 07 de dezembro de 1890 por iniciativa de Rui Barbosa, Ministro da Fazenda à época.



## 2 O TRIBUNAL E SEU MUSEU

O Tribunal de Contas da União criou seu Museu por meio da Portaria n.º 19 de 27 de fevereiro de 1970. Mesmo tendo recebido, por meio da Portaria n.º 21 de 10 de março daquele ano, uma sala para o museu e seu horário de visitação<sup>4</sup>, apenas com a Portaria n.º 210 de 25 de outubro de 2004, foi-lhe destinado um espaço expositivo de cerca de 150 m<sup>2</sup> e então inaugurada a exposição *TCU: uma história para Contar*. Essa é uma exposição de longa duração, que narra a história da instituição TCU desde sua criação em 1890 até os dias atuais, desempenhando a missão do museu descrito em portaria, a qual seria divulgar a memória do Tribunal. Com esse processo, denominado por alguns de revitalização do museu, a memória institucional desse órgão passou a ser narrada também nesse espaço expositivo, além de preservada nos espaços da biblioteca e do arquivo histórico.

Atualmente a gestão do Museu do TCU se encontra sob responsabilidade do Serviço de Gestão Cultural desse Tribunal, englobando também o Espaço Cultural Marcantonio Vilaça. Esse Serviço está diretamente ligado à Presidência do TCU.

Ao longo desses 40 anos as diferentes equipes responsáveis pela sua gestão foram compondo sua coleção de objetos representativos da memória institucional do TCU. O Museu do TCU possui assim 354 itens considerados históricos dos quais 40% são mobiliário; 32% objetos de comunicação e 28% compostos por objetos pessoais e cerimoniais. Estes números foram obtidos na lista de material carga do patrimônio do Serviço de Gestão Cultural, sendo este um subconjunto de toda carga do setor. A quantidade de objetos em posse do museu é maior do que os dados apresentados acima, pois itens sem patrimônio também estão sob a guarda do museu. Dentre o montante de objetos considerados de cunho histórico, até a data desta pesquisa foram cadastrados

---

<sup>4</sup> Devido à falta de registros não podemos afirmar se essa sala realmente foi designada como sala para o museu, exposição ou visitação.

79 objetos. O processo de catalogação dos mesmos, ainda não foi finalizado, pois o serviço é realizado de maneira esporádica devido à falta de pessoal especializado para executar todas as demandas inerentes às práticas museológicas naquela instituição.

Os profissionais que hoje desempenham ali suas funções têm formação diversificada: um museólogo, um historiador, um designer, um curador, uma recepcionista, um estagiário de Museologia e outro de História bem como três mediadores para o Programa Educativo. Essa equipe é uma entre outras equipes incumbidas da missão de divulgar a memória do Tribunal, com o fim de registrar, guardar e conservar objetos de valor histórico e cultural relacionadas ao TCU, como cita a Portaria n.º 210/2004. Vale ressaltar outras iniciativas de divulgação dessa memória além daquelas do referido museu, tais como os Livros dos Ministros, o Centenário de Ministros bem como o Banco de Dados dos Ministros do TCU e Projeto Memória Viva.

### 3 PROBLEMA

O problema inicial motivador dessa pesquisa foi o de entender a lógica por meio da qual operam os museus pertencentes aos órgãos das instituições públicas, cuja atividade fim não é a preservação, a pesquisa e a comunicação de bens culturais. Ressalta-se, entretanto, que as equipes neles instaladas procuram trabalhar para esse fim.

Observe-se aqui que os museus de natureza pública, de forma geral, se acham inseridos numa outra unidade hierarquicamente superior que os administra e garante sua sustentabilidade orçamentário-financeira. Ao que parece isso nunca foi encarado como um problema para a área, pois o Departamento de Museu e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEMU/Iphan) havia estabelecido uma definição de museus que contemplava essa realidade. A definição de museu do DEMU/Iphan era:

O Museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características (...) (IBRAM, 2011, p. XXIV)

O Sistema Brasileiro de Museus (SBM)<sup>5</sup>, criado em 2004 também já considera os museus subordinados às variadas esferas do poder e a outras categorias.

Art. 17. Os museus do Poder Executivo federal integrarão o SBM, e dele também poderão fazer parte:

I - museus vinculados aos demais Poderes da União e museus de âmbito estadual, distrital e municipal;

II - museus privados, inclusive aqueles dos quais o Poder Público participe; e

III - museus comunitários e ecomuseus.

---

<sup>5</sup> Criado pelo decreto n.º 5.264 de 05 de novembro de 2004 e revogado pelo decreto n.º 8.124 de 17 de outubro de 2013.

Entretanto, na nossa visão, um dos aspectos que pode lhes conferir determinada singularidade se deve a uma estrutura cuja atividade fim não é necessariamente a museal/cultural, pois esta acaba por instituir uma prática museológica *suis generis* se configurando, portanto, como uma instituição no interior de uma outra instituição. Acreditamos ser esta a causa de tais museus receberem comumente a denominação de *museus institucionais*, fato que a primeira vista pode parecer redundante<sup>6</sup>. De alguns anos para cá parece ter se formado um consenso de classificação dos museus a partir da tipologia dos respectivos acervos e coleções.<sup>7</sup> Se fôssemos manter essa classificação, o Museu do TCU seria um museu *histórico*<sup>8</sup>. A situação se revela deveras complexa uma vez que, considerando os dados institucionais dos museus do Distrito Federal presentes na publicação *Museus em Números*, estes nos informam que 68,4% dos museus do DF são públicos e que destes 42,1% pertencem à esfera federal. Entretanto sabemos que até a data de corte da pesquisa o Ministério da Cultura não possuía museus sob a sua responsabilidade no Distrito Federal. Portanto, provavelmente esse percentual reflete um processo que a museóloga Célia Corsino já havia identificado de constituição de museus em órgãos públicos nas últimas décadas do século XX (CORSINO, 2003, p. 111).

Contudo, atualmente percebemos nessa variante da classificação dos museus, reconhecidos como *institucionais*, um contexto diferente de trabalho. Convém considerar que nas três décadas finais do século passado houve transformações que reverteram de forma radical a estrutura do Estado brasileiro. Salvo engano, após as reformas administrativas do final do século XX, foram poucos os museus a manter personalidade jurídica própria. No caso do nosso

---

<sup>6</sup> Waldisia Russo Guarnieri, em sua dissertação de mestrado, denominou-os de museus-apêndice. Agradecemos à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Margaret Lopes por esta referência.

<sup>7</sup> O Cadastro Nacional de Museus nos informa que data de 1953 a primeira iniciativa de elaboração de um guia de museus no Brasil. Segundo o Cadastro Nacional de Museus as tipologias usadas naquele guia foram: federal, estadual, municipal, eclesiástico, ligado à instituição civil e privado. (IBRAM, 2011: p. XXI)

<sup>8</sup> O Museu do Tribunal de Contas da União se definiu como museu histórico quando do preenchimento o Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus.

universo de pesquisa, essa perda de autonomia – associada ao fato de estarem vinculados a instituições cuja finalidade não é a museal/cultural – conferiram-lhes, acreditamos, uma dinâmica particular. Como destinar recursos ao museu da instituição se essa não é a sua atividade fim? Como contratar museólogos, conservadores, restauradores em uma instituição que não requer esses profissionais? Como gerir o acervo do museu fora da carga patrimonial da instituição? Como destinar espaços para reserva técnica e laboratórios? A nosso ver essas questões se tornam ainda mais problemáticas se levarmos em consideração havermos escolhido como instituição o TCU cuja atribuição é a de verificar a correção da aplicação dos recursos orçamentários do Governo Federal. Como justificar?

Outro aspecto problemático da gestão desses museus é o controle dos objetos a eles pertencentes. Existe um sistema de patrimônio cujo controle é de natureza físico-financeira. E existe a documentação museológica. A documentação museológica é um dos trabalhos basilares de recuperação e disseminação da informação e geração de conhecimento do ambiente museal, além de controlar o acervo. Nos museus *institucionais* os objetos adquiridos para compor o acervo são tratadas como subconjunto de toda carga patrimonial do órgão, sendo este também catalogado e controlado pelo sistema do patrimônio. Nesse cenário é comum que a Presidência ou os Ministros do órgão solicitem que determinados objetos do museu sejam deslocadas para os mais diversos ambientes institucionais, impossibilitando o devido tratamento para transformar tais objetos em acervos museológicos.

Outra característica do Museu do TCU é a inexistência de reserva técnica. Há um espaço para onde são levados parte dos objetos que deveriam compor a reserva técnica, mas ali as mesmas são colocadas junto a outros objetos não pertencentes ao museu e, em geral, sem qualquer preocupação com sua preservação e conservação. Sobre esse aspecto não há recursos humanos para o desempenho de um plano de preservação, conservação e restauração; igualmente não há laboratório para o desenvolvimento dessas atividades específicas.

Assim, refletindo sobre esses aspectos, que fragilizam tanto a instituição, nos perguntamos se esse cenário seria específico dos museus institucionais. Imaginamos que a resposta seja negativa. Do universo de cerca de 3.000 instituições museais, imaginamos que haja museus não institucionais que sofram dessas e também de outras mazelas...

Se nessas instituições há tantas dificuldades para realização de funções que caracterizariam práticas hoje reconhecidas como inerentes a um museu, nossa pergunta se torna mais questionadora: por que criar um museu no interior do Tribunal de Contas da União? Não haveria outros mecanismos e estratégias capazes de divulgar a trajetória institucional ao longo do tempo?<sup>9</sup>

Para tentar compreender esse processo precisamos nos debruçar sobre aqueles anos de forma a tentar esclarecer aspectos da criação desse museu.

Entre a criação do museu em 1970 e sua efetivação em 2004, por meio da exposição de longa duração, e sua permanência no tempo até os dias atuais, acreditamos haver um processo de “vontade de memória” que nos interessa conhecer. Entre os 30 anos que separam sua criação institucional da sua primeira exposição, 1970-2004, como esse museu foi se constituindo? Que memórias foram sendo consolidadas? Por que não houve exposições? Entre o cargo de Presidente, ocupado pelo Ministro Iberê Gilson e o Ministro Valmir Campelo, passaram pela Presidência da Casa 22 Ministros; o que aconteceu nesse ínterim? Essa trajetória foi tão peculiar que o Ministro Valmir Campelo, em entrevista, afirmou ter *criado* o museu em 2004, apesar de termos lhe perguntado acerca de sua *revitalização* e apesar também da Portaria 210/2004 dispor sobre as atividades do Museu do Tribunal de Contas da União já existente. Quais

---

<sup>9</sup> A questão/pergunta desta dissertação na qual me propus a investigar, me foi colocada durante uma das aulas da disciplina História dos Museus do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – FCI/UnB, A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Margaret Lopes me perguntou se era necessário a criação de um museu para veicular a memória do Tribunal de Contas. Perguntou-me se o setor de comunicação, por exemplo, não poderia desempenhar essa função.

pontos singulares possibilitaram práticas museológicas no TCU? Qual a natureza dessas práticas?

#### **4 OBJETIVOS**

##### OBJETIVO GERAL

Entender os motivos que levaram ao estabelecimento de um Museu no interior do Tribunal de Contas da União.

##### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar os processos que possibilitaram a criação de um museu na estrutura interna do Tribunal de Contas da União para guardar, preservar e disseminar sua memória institucional;

Analisar o plano de preservação da memória do Tribunal de Contas da União por meio de seu Museu;

Examinar o acervo a fim de verificar os objetos selecionados de forma a representar a memória do TCU.

## 5 JUSTIFICATIVA

Como já destacado, o que nos trouxe de volta à Universidade foi uma inquietação pessoal, fruto de nossa prática profissional construída no dia-a-dia em museus que desenvolveram dinâmicas específicas e muitas vezes distantes do que aprendemos ao longo da graduação em Museologia ou mesmo na literatura especializada da área. Ao longo dos anos, as inquietações foram se transformando em questões que procuramos sistematizar.

A Museologia ao longo das últimas décadas vem se afirmando como campo de conhecimento, estudando e estabelecendo novas relações entre o homem, seu meio e a realidade. Dos museus tradicionais às novas concepções de museus; da museologia convencional à Nova Museologia; do público à coletividade; do edifício ao território; da coleção e do acervo ao patrimônio; da Museologia e dos museus.

Acompanhamos a mudança curricular que introduziu a Nova Museologia nos currículos universitários e acreditávamos e continuamos a acreditar em instituições museais transformadoras. Ao ingressar no mercado de trabalho, entretanto, observamos que há uma Museologia praticada, há os museus e suas práticas que nos interpelam e nos desafiam a todo momento sem cessar.

Nesse sentido – como já comentamos, encontramos em Brasília, sede do Distrito Federal – uma realidade bastante interessante para nosso estudo. Observamos um crescente interesse dos órgãos públicos em criar centros de memória, centros de documentação, memoriais e ainda museus com o intuito de preservar e divulgar sua memória institucional. Se, conforme destacamos, dos 60 museus sediados no Distrito Federal, 40 são públicos e desses 17 são federais, sendo que o Ministério da Cultura não possuía museus federais no DF na data de corte da pesquisa, temos um dado bastante interessante que nos cabe conhecer, especialmente se levarmos em consideração que, com a criação de cursos de graduação em Museologia tanto na Universidade de Brasília quanto na Universidade Federal de Goiás recebemos estagiários desses cursos e nos cabe discutir e debater as questões que envolvem as práticas e o cotidiano



desses museus. Há a necessidade de buscarmos referências sobre a dinâmica dos trabalhos desses museus institucionais. É necessário que as questões levantadas pela pesquisa sejam respondidas para que possamos refletir sobre as relações e formas de convívio, entre museu, sua instituição mantenedora e a sociedade.

## 6 REFERENCIAL TEÓRICO

O então Ministro do Tribunal de Contas Iberê Gilson, responsável pelo ato de criação do Museu do Tribunal de Contas em 1970, observa ainda no final dos anos 1960:

No sacrário desta Casa, guarda-se uma tradição, que se aproxima de secular, e que cumpre à nossa geração transmitir à que nos dá de suceder, com a mesma respeitabilidade com que no-la passou às mãos a geração antecedente. (GILSON, 1966, p. 127)

Nesta breve citação do Ministro Iberê Gilson, quando da elaboração de parecer sobre as Contas do Governo Federal nos idos de 1966, se estabelece de forma bastante clara a noção de patrimônio consubstanciada na palavra *tradição*. Jean Davallon, a propósito da relação entre aqueles que produziram os objetos e bens culturais e aqueles que se veem responsáveis por guarda-los, defende que aí temos a abertura de um campo de estudos em direção a

(...) une anthropologie du patrimoine qui, réexaminant l'obligation de garder les objets de patrimoine, pensent ces derniers comme le moyen de construire un lien social entre ceux qui en sont les possesseurs effectifs et ceux qui en restent les propriétaires symboliques. (DAVALLON, 2004,15)<sup>10</sup>

A pesquisa procurou entender então o processo de estabelecimento/criação de uma determinada memória institucional por meio da preservação de objetos tridimensionais dentro de ambientes institucionais da Administração Pública Federal. Poderíamos afirmar que se trata da musealização de uma determinada memória institucional?

Ao buscarmos compreender a construção da memória no âmbito dos órgãos públicos, um dos aspectos do nosso estudo, nos deparamos com a necessidade de estudar a própria questão da memória nesses espaços e com

---

<sup>10</sup> Tradução livre: (...) uma antropologia do patrimônio que, reexaminando a obrigação de guardar os objetos do patrimônio, pensando esses últimos como o meio de construir um vínculo social entre aqueles que são os possuidores efetivos e aqueles que são seus proprietários simbólicos.

as discussões em torno do conceito de memória organizacional e memória institucional.

O tema tem sido objeto de pesquisa em diferentes áreas, daí fomos buscar em nossa área de origem, a Ciência da Informação, os referenciais para nossa reflexão. Em se tratando da preservação da memória no contexto de organizações, instituições e empresas, concordamos com Costa (1997), ao afirmar que o fenômeno da memória no quadro das instituições possui características especiais, como concluiu ela em sua tese de doutorado que tem como objeto de estudo a memória institucional.

Devemos destacar que, segundo Costa, instituição e organização não devem ser tratadas como coisas sinônimas. Toda instituição tem suas formas de organização, sem as quais não poderia exercer sua prática, que é coletiva e social. As instituições se estendem para além. A instituição se atualiza na organização. A questão prioritária da organização é a eficácia. E a da instituição é a legitimidade (COSTA, 1997, p. 06).

Olhando a organização e a instituição por essa perspectiva, podemos discernir melhor a diferenciação proposta por Costa entre memória organizacional e memória institucional. A memória organizacional é vista como um conjunto de informações, por meio das quais o conhecimento do passado é atualizado em atividades presentes, determinando maior ou menor eficácia organizacional. A memória organizacional se desenvolve em um contexto restrito, sendo limitada a um conjunto de ações sistemáticas, voltadas para a atualização do passado em atividades do tempo presente, que determinam a maior ou menor eficácia da organização. Já a memória institucional, como citado anteriormente, vai além da organizacional uma vez que sua atualização não é marcada pelo atributo da eficiência, mas pelo da legitimação. Destaca-se que a proposta de interpretação de Costa tanto para o fenômeno da memória organizacional quanto para o institucional não é aquela pautada na noção de representação; ou seja, organização e instituição não são dados existentes desde tempos imemoriais; são construções sociais. No caso da memória organizacional, quando afirma que o conhecimento do passado é atualizado em

atividades presentes, Costa destaca o caráter do tempo presente nessa seleção, destaca assim o caráter de construção, de artifício desse processo (Idem, p. 11 - 17).

Costa afirma que a memória nessa perspectiva, não pode ser considerada como “um reservatório de informações a serem lembradas/resgatadas e/ou esquecidas, perdidas ou bloqueadas.” (COSTA, 1997, p. 72). Nessa interpretação o fenômeno da memória estaria aprisionado no universo representativo, “num processo onde tudo aquilo que uma vez se apresentou à nossa consciência (passado), poderia se reapresentar, de preferência de forma idêntica ou mimética, num outro tempo (presente ou futuro).” E as instituições, conscientes deste processo, adotam seu “regime de verdade.” (Costa, 1997, p. 95). Toda instituição é elaboradora de memórias. A instituição seleciona os discursos que deseja tornar visíveis bem como aquilo que deseja preservar e pôr em circulação, isso ao mesmo tempo em que torna invisíveis os discursos que deseja manter ocultos e em silêncio. “Nesse sentido as instituições lembram e esquecem.”. Assim reproduzem uma ordem que desejam alcançar, promovendo assim a manutenção desta ordem ao selecionar o que será repetido e reproduzido bem como aproveitando o passado para conservação do presente institucional. Nesse enfoque, o tempo institucional é circular, voltando sempre à sua origem (Costa, 1997, p. 96 e Passim). Nossa autora afirma em um determinado momento de seu texto: “A memória institucional é um permanente jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas.” (Idem, p. 17) Dessa forma, entendemos que a memória é um elemento primordial no funcionamento das instituições. É por meio da relação entre lembrar e esquecer que as instituições se atualizam no seio das sociedades, retendo aquelas informações consideradas significativas. Há um processo seletivo que se desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição (Idem, p. 39).

Percebemos também que as instituições parecem estar preocupadas com sua imagem perante a sociedade, razão pela qual promovem a divulgação de sua produção e de suas realizações, muitas vezes lançando mão de recursos tecnológicos com alto poder de persuasão sobre o público.

Se todo o estudo de Costa visa contribuir para a melhor compreensão do fenômeno da memória nas instituições, ela destaca as instituições-memória, quais sejam, os arquivos, as bibliotecas e os museus categorizando-os como instituições secundárias, pois trabalham com a memória da memória (Idem, p. 34). É recorrente na literatura sobre o tema a associação entre as instituições-memória, detentoras do documento, da informação, do saber e do poder.

Segundo Chagas (2006, p. 35) todo e qualquer museu trabalha com a narrativa de “*uma* visão possível sobre determinado fato, acontecimento, personagem, conjuntura ou processo histórico e não a história mesma.” [destaque do autor]. O autor traz a ideia do uso social do bem cultural preservado de modo que este possa ser entendido como possibilidade de referência de memória por determinados segmentos sociais, ou ainda como recurso de educação, de conhecimento e de lazer para uma determinada coletividade (Chagas, 2006, p. 112). Os museus, por meio de suas narrativas, lugares privilegiados de construção de memórias, que segundo Chagas “são também palco apropriado para a invenção e a teatralização de tradições. Esta é uma das razões pelas quais eles frequentemente são associados ao tradicionalismo conservador, em termos artísticos, culturais e sociais (CHAGAS, 2006, p. 119).

Os museus possuem uma carga de tradicionalismo, de perpetuação, de formalidade. Assim quanto aos museus institucionais, inferimos que possuam esse aspecto de conservadorismo e desenvolvam um trabalho específico de guarda e preservação da memória da instituição que os mantêm. O Museu do TCU integra a estrutura do Tribunal de Contas da União, órgão que possui uma história e existe no tempo. Seus funcionários, ao ingressarem no serviço público, já encontram a instituição presente, a qual provavelmente continuará a existir após a morte destes. As linhas de pensamento anteriormente citadas – as da dimensão simbólica dos objetos – portadoras da informação; o caráter subjetivo dos critérios de seleção de acervo; e a preservação como meio de se estabelecer o processo de comunicação da memória institucional, serviram de base para analisarmos a preservação da memória institucional do TCU por meio do Museu. As ideias corporificadas nas ações de preservação de memória pelo museu do Tribunal de Contas da União são acumuladas ao longo do tempo (informações,

saberes, memórias) por meio dos indivíduos e dos traços por eles reproduzidos. Encontramos no museu do TCU a força de sua história centenária retratada para legitimar sua existência e importância na sociedade. Encontramos no museu o “lugar de memória” do TCU, uma vez que ali pretende-se preservar e difundir sua Memória Institucional.

A coleção do Museu do Tribunal de Contas da União, conjunto de elementos selecionados, dentre imensa variedade de itens existentes na história da instituição, indica uma visão sobre determinado fato, acontecimento, personagem, uma leitura possível e historicamente condicionada. Esses objetos, selecionados e preservados, formam a memória da instituição. A repetição das mesmas ações preservacionistas, ao longo do tempo, transforma itens selecionados, portadores de informações e memórias, em símbolos, vestígios, que delineiam o que, convencionalmente, chamamos de memória. A memória então conserva as informações que vão sendo retidas num processo de seleção. As informações retidas, que passam pelo filtro de uma pessoa ou de um grupo, são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico. Portanto as memórias são construções dos grupos sociais, ou seja, são os grupos a determinar o que será memorável e os lugares onde essas memórias serão preservadas.

Olhamos o objeto museológico como “documento, como mensagem e informação”, como afirma Maroecevic (1995). Dessa forma, o objeto é passível de comunicar e produzir conhecimento e nesse sentido, a questão da informação é central.

O TCU, ao optar pelo museu para salvaguardar seus bens de valor histórico, pode ter percebido nesses objetos uma das formas de preservar sua memória e comunicá-la. Deduzimos que os museus institucionais atuam com dois públicos distintos, os servidores da unidade mantenedora, que podemos chamar de público interno. Para esses, as informações apresentadas pelo museu por meio dos produtos que desenvolvem podem abordar assuntos que não conheciam ou ampliar seus conhecimentos. Outro público observado, seria o externo, que são visitantes em geral sem vínculo empregatício com a

instituição. Para esses talvez os temas interpretados e apresentados pelo museu podem ser informações novas, geradoras de novos conhecimentos.

Na tentativa de compreender a complexidade da questão informacional, a pesquisa buscou a ótica da Ciência da Informação, por se tratar de campo interdisciplinar que integra abordagens diversas. O conceito de informação é marcado pela amplitude, multiplicidade e inúmeras definições: informação científica, tecnológica, gerencial, jornalística, genética.

Le Coadic define Ciência da Informação:

A Ciência da Informação, com a preocupação de esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura informação, coloca-se no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e do cultural. (1996, p. 21)

Nesse sentido, a definição proposta por Le Coadic (1996, p. 5) sobre informação reforça a ideia da necessidade da pesquisa e trata a informação como “um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual e que comporta ‘elementos de sentido’”.

Para Capurro e Hjørland (2007), não apenas a Ciência da Informação deveria estudar a informação, mas sim toda uma rede de outras disciplinas, daí a informação deve ser considerada como algo que depende fundamentalmente do usuário (agente cognitivo), inserido em determinada(s) comunidade(s) discursiva(s) bem como dos seus processos interpretativos (necessidades e habilidades linguísticas).

Bates (1999) afirma que a Ciência da Informação estuda o universo da informação registrada não apenas como resultado de pesquisas, mas pela ação humana nos campos social, cultural e artístico (literatura popular, artigos, banco de dados, arquivos pessoais, literatura, música, cinema etc.). Tratam-se, em suma, de produtos documentais da atividade humana a merecer melhor estudo pela Ciência da Informação.

Buckland procura identificar e classificar os usos do termo “informação”, dividindo-o em três grupos: informação-como-processo, ou seja, o ato de informar no qual a informação modifica o conhecimento, sendo intangível; informação-como-conhecimento, quando informação é também usada para denotar aquilo que é percebido na informação-como-processo, isto é, o conhecimento comunicado – referente a algum fato particular, assunto ou evento – se revela intangível e portanto imensurável, podendo reduzir a incerteza ou mesmo aumentá-la em certas situações; e informação-como-coisa, quando o termo informação é atribuído aos objetos, sendo tangível. Buckland (1991, p. 353, tradução nossa) relaciona informação-como-coisa como “evidência” e objeto,

[...] é possível aprender através do exame de vários tipos de coisas. Na sequência desse aprendizado, textos são lidos, números são calculados, objetos e imagens são examinados, tocados ou percebidos.

Partindo da ideia de que os acervos são portadores de informação, preservar o objeto e a possibilidade de informação que ele contém é um desafio para os museus. Portanto, deve-se entender a preservação não como um fim, mas como um meio de se estabelecer o processo de comunicação, de pesquisa e produção de conhecimento pois

(...) é pela comunicação homem/bem cultural preservado que a condição de documento emerge (...). Em contrapartida, o processo de investigação amplia as possibilidades de comunicação do bem cultural e dá sentido à preservação (...) A pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre a área da documentação, envolvendo a relação homem-documento-espaco, o patrimônio cultural, a memória, a preservação e a comunicação. (CHAGAS, 1996, p. 46-47)

Zins (2007), no "Mapa do Conhecimento da Ciência da Informação", afirma: “o modelo cultural representa a principal corrente da Ciência da Informação contemporânea” (ZINS, 2007, p. 341). Esse modelo tem como foco os aspectos de mediação de DICM (dados, informação, conhecimento e mensagem) e como eles são implementados nas sociedades humanas.

Podemos deduzir que os acervos museológicos podem ser enquadrados nessas questões: o modelo cultural e a organização dos dados.



[...] espaço e agente competente de decisão (habilitação cultural/social) para o processo envolvendo: a coleta e/ou seleção e organização do acervo; apresentação das coleções e disseminação da informação cultural correspondente (exposições etc.), os demais estudos e atividades referentes ao acervo; à disciplina Museologia; a outras situações e ocorrências. Trata-se da questão da construção da imagem pública qualitativa (técnicas e profissional). (LIMA, 2000, p. 30).

O objeto tem, na visão de Van Mensch (2003), lugar de destaque na Museologia. Na qualidade de portador de informações, o objeto, deslocado de seu contexto original ou primário e inserido em uma realidade secundária ou artificial (o museu), torna-se documento da realidade, do qual foi separado, o que pode ser inferido em relação à definição de “informação-como-coisa”, de Buckland.

Para Loureiro (2009, p. 109) ao introduzir a noção de “objeto musealizado”, é necessário enfatizar que ele passa por inúmeras questões as quais transcendem o conceito de documento.

Ressaltamos, portanto, a dimensão simbólica dos objetos, difícil de aprisionar nos limites dos sistemas de recuperação da informação, e os agregados que lhes conferem o status de “bens culturais” – integrantes de patrimônio de determinados grupos – além do caráter subjetivo dos critérios de seleção que determinam o que será preservado (e, conseqüentemente, o que será descartado).

As memórias atribuídas aos bens musealizados e apresentadas nos museus são portadoras de determinada memória coletiva.

Essa denominação – memória coletiva – é resultado do trabalho de conceituação de Maurice Halbwachs nas primeiras décadas do século XX. Essa construção conceitual refletia um esforço de explicação acerca da homogeneização de uma determinada memória por grupos. Se quem recorda é o indivíduo, como há lembranças comuns a um grupo ou mesmo a toda uma sociedade? Como isso é possível?

A memória social ou coletiva estuda o fenômeno da memória como consequência do intercâmbio do meio social, adquirindo, desta forma, propriedades coletivas. Segundo Halbwachs (2004), as memórias coletivas originam-se daquilo que determinados grupos estabelecem como memorável, ou

seja, são resultado de um processo de seleção. A memória permite a relação do presente com o passado, interferindo nos processos atuais das representações. Pela memória, o passado se torna presente, ambos misturam-se, suas percepções se misturam.

Le Goff (2003) é outro historiador que busca analisar a memória a partir de vários aspectos pela exploração das relações entre memória e ideologia, ressaltando as forças encontradas na história para perpetuar e manter o poder hegemônico por meio da construção de monumentos, documentos, instrumentos e artefatos.

Os museus, principalmente aqueles comemorativos da nação, podem ser interpretados como espaços de materialização da memória coletiva de determinado grupo; este é um enfoque bem ao gosto de Pierre Nora (1993) o qual se debruçou contemporaneamente sobre o tema dos lugares de memória.

Para Nora, os museus são lugares topógrafos. Isto representa outra forma de pensar a memória bem como os lugares onde as memórias (por meio de monumentos, documentos, instrumentos e artefatos, ou seja, aspectos materiais e culturais) são marcadas ou representadas, chegando ao conceito de Lugares de Memória. Nora (1993) também analisou a necessidade da ritualização da memória e também como esse processo necessita de uma âncora na formação de um tipo de memória exigida pela sociedade contemporânea: a coletiva, ainda que não universal, mas que permite ao indivíduo ter acesso a um processo de identificação.

Os chamados Lugares de Memória, segundo Nora, tentam fazer cada um se lembrar e reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento engaja o indivíduo, de alguma forma, no contexto em que ele vive. Segundo Izquierdo, “Consideramo-nos membros de civilizações inteiras e isso nos dá segurança, porque nos proporciona conforto e identidade coletiva” (IZQUIERDO, 2002, p. 10). Poderíamos pensar que o que mantém um Lugar de Memória ativo é sua relação dinâmica com a sociedade ou com o indivíduo fato que mantém o elo com o sentimento de pertencimento, assim, tais ambientes

são locais de práticas sociais colocados a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Nora levanta a questão de que

Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. (NORA, 1993, p. 17)

Dessa forma, especialmente na virada do século XX para o XXI, e como resultado de processos sociais em que diferentes grupos redefiniam sua identidade a partir dos processos políticos relativos à fragmentação de inúmeros Estados Nacionais europeus, assistimos a uma verdadeira revitalização de sua própria história.

As questões sobre memória não se evidenciam apenas na representação e na ação, mas também na circulação de objetos, considerados portadores de memórias (MENESES, 2006). Tais questões propiciaram a valorização do patrimônio material e imaterial e a conseqüente pulverização da memória, pois a partir daí surgiu generalizada vontade de se preservar memórias, sendo criados cada vez mais espaços para tal.

Dentre esses espaços, destacamos os museus. Segundo Sanz Lana (2004), os museus são espaços de legitimação da memória encontrada em objetos e documentos e que, devido às conjunturas citadas acima, precisaram redefinir seu papel social diante da emergência de um novo quadro: a “Economia da Cultura”. As transformações no interior dos museus levaram a novas formas de pensar os espaços bem como a novas formas de utilizá-los, reelaborando sua estrutura física, tipológica e conceitual (PINTO, 2013, p. 95). Surgem então outros tipos de museus, como os museus móveis, os descentralizados, os de empresas comerciais, formando coleções e criando museus corporativos. Surge também a ideia de conservação *in situ*, gerando museus de sítio, casas históricas, cidades-museu, entre outros.

## 7 METODOLOGIA

A presente pesquisa pretendeu ser um primeiro passo no estudo dos museus institucionais. O estudo não desejou descrever o Museu do TCU e suas atividades, mas explorar as questões que culminaram na opção pelo museu para guarda, conservação e disseminação da memória institucional desse órgão. Portanto nesse momento pretendemos investigar a natureza desse museu bem como perceber e entender algumas singularidades dessa prática museológica.

Do ponto de vista do propósito da pesquisa (KAUARK, 2010, p. 29), enquadrámos o estudo como pesquisa exploratória na qual pretendemos nos familiarizar com o museu institucional. Para explorar o problema de pesquisa nos utilizamos de levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

A proposta que conduziu a pesquisa foi a da abordagem metodológica qualitativa por se tratar de pesquisa interativa onde o investigador tipicamente envolvido com sua experiência, sustentada por seu trabalho empírico, e coletando diretamente os dados com os personagens e atores que contribuíram para a criação e consolidação do museu do TCU, sendo essas coletas no próprio ambiente da pesquisa (Creswell, 2010, p. 32).

Uma das características da pesquisa qualitativa reside no fato do próprio pesquisador ser o instrumento fundamental, pois é ele quem coleta pessoalmente os dados, por meio de exame de documentos, de observação do comportamento ou de entrevista com os participantes. No nosso caso, coletamos pessoalmente os dados da pesquisa por meio de exame da documentação do museu e da entrevista com os funcionários e ex-funcionários do museu que atuaram ou atuam na unidade.

Motivados pela intenção de estudar os museus institucionais, verificamos – com base em KAUARK (2010, p. 27) – que a natureza da pesquisa foi aplicada. Primeiramente porque se pretendeu gerar conhecimento para aplicação prática de trabalho, contribuindo inclusive para mudanças nos instrumentos oficiais de coleta de informações acerca dos museus brasileiros como é o caso do Cadastro Nacional de Museus; segundo porque esse estudo propiciará conhecimento para, futuramente, continuar a pesquisa num âmbito de investigação maior.

A pesquisa estudou um caso particular, representativo de um conjunto de casos análogos, por se tratar de um museu que atua dentro da estrutura do órgão há mais de 40 anos. O estudo não pretendeu esgotar o assunto sobre museus institucionais, mas desejou ser significativo sobre o assunto, de modo a ser apto a fundamentar alguns pontos de convergência com outras unidades museais semelhantes, ou seja, que funcionam no mesmo molde administrativo e orçamentário, possibilitando interferências positivas nas práticas de trabalho.

A estratégia de investigação que orientou os procedimentos de pesquisa foi o estudo de caso. Com base em Yin (2001, p. 19), os estudos de caso representam uma boa estratégia de pesquisa quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inserido em algum contexto da vida real.

O estudo de caso se utiliza de técnicas também usadas pelas pesquisas históricas, mas com a diferença de usar como fonte de coletas de dados a observação e as entrevistas sistemáticas. Portanto o método facilitou a construção de um quadro, por meio de um olhar holístico, do ambiente e contexto que culminaram na concretização da vontade de memória e conseqüente criação do museu do TCU para materializá-la.

Visando a escolha das técnicas de coletas de dados eficazes, para analisar a preservação da memória do Tribunal de Contas da União por meio do museu, nos remetemos às ideias de Douglas (1998, p. 17), cujo livro foi escrito para encorajar as investigações em torno do relacionamento entre as mentes e as instituições. A autora declara que

...torna-se necessária uma teoria das instituições que modifique a atual visão não-sociológica da cognição humana, bem como uma teoria cognitiva que ofereça um suplemento às debilidades da análise institucional. (Douglas, 1998, p. 06).

Segundo Douglas as instituições não pensam, não têm opiniões próprias e tampouco tomam decisões sozinhas. Assim os indivíduos componentes das instituições, ao assumirem suas decisões, não o fazem sozinhos, pois “uma resposta só parece correta quando apoia o pensamento institucional já implantado na mente do indivíduo enquanto ele procura chegar a uma decisão” (Douglas, 1998, p. 13). Douglas (1998, p. 109) é influenciada por vários pensadores, entre eles Michael Foucault o qual demonstrou como o pensamento é transferido diretamente para as instituições e vice-versa, e também como as instituições passam por cima do pensamento individual.

Assim, de acordo com o nosso problema de investigação, o simples ato de lembrar e esquecer pode ser institucionalizado.

Dentre as técnicas empregadas para a coleta de dados, optamos pela documentação oficial e entrevistas com os funcionários e ex-funcionários do museu do TCU. Escolhemos essas duas coletas de dados porque, combinadas na análise final para redação da dissertação, gerou o contexto que nos interessou investigar.

Usamos, como fontes de dados, documentos oficiais do Tribunal de Contas da União, desde o ano de criação do museu até 2010; entre eles portarias, resoluções e regulamentos que viabilizam e normatizam a existência do museu. O museu do Tribunal de Contas da União foi criado pela Portaria n.º 19, de 1970, pelo então Ministro Presidente Iberê Gilson. Na sequência, foi editada a Portaria n.º 21, estabelecendo algumas poucas normas sobre o funcionamento do museu. Do ano de sua criação, 1970 até o ano de 2010 – ano de corte da pesquisa – só encontramos outras portarias, com recomendações e normas sobre o museu vigentes depois de 2003. Destacamos uma limitação da pesquisa com relação à documentação primária do TCU, pois toda a documentação relativa ao órgão se encontra na própria instituição, fato que, por outro lado, facilita a pesquisa já que os dados concentram-se num só lugar.

Contudo, na falta de determinado documento, não será possível encontrá-lo em qualquer outro centro de documentação.

Utilizamos também a documentação museológica para observar as informações intrínseca e extrínseca contidas na formação da coleção do museu. Nesse aspecto a documentação museológica serviu para combinar os documentos e os artefatos físicos. Segundo Yin (2001, p. 118), como artefatos físicos, estão inclusos aparelho de alta tecnologia, ferramentas, instrumentos, obras de arte ou outra evidência física; inserimos também nessa categoria, os objetos tridimensionais que compõem o acervo do museu do TCU.

A entrevista é uma das técnicas utilizadas na coleta de dados primários. Para que a entrevista se efetive com sucesso, primeiro foi realizado um levantamento dos documentos oficiais de criação e consolidação do museu do TCU, a fim de obter um panorama das diversas modificações registradas oficialmente as quais objetivavam gerar mudanças de conduta para uma melhor gestão e serviço nesse museu. De posse dessas informações, fizemos as entrevistas em caráter exploratório, ou seja, foram permitidas eventuais indagações ou levantamento de dados e informações que surgiram durante a entrevista.

O procedimento científico empregado foi o método indutivo, ou seja, aquele em que se utiliza a indução, um processo mental em que, partindo-se de dados particulares, em nosso caso as entrevistas e a documentação, possibilitam que se estabeleçam relações e inferências acerca de nosso objeto de estudos. (KAUARK, 2010, p. 74).

O interesse pela pesquisa surgiu a partir de experiências pessoais da pesquisadora durante um longo tempo de observação e trabalho nos museus institucionais. A opção pela entrevista não estruturada se deu pela vontade de observar como as pessoas – envolvidas no processo de criação, revitalização e consolidação do trabalho no museu do TCU – observam, interpretam e constroem suas práticas de atuação. Queremos buscar a complexidade dos pontos de vistas dos atores envolvidos nesse processo. Assim, por meio de

entrevistas não diretivas, colhemos informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador manteve-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. Foi realizado um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimento suas representações.

A análise dos dados foi indutiva, construída a partir das particularidades do tema; sua interpretação foi realizada a partir da relação entre as entrevistas, a documentação e a bibliografia consultada. A estratégia empregada que norteou a análise desses elementos foi a da recombinação das evidências tendo em vista as proposições iniciais de estudo, ou seja, baseou-se em proposições teóricas. Essa orientação teórica guiou a análise do estudo de caso, orientando o foco em certos dados e ignorando outros.

Tentamos explicar o surgimento e manutenção das atividades do museu do TCU por meio dos conjuntos de elos inferidos nos dados coletados. A técnica analítica de construção da explanação nos auxiliou a analisar os dados do estudo de caso, construindo uma explanação sobre o caso e desenvolvendo ideias para novos estudos.

Utilizamos a triangulação e a análise dos elementos, pois estas contribuíram para confiabilidade e validade interna da pesquisa. Segundo Creswell (2010, p. 226) “diferentes fontes de informação examinando as evidências das fontes e utilizando-as para criar uma justificativa coerente para os temas.” Além de buscar validar a pesquisa com a triangulação das entrevistas, documentação e bibliografia, acreditamos que percorrer os documentos, passo a passo e analisar suas modificações é remontar às situações que transformaram os paradigmas dos trabalhos do museu do TCU. E valendo-se da frase: “os restos de comida revelam dados mais concretos sobre a dieta alimentar do que respostas a questionários.” (Douglas, 1998, p. 90) juntamos as informações das entrevistas dos funcionários e ex-funcionários para completar nossa análise, evidenciando detalhes ausentes nos documentos, fato que explica o predomínio de determinadas ideias ou mudanças de paradigma de



trabalho do museu e, por outro lado, um universo de representações sem registro em lugar algum.

Os registros coletados acham-se representados de acordo com sua natureza. Se pertinentes a documentos, serão apresentados em anexo. Já as entrevistas estão gravadas e transcritas na íntegra para que qualquer interessado possa acessá-las.

A descrição dos dados é apresentada por meio da narrativa qualitativa, revelando as perspectivas múltiplas dos indivíduos entrevistados bem como a narração dos atos que criaram e estabilizaram as atividades do museu do TCU, relatando a tipologia de acervo selecionada para materializar a memória do museu do TCU. Os temas elencados anteriormente nos ajudaram a determinar o motivo conducente à ideia de criação de um museu para preservar a memória institucional do TCU. Em vez de olhar cada questão separadamente, trabalhamos com um conjunto de informações, confrontando os dados obtidos com a leitura dos documentos e as entrevistas; com base nas ideias de Douglas, a relação entre funcionário e museu se constrói pelo peso da instituição. Tal estratégia visou, portanto trazer novas definições sobre o objeto de estudo.

O relato da pesquisa foi uma interpretação aberta a qual pode oferecer ainda outras interpretações. A conclusão é um relato holístico, uma interação dos elementos da pesquisa. A narração final tentou representar o resultado de uma série de interações entre os dados e a revisão de literatura, num processo de aprimoramento de ideias. (YIN, 2001, p. 141)

## 8 REVISÃO DE LITERATURA

Que museus são esses criados no interior de órgãos públicos? Quais memórias são por eles engendradas?

Na revisão de literatura realizada para dar base à pesquisa encontramos estudos que discutem a questão da memória associada a bibliotecas, arquivos e museus organizados em centros de documentação ou em centros de memória. São poucos os estudos que discutem a problemática dos museus criados em instituições cuja atividade fim não é a museal, se comparados com aqueles que se debruçam sobre a questão do museu ser o guardião da memória institucional.

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1977), em estudo realizado no final da década de 70, traçou uma determinada trajetória dos museus ao longo da história do Brasil e, mais especificamente, no estado de São Paulo. Em sua pesquisa identificou a existência dessa “tipologia”. Segundo ela, ao longo do primeiro Governo Vargas (1930-1945) se pode identificar a institucionalização daquilo que denominou “museus especializados”, cuja característica era serem vinculados a órgãos de pesquisa. Waldisa R. C. Guarinieri cita os museus criados no Instituto Biológico, no Instituto Oscar Freire e o Museu do Instituto Botânico e de Pesca. Em um movimento similar, destaca a criação de museus universitários e de museus escolares; por fim, categoriza sem se aprofundar os museus-apêndice, já chamando atenção para suas características peculiares (GUARNIERI, 1977, p. 72 e passim).

Museu-arquivo, museu-apêndice, museu indefinido, museu não especializado; exposição não expositiva; não-valorização das exposições temáticas especiais; museus sem centro de interesse definido, não-especializados no que diz respeito à área museológica e não-especializados no que diz respeito às suas outras funções técnicas (pesquisa, serviços educativos, comunicação cultural etc.) (GUARNIERI, 1977, p. 113)

Guarnieri (2010)<sup>11</sup>, com olhar sempre observador para o fenômeno de criação dos museus, afirma que, na década de 70, continuam sendo criados diversos tipos de museus no Brasil, assim como na Europa e nos EUA: museus metropolitanos, ecléticos e regionais, especializados, universitários, municipais e escolares, e inclusive alguns de iniciativa particular.

Cresce cada vez mais o número de museus pelo país e, nessa leva, também os museus ditos institucionais.

Corsino (2003) nos oferece o panorama das questões museológicas em Brasília no início da década de 1980. Destaca que foram instalados museus em órgãos públicos e autarquias, inclusive com programas museológicos inovadores para a região, com o Museu de Valores do Banco Central, Museu Postal e Telegráfico e Museu da Caixa Econômica Federal.

Na década de 1990, surgem os “pequenos museus institucionais” que na visão de Corsino atendem a vontade de preservar a memória das instituições. Esses museus não passavam de salas de exposição, mas com potencial informacional a ser desenvolvido. Naquele ano de 2003, início do século, alguns novos espaços estavam sendo formadas e outros passando por reformulação. Este é o momento que o TCU reformula seu museu.

A criação de museus no Brasil tem sido acompanhada por meio de mapeamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM<sup>12</sup>. Mesmo tendo sido criado em 2009, o IBRAM, em concordância com a Política Nacional

---

<sup>11</sup> Informação retirada das leituras dos textos de Waldisa Rússio. BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.) Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, textos e contextos de uma trajetória profissional. Volume 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

<sup>12</sup> Lei 11.906/2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) autarquia federal, dotada de personalidade jurídica de direito público, com autonomia administrativa e financeira, vinculada ao Ministério da Cultura. O IBRAM substituiu o Departamento de Museus e Centros Culturais-DEMU<sup>12</sup> do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais. O IBRAM é responsável pela Política Nacional de Museus (PNM) e pela melhoria dos serviços do setor museal.

de Museus-PNM, segue dando continuidade a um dos trabalhos iniciados ainda no IPHAN, pelo Departamento de Museus e Centros Culturais-DEMU, o Cadastro Nacional de Museus-CNM<sup>13</sup>.

Segundo a publicação do IBRAM, *Museus em Número*, que sistematiza os dados do referido Cadastro, o quantitativo de bens culturais musealizados e sua tipologia têm sido empregados como parâmetros para estudar o campo museológico dos países. O Cadastro Nacional de Museus utiliza como referência o entendimento de coleções de bens culturais em sintonia com o conceito de museus empregado no Estatuto de Museus<sup>14</sup>. Segundo a Coordenadora responsável pelo Cadastro, a museóloga Karla Inês Silva Uzêda (APÊNDICE 8), o sistema não classifica e nem nomeia unidades. O questionário do Cadastro é autodeclarativo<sup>15</sup>. As tipologias das coleções de bens culturais oferecidas para preenchimento do questionário do Cadastro são antropologia e etnografia, arqueologia, artes visuais, ciências naturais e história natural, ciência e tecnologia, história, imagem e som, virtual, biblioteconômico, documental ou arquivístico. Até a data da coleta de informações com a Coordenadora, o Cadastro não trabalhava com tipologias de museus. O cadastro, segundo relato de Karla Inês, passa por uma reformulação sobre essa questão, mas informou que o questionário do Cadastro continuará sendo autodeclarativo, isso porque o IBRAM entende que a questão da tipologia se remete ao foco principal em que o museu trabalha.

---

<sup>13</sup> O Cadastro é um instrumento do Sistema Brasileiro de Museus-SBM e tem por objetivo conhecer e integrar o campo museal brasileiro, por meio da coleta, registro e disseminação de informações sobre museus.

<sup>14</sup> Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, Artigo 1º “Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”.

<sup>15</sup> Segundo Karla Inês Silva Uzêda, Coordenadora de Produção e Análise da Informação – CPAI/IBRAM, o cadastro se baseia num questionário de pesquisa onde os museus brasileiros são convidados a participarem prestando informações sobre diversos aspectos dos museus.

Até abril de 2014 foram mapeados cerca de 3.400 museus dos mais diversos tipos: públicos e privados, de universidades, de entidades religiosas, militares, federais, estaduais, municipais; museus de órgãos públicos, museus de história, museus artes, entre outros. Embora o cadastro não trabalhe com a tipologia de museus e sim com a tipologia de acervos, percebe-se que os museus brasileiros possuem perfis bem variados. Nossa primeira questão foi entender o museu institucional enquanto categoria de museu. Não encontramos nada definido na literatura, pois as pessoas usam essa definição, mas não há uma reflexão a respeito.

Por meio da publicação do IBRAM, *Museus em Números*, editada em 2011, é possível fazer inferências sobre o cenário museológico do Distrito Federal bem como sobre o sistema de classificação do acervo nesta região “Os dados revelam que a tipologia de acervo mais encontrado nos Estados e Distrito Federal é o histórico” (IBRAM, 2011, p. 77). Com relação ao orçamento, o Distrito Federal, juntamente com o Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte, possuem museus federais e representam os percentuais mais elevados em orçamento próprio, fato que constitui uma exceção com relação à maioria dos museus dos demais Estados, pois estes são em grande parte municipais. No Distrito Federal, segundo a publicação, esses dados eram esperados porque a maior parte dos museus é composta de instituições federais (42,1%) (IBRAM, 2011, p. 143) (Veja Tabela 1)

**Tabela 1 - Porcentagem (%) de museus com orçamento próprio, segundo natureza administrativa, por unidades da Federação e grandes regiões, Brasil, 2010**

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	NATUREZA ADMINISTRATIVA								TOTAL
	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	ASSOCIAÇÃO	EMPRESA	FUNDAÇÃO	SOCIEDADE	OUTRA	
<b>Brasil</b>	<b>14,7</b>	<b>11,3</b>	<b>39,7</b>	<b>8,0</b>	<b>5,0</b>	<b>8,7</b>	<b>2,0</b>	<b>10,7</b>	<b>100,0</b>
<b>Norte</b>	-	41,7	33,3	8,3	-	8,3	-	8,3	100,0
Rondônia	-	-	100,0	-	-	-	-	-	100,0
Acre	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Amazonas	-	-	100,0	-	-	-	-	-	100,0
Roraima	-	100,0	-	-	-	-	-	-	100,0
Pará	-	20,0	40,0	20,0	-	20,0	-	-	100,0
Amapá	-	100,0	-	-	-	-	-	-	100,0
Tocantins	-	-	-	-	-	-	-	100,0	100,0
<b>Nordeste</b>	<b>12,2</b>	<b>14,3</b>	<b>34,7</b>	<b>8,2</b>	<b>6,1</b>	<b>12,2</b>	<b>4,1</b>	<b>8,2</b>	<b>100,0</b>
Maranhão	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Piauí	-	-	33,3	33,3	-	-	-	33,3	100,0
Ceará	-	16,7	16,7	16,7	-	33,3	-	16,7	100,0
Rio Grande do Norte	50,0	-	-	25,0	-	-	-	25,0	100,0
Paraíba	-	33,3	66,7	-	-	-	-	-	100,0
Pernambuco	11,8	-	64,7	5,9	-	17,6	-	-	100,0
Alagoas	20,0	-	40,0	-	20,0	20,0	-	-	100,0
Sergipe	100,0	-	-	-	-	-	-	-	100,0
Bahia	-	50,0	-	-	20,0	-	20,0	10,0	100,0
<b>Sudeste</b>	<b>21,9</b>	<b>13,3</b>	<b>32,0</b>	<b>8,6</b>	<b>3,9</b>	<b>8,6</b>	<b>0,8</b>	<b>10,9</b>	<b>100,0</b>
Minas Gerais	13,5	5,4	43,2	10,8	2,7	10,8	-	13,5	100,0
Espírito Santo	-	-	50,0	-	-	50,0	-	-	100,0
Rio de Janeiro	62,9	2,9	11,4	8,6	-	2,9	2,9	8,6	100,0
São Paulo	1,9	25,9	37,0	7,4	7,4	9,3	-	11,1	100,0
<b>Sul</b>	<b>4,5</b>	<b>3,4</b>	<b>56,8</b>	<b>6,8</b>	<b>6,8</b>	<b>8,0</b>	<b>2,3</b>	<b>11,4</b>	<b>100,0</b>
Paraná	8,3	8,3	50,0	8,3	8,3	-	-	16,7	100,0
Santa Catarina	6,1	3,0	60,6	6,1	3,0	3,0	3,0	15,2	100,0
Rio Grande do Sul	2,3	2,3	55,8	7,0	9,3	14,0	2,3	7,0	100,0
<b>Centro-Oeste</b>	<b>26,1</b>	<b>8,7</b>	<b>30,4</b>	<b>8,7</b>	<b>4,3</b>	<b>4,3</b>	<b>4,3</b>	<b>13,0</b>	<b>100,0</b>
Mato Grosso do Sul	20,0	-	20,0	20,0	20,0	-	-	20,0	100,0
Mato Grosso	-	25,0	25,0	25,0	-	25,0	-	-	100,0
Goiás	14,3	-	71,4	-	-	-	-	14,3	100,0
Distrito Federal	57,1	14,3	-	-	-	-	14,3	14,3	100,0

Fonte: Cadastro Nacional de Museus – IBRAM/MINC, 2010.

Os dados computados para visualizar o campo museal do Distrito Federal são de 39 museus que se cadastraram e responderam ao questionamento dentre um universo de 60 unidades museológicas na região. Desses museus cadastrados, o IBRAM constatou que no início dos anos 1980 aumentou o número de museus, sendo criados no interior de órgãos públicos e autarquias e o mesmo movimento continuou nas décadas seguintes. O IBRAM entendeu esse fenômeno como resposta “à preservação da memória das organizações, sejam públicas ou privadas” (IBRAM, 2011, p. 552). Segundo esse órgão, com a criação desses museus, “iniciou-se um processo de narrativa museológica a partir de

documentos e processos de caráter histórico que ficam sob a guarda do arquivo dessas instituições” ((IBRAM, 2011, p. 553).

Analisando o portal do IBRAM, o qual fornece os dados do Cadastro Nacional de Museus, observamos que os dados apresentados acima nos atentam para as unidades museais inseridas em instituições estranhas às atividades de museus. O questionário do Cadastro possibilita observar essa questão nos tópicos 1.20 quando pergunta se o museu possui personalidade jurídica própria ou unidade subordinada e 1.21 quando pede para especificar se o museu possui unidade mantenedora. O Sistema de Cadastro entende como unidade mantenedora a “instituição responsável pela manutenção financeira do espaço físico, pelos serviços de apoio e pelo funcionamento da unidade”<sup>16</sup>.

Defendemos que o Museu institucional tem um fazer museológico específico, com características próprias, algumas vezes não realizando trabalhos inerentes aos museus. Ao observar as práticas desses museus, ditos institucionais, o primeiro estranhamento é o fato de que suas unidades mantenedoras não possuem, como atividade fim, a preservação, a pesquisa ou a comunicação de bens culturais. Já essas unidades museais sim, possuem como atividade fim a preservação da memória institucional do órgão que as abriga. Logo, o trabalho desses museus deveria ser o de estabelecer pontes entre o órgão e o seu corpo de funcionários (público interno) bem como com a sociedade (público externo).

Como foi destacado no Problema, o controle do acervo, a falta de autonomia política, administrativa e orçamentária e a própria missão desses museus desenham uma prática museológica específica. Como o acervo dos museus institucionais são um subconjunto de toda carga patrimonial da instituição, talvez isso faça com que seu acervo não seja visto apenas como um bem cultural, mas também como elementos utilizáveis nos diversos ambientes e

---

<sup>16</sup> Museu em Número/Instituto Brasileiro de Museus. Brasília, 2011. Vol. 1. Para consulta, viste o site do IBRAM [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_centroeste.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_centroeste.pdf).

eventos abrangidos pela instituição. Um exemplo é a frequência em que o ambiente do museu e seu acervo são solicitados para compor eventos e solenidades da instituição, seja de forma pontual ou por tempo indefinido.

Pensando nessas questões, salientamos que os servidores componentes da instituição não são apenas cumpridores de tarefas, mas também pessoas que podem interferir diretamente na preservação da integridade física do acervo. Esses museus, se a unidade mantenedora não oferecer uma estrutura que favoreça a formação de uma equipe especializada, podem incorrer em ações que ao longo do tempo prejudicarão o tempo de vida útil de seus bens culturais. Em vista disso convém que, além de suas próprias atribuições, o museu em questão também traçasse normas e orientações de trabalhos, no intuito de melhor preservar seu acervo.

A presente dissertação foi dividida em três momentos, levando-se em consideração os objetivos específicos, os quais acreditamos auxiliar no entendimento do objetivo geral da pesquisa.

No capítulo Informação e Memória estão reunidos elementos que nos permitiram ter uma melhor compreensão sobre os fatores que levaram o TCU a criar um museu na sua estrutura interna, com o objetivo de guardar, preservar e disseminar sua memória institucional. Neste capítulo pesquisamos documentos oficiais, editados pelo próprio TCU, os quais propiciaram a formação e organização de alguma coleção, desde a criação do órgão.

No capítulo Institucionalização da Memória do TCU, buscou-se analisar o processo de revitalização do museu e suas implicações para a preservação da memória institucional.

No último capítulo, intitulado Musealização como Estratégia de Preservação da Memória Institucional do TCU, foi examinada a coleção do Museu do TCU a fim de se verificar quais os objetos que estão sendo selecionados para materializar a memória do TCU.



## 9 INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

### ATA DE INSTALAÇÃO DO TRIBUNAL DE CONTAS

Aos dezessete dias do mês de janeiro de 1893, achando-se presentes na Sala destinada para as reuniões do Tribunal de Contas, os respectivos membros,..., tomaram assento..., a fim de instalar-se o Tribunal.

...

Em nome do Governo, mais ainda em nome da República a qual [sic] não desaparece com os governos, agradece a tão prestantes cidadãos o terem aceitado as nomeações, e, para bem da República, moralidade da administração, exato cumprimento do orçamento e economia nos dinheiros públicos, declara instalado o Tribunal de Contas.

Primeiro Livro de Atas do Tribunal de Contas – 17/01/1893. Cadastro MTCU.2012.100.

O Tribunal de Contas da União, um dos órgãos instituídos com a promulgação da Constituição de 1891, tem como função o controle das contas públicas da Fazenda Nacional. Esse Tribunal, órgão auxiliar do Poder Legislativo Federal que organiza e autoriza os gastos públicos, tem, como função precípua, acompanhar o Poder que executa as despesas para verificar o justo cumprimento orçamentário-financeiro autorizado pelo Congresso Nacional.

Icléia Thiesen Costa afirma que toda “instituição emerge como criação, como resposta a determinado problema engendrado no campo social.” (1997, p. 5,6 e 32). Pode-se interpretar a institucionalização do Tribunal de Contas como uma resposta republicana ao novo momento vivido de maneira intensa pela sociedade brasileira, expresso na transformação de um conjunto de súditos em cidadãos.

Segundo o Artigo 4º do Decreto 966-A de 07 de novembro de 1890, que cria o Tribunal de Contas, suas competências eram:

1º - Examinar mensalmente, em presença das contas e documentos que lhe forem apresentados -- ou que requisitar -- o movimento da receita e despesa [sic], recapitulando e revendo, anualmente, os resultados mensais;

2º - Conferir esses resultados com os que lhe forem apresentados pelo Governo, comunicando tudo ao Poder Legislativo;

3º - Julgar anualmente as contas de todos os responsáveis por contas, seja qual for o Ministério a que pertençam, dando-lhes quitação, condenando-os a pagar, e, quando o não cumpram, mandando proceder na forma de direito;

4º - Estipular aos responsáveis por dinheiros públicos o prazo de apresentação de suas contas, sob as penas que o regulamento estabelecer.

Sendo assim, além do Ministro e diretores encarregados dessa avaliação (à época de sua criação, em número de quatro), tornou-se necessário o estabelecimento de um corpo de funcionários que viabilizasse a execução de suas competências, problema considerado central uma vez que a “tomada de contas” deveria ser feita previamente à execução orçamentário-financeira.

O Decreto 1.166/1892<sup>17</sup> que regulava e organizava as suas atividades, nos informa da existência de um cartorário e de um ajudante de cartório com a finalidade de registrar os atos notariais e demais registros de seus funcionários. O cartorário é citado como o arquivista do Tribunal de Contas, conforme podemos verificar na seção V do Decreto 2.409 de 23/12/1896.

#### SECÇÃO V

#### DO CARTORÁRIO, DO AJUDANTE DESTES E DOS CONTÍNUOS

Art. 77. O cartorário é o arquivista do Tribunal de Contas e, como tal, compete-lhe:

§ 1º Ter limpa e seguramente depositados e classificados todos os papéis[sic] concernentes a negócios findos, processados no Tribunal ou que, em razão do assunto sobre que versarem, houverem sido remetidos para o arquivo do Tribunal pelas repartições publicas.

§ 2º Organizar os índices necessários para facilitar a busca de papéis.

§ 3º Ministras, mediante pedido dos empregados, os papéis e livros que forem necessários para a expedição de trabalhos que se estejam processando ou organizando nas subdiretorias do Tribunal.

---

<sup>17</sup>BRASIL. Tribunal de Contas da União. Decreto n.º 1.166, de 17 de dezembro de 1892. Dispõe sobre regulamento para execução da lei n. 23 de 30 de outubro de 1891, na parte referente ao Ministério da Fazenda.

§ 4º As requisições que forem dirigidas ao arquivo, solicitando qualquer livro, conta ou processo, serão sempre rubricadas pelos chefes das repartições de onde emanarem.

§ 5º Da entrega dos documentos requisitados, o cartorário cobrará recibo na própria requisição, o qual só poderá ser resgatado mediante a restituição dos papéis[sic] a que se referir.

§ 6º Passar certidões em cumprimento de despacho do presidente:

a) Apresentado ao cartório requerimento despachado pela presidência, pedindo certidão, que deva ser extraída dos livros e papéis ali existentes, o cartorário procederá as[sic] necessárias buscas e exames e dará a certidão segundo o que constar do negócio sobre que versar o requerimento;

b) As certidões deverão ser passadas nos próprios requerimentos, podendo continuar em tantas folhas de papel de igual formato quantas forem necessárias, as quais serão rubricadas pelo cartorário;

c) Os requerentes, sempre que puderem, deverão declarar no próprio requerimento o dia, o mês e o ano a que respeitarem os fatos ou os documentos de que a certidão houver de tratar.

§ 7º Entregar às[sic] partes os documentos que o presidente mandar restituir, ficando certidões passadas a pedido dos impetrantes, ou mediante recibo, quando não haja necessidade do documento ou papel.

§ 8º Vedar o ingresso no cartório a pessoas particulares, exceto para receberem os documentos que lhes houverem de ser entregues.

§ 9º Prover ao asseio e à[sic] ordem do cartório.

Art. 78. Ao ajudante cabe auxiliar o cartorário em seu trabalho e substituí-lo em suas faltas.

Nos decretos seguintes<sup>18</sup>, elaborados com o objetivo de sanar as dificuldades operacionais do Tribunal ao longo da execução de suas atividades, é recorrente a reestruturação do quadro de pessoal, considerado exíguo para o cumprimento de suas responsabilidades.

Para aqueles mais familiarizados com a Administração Pública brasileira, provavelmente esse relato não causa maior inquietação. A nossa “burocracia” é

---

<sup>18</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Decreto n. 392 de 08 de outubro de 1896. Dispõe sobre a reorganização do Tribunal de Contas; Decreto n. 2.409, de 23 de dezembro de 1896. Aprova o regulamento do Tribunal de Contas; Decreto n. 13.247, de 23 de outubro de 1918. Reorganiza o Tribunal de Contas; Decreto n. 15.770, de 01 de novembro de 1922. Modifica o regulamento do Tribunal de Contas.

bastante conhecida assim como sua correlata estrutura de funcionários. Geralmente seus estudos nos remetem ao vínculo com a história colonial brasileira e à herança burocrática ibérica.

Entretanto nosso objetivo neste capítulo é o de identificar os processos e percursos da informação e da memória no Tribunal. Ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa, observamos não só a criação do museu, cronologicamente o último, mas também de um arquivo e de uma biblioteca.

A princípio a criação de um arquivo em uma instituição é fato previsto em seu organograma; decidimos, entretanto, acompanhar mais de perto os percursos institucionais para sua efetivação.<sup>19</sup>

Antes, porém, para compreender melhor como essas estruturas foram se consolidando no arcabouço administrativo brasileiro, buscamos na Administração e no Direito referências dessas funções.

Leonardo Brandelli remonta essas funções de registro aos escribas detentores de um conhecimento específico associado ao poder político (BRANDELLI, 2007, p. 4). Há estudiosos que destacam que em algumas sociedades ágrafas houve a figura do sacerdote *memorista* responsável por guardar e reproduzir especialmente os termos de negociações e acordos comerciais ou de natureza imobiliária (MARTINS, 1974, p. 48). Esse vínculo com a memória se manteve na denominação desses profissionais na Grécia tanto no

---

<sup>19</sup> No portal do Tribunal de Contas da União há informações acerca da Gestão dos Documentos do TCU. Na página principal, clica-se no Instituto Serzedello Corrêa e a partir daí podemos pesquisar em diferentes páginas. [http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/educacao\\_corporativa](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/educacao_corporativa)

[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/gestao\\_documental/sobre\\_segged/gest\\_ao\\_documental](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/gestao_documental/sobre_segged/gest_ao_documental)

[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/gestao\\_documental/guarda\\_documentos](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/gestao_documental/guarda_documentos), [http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/gestao\\_documental/acervo\\_cultural](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/gestao_documental/acervo_cultural)

No Inventário do Arquivo do Tribunal de Contas da União, publicação digital presente neste último link, seus autores são muito cuidadosos ao considerarem que a gestão de documentos no TCU teve início em 2005 por meio da Portaria 108. Na página [http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/gestao\\_documental/acervo\\_cultural](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/gestao_documental/acervo_cultural), informam ao visitante que está em curso a elaboração da História da Gestão Documental no TCU.

período arcaico quanto no clássico. João Mendes Jr., tendo por base texto de Aristóteles, nos fala sobre os *mnemons*, notários, secretários e arquivistas que, como funcionários públicos, tinham a função de lavrar atos e contratos de natureza particular, decisões judiciais, dentre outros (MENDES Jr., 1963, p. 13 e passim).

No Brasil, o Arquivo Público do Império (Arquivo Nacional) data de 1838 com a função de custodiar a documentação oficial do recém criado Império do Brasil e também, segundo Celia Costa, recolher a documentação referente ao período colonial para a escrita da “História do Brasil” (COSTA, 2000, p. 217) corroborando a avaliação de Michel Foucault de que o:

(...) arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é também o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, (...) e, não desapareçam ao simples acaso de acaso de acidentes externos (...) (FOUCAULT, 2009, p. 147).

Ou ainda como assevera Jacques Derrida, “*Arkhé*, lembremos, designa ao mesmo tempo, o começo e o comando.” (DERRIDA, 2001, p. 11).

Naqueles anos iniciais da República Brasileira, no que se refere ao cumprimento das competências do Tribunal, era fundamental que se fizessem organizar os documentos, as informações, para a realização das atividades de sua competência.

Encontramos no trabalho desenvolvido por Artur Adolfo Cotias e Silva acerca da história do Tribunal de Contas (1999, p. 55) a descrição dos estudos realizados pelo representante do Ministério Público junto ao Tribunal, Alfredo de Vilhena Valladão, em 1910, os quais constataram a inoperância da “tomada de Contas” do Governo pelo Congresso Nacional. Como já mencionado, o Tribunal de Contas deveria emitir um parecer prévio sobre as contas do Governo antes que essas fossem encaminhadas ao Congresso Nacional, o que somente passou a ocorrer de fato, segundo nosso autor, com a Constituição de 1934. Isto porque a falta de organização dos registros de receita e despesa de toda a gestão financeira do governo impossibilitava um exame condizente por parte do

Tribunal de Contas, conforme nos alerta também o então deputado Antônio Carlos Ribeiro de Andrada em 1914:

A falta de organização dos balanços que tem causado o ludíbrio de uma das mais importantes atribuições do Congresso – a tomada de Contas da gestão financeira. Neste momento as informações são de que o balanço definitivo é o de 1907 – seis anos após! ... É inexequível qualquer processo fiscalizador que não se baseie no exame metuculoso das despesas, tal qual como só à vista do balanço definitivo é possível. Sem ele, já quanto à despesa feita, já quanto à receita, os elementos com que se joga são os de mera aproximação, o que é notoriamente incompatível com uma regular organização de finanças. – Parecer do Deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrade para a Relatoria de 1914. (SILVA, 1999)

Frente a essa situação, uma nova Reforma em 1918 agrega um número maior de Ministros e funcionários -- estabelecendo uma divisão em um Corpo Deliberativo -- formado pelos Ministros, um Corpo Especial, de auditores, e um Corpo Instrutivo, justamente responsável pela instrução dos processos (SILVA, 1999, p. 61). Nosso autor nos informa que, com 25 anos de existência, havia um conjunto bastante significativo de livros, papéis e documentos recolhidos no arquivo a quem competia seu recebimento e guarda, sua posterior classificação e catalogação, além do controle do empréstimo de toda essa documentação quando requisitada.

Retomando a afirmação de Iceia Costa de que as instituições são criadas e recriadas a partir de demandas sociais, as atualizações que foram sendo promovidas no interior da instituição Tribunal de Contas foram feitas de forma a atualizá-la no interior da organização, favorecendo o exercício de suas competências, o que viabiliza sua permanência no quadro institucional de uma sociedade (1997, p. 6).

A cada reorganização dos serviços ditos de Registro, identificamos a necessidade de oferecer suporte e instrução para as atividades fim do Tribunal. Nos decretos futuros de reorganização do Tribunal sempre há referências a tentativas de aprovar metodologias e instruções que otimizassem os trabalhos da instituição. Verificamos, assim, no Tribunal de Contas a preocupação em

registrar, organizar, preservar e disponibilizar as informações produzidas pelo órgão, formando um acervo documental.<sup>20</sup>

Outro aspecto que queremos chamar atenção nos parágrafos 3º e 4º do art. 77º do Decreto 2.409/1896 foi o fato de se fazer menção à guarda dos livros, possibilitando que pudéssemos vislumbrar como a Biblioteca foi aos poucos criando materialidade dentro do Cartório. O fato foi observado em 1916 pelo Secretário do Tribunal Randolpho Paiva Jr, na conclusão do relatório de contas do governo relativo ao ano de 1915. Nesse documento, há o registro de serviços compatíveis com o de uma biblioteca cujo trabalho era realizado por bibliotecários. Formou-se um acervo com 4.000 volumes, em bom estado de conservação, registrado e catalogado. O relatório menciona o uso dessa biblioteca para consulta de assuntos de interesse do Tribunal e prevê a necessidade de abastecer e organizar melhor esse serviço. Nas palavras do presidente do Tribunal de Contas à época, Ministro Dídimo Agapito da Veiga, “A organização da Biblioteca impunha-se como uma necessidade inadiável”.<sup>21</sup>

A autonomização da Biblioteca em relação ao Cartório só ocorreu em 1941, criada por meio da Instrução de 20 de maio daquele ano<sup>22</sup>. Posteriormente, a biblioteca teve sua organização e funcionamento regulamentados<sup>23</sup>.

Três anos antes da criação da Biblioteca, por meio do decreto 426/1938, altera-se o cargo de cartorário para o de arquivista<sup>24</sup>. Em 1971, se define e

---

<sup>20</sup> Ressaltamos que para presente dissertação com relação ao arquivo e à biblioteca foram analisados documentos oficiais que criaram e regularam esses serviços.

<sup>21</sup> Ver documentos e informações acerca desse relatório datado de 10 de junho de 2016 na página.

Disponível em: [http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/biblioteca\\_tcu/sobre\\_biblioteca/historico/1915-criação%20da%20Biblioteca.pdf](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/biblioteca_tcu/sobre_biblioteca/historico/1915-criação%20da%20Biblioteca.pdf); Acesso em 21/04/2015.

<sup>22</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Instrução de 20 de maio de 1941, regula o funcionamento da Biblioteca.

<sup>23</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Portaria n.º 91, de 07 de agosto de 1950. Organiza e regulamento o funcionamento da Biblioteca.

<sup>24</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Decreto lei n.º 426 de 12 de maio de 1938. Organiza o Tribunal de Contas.

regulariza as atribuições dos cargos e carreira do Quadro da Secretaria-Geral do Tribunal de Contas da União, onde são especificadas as atribuições de arquivista<sup>25</sup>. A partir desse documento não encontramos mais as especificações que visavam controlar as saídas de livros, trabalho este que acreditamos já estar consolidado desde 1941 com a autonomização dos serviços da Biblioteca. Outras resoluções foram sendo editadas, ao longo dos anos, no intuito de estruturar os cargos relativos aos arquivistas e regulamentos sobre diferentes serviços no âmbito da gestão documental.

Separadas e regularizadas, essas unidades de informação, arquivo e biblioteca seguem atuando. Mais adiante, na década de 1980, foi criado o Centro de Treinamento e Seleção – CTS<sup>26</sup> que trabalhou em conjunto com a Biblioteca no esforço pela melhor capacitação dos servidores. O CTS passou à denominação atual, Instituto Serzedello Corrêa – ISC em 1992, incorporando a biblioteca à sua estrutura<sup>27</sup>. Percebemos, por meio da análise dos documentos, que a biblioteca foi criada subordinada à Presidência do Tribunal, mas ao longo do tempo várias Portarias e Resoluções mudaram sua estrutura e vínculo institucional, assim como sua denominação também foi alterada ao longo do tempo: Serviço de Documentação<sup>28</sup>, Serviço de Documentação e Editoração<sup>29</sup>, Divisão de Documentação<sup>30</sup>.

No ano de 1998, a Biblioteca, com a denominação de Divisão de Documentos, foi facilitadora (no sentido de orientar) da criação de Núcleos de

---

<sup>25</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução- TCU nº. 103, de 09 de março de 1971, define e regula as atribuições dos cargos e carreiras do Quadro da Secretaria-Geral do Tribunal de Contas da União.

<sup>26</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução Administrativa n.º 71, de 6 de março de 1986. Altera resoluções anterior que tratam sobre o Serviço de Seleção e Aperfeiçoamento.

<sup>27</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Lei n. 8.443, de 16 de julho de 1992 Dispõe sobre o Regimento interno do Tribunal de Contas da União.

<sup>28</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução n. 126, de 17 de agosto de 1973. Reorganiza a Secretaria-Geral do Tribunal de Contas da União.

<sup>29</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução n. 19, de 9 de novembro de 1994. Organiza o Instituto Serzedello Corrêa.

<sup>30</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução n. 90, de 4 de junho de 1997. Altera a resolução n. 19, de 9 de novembro de 1994.



Documentação nas Secretarias de Controle Externo nos Estados<sup>31</sup>, experiência adquirida com a implantação de um Núcleo de Apoio às atividades desenvolvidas no então Centro de Treinamento e Seleção. A criação de Núcleo de Documentação só ocorreu devido à emergência de bibliotecas nas Secretarias. Tão logo a Divisão de Documentos tomou conhecimento da questão, ela auxiliou a criação e orientação para funcionamento de Núcleos de Documentação. Tal medida foi efetuada pela correta execução do serviço de Biblioteca, uma vez que não havia pessoal especializado para o serviço.

Em 1999 o Centro de Documentação-CEDOC<sup>32</sup> foi reconhecido como área técnica com a competência de garantir a qualidade editorial às publicações do TCU. O CEDOC é referência para usuários da Gestão do Conhecimento que procuram participação dos profissionais da informação em suas atividades, tais como: construção de um tesouro do Controle Externo; elaboração da árvore do conhecimento; auxílio na reorganização do Portal do TCU; e disseminação seletiva da informação dentre outras. Atualmente a Biblioteca integra o CEDOC.

Percebemos que, nessas áreas, o arquivo e a biblioteca desenvolvem atividades de apoio à execução dos trabalhos do Tribunal. Do momento de suas criações até a data de recorte de nossa pesquisa, trabalharam em sintonia com as demandas exigidas para o andamento dos serviços prestados pelo órgão.

## 9.1 O MUSEU DO TCU

Portaria Nº 19, de 27 de fevereiro de 1970.

---

<sup>31</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Portaria da Presidência n.º 322, de 15 de junho de 1998. Estabelece critérios e acervo básico para o funcionamento de bibliotecas nas Secretarias de Controle Externo nos Estados.

<sup>32</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução n. 133, de 22 de março de 2000. Dispõe sobre a organização administrativa e competências das unidades integrantes da Secretaria do Tribunal de Contas da União.

Institui o Museu do TCU e o Livro de Tombo.

O PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, no uso de suas atribuições legais e regulamentares, e

Considerando ser atribuição implícita do Tribunal zelar pela manutenção e conservação de todo o seu patrimônio, no qual se incluem bens e documentos, que constituem peças de valor histórico e cultural, ligadas à vida e às tradições da Instituição e do País;

Considerando a necessidade de proceder-se ao tombamento adequado de todo o acervo, que compõe o referido patrimônio histórico e cultural; resolve:

Art. 1º - Fica instituído o MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, com a finalidade de tomba, guardar e conservar os bens móveis e documentos raros, que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico ou cultural relacionadas com a vida do Tribunal ou do País.

Art. 2º - Os bens e documentos, a que se refere o artigo anterior, passam a integrar o patrimônio histórico do Tribunal, cabendo à Presidência aprovar a seleção das peças, que integrarão o acervo do Museu.

Art. 3º - Fica instituído o LIVRO DO TOMBO destinado ao registro circunstanciado dos bens e documentos referidos.

Parágrafo único. Deste registro, extrair-se-á síntese histórica, que figurará ao lado de cada peça, para identificação da mesma e orientação dos visitantes do Museu.

Art. 4º - O Museu, ora criado, funcionará no Edifício-Sede do Tribunal de Contas da União.

Art. 5º - Poderão ser incorporados ao Museu, após o devido tombamento, bens móveis e documentos raros, que digam respeito ao Tribunal de Contas e que venham a ser oferecidos em doação por pessoas físicas ou jurídicas.

Art. 6º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

IBERÊ GILSON - Presidente

Nossa primeira observação é que, ao contrário do que demonstram os documentos pesquisados em relação ao Arquivo e à Biblioteca do Tribunal, o Museu do Tribunal de Contas não parece ter sido criado por uma necessidade institucional de natureza finalística. A criação de um Museu não era necessária à estrutura de funcionamento do Tribunal. O referido museu pode ser também interpretado como uma unidade de informação, pois em seu documento de criação, reproduzido acima, as referências ao patrimônio histórico e cultural presente na história do Tribunal nos remetem a uma determinada “vontade de

memória”. Tal vontade de memória atua como causa primeira de todo e qualquer museu que, segundo Gérard Namer, tem por base a relação do dom e do contra-dom (NAMER, 1987, p. 177).

A fim de entender os percursos que instaram a criação do museu no Tribunal de Contas, solicitamos ao Serviço de Gestão Documental a documentação relativa ao assunto. A pesquisa resultou em três portarias: a de criação do museu, a editada na sequência -- que estabeleceu uma sala e horário para visitação pública -- e outra, conferindo a uma servidora o acúmulo da sua função com a atividade de organizar o museu. Também procuramos nas Atas das Sessões Plenárias, ordinárias e reservadas, referenciais sobre o que poderia ter fundamentado a criação do Museu do Tribunal de Contas. Vasculhamos as coletâneas de Atas de Julho de 1969 a Julho de 1970 e nenhuma referência foi encontrada.

No portal do TCU, na internet, as informações sobre o museu não se encontram no mesmo campo das informações relativas à Gestão de Documentos e à Biblioteca. O Museu do TCU encontra-se em uma estrutura denominada *Cultura* junto com o Espaço Cultural Marcantonio Vilaça. Ao acessarmos as informações acerca da criação do museu, observamos que, quando de sua criação, ele obteve um espaço, a sala 211 do prédio anexo ao Ministério da Justiça; entretanto, por falta de espaço para o desenvolvimento das atividades fim do Tribunal, o Museu foi alocado no interior da Biblioteca e de lá só saiu em 2004, por iniciativa do então presidente do TCU Valmir Campello que o reestabelece por meio da portaria 210/2004.<sup>33</sup>(ANEXO 7).

Com o objetivo de conhecer o processo de musealização da memória institucional, procuramos reunir elementos que pudessem nos ajudar a identificar os fatores que resultaram na criação do museu em sua estrutura interna.

---

<sup>33</sup><http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/museu/museu/sobre> Acesso em 21/04/2015.

Para Icleia Costa, bibliotecas, arquivos e museus podem ser consideradas instituições-memória. Elas organizam a “memória da memória ao longo do tempo e são, por essa razão, encarregados da representação dessa memória.” (COSTA, 1997, p. 34). Nessa perspectiva, o fato de poderem ser consideradas instituições de memória secundárias, não as diminui em importância. Ao contrário, pois segundo Costa, se a memória institucional é uma tensão entre o instituído (visível) e o instituinte (dizível), bibliotecas, arquivos e museus são espaços dessa tensão que se estabelece a partir das práticas discursivas existentes. Nas palavras de Costa, “A memória institucional é um permanente jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas.” (Idem, p. 17-45).

Tomando por base esse jogo e essa tensão, que converte as instituições em resultado de relações sociais, procuramos construir uma narrativa que nos possibilitasse dar a conhecer uma dimensão provável do processo de criação do museu. Metodologicamente, recorreremos aos documentos institucionais e a entrevistas com funcionários e ex-funcionários do tribunal. Procuramos também ler diferentes autores e identificar aspectos daquele período, não com o objetivo de conhecer um determinado contexto pré-existente, mas para tentar compreender uma parcela das relações e tensões que permitiram a criação de um dos primeiros museus em Brasília.

O Ministro Iberê Gilson, num ato que buscamos entender, criou, dentro da estrutura interna do órgão, essa unidade, denominada museu a qual, segundo a documentação que lhe deu origem, tinha a incumbência de preservar a memória do órgão. Como sinalizamos anteriormente, identificamos na sua criação, um adensamento da questão da organização e disponibilização da informação, mas sobretudo aquilo que poderia ser denominado de “vontade de memória”, nos termos já explicitados. Vontade de memória essa que a museóloga Célia Corsino (2003) já havia identificado em algumas instituições existentes na Capital Federal. Ressalta-se que, nas duas últimas décadas, essa “vontade de memória” vem se intensificando e se espalhando especialmente na estrutura do Governo

Federal. Nos perguntamos frequentemente se não estaríamos experimentando o “boom da memória” descrito por Andreas Huyssen (2004)<sup>34</sup>.

Mas voltemos à criação do Museu do Tribunal de Contas:

Em dezembro de 1966, o fluminense Iberê Gilson é nomeado Ministro do Tribunal de Contas. Naquela ocasião, prestes a completar 50 anos<sup>35</sup>, ele assistiu à efetivação de uma série de mudanças que com certeza já vinham em discussão há muito, relacionadas à forma de gestão do orçamento público<sup>36</sup>.

Mudanças essas que, para um profissional de formação contábil, ocupante de altos cargos na administração pública federal e professor de universidades, não foram exatamente uma novidade. De forma mais específica, essas mudanças diziam respeito à promulgação da Lei n.º 4.320, de 17 de março de 1964 que, sob orientação das Nações Unidas, recomendava que o orçamento administrativo-contábil, praticado até então, cedesse lugar ao orçamento de orientação predominantemente econômico-financeiro, com a institucionalização de três instrumentos básicos: o planejamento plurianual de investimentos públicos, o orçamento-programa e a programação financeira da despesa.

As novas rotinas do campo financeiro definidas por novas leis trouxeram mudanças já no exercício de 1967 e, conseqüentemente, tiveram reflexo no próprio Tribunal. O Ministro Iberê Gilson, encarregado de relatar as contas do governo naquele ano, ao redigir seu parecer se preocupa com o quadro em

---

<sup>34</sup> Destacamos também que, no ano de 1970, o Ministro Iberê Gilson tomou outras iniciativas como Presidente do TCU. Em março do mesmo ano criou a Revista do TCU. A criação dessa revista teve por finalidade divulgar matérias de conteúdo doutrinário ou jurisprudencial que, segundo o próprio Ministro, eram fundamentais em um momento estratégico de mudança no Direito Financeiro. Acreditava que a Revista do TCU seria um instrumento de notificação dos trabalhos do Tribunal e pesquisas sobre assuntos afins, na tentativa de modificar o descompasso entre a desinformação que acarreta o mau uso do dinheiro público.

<sup>35</sup> Iberê Gilson nasceu em Vassouras, interior do estado do Rio de Janeiro, em 05 de março de 1917.

<sup>36</sup> Abandonou-se a preocupação maior de se saber onde foi gasto o dinheiro público, para se indagar como foi ele aplicado, como os programas foram cumpridos, quais os resultados e qual os custos dos serviços públicos.

questão. Para a publicação do parecer, o autor se preocupou em esclarecer esse processo de mudanças, apresentando de maneira didática, três partes: uma parte conceitual, outra analítica e, por fim, a conclusiva. Nelas se encontravam presentes elementos para o leitor entender a origem do controle de contas públicas, sua necessidade e a realidade naquela época.

O Ministro Iberê Gilson afirma que a “nova estrutura da administração econômico-financeira – que não é um fenômeno brasileiro, mas sim universal – se encontra na necessidade de se retificarem conceituações e de se corrigirem vícios, falhas e insuficiências de anterior estrutura” (GILSON, 1966, p. 112).

Esta é a posição do Tribunal de Contas em face daquele momento da sociedade brasileira. As modificações profundas introduzidas com a ascensão dos militares ao poder bem como a consequente suspensão das eleições para presidente em 1965 por meio do Ato Institucional n.º 2, não passariam incólumes pelo Tribunal de Contas. Alterações no sistema orçamentário pela Lei n.º 4.230, de 7 de março de 1964, as novas disposições constitucionais sobre a administração financeira do País, a nova disciplina instituída pelo Decreto-lei n.º 200, de 25 de fevereiro de 1967, exigiram e originaram, conseqüentemente, uma nova Lei Orgânica do Tribunal de Contas, que lhe dá, em cumprimento aos postulados da Constituição Brasileira de 1967, nova estrutura orgânica, novo campo de competência e novas técnicas de ação (Idem, p. 114).

Dentre os atos governamentais daqueles anos iniciais do Regime Militar, gostaríamos de destacar a criação do Conselho Federal de Cultura (CFC), em 1966<sup>37</sup>. A instalação desse Conselho, segunda Maia (2010), teve a intenção de começar a preencher as lacunas existentes na infraestrutura cultural e elaborar políticas associadas ao projeto desenvolvimentista do governo militar, valorizando na cultura aqueles elementos considerados representativos da

---

<sup>37</sup> O Conselho Federal de Cultura (CFC) foi criado pelo Decreto-lei n. 74, de 21 de novembro de 1966, e instalado a partir do Decreto n. 60.237, de 27 de fevereiro de 1967. O CFC funcionou por mais de 20 anos, sendo extinto em 1990.

nação. O Conselho atuou como incentivador das instituições ligadas ao então Ministério da Educação e Cultura, principalmente no que se refere à distribuição de verbas para o setor.

Essa preocupação em discutir e elaborar uma política nacional de cultura, segundo AZEVEDO (2013, p. 9) pode ser interpretada numa perspectiva geopolítica, bastante cara ao projeto político daqueles anos, no sentido de buscar mecanismos que assegurassem a integração nacional.

Em 1970, esse mesmo CFC, diante da necessidade de organizar um documento de compromisso sobre a urgência de investimentos na proteção do patrimônio e definir a participação de cada esfera dos executivos estaduais, articulou um encontro em Brasília, desdobramento de um primeiro ocorrido no ano de 1968<sup>38</sup>. O evento, denominado “O Encontro dos Governadores sobre a Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil”, realizado entre 1 e 3 de abril de 1970, foi coordenado por Arthur Cezar Ferreira Reis, presidente do Conselho, e Pedro Calmon, presidente da Câmara de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do CFC. Nesse encontro, entre os temas abordados, elencamos os “problemas de defesa e utilização do Patrimônio Cultural” e a “defesa do patrimônio natural”, destacando a importância do envolvimento dos órgãos federais, estaduais e municipais, além do poder legislativo e judiciário, e das universidades, para melhor gerenciamento e controle dos usos desses patrimônios. O evento que contou também com a participação do Almirante Augusto Radmaker, vice-presidente da República, Renato Soerio, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, D. José Newton, arcebispo de Brasília, além de governadores, representantes dos governos dos estados e outras autoridades, teve a presença do Ministro Iberê Gilson, o qual desde 1969 ocupava a presidência do Tribunal de Contas.

O número 34 da Revista Cultura, periódico daquele Conselho, foi todo dedicado ao evento, apresentando a transcrição dos discursos. Ignoramos se

---

<sup>38</sup> O evento intitulou-se “I Reunião dos Conselhos de Cultura” de 22 a 24 de abril de 1968 em Brasília.

este número os transcreveu na integralidade, contudo podemos afirmar que apesar de compor a mesa de abertura do evento, o Ministro Iberê Gilson não teve participação oral. Não sabemos a razão disso. Entretanto, o número da Revista contém a resposta oficial ao convite encaminhado pelo Ministério da Educação e Cultura à época. Na resposta, intitulada “Aviso ao Ministro da Educação e Cultura” ele informa

(...) ao Digníssimo Ministro de Estado que esta Presidência, animada dos mesmos propósitos que deram ensejo à organização do referido Encontro, houve por bem criar, por Portaria de n.º 19, datada de 27-2-1970, anexa por cópia, o *Museu do Tribunal de Contas da União*, com a finalidade de reunir, de forma adequada, as peças de valor histórico cultural ligadas à vida da Instituição, tendo designado para colaborar em tal tarefa, pela Portaria n.º 28, de 11-3-1970, cuja cópia também faço juntar, a servidora deste Tribunal, Dona Clara Pastora Leite<sup>39</sup>, possuidora de diploma do Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional, com o respectivo registro na Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura. (...) (CFC, 1970, pp. 155-156)

Entretanto, ao que parece, apesar de criado por meio da portaria indicada, com sala designada no edifício sede do Tribunal, o Museu se encontrava, como assevera Icleia Costa, na esfera do instituinte, do dizível (COSTA, 1997, p. 45). Nas entrevistas que fizemos com funcionários e ex-funcionários do Tribunal as referências à sua inexistência física são recorrentes. Apesar disso, o Museu estava lá.

O Sub Procurador, Geral Sebastião Batista Affonso (APÊNDICE 2), que ingressou no Tribunal em 1948, dá seu depoimento sobre a criação/existência do Museu quando esclarece aspectos dos objetos e móveis que vieram para Brasília com a mudança da Capital. Ele esclarece que o Tribunal de Contas se instalou no sexto andar do prédio imediatamente contíguo à Catedral na Esplanada dos Ministérios em 1961. Ao se referir a um dos objetos mais caros do Museu, o Plenário, ele nos informa que esta fora

(...) pro museu que estava instalado junto ao salão nobre. Quer dizer, o ambiente era o salão nobre, porque não havia uma sala do museu,

---

<sup>39</sup> No início de 2014, obtivemos a informação que a museóloga Clara Pastora Leite ainda se encontrava viva. Fizemos contato e sua filha, Clicia Pastora nos recebeu. Infelizmente a museóloga Clara Pastora Leite se encontrava com Alzheimer vindo a falecer no final daquele ano.



havia um museu criado, mas não havia uma sala do museu. Então o museu só existia teoricamente, vamos dizer assim.

Nossos entrevistados nos falam de um instituído, de uma visibilidade instaurada especialmente por meio da seleção de objetos, mobiliário, documentos conforme finalidade do museu estabelecida no artigo 1º da portaria de sua criação: “[...] tomar, guardar e conservar os bens móveis e documentos raros, que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico ou cultural relacionadas com a vida do Tribunal ou do País.”<sup>40</sup>

Os servidores e ex-servidores da casa também nos falam de um incentivo ao recolhimento de objetos para o museu a partir desse momento. O Sub Procurador Geral Sebastião Affonso nos relata que na época em que ocupou a direção da Secretaria de Fiscalização de Pessoal, ao examinar o processo da viúva do Presidente Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914), encontrou as certidões de casamento e óbito originais e encaminhou para o museu. Ele também se refere a uma urna de vidro onde era guardado o Primeiro Livro de Atas do Tribunal de Contas e outra que abrigava a Primeira Bandeira Nacional pertencente ao Tribunal.<sup>41</sup>

Na página do Museu do Tribunal de Contas na Internet há a informação de que por falta de espaço para a realização das atividades finalísticas da instituição, o Museu compartilhou o espaço da Biblioteca, permanecendo lá até 2004, quando, por iniciativa do Ministro Valmir Campello, o Museu foi revitalizado.

Ao acompanharmos por meio da documentação e das entrevistas a trajetória de criação do Museu do Tribunal de Contas, observamos nitidamente que a memória, como afirma Alessandro Portelli, é processo elaborado no tempo

---

<sup>40</sup> O artigo 1º da Portaria n.º 19, de 27 de fevereiro de 1970, utiliza a palavra tomar para designar que bens móveis e documentos raros serão reconhecidos pelo valor cultural por estarem relacionados à história do TCU ou do país. O tombamento é um dos dispositivos legais que o poder público utiliza para colocar sobre sua tutela bens móveis e imóveis, públicos ou privados, representativos da memória nacional.

<sup>41</sup> Idem.

histórico (PORTELLI, 2006: 109). As questões que envolvem sua criação em 1970 foram apresentadas neste capítulo. Aquelas que envolveram sua revitalização em 2004 são tema do próximo item.

## 10 INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEMÓRIA NO TCU

Neste capítulo procuramos acompanhar a trajetória de institucionalização do museu do TCU a partir da presidência do Ministro Valmir Campelo à frente do órgão. Descrevemos os aspectos legais que consolidaram, paulatinamente, o trabalho desenvolvido pelo museu para preservação da memória institucional, apresentando os caminhos percorridos, da criação e passando pela revitalização, até o ano de recorte da pesquisa, 2010. Para a consecução desse objetivo foi utilizada documentação oficial editada pelo TCU e entrevistas com alguns servidores que participaram dos trabalhos do museu do TCU.

### 10.1 CRIAÇÃO DO MUSEU DO TCU

Iniciamos nossa reflexão revendo aspectos do capítulo anterior relacionados às portarias de criação e de instalação do Museu do Tribunal de Contas da União.

A Portaria nº. 19, de 1970<sup>42</sup> (ANEXO 1), institui o Museu e o Livro de Tombo. O documento em questão é simples, contendo apenas seis artigos que descreveram a finalidade do museu e o “tombamento” de bens culturais declarados então parte do seu acervo.

O Ministro Iberê Gilson escolheu, dentre outras formas de preservação da memória institucional, o museu, esta instituição de memória capaz de promover o encontro de memórias passadas (NAMER, 1987, p. 185). Essas memórias estariam ancoradas nos objetos que seriam selecionadas como acervo para materializar a memória da instituição e das personalidades públicas pertencentes à sua história (NORA, 1993). Podemos inferir que o intuito de criar esse espaço era o de preservar e reverenciar uma determinada memória, que seria considerada oficial. Através dessa perspectiva valorizaria grandes

---

<sup>42</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Portaria n.º 19, 27 de fevereiro de 1970. Institui o Museu do Tribunal de Contas da União e o Livro de Tombo.

acontecimentos e personagens escolhidos para construir uma determinada história.

Podemos inferir que o Ministro Iberê Gilson tinha a expectativa de que esses objetos pudessem suscitar lembranças dos antepassados e de outros tempos do TCU. A ideia seria a de que esses objetos conseguiriam transcender o tempo e garantiriam a preservação da memória institucional. O museu é um dos espaços em que o homem promove ações para prolongar o tempo de vida útil de objetos considerados bens culturais. A maneira para alcançar a longevidade dos objetos, segundo Suano (1986, p. 17) constitui-se na própria preservação que, por sua vez, garante a memória do homem, que representa o que foi selecionado na expectativa de eternizar-se.

Segundo a redação do próprio documento de criação do Museu do TCU, foi considerada a necessidade de zelar pela manutenção e preservação de todo o patrimônio do Tribunal, entre bens e documentos que possuíssem valor histórico e cultural relacionados à história da instituição e do país. Podemos interpretar por meio da leitura do documento que a preocupação em cuidar do patrimônio da instituição era uma atribuição implícita do Museu e subentendida pelo próprio Tribunal. A partir dessas necessidades, apresentadas no documento o MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO foi instituído, com a finalidade descrita no artigo 1º, de: “[...] tomar, guardar e conservar os bens móveis e documentos raros, que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico ou cultural relacionadas com a vida do Tribunal ou do País”.<sup>43</sup>

O conceito de atribuição explícita e implícita no campo de ação do Direito não é algo novo, mas a afirmação de que um dos deveres implícitos de uma instituição pública é o da preservação de sua história veio de uma reflexão

---

<sup>43</sup> O artigo 1º da Portaria n.º 19, de 27 de fevereiro de 1970, utiliza a palavra tomar para designar que bens móveis e documentos raros serão reconhecidos pelo valor cultural por estarem relacionados à história do TCU ou do país. O tombamento é um dos dispositivos legais utilizados pelo poder público para colocar sobre sua tutela bens móveis e imóveis, públicos ou privados, representativos da memória nacional.

interessante para a época. A Constituição de 1967, que legitimou a Ditadura Militar, trouxe uma nova ideia sobre cultura, relacionada às artes, letras e ciência, gerando um fascínio pela erudição, proeminência e idoneidade moral. Nesse contexto, podemos entender que a criação do Museu do TCU mostraria a importância da instituição para a sociedade e ressaltaria o papel dos Ministros.

A função de selecionar os bens culturais que seriam musealizados ficou, naquele contexto, a cargo da Presidência, ou seja, poderíamos pensar que a memória institucional seria proveniente de um determinado grupo que, por meio do processo de seleção, estabeleceu o que seria memorável (HALBWACHS, 2004).

A portaria 19/1970 estabeleceu instruções mínimas para dar início à formação de seu acervo. Os bens culturais oferecidos em doação por pessoas físicas ou jurídicas também seriam aceitos para compor o acervo do museu, desde que fossem devidamente registrados no livro do Tombo. Esse documento tratou ainda das instruções de preenchimento do Livro de Tombo, no qual seriam registrados os bens culturais, com a síntese histórica da qual se extrairiam os dados para legenda e recomendou que o museu deveria funcionar no edifício sede do Tribunal.

Na sequência foi aprovada a Portaria nº. 21<sup>44</sup> (ANEXO 2), de 10 de março de 1970, normatizando o funcionamento do museu. O documento designou uma sala específica para o museu e definiu sua subordinação direta à Presidência. A Presidência facultaria a visitação pública ao museu nos domingos e feriados, assim como autorizaria se a visitação seria estendida para o Auditório, Plenário das Sessões, Salão Nobre, Biblioteca e outras dependências do Tribunal.

Os dois documentos não tratam da necessidade de funcionários para organizar e implantar o museu, mencionando somente a existência de um

---

<sup>44</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Portaria n.º 21, 10 de março de 1970. Destina uma sala para o Museu e estabelece horário para visitação pública.

vigilante para orientar e acompanhar os visitantes. A Portaria n.º 28<sup>45</sup> (ANEXO 3), editada no encadeamento dos dois documentos citados anteriormente, conferiu à escriturária Clara Pastora Leite, formada no Curso de Museus pela Seção de Museus Históricos e Artísticos do Museu Histórico Nacional<sup>46</sup>, o papel de colaborar na instalação do Museu do TCU, o que o fazia com acúmulo da função que exercia na Diretoria de Lotação<sup>47</sup>.

Podemos inferir dessa documentação a preocupação de preservar o patrimônio cultural e histórico do TCU bem como a intenção de divulgá-lo por meio de visitação pública. Os órgãos públicos estavam migrando da antiga capital, Rio de Janeiro para Brasília, e com eles as autoridades recém chegadas traziam novas ideias. Destacamos que o Museu do Tribunal de Contas da União foi um dos primeiros museus criados na nova capital.<sup>48</sup>

Paralelamente à edição das portarias de criação do Museu do TCU, temos nas décadas seguintes, entre 1970 e 1990, os conceitos que fundamentaram as ações museológicas atuais. A preocupação quanto à função social do museu e às práticas museológicas motivou estudiosos e pesquisadores a intensificarem suas críticas ao modelo tradicional europeu de museu, como uma instituição

---

<sup>45</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Portaria n.º 28, de 11 de março de 1970. Resolve que a Escriturária, símbolo TC-7, Clara Pastora Leite, diplomada no Curso de Museus, colabore com a instalação e funcionamento do Museu do Tribunal de Contas.

<sup>46</sup> SÁ, Ivan Coelho de. Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007. 270 p.

<sup>47</sup> Infelizmente não foi possível relatos referentes ao trabalho da servidora Clara Pastora na implantação do Museu do TCU. A Portaria n. 28 foi descoberta durante a pesquisa; não há relatos ou registros do trabalho da Clara Pastora nos arquivos do Museu. Entramos em contato com a família da ex-servidora, a qual se encontrava doente à época da pesquisa, vindo a falecer.

<sup>48</sup> Quanto aos primeiros museus instalados na nova Capital, alguns vieram juntamente com sua unidade mantenedora; este é o caso do Museu da Polícia Militar do DF, criado em 1957; do Museu Criminal da Academia Nacional de Polícia, o DEPOL, criado em 1960; do Museu Brasileiro de Contabilidade, do Conselho Federal de Contabilidade, criado em 1946. O Museu do Catetinho foi criado em 1959 e o Museu de Arte e Tradição do Nordeste, criado em 1963 por iniciativa privada. Pela Universidade Federal de Brasília, foi instituído o Museu de Geociência, em 1965. No fluxo da formação dos museus em Brasília, na década de 70 temos: Museu do Tribunal de Contas da União, 1970; Museu de Valores do Banco Central do Brasil, 1972; Museu Histórico e Artístico de Planaltina, 1974; Museu de Anatomia Humana, 1977; Seção de Memória Institucional do Supremo Tribunal Federal, 1978; Memorial JK, 1979. Para consulta, visite o site do IBRAM: <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_centroeste.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_centroeste.pdf)>.

preocupada exclusivamente com a preservação de objetos (coleta, documentação, conservação e exibição de objetos).

Nesse mesmo período foram redigidos documentos importantes sobre o pensamento museológico contemporâneo. Esses documentos foram redigidos pela comunidade museológica durante os encontros promovidos pelo Conselho Internacional de Museus – ICOM<sup>49</sup> e UNESCO, com a finalidade de estabelecer um modelo de museu comprometido social e politicamente com a sociedade da qual faz parte.

Três desses documentos – as Declarações de Santiago do Chile de 1972; de Oaxtepe no México em 1984, e a de Caracas em 1992 – foram produzidos especificamente tendo em vista a realidade política, social e histórica da América Latina, já que naquele período surgiram na Europa e na América do Norte propostas alternativas de museus coerentes com seus contextos históricos e sociais. A Declaração de Quebec tem a sua importância por constar o reconhecimento pela comunidade museológica ao movimento gerador da Museologia Social, MINOM (Movimento para uma Nova Museologia).

No fim da década de 70 vários questionamentos internos e externos contribuíram para diferentes reavaliações acerca do direcionamento dado à área do Patrimônio Histórico e Artístico<sup>50</sup>. Foram criadas duas unidades ligadas à estrutura do Ministério da Educação e Cultura à época: a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão normativo, e a Fundação Nacional Pró-Memória/Programa Nacional de Museus, órgão operacional que

---

<sup>49</sup> Conselho Internacional de Museus - ICOM, organização não governamental vinculada a UNESCO.

<sup>50</sup> Sobre as ideias acerca do patrimônio, na atualidade observamos que a cada dia aumenta a atenção dispensada a preservação de nossa memória e, por extensão, do patrimônio cultural. A partir de então tornou-se comum a preocupação com a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, o que acabou incentivando a criação de construções que se destinam a abrigar museus dos mais diversos. Além dos tradicionais museus históricos, encontramos museus dos mais diversos assuntos, museus relacionados aos mais diferentes tipos de objetos que se referem a inúmeros tipos de memória.

tinha como objetivo proporcionar os meios e recursos necessários para agilizar as ações da Secretaria.

Após o término da ditadura militar, no bojo das alterações no cenário artístico e intelectual, foi criado o Ministério da Cultura por meio do Decreto 1.144 de 15 de março de 1985. Reconhecia-se, assim, a autonomia e a importância dessa área, até então tratada em conjunto com a educação. O novo ministério passou por momentos distintos até que se consolidasse: foram cinco ministros no governo Sarney, dois no governo Collor de Mello e três no período Itamar Franco (RUBIM, 2007). As ações para o setor museológico se deram no sentido de conhecer o campo, paralelo a uma expansão significativa do número de museus nas décadas de 1980 e 1990.

Apesar de termos cópia da portaria e das entrevistas não possuímos elementos que permitam falar sobre os trabalhos desenvolvidos nesse espaço ao longo daqueles anos. Não temos como comprovar que tenha existido uma sala, acervo e visitas. Como registro dos seus trabalhos só encontramos poucos documentos de transferência de objetos destinados a compor o acervo do museu. Essa situação nos permite inferir que esses movimentos descritos acima no campo dos museus, transcorreram em paralelo ao Museu do TCU.

Durante a entrevista com o Sub Procurador Geral do TCU, já aposentado, Doutor Sebastião Baptista Affonso, nos foi informado que, depois de criado, o museu ficou à espera da remessa e doações de objetos para compor o acervo. Os documentos referentes à transferência de objetos são datados de 1970 e 1971 em formato de listas de material que entravam no Gabinete do Presidente (ANEXO 12). Tais objetos são transferências e doações “para efeito de incorporação ao acervo do Museu do Tribunal”. Essas listas relatam um número tão pequeno de objetos que indagamos: para onde foram levadas e colocadas? Ficaram guardadas ou expostas? O próprio entrevistado relatou que, na época da criação do museu, ele estava à frente da 5ª. Diretoria, (hoje Secretaria de Fiscalização de Pessoal, setor que examina as concessões de aposentadoria,



reforma e pensão), e encontrou duas certidões de casamento<sup>51</sup> e de óbito<sup>52</sup> do Marechal Hermes Deodoro da Fonseca. O Procurador retirou as certidões do processo de revisão da pensão da viúva, fez cópias das mesmas e as anexou ao processo original, entregando as certidões originais para o museu, como já mencionado.

Encontramos também alguns registros de objetos em forma de recibo de material permanente e de material de expediente, termos e procedimentos empregados no Tribunal para compra de material. Não sabemos se houve compra de objetos para compor o acervo ou se esses registros eram o cadastro feito pela “encarregada” do museu, função dada à servidora Clara Pastora.

Entre a criação do museu e sua revitalização em 2004, o que temos é uma lacuna de informação. Encontramos apenas um Memorando datado de julho de 1981 encaminhado pelo Secretário da Presidência ao Chefe de Serviço de Documentação, enviando o original do Ato de aposentadoria do 2.º Presidente do Tribunal de Contas, Dr. Dídimo Agapito da Veiga para compor o acervo do Museu<sup>53</sup>. Também encontramos na Ata de 1987<sup>54</sup>, uma referência ao museu, em sessão extraordinária, comunicando que, por medida administrativa, o museu seria deslocado para o *hall* de entrada do edifício-sede. A justificativa para a mudança do espaço do museu foi a de facilitar o acesso à visitação pública e a necessidade de ocupar o espaço que era do museu com criação de duas salas destinadas ao aperfeiçoamento e treinamento dos novos servidores. Nessa ocasião, o museu foi transferido para o térreo.

Os relatos dos servidores também não favoreceram a reconstituição historiográfica do museu. Segundo o Sub Procurador Geral Doutor, Sebastião

---

<sup>51</sup> Acervo do Museu do TCU registro MTCU.2013.0113.

<sup>52</sup> Acervo do Museu do TCU registro MTCU.2013.0112.

<sup>53</sup> Juntamente ao memorando está uma cópia do Ato de aposentadoria do Ministro Dídimo Agapito da Veiga.

<sup>54</sup>BRASIL. Tribunal de Contas da União. Ata n 1, de 03 de fevereiro de 1987.

Baptista Affonso, quando o prédio da atual sede do TCU foi inaugurado, em 1975, foi reservada uma sala para o museu, no terceiro andar, ao lado da sala dos advogados, onde foram alocadas os primeiros objetos e, como a sala era pequena, o mobiliário pertencente ao museu ficou transferido para e exposto no Salão Nobre. O Salão Nobre<sup>55</sup> foi instalado no segundo andar ao lado da sala das sessões.

Temos dois relatos<sup>56</sup> de ex servidoras que trabalharam na Biblioteca nas décadas de 1970 e 1980 as quais apresentaram narrativas distintas do Sub Procurador Geral, Doutor Sebastião Baptista Affonso. As servidoras aposentadas Walkiria Moraes de Queiroz e Lígia De Bona Carvalho, Chefes de Serviço de Documentação na década de 90, lembraram que na transferência do TCU para o atual edifício sede o museu foi instalado numa sala fechada, num espaço contíguo à Biblioteca, sendo depois transferido para o interior da Biblioteca, numa sala nos fundos do prédio. A coleção era composta basicamente por mesas, poltronas e relógios. Contudo esses dois ambientes relatados ficavam sempre fechados segundo as ex servidoras. Os servidores Anselmo Bessa (APÊNDICE 1) e Marcello Augusto Cardoso (APÊNDICE 5), hoje servidores lotados nesse museu, também lembram do museu instalado no interior da Biblioteca. O servidor Marcello Augusto Cardoso, então Chefe da Editora ligada ao CEDOC na época da revitalização, lembra que o museu ficava numa sala fechada, com estantes com livros antigos, atas e documentos do início do século XX, misturados às obras raras da própria Biblioteca. Essa sala permanecia com suas luzes apagadas. Na porta de entrada havia uma pequena placa onde estava escrito “Obras Raras” e logo abaixo dela havia ainda outra placa de igual tamanho onde podia-se ler “Museu”.

---

<sup>55</sup> Não localizamos onormativo de implantação do salão nobre, a biblioteca informou que ele foi criado em data anterior à mudança para Brasília. Então o normativo, se existir deve ser bem antigo.

<sup>56</sup> Consideramos esses relatos como informais, pois foi uma conversa rápida ao telefone com as servidoras aposentadas, Walkiria Moraes de Queiroz e Lígia De Bona Carvalho.

Tentamos acompanhar, com certa dificuldade, os caminhos percorridos pelo Museu do TCU até seu processo de revitalização, em 2004. Na memória dos servidores, o museu não deixou de existir, mas não há registro sistemático de seu trabalho e tampouco indícios de sua materialidade. Talvez apenas existisse por força da portaria que o criou. Talvez o fato de ter sido instituído por um Ministro fizesse com que pessoa alguma contestasse sua existência. Ou ainda, parafraseando Costa (1997, p. 58), se pensarmos numa instituição como algo dado, no caso o Museu do TCU, o que temos em termos de memória é um esquema representativo replicado ao “longo do tempo em práticas cotidianas, por mecanismos reflexos, por inércia e até mesmo por força da tradição”. Essa prática reflete o pensamento de um museu estático, fora dos métodos museológicos, fato que pode ser explicado pela inexistência de uma equipe voltada para o trabalho do museu.

## 10.2 REVITALIZAÇÃO DO MUSEU DO TCU

Na virada do século XXI, houve conquistas no campo museal em função de vários fatores que provocaram inovações em termos de projetos museográficos. Reconheceu-se a função social do museu, então voltada para as comunidades em que se achava inserido, promovendo a participação e a inclusão social. O turismo ressaltou a força econômica dos museus e demonstrou a importância do investimento que neles poderiam ser feitos.

Atribuir uma função social ao museu e ao patrimônio cultural foi um dos interesses do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), o qual propôs um novo foco de atenção por parte das ações preservacionistas (identificação, pesquisa, documentação, e comunicação) voltadas para o ser humano, a coletividade e a promoção social. Nessa perspectiva, o museu torna-se um espaço aberto às preocupações do mundo contemporâneo.

O museu passa doravante a ser visto como instituição capaz de promover a preservação, a valorização da história, da memória e das tradições locais. Integrado à comunidade, busca promover sua participação, para a valorização da sua cultura e identidade. Mais que um espaço de contemplação, o museu

transforma-se em um instrumento capaz de promover a inclusão social e contribuir para o desenvolvimento individual e coletivo; não deixando ser um equipamento socioeducativo e de lazer.

A área de ação das políticas públicas, especificamente a dos anos de 2003 e 2004, foi importante para o setor museológico brasileiro, pois representou o momento em que o governo federal, por meio do Ministro da Cultura Gilberto Gil, promoveu diversas ações inéditas para a área da cultura, recebendo o setor museológico igual atenção. O Ministério da Cultura lançou o Plano Nacional de Museus - PNM, a ser executado pelo recém-criado Departamento de Museus e Centro Culturais - DEMU. Esse departamento foi criado dentro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, com o objetivo de promover ações para o setor museológico.

Este era o panorama museológico nos anos em que o Ministro Valmir Campelo foi eleito Presidente da Corte de Contas, no ano de 2003, sendo reeleito em 2004. Em entrevista concedida, o Ministro expôs os motivos que o levaram a restabelecer o Museu. Segundo ele, o TCU é considerado uma “instituição muito árida”, por tratar de assuntos eminentemente técnicos. Refletindo sobre isso, na sua administração ele tentou empreender um “processo de humanização”, uma aproximação entre o TCU e a sociedade. Essa preocupação do Ministro Valmir Campelo permanece uma questão atual, como cita Costa “As instituições hoje parecem estar preocupadas com suas imagens perante a sociedade, razão pela qual estão promovendo a divulgação de sua produção e de suas realizações” (1997, p. 145).

Dentre o conjunto de medidas efetivadas na gestão do Ministro Valmir Campelo, ele nos relatou a criação do berçário e da creche, pensando nas servidoras que têm filhos ainda muito novos. Também idealizou o Colar do Mérito do TCU. Tentou empreender ações para preservar a memória do TCU para as gerações futuras. Nesse conjunto de ações, também ampliou o espaço físico da Biblioteca e abriu seu acesso ao público externo. Instituiu o Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, onde artistas de nível nacional passaram a dispor desse espaço expositivo. Entre essas ações, o museu foi uma peça fundamental,

segundo as próprias palavras do Ministro. A ideia era a de preservar a imagem e a história da instituição.

Por meio da Resolução-TCU n.º 161<sup>57</sup>, em 2003, foi instituído o Espaço Cultural Marcantonio Vilaça - ECMV. Marcantonio Vilaça era filho do Ministro Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça. O espaço cultural do TCU recebeu esse nome pelo papel que Marcantonio Vilaça representava, à época, para a arte brasileira, especificamente a contemporânea. Esse documento além de instituir o ECMV, também confere ao Presidente a competência para regulamentar o uso desse novo espaço. A regulamentação do ECMV foi efetivada com a Resolução-TCU n.º 162<sup>58</sup> (ANEXO 4). O documento em questão foi redigido para regulamentar a gestão do setor e organizar Conselho Curador do ECMV. Como tratam-se de questões em torno da promoção e valorização das atividades artísticas e culturais dentro do TCU, o museu foi incluído no documento. Desde o ano de sua criação, o museu só voltou a ser citado nesse momento<sup>59</sup>. A resolução determina já no primeiro artigo, que o ECMV e o Museu estariam integrados à estrutura do ISC, subordinados ao Centro de Documentação. No restante da Resolução, o Museu apenas é citado no artigo 3.º, sendo notificado que seria definido o quadro de pessoal do museu por meio de portaria futura na qual as necessidades atenderiam às especificidades do CEDOC.

Na sequência o Ministro Presidente Valmir Campelo volta-se de fato para a revitalização do museu. Para tal tarefa, o Chefe de Gabinete foi incumbido de realizar pesquisas sobre o universo da área museal, para assim redigir a nova normatização para o Museu do TCU.<sup>60</sup>

---

<sup>57</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução-TCU n.º 161, de 16 de abril de 2003. Institui o Espaço Cultural Marcantonio Vilaça.

<sup>58</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução-TCU n.º 163, de 1 de outubro de 2003. Regulamenta a atuação do Gestor e do Conselho Curador do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça.

<sup>59</sup> Entre os anos de 1970 e 2004 existe uma lacuna sobre a documentação do museu, não sendo encontrados outros registros no TCU sobre o mesmo.

<sup>60</sup> Nos foi concedido o material utilizado, uma série de impressões de sites e e-mail pessoal, endossados pelo Chefe de Gabinete para elaboração da portaria de revitalização do Museu do TCU.

A ideia de revitalização do museu surgiu no Gabinete da Presidência, segundo relato do servidor Ivo Montenegro, Chefe de Gabinete do Ministro Valmir Campelo naquela época. Assim a proposta de revitalizar o Museu do TCU foi lançada pela equipe que assessorava o Ministro Presidente, sendo por ele aceita. A concepção de renovação do museu foi a de apresentar a memória da instituição de maneira mais efetiva, uma vez que o museu não existia na prática, pois permanecia fechado. No entender do servidor Ivo Montenegro, a memória do Tribunal são as memórias dos servidores e deveriam ser retomadas.

a ideia do museu era criar, eu falei, a memória do Tribunal. A memória do Tribunal são os funcionários. Os funcionários aposentam-se, acabou a memória do Tribunal. Então a nossa ideia de criar um museu, foi manter essa memória, entrevistar funcionários, pedir informações e criar a história do Tribunal e que a história passasse para gerações futuras para que os colegas que vão chegar ao Tribunal conheçam como foi o Tribunal. (entrevista cedida pelo servidor Ivo Montenegro).

Como citado em Costa (1997, p. 146) “Ao contrário do que costumamos pensar, nós somos e fazemos as instituições. E a memória institucional é o reflexo dessa trajetória, não como *mimesis*, mas um cristal com suas múltiplas e infinitas facetas.” O objetivo do museu entre outros, seria divulgar a história do tribunal por meio de exposição permanente na sede do Tribunal e exposições itinerantes nas secretarias dos Estados juntamente com cartilhas que contassem a história do Tribunal para a comunidade em geral, por meio de linguagem acessível. A ideia era levar lições de cidadania para servidores, jovens, estudantes, a fim de conhecer e saber o que o TCU faz.

Num primeiro momento a idealização para a retomada dos trabalhos do museu foi incumbência do Ministro Valmir Campelo, num segundo momento o assunto foi levado à Plenária, onde os outros Ministros puderam contribuir para a redação do normativo. Para tanto, o servidor Ivo Montenegro foi encarregado de preparar minuta de documento que estabeleceu diretrizes de trabalho para o Museu e o inseriu numa unidade que se encarregaria de executar as novas demandas (exposição, museu virtual e o projeto Pequeno Cidadão). Acreditou-se que seria necessário que o museu se subordinasse ao Gabinete da Presidência, mas no momento da revitalização ele foi inserido na estrutura do CEDOC pelas questões que envolvem a documentação e informação e

pontualmente pela presença da servidora Evelise Quadrado como Chefe do CEDOC (APÊNDICE 3), a qual seria a pessoa capacitada para implantação das novas ideias sobre o museu.

O planejamento era o de sintonizar a nova normativa às políticas públicas do meio museal naquele momento. No ano de 2004 foi criado o Sistema Brasileiro de Museus - SBM, instituído pelo Decreto nº 5.264. O SBM, ainda existente, tem como objetivo articular os museus existentes no país, colaborar com as ações de formação profissional bem como orientar os projetos de requalificação e ressignificação museal. O Sistema sugere ações de organização, gestão e desenvolvimento assim como o trabalho em rede entre as instituições brasileiras. Para cumprir seu papel o Comitê procura desenvolver uma rede de articulação; e o TCU, por meio da pesquisa empreendida pelo servidor Ivo Montenegro (APÊNDICE 4), vislumbrou a participação do Museu do TCU nesse sistema como “instituições museológicas de administração pública federal, vinculadas aos Poderes Legislativos”.

A pesquisa realizada pelo servidor Ivo Montenegro para redigir a nova normatização do museu contou com o apoio do pessoal do Centro de Documentação, principalmente os servidores Evelise Quadrado, Chefe do CEDOC e Marcello Augusto Cardoso, Chefe da Editora do TCU. A equipe visitou museus em Brasília possuidores do mesmo perfil do Museu do TCU, ou seja, museus que funcionassem no interior da estrutura de uma instituição pública.

O levantamento feito pelo servidor Ivo Montenegro foi disponibilizado para nossa análise. Ele pesquisou exemplos de museus na própria região de Brasília. Averiguou também documentos de criação e histórico de museus e memoriais de unidades museológicas nos moldes do Museu do Tribunal de Contas da União, ou seja, museus inseridos em órgão público<sup>61</sup>. Percebemos a existência

---

<sup>61</sup> Museu do Supremo Tribunal Federal, Centro de Memória da Justiça Eleitoral, Museu Eletrônico do Senado Federal, Museu do Superior Tribunal de Justiça, Museu do Superior Tribunal Militar, Museu da Câmara dos Deputados.

de museu virtual nos museus e memoriais pesquisados instigou o interesse do pesquisador a trazer essa ideia para o Museu do TCU. Encontramos algumas poucas referências de outros tipos de museus ou de museus fora de Brasília. Descobrimos também alguns textos retirados do site da Fundação Casa de Rui Barbosa, devido à referência histórica de Rui Barbosa com o TCU.

No material pesquisado achamos poucas menções com relação à Museologia contemporânea apoiadas nos pensamentos da Museologia Social e da Nova Museologia, os quais desestabilizaram os velhos paradigmas, marcados pela passagem dos museus de templos de apenas contemplação para espaços de contato, conflito e negociação. Mas encontramos entre o material de pesquisa o documento da “Política Nacional de Museus” - PNM. Destacamos que a PNM representou a realização de um trabalho de diálogo entre a comunidade museológica e o Ministério da Cultura. Mesmo examinando museus de órgãos da administração pública, o documento de revitalização ao ser redigido com base na orientação dos eixos programáticos norteadores da PNM, qualificou o museu do TCU com as ideias da comunidade museológica. Assim a redação da portaria de revitalização do museu trouxe ideias de fora dos ambientes institucionalizados dos órgãos públicos. O documento, portanto, revela uma preocupação em inserir o museu do TCU na Política Museal que se pretendia construir no país.

No texto inicial da Portaria 210/2004 encontramos explicitada essa preocupação em atualizar o museu em relação ao cenário brasileiro e mundial:

“Considerando que o Museu do Tribunal procura seguir a tendência mundial de museu moderno e dinâmico, cujo escopo não é somente a coleta de acervo, mas também a valorização e divulgação do TCU no panorama histórico nacional<sup>62</sup>.

Esse mesmo documento nos apresenta a “necessidade de recuperar e preservar os elementos materiais relacionados com a vida e as tradições do Tribunal”. Para tanto, o presente documento traçou novas orientações para o

---

<sup>62</sup> Portaria n.º 210 de 25 de outubro de 2004, Ministro Presidente Valmir Campelo.



Museu. A nova portaria considera que o “Museu do TCU estará sempre colocado a serviço da sociedade brasileira e de seu desenvolvimento”, de acordo com os preceitos do Conselho Internacional de Museus – ICOM, organização não governamental vinculada à UNESCO.

O Ministro Valmir Campelo (APÊNDICE 7) e o servidor Ivo Montenegro relataram que foi submetida em Plenário uma minuta de resolução para o reestabelecimento do museu. A Plenária fez as interferências que julgou necessárias e aprovou o pedido de revitalização do Museu do TCU. Pesquisamos as Atas desse período e a fala dos Ministros em Plenária na Secretaria das Sessões, mas infelizmente nada encontramos. Descobrimos que as sessões administrativas eram reservadas naquela época. Mesmo sem acesso a essa documentação, acompanhamos a participação dos Ministros nesse processo por meio de suas doações para montagem da primeira exposição em 2004.

Na entrevista com a servidora Evelise Quadrado, esta relembrou que o Ministro é homem das comunicações e acredita que a cultura desenvolve as pessoas. Relatou que ele em sua gestão administrativa pretendeu “humanizar o TCU”, e percebeu que por meio da área cultural poderia ampliar o diálogo com servidores e com a sociedade.

A servidora Evelise Quadrado fez um curso de montagem de exposições no intuito de levar a arte contemporânea para dentro da Biblioteca do TCU, pois idealizou atrair o público por meio da sensibilidade estética.

O primeiro curso que eu fiz (porque eu fiz duas vezes) eu fiz quando fui a São Paulo e fiz de novo quando ela veio a Brasília, porque aí a gente já tinha um foco mais específico. Na verdade, quando fui assistir o curso de montagem de exposições eu fui com o olhar de bibliotecária que gostaria de trazer o público pra sua biblioteca. Então eu não fui com esse olhar de “vamos montar um museu do TCU!”. Na verdade a gente ainda estava no passo anterior, que era o passo da sensibilização dos usuários do Tribunal pra se apaixonarem pela biblioteca. E a gente levava nossa ideia e a gente conseguiu fazer isso por muitos anos. Era fazer exposições de arte dentro da biblioteca, pra que as pessoas comesçassem a ir, pra ver as exposições. Aí o segundo passo foi [descobrir que] a gente não consegue atingir todo mundo. Então a gente precisa atingir as pessoas pelo emocional, então vamos fazer exposição de arte dos servidores do Tribunal. A primeira mostra

de talentos foi dentro da biblioteca, por isso eu fui fazer o curso, porque aí eu queria aprender.

Nessa época a Biblioteca realizava visitas guiadas com grupo de crianças e era ensinada a história do controle de contas. Como ficou a cargo do CEDOC a execução da revitalização do museu, a Chefe de Serviço do setor buscou se atualizar. Como resultado desse processo, a Museóloga Marina Garrido Monteiro (APÊNDICE 6) foi convidada a vir a Brasília para orientar os trabalhos de implementação do museu.

A museóloga Marina Garrido relatou que, ao chegar para ministrar o curso, percebeu que o trabalho de revitalização do museu estava em sua fase inicial. O TCU ainda formava a sua equipe, compondo o acervo e organizando a primeira exposição. A museóloga revelou que a equipe de engenharia do TCU idealizou o espaço expositivo e que, no seu entender, este se mostrava inadequado para uma área de montagem de exposição<sup>63</sup>. A museóloga relatou ainda que, durante sua estadia no TCU, ela participou de reuniões com o próprio Presidente.

Um caso destacado foi o da Bandeira Nacional, citado pela servidora Evelise Quadrado, Marcello Cardoso e a própria museóloga Marina Garrido. Em 2004, havia um exemplar da Bandeira Nacional exposta no *hall* de um dos elevadores, dentro de uma vitrine. A museóloga relatou que a peça achava-se em estado acelerado de degradação. Ela recuperou a “biografia” da peça, revelando que fora um presente dos servidores para o TCU na década de 1940. Durante o curso ministrado no TCU, Mariana Garrido utilizou o exemplo da Bandeira para comentar a necessidade de fazer uma vistoria pelos setores do Tribunal a fim de recolher objetos significativos para o museu, e que convinha realizar esse levantamento o quanto antes, pois os objetos poderiam se perder sem uma atuação específica da área de conservação.

---

<sup>63</sup> O chão da área expositiva receberia acabamento com azulejos em duas cores.

**Figura 1 - Fotografia da bandeira, exposição do TCU: uma História para Contar**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

Dentre os objetos já recolhidos para acervo do museu encontravam-se documentos textuais. A especialista mais uma vez observou que esses objetos deveriam ser analisadas, para avaliar se eram representativas ou não da memória do Tribunal, destacando que a questão da aquisição de objetos para compor o acervo deveria também passar por uma seleção. No momento da revitalização os objetos coletados eram compostas em sua grande parte por mobiliário, o que para o servidor Marcello Augusto Cardoso comporia a materialidade representativa da memória do museu. Ele relatou ainda que, ao final do curso, a museóloga transmitiu a ideia de que o

museu não era um repositório de documentos, de mobiliário, de peças de acervo, de elementos basicamente físicos. Já havia uma semente plantada no sentido de que a moderna museologia não se prestava a isso, a apenas isso, pois o escopo era muito mais amplo.

Para o ministro Valmir Campello, a primeira exposição *TCU: Uma história para Contar* deveria permanecer no espaço do museu. Mas essa ideia era contrária aos conceitos apreendidos pelos servidores Evelise Quadrado e Ivo

Montenegro no processo de revitalização do museu. Eles perceberam que a ideia do Ministro faria o museu se assemelhar ao museu criado em 1970.

...a gente aprendeu muita coisa, entendeu muita coisa, e aí nós fomos montar a exposição. Mas a primeira exposição do museu era a exposição que o Ministro Valmir tinha em mente como se fosse a exposição permanente... Aquele formato, ele queria que ficasse ali. E a gente tentava explicar: “Ministro, museu tem que ser vivo; se ele ficar estanque, ele acaba, igual o outro museu acabou”, mas ele não queria que fosse se desfazendo aquela história. Pra ele aquela exposição ali era um sonho dele, concretização do que ele queria. Então a gente teve que conviver com um pouco de diferença de compreensão do que era o museu, qual era a importância do museu, porque aí a gente já tinha aprendido demais... Aí ele dizia “Mas minha filha, o Louvre não está lá há anos”, aí eu dizia “mas o público lá fica rodando, eu mesma já fui duas vezes até o Louvre, o senhor deve ter ido outras tantas, mas ele está sempre rodando”..., ele tem um público circulante muito maior. E o público de uma instituição como o TCU ele não varia tanto, então você tem que variar a exposição, se não o público para de ir e a exposição morre.

Na visão da servidora Evelise Quadrado esse era um desafio para o Museu do TCU: viver com essa diferença de compreensão sobre a importância e função do Museu do TCU para os demais museus existentes. Talvez a servidora não tenha percebido que os objetos selecionados para a exposição condensavam uma memória possível para o Tribunal de Contas União. Memória essa que perpassava pelo retrato do Ministro Rui Barbosa, pelo quadro do Ministro Guido Mondin bem como pelos móveis que compõem o Plenário, o Pavilhão Nacional, o terno de posse do Ministro Guise e sua toga, o primeiro livro de Atas do Tribunal, cópia do decreto de criação do Tribunal de Contas numa clara alusão de que “somos o que recordamos.” (FENTRESS e WICKHAM, 1992, p. 20).

Outra ideia lançada pelo Ministro Valmir Campelo era que a posse de Ministros fosse realizada no museu, o que foi concretizado com a posse do Ministro Adilson Mota. Contudo os Ministros subsequentes não deram continuidade a essa ideia.

Durante sua entrevista, o Ministro Valmir Campelo não aborda o processo de revitalização enquanto tal. Ele afirma ter *criado* o Museu. Os servidores Ivo Montenegro e Evelise Quadrado relataram que o museu, em 2004, começou do

zero. O servidor Ivo Montenegro afirmou que o museu foi criado no Rio de Janeiro e não realizava exposições.

em 2003 o plenário do Tribunal, plenário antigo histórico do Tribunal ficava no Rio de Janeiro. Aí quando o Ministro assumiu e nós resolvemos criar o museu, tive a oportunidade de colaborar com o Ministro, o Ministro Valmir. Aí nós trouxemos lá do Rio de Janeiro as peças do museu.

A servidora Evelise Quadrado, com relação à formação do acervo, acredita que os objetos que foram usadas para compor o museu em 2004 não eram do museu de 1970.

A única coisa que nós imaginamos que era da época do museu antigo era o plenário que talvez se configurasse como algo que fizesse parte do *hall* de peças históricas do Tribunal. As demais peças já tinham se perdido no Tribunal. É uma pena porque essa ideia de preservação dos servidores, de todas as pessoas que fizeram parte da vida do Tribunal, não era uma dimensão muito concreta. Então havia alguns setores onde havia peças uniformes presentes em todos os setores e essas peças, quando a pessoa ia embora em vez da pessoa doar para o museu “ah, guarda essa peça aqui que essa peça pode fazer parte de uma exposição histórica do Tribunal” essa pessoa doava para outra pessoa.

Ela avalia que todo o acervo anterior teria se perdido, “infelizmente o acervo, o primeiro acervo, a gente não sabe o que compunha. Não foi um acervo classificado, um acervo fotografado.” Dos tinteiros antigos que estavam no Plenário foram feitas réplicas, os originais foram para o museu. A equipe do CEDOC também contou com a participação de alguns Ministros.

O Ministro Luciano Brandão solicitou a criação de uma sessão de homenagem aos Ministros, evento nomeado de Centenário dos Ministros e incorporado à programação oficial do museu. Ele também auxiliou na busca da réplica do projeto de Lei Orgânica do TCU. O Ministro Guise doou o terno completo e a toga usada em sua posse. Essa exposição marca um novo tempo para o TCU, pois passou a existir um museu que a partir daquele momento possuía um espaço físico para visitação pública, concretizando o desejo narrado na fala do servidor Ivo Montenegro, ou seja, um lugar de diálogo com a sociedade.

Segundo relato do servidor Marcello Augusto Cardoso, o museu do TCU, assim como o Espaço Cultural Marcantonio Vilaça (ECMV) foram criados dentro da estrutura do CEDOC. O projeto do espaço expositivo do ECMV contemplou algumas pequenas salas ao lado para a equipe recém criada trabalhar. O museu foi contemplado apenas com o espaço expositivo, ficando a equipe trabalhando dentro da Biblioteca. Funcionou assim por dois ou três anos. À medida que o trabalho foi crescendo, também a materialidade do museu foi invadindo o espaço da Biblioteca, devido à falta de Reserva Técnica para abrigar o acervo. As cabines de pesquisa da Biblioteca, que eram quatro ou cinco, foram abrigando móveis, objetos e documentos. Na sequência a sala de reunião da Biblioteca virou uma extensão do museu, pois foi retirada a mesa de reunião. Os postos de trabalho do museu foram transferidos para esse ambiente, pois o museu já era composto por dois servidores, um museólogo terceirizado e dois estagiários de história.

A criação dessas duas unidades, ECMV e o Museu, se deu dentro do CEDOC, elas eram ligadas ao Instituto Sezerdello Correa, centro de informação e treinamento do TCU. Para o servidor Marcello Augusto Cardoso, naquele momento o Gabinete da Presidência achou pertinente ser esse o lugar das unidades que tratam de aspectos culturais. Foram criados os dois espaços, mas não existia designação de serviço para tal. Dentro da estrutura do Tribunal, toda vez que se cria uma nova atribuição, uma nova modalidade de trabalho que necessita alocação de pessoal, alocação de recurso, de criação de espaço, cria-se um serviço para isso, com pessoas qualificadas para fazer o trabalho e por força de portaria se estrutura. A portaria determina como essa atribuição será desempenhada por uma unidade e como essa unidade irá executar o trabalho e em que subordinação. No caso do ECMV e do Museu, foram criados os espaços expositivo e foi constituída uma equipe mínima para gerenciar os espaços, entretanto não foram operacionalizadas as unidades respectivas para cuidar de cada uma dessas novas atribuições. Esses espaços surgiram como atribuições novas para o CEDOC, mas não foram criados serviços para isso; havia as equipes, mas não existia um lugar na hierarquia para se constituir um serviço de museu, uma unidade com o nome oficial de museu tampouco um serviço de

Espaço, uma unidade ECVM ou um Serviço de Gestão Cultural. A constatação da complexidade desse trabalho e a evolução do próprio trabalho dentro do CEDOC acabaram demonstrando que isso não poderia ser uma atribuição do CEDOC e que futuramente esses dois espaços deveriam ser transformados em setores, dentro do próprio CEDOC ou em outro setor.

Acreditava-se que a rotina implantada indicaria os serviços. O primeiro museólogo contratado pelo TCU, Humberto Guimarães, levantou questões acerca de uma metodologia própria de trabalho a ser desenvolvida e recomendou que se organizasse o funcionamento, subordinação e equipe de execução dos serviços. Naquele momento a metodologia não foi construída porque o foco da questão era atender ao pedido do Ministro Presidente. Por ser um contratado e não um consultor, o museólogo ficou caracterizado como prestador de serviço, apenas executando as demandas.<sup>64</sup>

O trabalho do museu foi se adensando. A unidade foi criada, mas a importância da mesma é dada por quem entende o que é o serviço; e no âmbito do CEDOC sabia-se da importância do trabalho do museu, mas não havia produção suficiente para expor para toda a instituição. Era importante dispor de espaço próprio e de unidade constituída, ter definidos visão, princípio, negócio. A equipe entendeu que mostrar serviço representava montar exposição. A primeira foi *TCU: uma história para contar*. Lançada na inauguração do espaço expositivo, continha documentos, mobiliários e poucos objetos. Para o Ministro Valmir Campelo a demanda estava atendida, mas a manutenção do serviço não foi contemplada. Quando outras exposições começaram a ser montadas tornou-se notória a complexidade desse fazer em relação a estrutura até então formada.

Apesar do ECMV ter sido criado nos mesmos moldes, dispondo apenas de um espaço expositivo e pouca estrutura administrativa para se manter, o referido espaço recebeu uma sala para seu setor administrativo. O museu não funcionou inicialmente no interior da Biblioteca. Apenas após a terceira

---

<sup>64</sup> Relato extraído da entrevista do servidor Marcello Augusto Cardoso.

exposição se chegou à percepção de que a situação do museu tornara-se insustentável com relação ao espaço físico para alocar os servidores contratados e também guardar os objetos considerados de valor histórico.

Percebemos que a partir da primeira exposição o museu começa a se estabilizar. Segundo Douglas (1998, p. 130) tornar-se estável significa assumir alguma forma reconhecível. A destinação de um espaço expositivo para o Museu e a realizações de exposições facultaram que, a cada exposição inaugurada, o trabalho do museu fosse se transformando e se consolidando no interior do TCU.

Em 2005, a Biblioteca do TCU passou por uma reforma e todo o acervo, bem como os funcionários foram transferidos para o Instituto Sezerdello Correa<sup>65</sup>, na Asa Norte. Concluída a reforma, o acervo do museu não retornou para o espaço da Biblioteca, sendo levado para o depósito do Patrimônio. Em 2006 esse depósito passou por uma vistoria do IPHAN a qual resultou num relatório com sugestões para nortear o trabalho de adaptação do espaço numa Reserva Técnica.

O Museu do Tribunal de Contas da União, localizado em Brasília, pretende criar uma reserva técnica adequada para a salvaguarda de seu acervo, que não estiver em exposição. Será utilizado um espaço de 163 m<sup>2</sup> (7,5 m de altura), localizado no subsolo de prédio, dentro da garagem. Parte do acervo já se encontra guardado ali, juntamente com outros materiais e equipamentos do TCU.

O espaço possui janelas na parte superior de uma das paredes, iluminação fluorescente (com fiação aparente, fora de tubulação) e ponto de vazamento de água no teto, próximo a uma das colunas. Existe também tubulação de ar condicionado no teto e outra com finalidade desconhecida em uma das paredes. O piso encontra-se em boas condições, mas as paredes precisam de recuperação. O controle de iluminação só é feito através de quadro de luz localizado em outra área da garagem. (diagnóstico realizado por técnica do IPHAN sobre depósito do Patrimônio, disponibilizado para o Museu do TCU).

---

<sup>65</sup> Instituto Sezerdello Correa-ISC funcionava na SEPQ Q 514, Bl D, Lote 7, 3 andar Asa Norte, hoje o Instituto funciona no Centro Empresarial Parque Cidade SCS Quadra 09, Lote C, Torre B, 6º Andar Asa Sul.



O Relatório descreve que o acervo era composto por mobiliário (mesas, cadeiras, armário de época), quadros, TVs, peças de arte decorativa (tinteiros, pesos de papel, roupas, togas), monitores de computador e impressoras.

Ao longo dos 34 anos que separam a criação do Museu de seu restabelecimento, pudemos observar aquilo que mencionamos no primeiro capítulo, pautados na interpretação de Alessandro Portelli (2006, p. 109) de que “(...) a memória é processo moldado no tempo histórico.” Ao longo de nossa pesquisa e especialmente das entrevistas observamos um dos aspectos da relação memória e poder: aprendemos que nenhum Ministro do TCU colocaria fim a algo criado por um outro Ministro. Portanto, por mais que o museu dos anos 1970 não tivesse se efetivado, a ninguém caberia revogar o ato de criação; observamos, ao contrário, um desvelo e cuidado com o Museu bem como a preocupação em atualizá-lo. Nesse sentido nos preocupamos em apresentar um paralelo entre os dois documentos: a Portaria n. 19 de 1970 e a Portaria n. 210/2004.

Os primeiros artigos da Portaria n.º 210 trazem as mesmas orientações da Portaria n.º 19, decretando nos dois casos a criação do museu. O primeiro artigo da Portaria n.º 210 estabelece ser missão do museu divulgar a memória do Tribunal e a sua finalidade, registrar, guardar e conservar os bens móveis e documentos que, por sua natureza e procedência, constituem objetos de valor histórico e cultural relacionados com a vida da Instituição ou do País. As definições de missão e finalidade são as mesmas da Portaria n.º 19, retomando as ideias do documento de criação do museu do TCU, como num movimento circular, próprio do tempo institucional (COSTA, 1997, p. 96).

**Tabela 2 - Quadro comparativo dos artigos 1º e 2º das Portarias n.º 19/1970 e n.º 210/2004 do TCU**

Portaria n.º 19 /1970	Portaria n.º 210/2004
<p>Art. 1º - Fica instituído o MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, com a finalidade de tomar, guardar e conservar os bens móveis e documentos raros, que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico ou cultural relacionadas com a vida do Tribunal ou do País.</p>	<p>Art. 1º - O Museu do Tribunal de Contas da União, cuja missão é divulgar a memória do Tribunal, tem por finalidade registrar, guardar e conservar os bens móveis e documentos que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico e cultural relacionados com a vida da Instituição ou do País.</p>
<p>Art. 2º - Os bens e documentos, a que se refere o artigo anterior, passam a integrar o patrimônio histórico do Tribunal, cabendo à Presidência aprovar a seleção das peças, que integrarão o acervo do Museu.</p>	<p>Art. 2º - Os bens e documentos a que se refere o artigo anterior passam a integrar o patrimônio histórico do Tribunal.</p>

Fonte: Autoria própria

Em seguida direciona os trabalhos de catalogação do acervo. Observamos a substituição do “Livro de Tombo” pelo “Livro de Registro”. Depois ambos apresentam as competências do museu e as instruções para seu funcionamento.

**Tabela 3 - Quadro comparativo dos artigos 3º e 5º das Portarias n.º 19/1970 e n.º 210/2004 do TCU**

Portaria n.º 19/1970	Portaria n.º 210/2004
<p>Art. 3º - Fica instituído o LIVRO DO TOMBO destinado ao registro circunstanciado dos bens e documentos referidos.</p> <p>Parágrafo único. Deste registro, extrair-se-á síntese histórica, que figurará ao lado de cada peça, para identificação da mesma e orientação dos visitantes do Museu.</p> <p>Art. 5º - Poderão ser incorporados ao Museu, após o devido tombamento, bens móveis e documentos raros, que digam respeito ao Tribunal de Contas e que venham a ser oferecidos em doação por pessoas físicas ou jurídicas.</p>	<p>Art. 3º - Fica instituído Livro de Registro destinado à anotação circunstanciada dos bens e documentos de que trata o art. 1º desta Portaria.</p> <p>Parágrafo único. Do registro extrair-se-á síntese histórica, que figurará ao lado de cada peça, para identificação desta e orientação dos visitantes do Museu.</p> <p>Art. 4º - Poderão ser incorporados ao Museu, após o devido tombamento, bens móveis e documentos raros que digam respeito ao Tribunal e que venham a ser oferecidos em doação por pessoas físicas ou jurídicas.</p>

Fonte: Autoria própria

No Artigo 5º, da Portaria 210/2004, identificamos as atribuições do Instituto Serzedello Corrêa com relação à administração do Museu. Entre elas estava descrita a aprovação do Plano Diretor apresentado pelo Centro de Documentação. Também estava presente nesse artigo a aprovação das ações voltadas para memória: “aprovar as diretrizes e normas traçadas para guarda, tratamento e disseminação de informação por meio do Museu”, e também “(...)

decidir sobre a inclusão de novos acervos ao Museu do Tribunal de Contas da União”.

A referida portaria integrou o museu à estrutura administrativa do Centro de Documentação, e também estabeleceu que, para o desenvolvimento das atividades propostas, fosse disponibilizada a ajuda de um profissional Museólogo, cujas atribuições ainda seriam definidas no Plano Diretor.<sup>66</sup>O museólogo Humberto Magalhães, primeiro museólogo contratado pelo TCU, nos relatou que trabalhou num projeto que incluiu a elaboração do Plano Diretor, atuando também no projeto expográfico realizado no ano de 2005 (ANEXO 10). Segundo o referido museólogo, todos esses projetos foram desenvolvidos com base nos preceitos da Nova Museologia interativa, participativa e social, no sentido de se fazer uma inclusão do público interno do Tribunal, como também do público externo, principalmente alunos de escolas públicas do Distrito Federal.<sup>67</sup>Na revitalização foi constatada a necessidade de contratar outros profissionais, mas as próximas portarias e os normativos não contemplaram essas demandas as quais tornaram-se então responsabilidade do chefe do CEDOC.

O Artigo 8º é dedicado à definição das competências do Museu do Tribunal de Contas da União:

I - formar acervos e coleções acerca dos registros documentais referentes à história do Tribunal, efetuando o levantamento de peças e documentos suscetíveis de incorporação ao acervo;

II – classificar de forma sistêmica e controlar o acervo patrimonial dados complementares das peças sobre a sua guarda, realizando pesquisas para o levantamento de dados complementares, que retomem a história dos bens culturais no contexto institucional;

---

<sup>66</sup> Por meio do Decreto de 31 de maio de 2004, foi instituída oficialmente a Semana dos Museus, a ser comemorada a cada ano, durante o mês de maio, e oficializado o dia 18 de dezembro como o Dia do Museólogo, fato esse que motivou a inserção do profissional museólogo no documento, porque as pessoas envolvidas na revitalização do museu acompanhavam os acontecimentos do meio museal.

<sup>67</sup> Conseguimos apenas um contato por e-mail com o Museólogo Humberto Magalhães, e desse contato foram extraídos os presentes dados.

III- gerenciar os serviços de conservação e restauração das peças e documentos do acervo;

IV – providenciar, quando for o caso, o tombamento de bens e documentos;

V – elaborar e divulgar a programação de exposições do Museu;

VI – incentivar o intercâmbio científico e cultural com outros museus;

VI – aprovar os procedimentos administrativos e funcionais;

VIII – auxiliar, mediante ações museológicas, na aproximação do Tribunal de Contas da União com o cidadão;

IX – desenvolver programas informativos com o intuito de divulgar as ações do Museu para os outros museus, escolas e instituições afins.<sup>68</sup>

Sobre o funcionamento do Museu, a autorização para as visitas públicas nos finais de semana e feriados, bem como a extensão das visitas a outros espaços do Tribunal, continuou como atribuição da Presidência.

O documento trouxe duas inovações. A primeira foi a instituição do Programa Museu Jovem Cidadão, que seria uma espécie de escola de cidadania com o objetivo de fortalecer e valorizar a história do TCU para o público infantil. O público-alvo do programa são os estudantes da rede pública e privada de ensino fundamental, médio e superior. A segunda foi o esboço da elaboração do Museu Eletrônico do Tribunal de Contas da União, tendo na internet um novo espaço para exposição, pesquisa e divulgação da memória do TCU. Tratam-se de ações que concretizariam as ideias de aproximação do TCU com a sociedade.

Após a Portaria-TCU nº 210, foi lançada a Portaria-ISC nº. 6<sup>69</sup> (ANEXO 6) que deliberou sobre a organização, finalidade e competências do Instituto Serzedello Corrêa - ISC. Dentre as competências do ISC, destaca-se a administração do Centro de Documentação - CEDOC, a Biblioteca e o Museu do

---

<sup>68</sup> Os artigos 5.º e 8.º da Portaria 210/2004, que tratam respectivamente das atribuições do Instituto Serzedello Corrêa com relação à administração do museu e das competências do museu, não foram apresentados num quadro comparativo com a Portaria 19/1970 já que tais tópicos não foram contemplados por esse documento.

<sup>69</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Portaria-ISC n.º 6, de 17 de maio de 2005. Dispõe sobre a organização interna, a finalidade e as competências do Instituto Serzedello Corrêa.

TCU. Dentro da estrutura do ISC, o Centro de Documentação foi composto pela Biblioteca Ministro Ruben Rosa, a Editora e o Museu TCU. Dentre as competências do CEDOC relativas ao Museu, temos a de elaborar o Plano Diretor e supervisionar as atividades desenvolvidas. O artigo 14 destacou a finalidade do Museu do Tribunal de Contas da União, mantendo a redação do artigo 1 da Portaria-TCU n.º 210. Sem revogar a Portaria-TCU n.º. 210, a Portaria-ISC n.º 6 apontou outras competências para o Museu:

Art. 14. O Museu do Tribunal de Contas da União tem por finalidade registrar, guardar e conservar os bens móveis e documentos que, por natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico e cultural relacionados com a vida da Instituição ou do País.

Parágrafo único. São competências do Museu do Tribunal de Contas da União:

I – registrar, classificar, guardar e conservar os bens móveis e documentos que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico e cultural relacionados com a vida da Instituição ou do País;

II – realizar pesquisas e levantamentos de dados que permitam o conhecimento da história do Tribunal e fatos adjacentes;

III – promover exposições temporárias e/ou itinerantes relacionadas à história do Tribunal e à área de atuação;

IV – desenvolver programas educativos que visem ao conhecimento por parte da sociedade da área de atuação do Tribunal.

O primeiro Plano Diretor do Museu do TCU foi redigido também no ano de 2004, com planejamento e orçamento para o ano de 2005. Teve como objetivo descrever linhas de ação museológicas a serem implantadas pelo Museu. Naquele momento foi analisado o papel funcional do Museu do TCU, tomando-se por base a definição de museu presente no artigo 2, inciso I do ICOM. O documento abrangeu também questões sobre coleção, diversidade de exposições, segurança, conservação e restauro, serviços educativos, ação cultural e outras atividades de caráter museológico para o Museu do TCU. Como pontos favoráveis, foi observado que o museu poderia ser um veículo de comunicação do TCU com a sociedade, divulgando mais informação sobre a instituição.

Com relação à formação de profissionais, o museu foi considerado um órgão da administração federal, e assim poderia haver parcerias com outras instituições de atribuição específica, o que nunca aconteceu. Como ponto a melhorar, o Plano Diretor destacava que a falta de função comissionada para administração do museu sobrecarregaria a direção do CEDOC.

Como o museu estava em fase de revitalização, foi possível avaliar aspectos que seriam pontos fundamentais para uma boa atuação futura, empreendendo ações para a implementação, organização e gerenciamento de suas atividades e projetos. Conforme sinalizamos na Apresentação deste trabalho, nesse momento o Plano Diretor destacou a falta de alocação de recursos financeiros específicos para o desenvolvimento das ações do Museu: falta de local de Reserva Técnica para o armazenamento do acervo que não estiver em exposição, vulnerabilidade do museu às mudanças de perfis dos dirigentes gestores, falta de pessoal qualificado para trabalhar no museu. O Plano Diretor traz também a descrição da missão e dos objetivos como também das áreas de atuação do museu, abrangendo também a difusão e as funções administrativas e museológicas. O programa museológico seria desenvolvido pelas curadorias das coleções, exposições, conservação e segurança, serviços de ação cultura e pedagógico educativo. Foi anexada ao Plano também uma previsão orçamentária para manutenção. Esta previa despesas como: manutenção do museu, contratação de um museólogo e dois estagiários de nível superior, compra de material expográfico e de iluminação, contratação de serviço de restauração, aquisição de material de conservação e custos com a montagem de três exposições temporárias. Desse Plano Diretor só temos notícias de contratação de profissionais para compor a equipe.

De 2004 em diante, outros normativos foram expedidos com o intuito de regulamentar e orientar os trabalhos do Museu do TCU. Temos a Resolução

TCU n.º 200/2007<sup>70</sup> (ANEXO 8) que orientou sobre o funcionamento e as competências do museu, revogando as resoluções n.º162/2003<sup>71</sup> a qual regulamentava a atuação do Gestor, do Curador e do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, e de n.º189/2006<sup>72</sup>(ANEXO 7).

A novidade da Resolução-TCU n.º. 200, é a determinação de que o Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e o Museu do TCU passassem a integrar a estrutura do Gabinete do Presidente. Essa Resolução sistematizou o funcionamento do Espaço Cultural e do Museu, no intuito de promover e valorizar as atividades artísticas, históricas e culturais na esfera do TCU. Nesse documento foi definido o papel do Gestor do Museu do TCU.

### CAPÍTULO III

#### DO MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

Art. 11. Compete ao Gestor do Museu do TCU:

I - definir a atuação do Museu em consonância com o planejamento estratégico e com as diretrizes do Tribunal;

II - organizar e administrar o Museu;

III - elaborar proposta de programação anual e submetê-la à aprovação do Gabinete do Presidente;

IV - coordenar e supervisionar as atividades desenvolvidas no Museu, em conformidade com as normas e diretrizes das modernas concepções museológicas e museográficas;

V - supervisionar o trabalho de Curadores independentes nos eventos promovidos pelo Museu;

VI - promover os programas, projetos e ações atinentes às finalidades do Museu;

---

<sup>70</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução-TCU n.º 200, de 30 de maio de 2007. Dispõe sobre o funcionamento e as competências do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu do TCU e revoga as Resoluções-TCU n. 162/2003 e 189/2006.

<sup>71</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução-TCU n.º 162, de 1 de outubro 2003. Regula a atuação do Gestor e do Conselho Curador do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça.

<sup>72</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Resolução-TCU n.º 189, de 19 de abril de 2006. Altera a Resolução n. 162.



VII - promover ações relacionadas à documentação, editoração e registro da memória do TCU;

VII - zelar pela manutenção do Museu e pela preservação de seu patrimônio;

VIII - indicar obras para integrar, por meio de doação, o acervo do Museu;

IX - fiscalizar o uso do Museu;

X - representar o Museu em suas relações externas;

XI - promover intercâmbio com museus e instituições congêneres;

XII - gerenciar servidores, terceirizados e estagiários com lotação no Museu e;

XIII - apresentar à Presidência do Tribunal relatório anual de atividades.<sup>73</sup>

Em 2008, juntamente com a Secretaria de Planejamento e Gestão, o Museu iniciou a elaboração de seu referencial estratégico (ANEXO 11). A Secretaria usou como base a metodologia aplicada no planejamento dos objetivos estratégicos do Tribunal para suas unidades. O referencial estratégico pretendeu aliar a visão do museu de longo prazo às prioridades corporativas do TCU. Segundo o documento isso se deve ao objetivo de auxiliar o museu a cumprir plenamente sua missão e de adequá-lo ao papel de um museu institucional, ou seja, o de ser um elo de comunicação com a sociedade. Ficou definido que o “negócio” do museu é preservar e difundir a História do Tribunal de Contas da União; sua “missão” é revelar à sociedade brasileira a importância histórica do Tribunal de Contas da União no controle dos gastos públicos; e a “visão de futuro” é ser museu institucional de referência pela eficaz divulgação do papel histórico do Tribunal de Contas da União em assegurar o bom uso dos recursos públicos.

A Portaria-Gabinete da Presidência n.º 1<sup>74</sup> (ANEXO 9), de 30 de março de 2009, dispõe acerca de competências, estruturas e lotação do Gabinete do

---

<sup>73</sup> Resolução-TCU n.º 200, de 30 de maio de 2007.

<sup>74</sup> BRASIL. Tribunal de Contas da União. Portaria-Gab. Pres n.º 1, de 30 de março de 2009. Dispõe acerca da competência, estrutura e lotação do Gabinete da Presidência.

Presidente. A Portaria descreve as finalidades do Gabinete do Presidente e entre elas os assuntos relacionados ao registro e à divulgação da memória do TCU, assim como também o incentivo a arte e a cultura no âmbito do Tribunal.

A portaria cria o Serviço de Gestão Cultural, composto pelo Museu e pelo Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, fazendo parte da estrutura do Gabinete da Presidência. Entre as competências da Assessoria do Chefe de Gabinete, destacamos a de revisar textos concernentes às atividades da Presidência e também àquelas relacionadas ao Museu do TCU e ao Espaço Cultural Marcantonio Vilaça. Cabe ao gestor do Serviço de Gestão Cultural planejar, organizar, dirigir e supervisionar as atividades desses dois espaços, assim como zelar pela manutenção dos espaços além de ter sob sua guarda e responsabilidade os bens de uso desses ambientes. Com relação aos objetos considerados de valor histórico, esses também encontram-se sob a guarda desse Chefe de Serviço, que agora possui também como competência indicar obras para integrar, por meio de doação, o acervo do Espaço Cultural e do Museu. Com a criação do Serviço, as demandas foram ampliadas, fato que demandou, além de servidores lotados nesses setores, a contratação de terceirizados e de estagiários, cuja atribuição de gerenciar os serviços, por meio de avaliação e de gerir o contrato também ficou a carga do Chefe de Serviço.

Acredita-se que o museu, criado em 1970, até a época de seu restabelecimento em 2004 não tinha organização administrativa e nem sala expositiva. A portaria 210/2004 que o restabelece normatizou suas atividades, propondo procedimentos e mecanismos para o desenvolvimento de um trabalho em harmonia com a Política Nacional de Museus. Na própria portaria é indicado o Programa Museu Jovem Cidadão e o Museu Eletrônico do Tribunal de Contas da União.

Esses foram assim os passos dados pelos Ministros Iberê Gilson e Valmir Campelo no tangente à preservação da memória institucional do Tribunal de Contas da União. Percebemos semelhanças nas atitudes empreendidas pelos dois Ministros. Ambos colocaram em execução ações voltadas para as áreas

histórica e cultural do TCU<sup>75</sup>. De alguma forma, observamos que as repercussões das políticas públicas inspiraram/retroalimentaram as ações desses homens que exerceram papéis de decisão e destaque, como Ministros-Presidentes do TCU.

Entre as gestões dos Ministros Iberê Gilson e Valmir Campelo destacamos o Ministro Luciano Brandão. Em sua gestão como Presidente do TCU ele lançou o Livro dos Ministros do TCU, em 1982<sup>76</sup>. No prefácio da obra, assinado pelo Ministro Luciano Brandão, constam as informações biográficas a respeito de personalidade, de sua vida pública nacional e de sua atuação na Corte de Contas. Percebemos a partir dessa outra iniciativa, a de preservar a história dos Ministros que passaram pelo TCU, mais um aspecto da memória institucional.

A Portaria n.º 210/2004 continua a ser a norma orientadora dos trabalhos no Museu do TCU. Após a regulamentação do Estatuto de Museus, em 2009, não houve modificações com relação à normatização e atualização da documentação do Museu; tampouco mudanças quanto ao orçamento, gastos e despesas com manutenção e realização de atividades.

O Museu do TCU não possui Regimento Interno e nem Plano Museológico. Dados que deveriam constar nesses dois documentos – como a natureza do museu, as normas de funcionamento, finalidade, objetivos – constam nas portarias de 2004. Igualmente não havia um instrumento básico apresentando os programas que o museu irá desenvolver.

Para a servidora Vivian Rochael Pimenta (ANEXO 16), Chefe do Serviço de Gestão Cultural do TCU, todos os serviços relativos à prática museológica foram um desafio para esse museu do TCU; ela avalia como a maior conquista

---

<sup>75</sup> Observamos uma coincidência: o servidor Ivo Krebs Montenegro, Chefe de Gabinete do Ministro Iberê Gilson quando este era Presidente do TCU era o pai do Chefe de Gabinete do Ministro Valmir Campelo quando o mesmo assumiu a Presidência.

<sup>76</sup> O Centenário natalício dos ministros é comemorado por meio dessa publicação.

do Museu do TCU os profissionais que foram sendo contratados. Na revitalização, em 2004 havia somente um servidor, uma recepcionista e um estagiário; em 2006/2007 já se tinha um museólogo, um historiador, um servidor, uma recepcionista e dois estagiários; em 2010 chegou um profissional da área do *design*.

Há oito anos como curador do Museu do TCU, o servidor Anselmo Bessa pensa que uma das maiores limitações do museu é a de que ele trabalha no âmbito da atividade acessória, ou seja, não exerce o trabalho principal. Logo a equipe enfrenta dificuldades em sensibilizar os demais servidores sobre a importância representada por uma instituição como o museu. Segundo ele, o TCU usa o museu para se promover, para promover ações sociais, integrar pessoas, compor uma imagem positiva da instituição. Tudo isso condensado numa sala de exposição. Afinal possuir um museu dentro da própria instituição também auxilia os servidores a conhecer história da mesma.

O museu não é um lugar de guardar coisa velha. O museu é um lugar que conta a história, é o lugar que oficializa uma história de uma instituição, de um caso, de um fato, de uma situação, de um acontecimento. As pessoas vivem uma situação e, de uma hora para outra, o museu transforma o tal fato numa história concreta, registrada e oficial. Isso é maravilhoso!...O museu não tem compromisso com o velho, mas com a história, o velho faz parte da história e ajuda a contar a história do hoje... Se você conta uma história e sintetiza até os dias de hoje, quer dizer que o hoje entrou para a história do museu (Bessa).

Segundo o servidor Marcello Augusto Cardoso é importante haver um museu dentro de um órgão público, pois:

é um componente impulsionador da instituição, mesmo que ele não seja um elemento finalístico, em qualquer que seja o órgão, enquanto ferramenta de incentivo à cultura mercadológica, de inclusão, de promoção da instituição a um patamar que é inimaginável. [É um] potencial maravilhoso ter um museu e um Espaço Cultural, junto com outras iniciativas, ligadas à educação, à arte e à cultura, como patrocínio, sem contar os méritos próprios do trabalho das unidades. Mercadológico, não é que se vá ganhar dinheiro com isso, muito pelo contrário, mercadológico que eu digo é no sentido de ter uma população que conhece o órgão a partir de sua tarefa finalística. Isso tem um grão de conhecimento e de reconhecimento daquele órgão, e se ele só trabalha com a área finalística e você é um indivíduo, um cidadão que não tem ligação direta com aquilo, você tem um grau de envolvimento, ele tem um certo limite, se você tem um outro entendimento desse mesmo órgão por meio de outra perspectiva, histórica, educacional, artística e cultural, seu grau de aproximação,

seu grau de entendimento e a definição desses limites são mais tênues. (Marcello Augusto Cardoso).

Retomando a pesquisa de Guarnieri (1977), o qual realizou um estudo sobre os museus de São Paulo, ela destacou que não iria analisar os órgãos museológicos universitários, escolares e particulares, por estar interessada nos museus ligados, à época, à Divisão de Museus de São Paulo.

Sobre os museus referidos acima, Guarnieri escreveu que no período entre 1930 e 1945 são criados uma série de museus especializados, vinculados a órgãos de pesquisa. Esses museus são altamente especializados, possuindo características de centro de pesquisa, sendo incorporados mais tarde aos museus universitários (Guarnieri, 1977, p. 72 e passim). Uma década depois são criados museus vinculados à Secretaria da Educação; esses teriam características de museus escolares. Os museus institucionais, sobre os quais estamos nos debruçando para melhor conhecê-los, não são unidades ligadas à pesquisa e nem a atividades escolares, contudo percebemos alguns pontos de contato com tais áreas.

Para Guarnieri (1977, p. 107)

...o órgão coordenador não tem um 'corpus' de normas, recomendações, manual de trabalho, ou o que quer que seja, que oriente os chefes das unidades básicas quanto aos procedimentos técnicos de caráter museológico ou administrativo.

Sobre museus universitários escreveu Guarnieri (1977, p. 110)

Poucas alterações se notam com relação aos museus universitários, cujas estruturas, em geral, são fixadas mediante atos administrativos internos (portarias), o que, de um lado oferece, teoricamente, a vantagem de flexibilidade, de outro, dá uma certa instabilidade a tais órgãos. Quanto à direção ela se impõe de maneira autocrática (poder absoluto), agravada ainda pelo fato dos Diretores serem docentes; esta circunstância, num contexto ainda elitista e de universidade não renovada nem aberta, gera um comportamento autocrático, raras vezes suavizado pelo espírito científico e objetivo que, por sua própria natureza, conduz a aberturas.

Sobre os museus especializados, Guarnieri percebeu que eles não se enquadravam na reformulação da Secretaria da Ciência e Tecnologia à época, a qual procurou organizar os museus do interior de São Paulo.

Guarnieri constata certa confusão conceitual entre museus assemelhados a um arquivo, aqueles que não passavam de pequena exposição anexa à biblioteca, os museus universitários e os museus particulares. Segundo ela são museus que “padecem é exatamente da falta de informação de caráter museológico, refletida na pobreza de técnica de suas vitrinas, a revelar, também, um espírito imobilista que tende a fazer do museu a negação da vida” (Guarnieri, 1977, p. 113).

Pode-se dizer – de maneira lacônica e melancólica – que as organizações museológicas paulistas, no Interior, não têm qualquer diferenciação ou especialização museológica (embora sua denominação, quase sempre, pressuponha a biografia), nem especialização quanto às atividades de apoio (sejam elas técnicas ou administrativas ‘*stricto sensu*’) e que, na Capital apesar da inegável caracterização de ‘monografias museológicas’, em termos de estrutura e funcionamento apresentam frágil diferenciação, expressa na dicotomia “área técnica/área Administrativa”. Pode-se dizer ainda dos museus da Capital que sua área técnica suprime o grupo multiprofissional devido a um pretenso, inexistente e impossível enciclopedismo.” (Guarnieri, 1977, p. 114)

Sobre esses museus, Guarnieri fez uma reflexão sobre uma possível denominação

Museu-arquivo, museu-apêndice, museu indefinido, museu não especializado; exposição não expositiva; não valorização das exposições temáticas especiais; museus sem centro de interesse definido, não-especializados no que diz respeito à área museológica e não-especializados no que diz respeito às suas outras funções técnicas (pesquisa, serviços educativos, comunicação cultural etc.) (GUARNIERI, 1997, p. 113).

Sobre a denominação de museu-apêndice, percebemos, pela nossa pesquisa, que o Museu do TCU foi instituído no Gabinete da Presidência em 1970, contudo não foi estruturado um serviço organizado para sua continuidade. Funcionou como um apêndice do Gabinete do Presidente e foi incorporado fisicamente à Biblioteca. Em 2004 foi anexado ao CEDOC por meio de norma legal. Em 2007 foi mais uma vez apensado ao Gabinete da Presidência. Só mais tarde, em 2009, após a criação do Serviço de Gestão Cultural, podemos inferir que o Museu do TCU de fato passa a se achar inserido num serviço, não sendo mais um apêndice.

## 11 MUSEALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO TCU

Figura 2 - Fotografia da exposição TCU: uma História para Contar



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

A imagem acima é utilizada para apresentar o Museu do Tribunal de Contas da União nas diversas reuniões em que a equipe do Serviço de Gestão Cultural toma parte. Trata-se de um dos ângulos da exposição *TCU: Uma História para Contar*, aberta em 2004, na revitalização do Museu. Esta exposição é considerada de longa duração, sendo desmontada e remontada todas as vezes em que o museu se propõe a organizar e executar exposições temporárias.

Para este capítulo tínhamos a proposta de nos debruçar sobre o acervo do Museu TCU, na intenção de verificar quais os objetos selecionados para representar sua memória. Durante a pesquisa, percebemos a existência de

objetos no TCU consideradas por todos como *acervo*, mas que não o são.<sup>77</sup> O Plenário, mobiliário apresentado na imagem acima, considerado sua principal peça, não é acervo de fato; não passou por tratamento museológico, mas é considerado *acervo*, para equipe do museu, servidores da casa e público. Portanto neste capítulo apresentaremos objetos representativos da memória do TCU os quais, todavia, não compõem um acervo do Museu devido à inconsistência de práticas museológicas ali desenvolvidas.

Por estarmos estudando a “vontade de memória” no TCU -- que gerou o museu e assim possibilita uma prática de preservação de sua memória -- nos valemos da citação de Ferrez (1994, p. 64) sobre museus: “...estão voltados, basicamente, para a *preservação, a pesquisa e a comunicação* das evidências materiais do homem e do seu meio ambiente, isto é, do seu patrimônio cultural e natural.” A função de preservar, no âmbito do museu, em sentido amplo, engloba as atividades de coletar/adquirir, documentar, armazenar, conservar e restaurar as evidências materiais do homem e do seu meio ambiente. A função de comunicar abrange as exposições, as atividades educativas, as publicações e outras formas de difundir a informação; já a função de pesquisar está presente em todas as atividades.

Por meio dos processos museológicos analisamos a preservação da memória do TCU. Os processos museológicos são a apropriação de determinados objetos pela instituição museal, transformando-os em elementos representativos de contextos sociais, políticos, econômicos, culturais, históricos etc... Esse deslocamento, de natureza física e simbólica, dos objetos de seu contexto primário para um contexto secundário -- o artificial do museu -- faz com que o objeto assuma função documental e se torne representante da realidade da qual foi retirado.

---

<sup>77</sup> Estamos nos valendo da concepção de acervo mais conservadora. Alguns ecomuseus e museus comunitários tem por características a usabilidade dos seus acervos e uma não preocupação com sua provável destruição.



“Nessa passagem, o objeto perde seu espaço de funções originais: ele é re-contextualizado e re-significado, desprende-se de uma realidade imediata para remeter e evocar realidades ausentes.” (Loureiro e Loureiro 2013, p. 6)

A ação de converter objetos do cotidiano em documentos é proposital e favorece para a formação de uma “categoria temporária e circunstancial de documentos” (Dodebei, 2012, p.174-175). Esse processo seletivo é empreendido pela memória a qual propõe o que convém preservar, descartar ou esquecer. O TCU, por meio da equipe do Gabinete do Ministro Valmir Campelo, se achava ciente desse rumo que a memória poderia seguir dentro do ambiente museal quando revolveu revitalizá-lo. Isso por entender que tal ambiente poderia registrar uma história que se tornaria a oficial da instituição.

O Museu do Tribunal de Contas da União implanta uma linha de museu de natureza histórico-oficial com o objetivo de recuperar e divulgar o percurso da instituição e se tornar para a sociedade um meio de informação. (Roteiro de atividades para implantação do Museu do TCU)

Portanto as práticas apresentadas nas próximas linhas constituem tentativa de preservar e narrar a história oficial do TCU.

O pensamento de gestão integrada do acervo deve constituir-se como função museológica central, pois assim fundamenta todo trabalho desenvolvido pelo museu. Andrew Roberts (1988, p. 53), um dos primeiros investigadores a sistematizar essas questões, considera que o conceito de gestão de coleções abrange as políticas e procedimentos relacionados à aquisição, inventário, catalogação, controle, utilização, empréstimo e alienação das coleções. Isso inclui ainda, na sua definição, os aspectos relacionados à gestão de exposições e transporte das coleções.

### 11.1 AQUISIÇÃO DE ACERVO MUSEOLÓGICO DO TCU

Iniciamos nossa investigação com o processo de aquisição de objetos para a formação da coleção existente no Museu do TCU.

Visualizamos a formação do acervo do Museu do TCU em três momentos distintos. Primeiro período, em sua criação, segundo na revitalização e terceiro e último nas práticas atuais.

Em 1970 o Ministro Iberê Gilson iniciou a formação da coleção do Museu do TCU, como já apresentado no capítulo Informação e Memória. Até 2004 não sabemos ao certo onde estava essa coleção do Museu do TCU anterior a essa data, mas já percebemos que de alguma forma o museu estava na instituição, fosse no sentido físico ou potencial.

Segundo relatos dos servidores Evelise Quadrado e Ivo Montenegro, e também do próprio Ministro Valmir Campelo, até 2004 não mais existia a coleção anterior<sup>78</sup>. Então, nesse momento, nova coleção é formada para compor a exposição de longa duração. Foram selecionadas objetos, que naquele momento, acreditavam serem representativas da memória do TCU. A lacuna dos fatos relacionados ao museu criado em 1970 e o relato de não existir coisa alguma do museu na época de sua revitalização nos faz pensar que a “memória se constrói filtrando e selecionando, ela pode também ser induzida, provocada [...] a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente” (MENESES, 2000, p. 93). A memória, ainda segundo Meneses, é imutável e pode ser um mecanismo de esquecimento programado.

Devemos compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos, no caso em questão isso se daria por potencializar da atuação dos Ministros. Se a linguagem pode formar o silêncio, este por sua vez não é o nada. O silêncio pode significar algo que para ORLANDI (2007, p. 23, 24) é a possibilidade de trabalhar a contradição que encontramos nos relatos dos servidores com relação a criação e permanência do museu. O discurso de que do museu criado em 1970 não existia mais nada em 2004, diferente de

---

<sup>78</sup> Essa informação, como já destacamos, não confere com o relato dos demais entrevistados ou mesmo a documentação dos anos de 1970 e 1971.

outros relatos bem como da documentação e do acervo existente, faz nascer na memória a ideia de que não houve revitalização e sim uma criação.

A partir das entrevistas com os servidores, observamos que eles, ao endossarem que as ações de criação e revitalização do museu cabem aos Ministros, (mesmos que esses atos, na realidade, sejam um conjunto de atividades de pessoas que trabalham no órgão), acabam revelando o peso da instituição na sua memória coletiva. Não se trata contudo apenas de uma memória coletiva, mas de uma consciência coletiva dessa ótica entre os servidores a qual, por meio do museu, é extensível à sociedade. Segundo ORLANDI (2007, p. 21), há sentido no silêncio. E, lembrando as ideias de Nora, não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, tampouco a sua elaboração e produção, mas, ao contrário, convém discernir os criadores e dominadores das memórias coletivas.

Percebemos o terceiro e último momento após a revitalização, nele foi iniciado um trabalho efetivo, sistemático e contínuo de aquisição. As formas de aquisição do Museu do TCU são basicamente coleta, transferência e doação<sup>79</sup>. Para entendermos a inserção de objetos no museu por via de coleta devemos destacar que todo material permanente<sup>80</sup> adquirido pelo Tribunal é seu patrimônio. Para o Direito, patrimônio é um conjunto de bens pertencentes a pessoas físicas ou jurídicas. No caso do TCU, esses bens recebem um número de registro, chamado de número de patrimônio que, além de fazer parte de um sistema computadorizado, também é materializado por meio de placa metálica fixada no item<sup>81</sup>. Todos os materiais adquiridos são distribuídos para as unidades, e cada responsável de serviço ou de setor torna-se responsável pela

---

<sup>79</sup> Segundo Santos (2000, p. 52, 53) são formas de aquisição: coleta, doação, permuta, compra, empréstimo, transferência, depósito e legado.

<sup>80</sup> Os bens adquiridos com o dinheiro público recebem a classificação de material de consumo ou permanente. Material de consumo são bens com pouco tempo de durabilidade e material permanente, duram mais tempo.

<sup>81</sup> Presente também esse tipo de registro no Museu de Armas do Arsenal de Guerra do Rio, do Exército, Rio de Janeiro; Museu da Câmara dos Deputados, em Brasília; Museu Casa dos Contos, Ouro Preto, Minas Gerais.

guarda e conservação do bem. Esse responsável torna-se “detentor da carga”. Citemos como exemplo o próprio Serviço de Gestão Cultural - SEGCult, o Chefe desse serviço é detentor de toda a carga do serviço em questão, compreendendo todo material administrativo, obras de arte e coleção histórica do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu. Uma vez ao ano o Setor do Patrimônio lista as objetos e verifica se estão ou não no tribunal.

Por meio da coleta, a própria equipe do museu fica ciente de algum item do Tribunal que será descartado, sendo o SEGCult questionado pelo Setor de Patrimônio, ou então a equipe do Museu realiza uma inspeção no depósito do Patrimônio. Em seguida segue documentação de transferência de carga do Setor de Patrimônio para o SEGCult. Todo esse processo acontece em parceria permanente com o Setor de Patrimônio, responsável pela aquisição, fiscalização e descarte de todo bem patrimonial do TCU. Destaco que tais itens incorporados ao museu são mobiliário e material de escritório e informática, muitas vezes configurando uma coleção de objetos mais contemporânea. Alguns desses objetos inclusive ainda se encontram em uso pelo Tribunal.

O processo de musealização que ocorre no Museu do TCU por via de coleta acontece pela perda da função primeira dos objetos. Estas são descartadas pelos setores do TCU e movimentadas para o Setor de Patrimônio para encaminhamento de um destino final. Tais objetos coletadas pelo museu continuam a constar no patrimônio, pois não foram totalmente descartadas; só perderam sua função do uso para o qual foram originalmente confeccionadas. Portanto elas não são externamente coletadas, pois em primeira instância representam a memória do TCU, mas não fazem mais parte da vontade de uso desse tribunal. O objetivo de coletar tais itens pelo seu museu busca em algum momento representar a história da instituição ou compor cenário para as exposições. Pomian (1984, p. 71) diria que esses objetos “não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas representam o invisível”, assim esses

objetos recebem outro “*significado*”, são os chamados semióforos<sup>82</sup>. Os semióforos são mantidos fora do circuito das atividades econômicas porque é apenas desse modo que podem desvelar plenamente o seu significado, passando então a fazer parte de outro circuito, o cultural. Ao objeto é atribuído um valor quando este é protegido e conservado. No caso do TCU, o objeto deveria carregar em si um significado representativo da memória da instituição para que a equipe do museu atribua ao mesmo um valor específico que justifique sua preservação. Na realidade a prática que vem sendo desenvolvida após a revitalização é a de que seja guardado um exemplar de tudo que será descartado.

Outra forma de aquisição são as doações, oriundas de funcionários ainda na ativa ou doação das famílias dos ex-Ministros durante o evento Centenário de Ministros.

O Centenário de Ministros foi idealizado e organizado na gestão do Ministro Luciano Brandão como Presidente da instituição (1981-1982) e consta no Regimento Interno do TCU, no artigo referente às homenagens aos ministros<sup>83</sup>. O evento é baseado na celebração do centenário de nascimento dos Ministros, cerimônia realizada nas sessões comemorativas, na primeira parte da sessão Plenária, nas quartas-feiras seguintes à data natalícia do homenageado.

Por ocasião do Centenário de Ministro a família do mesmo, por ato de vontade própria, doa para o museu objetos e documentos que pertenceram ao

---

<sup>82</sup> Semióforo é um signo atribuído a alguma coisa, um fato ou pessoa cujo valor não pode ser calculado por sua natureza material e sim por sua simbologia. (CHAUÍ, 2001, p. 103)

<sup>83</sup> “Art. 298-B. O Tribunal presta homenagem aos ministros:

...

...

III – para celebrar o centenário de nascimento.

§ 1º As sessões comemorativas de celebração de centenário de nascimento serão realizadas, sempre que possível, na primeira parte da sessão do Plenário que ocorrer na quarta-feira seguinte à data natalícia que se estiver celebrando.” Boletim do Tribunal de Contas da União Especial – v. 1. N. 1 (1982). Brasília: TCU, 1982. Regimento Interno. Brasília, 2012.

homenageado. O museu possui a credibilidade para guardar a memória dos Ministros? Segundo Abreu (1996, p. 186), a relação entre museu e doador seria de confiança recíproca, e, com a conservação dos objetos, procurar-se-ia assegurar a conservação daquilo que eles estariam simbolizando. O doador, nesse contexto, seria também um primeiro conservador, pois, percebendo certo valor simbólico no objeto, teria decidido conservá-lo, para, mais tarde, quem sabe, depositá-lo numa instituição capaz de conservar tal doação para a eternidade.

Assim as famílias deixam de ser guardiães de suas memórias, transferindo essa função para uma instituição oficial. Nesta pesquisa, por exemplo, o Museu do TCU tornou-se guardião das memórias do tribunal, como citaria Nora. E o museu, segundo Pomian (1984, p. 82 e 83), apresenta, como uma de suas características, a permanência, daí essas doações passam a ter também caráter de permanência, pois antes, no espaço particular, os objetos doados poderiam em algum momento ser dispersadas. Além da permanência, o museu também é uma instituição pública, uma instituição aberta, contrária às coleções particulares. Objetos anteriormente parte do acervo particular dos Ministros e então contempladas apenas pelo grupo familiar, passam agora a configurar a coleção do museu.

Segundo Abreu (1996, p. 68) “Uma vez morto o indivíduo, por determinação dos Deuses, inicia-se o processo de sua recriação pelos homens”, imaginamos que determinado ex-Ministro selecionou dentro da sua vida pública aquilo que comporia seu acervo particular. No momento do Centenário de Ministros, esse acervo familiar novamente será selecionado, agora por outro olhar, escolhendo o que será eternizado e exposto ao público por meio do museu. Essas doações representarão as informações doravante perpetuadas para representar o Ministro em questão, expressando a relação desta personalidade com o TCU, são portanto semióforos, pontes entre passado, personalidades, TCU e o público. Transformam-se em semióforos os objetos e os atos realizados pelos Ministros os quais serão utilizados pelo museu para comunicar o invisível, a atuação do TCU por meio dessas personalidades.

Conforme Pomian (1984, p. 54) “pode-se afirmar que os objetos que se tornam peças de coleção ou de museu têm seu valor de troca? Ou, por outras palavras, por que razão são considerados objetos preciosos?” Ao observar esse movimento de doação das famílias dos ex-Ministros, percebemos uma analogia com análise de Abreu (1996) quando este estudou os mecanismos de construção da memória por meio da coleção doada por Alice da Porciúncula, viúva de Miguel Calmon<sup>84</sup>. Abreu (1996, p. 28 *passim*) afirma que existia uma rede de relações sociais e o processo de doação de objetos para um museu constitui expressão desse fenômeno e, por meio da análise desses objetos, é possível perceber a permuta de prestígio e honra. E com relação à formação da coleção do Museu do TCU, as doações enriquecem o museu e, segundo Abreu, podemos perceber que as histórias comuns ou extraordinárias dos Ministros se misturam com as histórias da instituição, como cita o Ministro Luciano Brandão ao dizer que:

Não seria exagero afirmar ser possível estabelecer o perfil de uma instituição pelo estudo imparcial das biografias daqueles que dela fizeram ou fazem parte. Com efeito, de uma análise que assim fosse realizada ao longo do tempo se poderia fixar, por exemplo, as transformações sofridas pelas instituições, umas ajustando-se mais, outras menos, às imposições que refletem não só povos cujos superiores interesses devem atender, mas também, as personalidades de seus membros. (Brandão, Luciano. Redação do Prefácio do Livro *Ministros do TCU*. Brasília, DF: Tribunal de Contas da União, 1982, p. 17, 18).

Segundo Abreu (1996, p. 186), existe uma grande preocupação com a origem dos objetos (não seria caso de autenticidade, mas de vir de alguém importante, no caso do TCU, os Ministros, seus personagens mais ilustres) e a relação dos objetos com o possuidor originário ou com o doador que o conservou por seu valor simbólico. Essa relação estreita, possuidor-original-doador-objeto reforçaria a representatividade do objeto, quase sempre associado a uma grande personalidade ou pessoa exemplar. Após ter ingressado no museu, o objeto

---

<sup>84</sup> O Museu Histórico Nacional, fundado em 1922, representou a introdução no Brasil de um modelo de museu histórico que perdurou por mais de 40 anos, baseado nas coleções, nos personagens históricos e na relação entre diretor, os membros da instituição e os grandes doadores, e a coleção doada pela viúva é a maior coleção doada ao museu.

permaneceria desse modo associado ao possuidor original e/ou ao doador, como representação particular da pessoa além da morte, trata-se assim de uma relíquia, pois representa a possibilidade de imortalidade negada aos homens.

A preocupação com a permanência póstuma originada nas ideias iluministas acompanha o homem moderno. Na medida em que o homem ganha lugar de destaque nas preocupações das novas ciências, uma nova inquietação torna-se cada vez mais presente: a de que os indivíduos possam desaparecer. Para o culto do eu, a memória é vital. É preciso salvar do esquecimento, personalidades e fatos. Busca-se eternizar a memória guardando e arquivando testemunhos evocativos de suas obras e seus feitos, acreditando-se superar em parte o esquecimento.

Os objetos para compor as coleções do Museu do TCU chegam dessa forma e nesse contexto. Afirmar que tudo é passível de ser transformado em documento implica em afirmar que tudo é, em princípio, passível de musealização. Como ressalta Abraham Moles (1981, 77), o museu deve operar um recorte para afirmar sua existência. Tudo é nada, ou dito, de outra forma: se tudo é museu, o que é museu? É necessário criar limites entre museu e mundo. Assim existe a necessidade de um plano de aquisição, ou seja, de um recorte para direcionar as ações empreendidas pelo museu. Por isso recomenda-se que o museu tenha sua missão definida bem como um programa específico de pesquisa, contendo um plano de preservação e valorização da memória (Santos, 2000, p. 51). Definida a missão do museu, deve-se traçar um plano de aquisição para guiar a seleção do que fará parte ou não do acervo num suporte para os desenvolvimentos de seus trabalhos. Para o Museu do TCU, como foi citado no capítulo anterior, o documento norteador do trabalho do setor é a Portaria – TCU 210/2004 a qual representou sua revitalização empreendida pelo TCU. Este documento define a missão do museu e posteriormente não foram redigidos outros documentos oficiais que tratem sobre o assunto. Logo não existe um documento que regularize a aquisição e o descarte do acervo, o qual ofereceria subsídios à tomada de decisão do que entraria ou não na coleção. Este documento seria uma normatização desenvolvida pela própria instituição para oferecer diretrizes de aquisição de objetos para compor o acervo museológico.



Faz-se premente uma reflexão pela equipe do museu sobre aquisição e descarte porque outras questões a partir desta ponderação começaram a ser reveladas e analisadas.

Diagnosticamos algumas situações que revelam nessa lacuna. Inicialmente assinalamos a ausência da formação de uma comissão para traçar o perfil e as ações do museu. Pensar em tais demandas estabeleceria critérios, diretrizes e procedimentos com o objetivo de orientar a análise e a coleta do acervo a ser adquirido, oferecendo suporte ao processo decisório quanto ao aceite de objetos para o museu. Isso auxiliaria a manter o equilíbrio e a integridade na formação do acervo, viabilizando o descarte de objetos não pertinentes.

No Museu do TCU podemos citar as certidões de casamento e óbito do Marechal Hermes da Fonseca e uma balança, como exemplos de aceitação e permanência de objetos no museu sem a devida reflexão da inserção desses itens para a coleção. Segundo relato do Sub Procurador Sebastião Batista, as certidões citadas seriam incineradas e por se tratar de personalidade histórica, ele retirou e enviou para o Museu. A balança, segundo relatos informais de servidores, na época de revitalização do Museu, o Ministro Valmir Campelo em visita ao Ministério da Fazenda viu a peça e pediu transferência para o TCU. Sabemos que tais aquisições ocorreram em contextos diferentes, mas ainda hoje elas podem servir de reflexão sobre como fazer uma adequada triagem de aquisições para o acervo do museu.

**Figura 3 - Fotografia da Balança, coleção do Museu do TCU**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

O Museu do TCU ainda está agindo como um “museu antigo”, segundo pensamento de Santos (2000, p. 51), pois recebe objetos sem uma avaliação prévia sobre sua importância para compor a coleção já existente, aceitando “passivamente as peças que lhe são oferecidas”.

Além dessas questões, existem outras. Pelo cunho legal o museu deve certificar-se de que o item oferecido não tenha sido ilegalmente obtido pelos doadores. Dessa forma a instituição não deve aceitar doação de pessoas particulares sem documentação. Para qualquer tipo de aquisição, o responsável pelo encaminhamento deve montar um dossiê com o maior número possível de informações sobre os documentos ou objetos. Há também aspectos físicos a serem levados em consideração. No caso de recebimento de qualquer peça o Museu deve avaliar, além de sua importância histórica, os custos com

transferência, conservação, armazenamento e manutenção. O Museu do TCU não o tamanho, volume ou quantidade de objetos já existentes na coleção. Por não avaliar a capacidade de armazenamento, não evita o comprometimento da integridade da coleção já existente, prejudicando assim a preservação e segurança do seu acervo.

## 11.2 DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO MUSEU DO TCU

“Todo testemunho adquirido”, conforme cita Santos (2000, p. 54), “no momento da aquisição do acervo deve ser imediatamente registrado, por meio de técnicas adequadas, para evitar a perda de informações e o acúmulo de peças sem registro.”

Segundo Ferrez (1994, p. 64) os objetos museológicos são meios para transmitir informação, que pela conservação e documentação podem transformar esses itens “em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação que, por sua vez, geram e disseminam novas informações.” A autora define documentação museológica como um “conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a preservação e a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia).”

A documentação museológica do Museu do TCU, na sua maior parte, é pouco consistente. Há pouquíssima documentação sobre o processo de aquisição o qual é composto por documentos que contêm qualquer tipo de informação que permita elucidar a forma pela qual determinada peça passou para a guarda do museu<sup>85</sup>. Registros e documentações inadequados significam que as coleções possuem pouca utilidade, tornando-se insuficiente sua interpretação, quer através de exposições quer por meio de outros programas

---

<sup>85</sup> Segundo Santos (2000, p. 52) são documentos de aquisição: carta ou ofício de doação, termo de doação, termo de comodato, faturas, contas de cunho oficial ou particular, permuta, guia de remessa, carta ou ofício de agradecimento.

de comunicação. Também podemos apontar que tal situação envolve questões legais e éticas.

Segundo o manual sobre gestão de museus (ICOM - 2004), a importância da informação relacionada com o acervo requer a sua documentação em conformidade com os padrões profissionais. Todo objeto quando entra no museu deve ser imediatamente identificado e registrado sob a responsabilidade de um funcionário qualificado para tal função. Essas primeiras informações, descritas no livro de registro<sup>86</sup>, identificam o objeto e servirão de base para sua documentação técnica posterior e respectivo processamento técnico. Posteriormente outras documentações são redigidas, como as de identificação e descrição completa de cada item, contexto, proveniência, estado de conservação, tratamento e localização atual. Esses registros devem ser mantidos em ambiente seguro e registrados por sistemas de recuperação que permitam o acesso à informação pelos funcionários do museu ou pesquisadores.

No documento de revitalização do Museu do TCU foi destacada a necessidade do profissional da Museologia para gerir os trabalhos relativos a esta especificidade. Apesar da contratação de tais profissionais, somente em 2009 se inicia a formulação de documentação museológica nessa instituição. Como foi descrito anteriormente, os objetos que formam a coleção são basicamente adquiridas por doações ou transferências de carga. As únicas documentações de aquisição do museu remontam aos anos de 1970 e 1971.

Encontramos todavia um documento oriundo da Presidência, um memorando datado de 1981, doando um documento para o museu. O documento de doação, do Secretário da Presidência para o Chefe do Serviço de Documentação, é o original do Ato de Aposentadoria do 2.º Presidente do Tribunal de Contas, Dr. Dídimio Agapito da Veiga.

---

<sup>86</sup> O livro de registro é um instrumento que protege o patrimônio do museu e oferece ao administrador um quadro exato das aquisições, depósitos e alienações.” (SANTOS, 2000, p. 54)

Outra peça interessante, que pode nos oferecer vestígios das memórias que se pretendeu preservar no início da criação do Museu do TCU, é o Processo nº. 15103/58. Provavelmente inserido no museu em 1971, um conjunto de documentos que relata a tomada de contas do Senhor Ananias Emiliano de Andrade Guerra, - tesoureiro da Caixa Econômica de Alagoas de 01 de setembro de 1893 a 31 de março de 1894. O desfalque foi denunciado pela Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional em Alagoas ao TCU, em 1900. O ex-tesoureiro foi processado por crime de peculato. Faleceu em 05 de dezembro de 1902. Em 1904 os herdeiros foram intimados a devolver para aos cofres públicos a quantia desviada pelo pai. Até 16 de junho de 1948 o processo ficou parado em fase de cobrança. Foi então realizado o pedido de cobrança executiva em 29 de janeiro de 1958. Foi pedido esclarecimento a respeito da cobrança em 08 de junho de 1962. Em 27 de abril de 1971, em decisão Plenária, foi decidido o arquivamento do processo por inviabilidade da cobrança. O último documento é um resumo de todos os trâmites do processo redigido por seu relator, o qual, preocupado em guardar fragmentos da memória do TCU, encaminhou toda a documentação do processo para o Museu. Sua preocupação se voltou para as assinaturas das autoridades presentes no processo, e também para o exemplo de trabalho vagaroso que estava sendo desenvolvido nos trâmites desse.

Manifesto a minha concordância com a medida proposta e voto no sentido de ser mandado arquivar o presente processo, não no Arquivo Geral, mas no Museu do Tribunal, por conter assinaturas de personalidades ilustres, como os ex-Ministros Joaquim Murinho e Viveiros de castro, e por ser exemplo típico do emperramento da máquina administrativa.

T.C.V., Sala das Sessões, em 17 de junho de 1971.

Victor Amaral Freire

Ministro-Relator

MTCU.2014.0123a

Pensando nos objetos que são transferidas, tal ato é a tramitação do processo de aceitação de carga, de qualquer setor ou setor de patrimônio para o Museu. Segundo Santos (2000, p. 52) a guia de remessa pode ser considerada como documento de aquisição. Sobre essa afirmação, deduzimos que a Guia de

Movimentação, o aceite de carga patrimonial, pode ser incluída nessa espécie de documento, uma vez que essa documentação revela as entradas de objetos para o museu por meio de transferência. Infelizmente, até a data da pesquisa, esses documentos não estavam organizados. A relação de itens considerados de valor histórico encontra-se misturada com todo o material carga do Serviço de Gestão Cultural.

Os itens selecionados e guardados para compor o acervo do museu do TCU começaram a receber tratamento documental no ano de 2009. Portanto retroage até essa data o marco legal onde podemos falar de acervo no museu do TCU. Inicialmente foi elaborado para essa finalidade um conjunto de Fichas Catalográficas (ANEXO 13) específicas para o acervo do Museu do TCU que, preenchidas e impressas, formavam uma pasta para cada item.

O instrumento de classificação e indexação usado pelo Museu do TCU é o Thesaurus para Acervos Museológicos<sup>87</sup> o qual propõe uma classificação e denominação de artefatos para coleções museológicas com o objetivo de tornar a recuperação da informação mais eficiente, baseada em palavra-chave extraída de um vocabulário controlado, possuindo também estrutura numérica.

Essas informações nos fizeram refletir sobre o processo de musealização no Museu do TCU. Segundo Chagas (1996, p. 58) “só se pode falar em musealização a partir do momento em que se estabelece uma intenção de que tal objeto passe a representar outra coisa”. Essa intenção seria a da cristalização do olhar museológico e esta representaria um recorte num mundo onde tudo é musealizável. Os objetos do museu criado em 1970 e as demais a ele chegados

---

<sup>87</sup> Thesaurus é um conjunto de conceitos ordenados de modo claro e livre de ambiguidade, a partir do estabelecimento de relações entre os mesmos e que pode ser definido segundo sua função e estrutura (FERREZ E BIANCHINI, 1987, p. XVI).

a partir de 2004 são chamadas de *acervo*, mas de fato só começaram receber o devido tratamento a partir de 2009.

Até a data recorte desta pesquisa foram cadastradas 79 objetos, entre objetos pessoais e documentos. O critério para a seleção do cadastro foi o da preferência pelos objetos de menor dimensão devido à preocupação com a segurança, pois se tratam de itens de extravio potencialmente mais provável.

O volume de produção de conhecimento e de demanda de informação geradas a partir do acervo museológico exige infraestrutura informacional capaz de responder e apoiar as atividades de pesquisa de um museu. Pensando nisso, a Secretaria de Tecnologia da Informação do TCU – STI/Seade, juntamente com o Museu, criou um sistema informatizado denominado Museion (ANEXO 15). Tal sistema pretendeu facilitar o monitoramento dos objetos históricos pertencentes ao Tribunal. Assim, o Museu do TCU se preocupou em atender a demanda do cadastro de acervo, mas não houve ainda uma reflexão sobre o processo de musealização, tampouco sobre quais os objetos devem ser transformadas em acervo.

O Museu do TCU necessita cadastrar seus objetos e atualizar sua documentação a fim de propiciar um trabalho de pesquisa eficaz, potencializando as informações existentes no seu acervo. A falta de atenção a essas áreas reduz o Museu apenas a um local de depósito.

...o museu deve direcionar suas ações no sentido de estimular a pesquisa visando ampliar sua documentação e, por meio das coleções existentes, consideradas documentos, gerar novas pesquisas. E o museu, obedecendo aos critérios para aquisição de acervo na perspectiva de peça documento, propiciará a realização de pesquisas de forma efetiva e sistemática (SANTOS, 2000, p. 89).

### 11.3 TIPOLOGIA DO ACERVO

Como a classificação e indexação do Museu do TCU são baseadas nos Tesouros Museológicos, usaremos essa mesma metodologia para facilitar nossa análise sobre a tipologia dos objetos nele existentes.

O Serviço de Gestão Cultural possui, por volta de 780 objetos na carga do Chefe de Serviço, entre objetos de uso da administração do setor e objetos considerados de valor histórico do Museu e valor artístico do ECMV (ANEXO 14). Desse total, como já informamos na apresentação deste trabalho, 354 encontram-se sob a guarda do Museu e são chamadas automaticamente de acervo. Fazendo uma análise desses itens, dos 354 objetos, 40% são mobiliário, 32% objetos de comunicação<sup>88</sup> e 28% entre objetos pessoais<sup>89</sup> e cerimoniais<sup>90</sup>.

A maior quantidade de acervo é constituída por mobiliário. Segundo Suano (1992, p. 15) o mobiliário são objetos importantes no suporte da vida doméstica e social e pode retratar os estilos das épocas em que foi confeccionado, assumindo assim a característica de “ilustrar” o passado bem como de compor ambientes em diferentes épocas, “como peças de cenário”.

Nossa autora ainda reitera que a maioria dos museus exhibe o mobiliário que compõe seu acervo juntamente com suas informações tipológicas e tecnológicas, de filiação a estilos e tendências artísticas e funcionais, datação e indicação dos proprietários originais. Tais informações podem revelar contatos interculturais, indicar trocas comerciais e apontar para o complexo quadro de usos e funções ou do contexto de produção e o desenvolvimento da capacitação dos artesãos, entre outras informações. Além dessas informações, Suano destaca que o móvel deve ser considerado em termos do espaço que ocupava na casa, sua localização, aliada à matéria-prima, estilo e acabamento, são elementos integrantes cujo exame nos conduz ao homem e à sociedade que o produziu e utilizou. Infelizmente, porém, muitas vezes faltam informações básicas para acompanhar tais questões. Por outro lado, a função utilitária do

---

<sup>88</sup> Segundo os Thesaurus, para acervos museológicos objetos de comunicação são “objetos usados para transmitir informação aos seres humanos.” (FERREZ & BIANCHINI, 1987, p. 205).

<sup>89</sup> Segundo os Thesaurus para acervos museológicos objetos pessoais são “criados para servir às necessidades pessoais dos indivíduos, tais como proteção e higiene do corpo, adorno, crença, etc.” (FERREZ & BIANCHINI, 1987, p. 364).

<sup>90</sup> Segundo os Thesaurus para acervos museológicos objetos cerimoniais são “objetos usados em cerimônias e/ou rituais conduzidos de forma sistemática e geralmente prescrita, sejam eles civis, religiosos ou militares.” (FERREZ & BIANCHINI, 1987, p. 364).



objeto no espaço doméstico é inseparável da compreensão que as pessoas têm desses mesmos espaços da sociedade em que vivem. Há também a questão da fruição: os móveis não existem apenas para conter e suportar, mas ainda, para serem vistos.

No caso do Museu do TCU, não se trata de um ambiente doméstico e sim institucional. Por que então grande parte dos objetos transferidos para o museu são mobiliário? Sabendo que “Os processos e procedimentos de musealização são múltiplos e não são ingênuos, nem tampouco absolutos” (CHAGAS E SANTOS, 2002, 217), nos deparamos com uma quantidade de mobiliário e ficamos pensando como a entrada desse tipo de objetos se tornou comum para aquisição do museu do TCU.

Num primeiro momento poderíamos pensar como Pomian (1984, p. 76), e como ele achar que tais elementos seriam desperdícios que o Museu do TCU transformou em semióforos<sup>91</sup>. Sendo o arquivo o ambiente de guarda e preservação da memória, ou seja, onde são direcionados os processos analisados pelo TCU, ao museu cabe preservar os objetos tridimensionais que passam pelo órgão, que compõe o ambiente onde são realizados os trabalhos do dia a dia da instituição. Por ser um ambiente de trabalho, esse ambiente é composto por mobiliário e material de escritório. Observamos que a quantidade do volume de mobiliário vem seguida pelo volume de objetos de comunicação.

A presença de mobiliário como maior volume de objetos do Museu do TCU não é fato isolado e, por analogia, trazemos como exemplo o Museu da Câmara. Consideramos esse movimento de transferência de móveis para o museu como parte dessa tipologia de museus, justamente onde o Museu do TCU se enquadra.

Compreende-se então a diversidade dos objetos que as formam, dos locais onde se encontram e dos comportamentos dos seus visitantes, diversidade que corresponde aos vários modos de opor o invisível ao

---

<sup>91</sup> Pomian (1984, p. 76) discorre sobre desperdícios se transformarem em semióforos, não trata especificamente de mobiliário.

visível, e que não exclui todavia uma homologia das funções mas, pelo contrário, é ela própria um sintoma disso. Todas as coleções estudadas cumprem uma mesma função, a de permitir aos objetos [sic] que as compõem desempenhar o papel de intermediários entre os espectadores, quaisquer que eles sejam, e os habitantes de um mundo ao qual aqueles são exteriores (se os espectadores são invisíveis, trata-se do mundo visível e vice-versa) (Pomian 1984, 63).

#### 11.4 EXPOSIÇÕES NO TCU

Segundo Pomian (1984, p. 68) é a linguagem que dá existência ao invisível. Essa linguagem permite que os indivíduos se comuniquem com que é invisível, tornando-o visível, permitindo que o invisível fale “dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo, e do escondido como se fosse manifesto...”.

A oposição entre o invisível e o visível é antes de mais nada o que existe entre aquilo de que se fala e aquilo que se apercebe, entre o universo do discurso e o mundo da visão. (Pomian, 1984, p. 68).

Assim observa-se que os objetos podem assegurar a comunicação entre os dois mundos se forem expostos ao olhar, transformando-se então em intermediários entre aqueles que os olham e o mundo que representam.

Refletindo sobre as ideias de Pomian, e trazendo tal reflexão para a preservação e difusão da memória institucional do TCU, percebemos que este ao criar um museu faz a opção de utilizar linguagens próprias deste ambiente, a linguagem expositiva, para engendrar o invisível, uma das formas de representar sua memória.

Scheiner (2003) salienta que “através das exposições, os museus elaboram uma narrativa cultural que os define e significa, enquanto agências de representação sócio-cultural”. As exposições são uma das formas de comunicação dos museus. A comunicação entre a exposição e o visitante revela uma pedagogia particular. Esse processo de comunicação não está na mensagem e sim na interação da narrativa do museu com o seu público.

As exposições constituem um dos instrumentos que permitem o acesso público aos acervos de museus. Por meio do acervo selecionado para compor

uma exposição é elaborada uma narrativa. Mais uma vez estamos tratando de escolha, de seleção do que será exposto ou escondido bem como do que será visto e não visto. Uma exposição, tecnicamente, é uma composição cujos elementos encontram-se organizados em um espaço harmonicamente elaborado para permitir que seja lida uma determinada mensagem. O processo de comunicação ocorre, geralmente, a partir dos objetos, pois estes permitem que o público perceba e interprete vários aspectos – científico, histórico, artístico, técnico e social – associados a eles.

Segundo Ulpiano Meneses (2000) o objeto não fala por si só; quem fala por meio dele é o curador. Ele aponta para a importância da exposição e da curadoria, indicando que a curadoria exerce, no museu, um papel de mediação. Destacamos que os objetos são polissêmicos, pois têm significados diferentes para cada pessoa, daí o local onde se encontravam, a época em que foram utilizados e a quem pertenceram são informações importantes. Não podem ser perdidas e trazem um aporte simbólico aos objetos, o que é muito importante. Não se trata de resgatar um passado, mais sim de mostrá-lo no presente através de um suporte material (MENESES, 2000). A curadoria, no sentido do processo de organização da montagem da exposição, se coloca entre o museu e público.

Nesse caso fizemos uma reflexão sobre mediação, como se a seleção do que sairá da reserva técnica para a exposição e o trabalho realizado no programa educativo fossem mediações entre os objetos do museu e o público; e vemos nisso um desafio. E esse desafio se dá na execução da exposição em que “os objetos mostrados sejam reconhecidos como representantes de um mundo dotado de sentido para o público, com um fundamento social” (GONÇALVES, 2004, p. 16).

As diferenças entre os públicos e as múltiplas formas de interação sociais de passível ocorrência durante a visita, podem possibilitar diferentes leituras de um mesmo objeto. Portanto, para que esse processo de compreensão sobre o objeto aconteça, é importante levar em consideração não só os diversos significados de um mesmo objeto, como as diferenças existentes entre os visitantes. A capacidade de uma exposição em fazer o visitante entender seu

conteúdo, portanto, não é automática. Destacamos a importância da curadoria e de uma equipe interdisciplinar para a realização desse objetivo, e para tanto se colocam como mediadores entre o acervo do museu e público.

Segundo Castro (2009, p. 129), a exposição funciona também como um sistema de informação, na medida em que a sua mensagem visa informar determinados temas para públicos de interesses diferentes, estimulando associação de ideias e assimilação de conteúdos. Portanto o valor de uma reflexão consistirá na qualidade da relação e interseção que o sujeito consiga promover entre seu próprio acervo de conhecimento e experiências (suas memórias individuais) e o acervo de conhecimentos e experiências contidos naquilo que o informa (memórias coletivas, sociais, culturais, artísticas, científicas e/ou históricas). Esse campo de interseção de memórias, no nosso entendimento, não é automático: há que se buscá-lo ativamente no diálogo, e os museus são um desses ambientes.

O TCU idealizou seu museu como espaço de diálogo com a sociedade, baseados nessa perspectiva nos voltamos para as exposições museológicas realizadas pelo seu Museu. Estas foram analisadas a partir dos seus detalhes, observando-se os recursos expositivos empregados a fim de se perceber o sentido da narrativa do museu. A intenção foi a de analisar a dimensão do sentido e não a dimensão da significação, visto que o sentido da narrativa do museu é construído pelo próprio museu e a sua significação por parte do público (Alves, 2014). Mas nossa análise ficou limitada pelo fato do museu não possuir documentação sobre o processo das etapas dos projetos de elaboração de suas exposições (projeto final das exposições, cronograma de execução e orçamento). O que existe de registro são textos de pesquisas incompletos, algumas imagens de objetos selecionados, imagens das montagens e das exposições concluídas. Esses registros não são de todas as exposições. Também não foram guardadas publicações de todas as exposições e programas educativos.

A exposição *TCU: uma História para Contar* é considerada sua amostra de longa duração<sup>92</sup> e foi aberta e reinaugurada quatro vezes. Como o espaço expositivo do museu é de 150 m<sup>2</sup> (ANEXO 17), quando o museu planeja e executa outras exposições de curta duração, a exposição de longa duração é desmontada para dar espaço à nova. Assim a exposição de longa duração esteve aberta quatro vezes e foi intercalada por quatro exposições de curta duração, a saber: *Lusófonos*, *Colecionando História*, *30 anos de Tecnologia da Informação* e *50 anos de Transferência Rio/Brasília*.

As exposições e o programa educativo, no Museu do TCU, são atividades interligadas. O programa educativo é realizado com a abertura das exposições, e funciona desde 2004, juntamente com a inauguração da primeira exposição. O programa educativo está sempre atrelado à temática das exposições abertas e se constitui em visitas guiadas através de folders com atividades propostas. Mas nem sempre foi assim, pois antes eram apenas visitas guiadas. As ações educativas são voltadas para o público estudantil do ensino fundamental e médio das redes públicas e particulares.

Sobre o programa educativo, podemos pensar que se tratam de caminhos com o objetivo de aproximar o público do museu por meio de ações. As práticas educacionais de museus de qualquer natureza podem ser entendidas como formas de mediação que proporcionam ao público a possibilidade de interpretar objetos e o discurso expositivo sob várias perspectivas. De modo recorrente, por meio da informação, surge mais como um universo de possibilidades do que como um gerador de conhecimento.

A equipe do Museu do TCU realiza o programa educativo no seguinte formato: são enviadas cartas convites para as escolas públicas anunciando a ação educativa da exposição então aberta à visitação. As escolas agendam as visitas; o museu recebe uma turma pela manhã e outra no período da tarde. O

---

<sup>92</sup> Exposição de longa duração são amostras do tema que o museu trabalha, com seu próprio acervo. Exposições temporárias são amostras com um tempo menor de duração e com temáticas bem específicas.

TCU disponibiliza ônibus e lanche. As turmas participam de uma visita guiada por mediador e recebem folders sobre a exposição.

Antes de observar as exposições, citemos Chagas (2006, p. 35):

em todo e qualquer museu está em cena a apresentação (mais ou menos espetacular) de *uma* visão possível sobre determinado fato, acontecimento, personagem, conjuntura ou processo histórico e não a história mesma.

Iniciamos nosso olhar para primeira exposição de longa duração, *TCU: uma história para contar*. Para tal, nos utilizamos do relatório para implantação do Museu do TCU, nele, além de reafirmar pontos encontrados na portaria de revitalização, descreve um pouco do trabalho da realização da primeira exposição. Nesse documento foi escrito o roteiro para execução do projeto de implantação o qual também define o Museu do TCU como um “museu de natureza histórica oficial”. O documento também enfatiza o objetivo de “recuperar e divulgar o percurso da instituição e de se tornar um meio de informação para a sociedade”.

Neste roteiro de implantação foi registrado (ANEXO 28), em poucas linhas, o trabalho de pesquisa. A pesquisa ateve-se aos marcos históricos e aos principais personagens do TCU; as fontes utilizadas foram livros, documentos institucionais, monografias e depoimentos de servidores e autoridades. A partir da pesquisa realizada foi redigido o texto da exposição posteriormente apresentado por meio de plotagem em todas as paredes da sala expositiva (ANEXO 19).

Também foi realizada uma campanha de divulgação da exposição inaugural do Museu. Nesse trabalho foi ressaltada a importância de um museu institucional para preservar a memória do TCU por meio de cartazes, folders, banner, filipetas e filmes proporcionais. Isso favoreceu a colaboração no resgate do valor histórico<sup>93</sup> do tribunal e também a doação de objetos para a exposição.

---

<sup>93</sup> Esses dados nos foram relatado pela servidora Evelise, mas não foram encontradas materiais relativos à referida campanha.

Não há registro sobre esses objetos, o que temos é a relação dos itens que são expostos na exposição TCU: uma História para Contar.

**Figura 4 - Fotografias da exposição TCU: uma História para Contar**



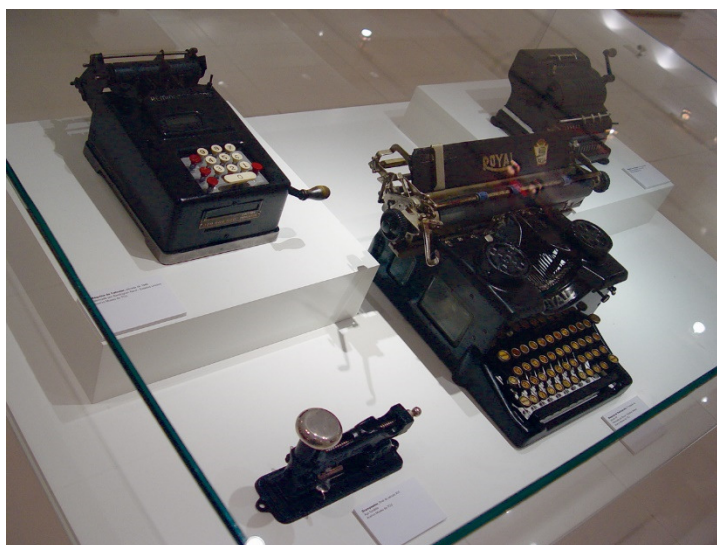
Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

**Figura 5 - Fotografias da exposição TCU: uma História para Contar**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

**Figura 6 - Coletânea de imagens do Museu do TCU**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

Lista de objetos que compõem a exposição:

- Quadros da artista plástica Adriana Palumbo: 21 quadros em madeira com fotos de TCU;
- tinteiros de modelos e materiais variados;
- Globo de sorteio, utilizado para sorteio de processo;
- Mobiliário: conjunto de objetos que compõem a tribuna de trabalho do Plenário do TCU, composto por tribuna principal, duas mesas laterais e 14 cadeiras;
- Chapeleira;
- Relógio de parede;
- Crucifixo;
- Máquina de escrever;
- Busto em bronze de Serzedello Correa;
- Bandeira;
- Grampeador de ferro;
- Máquina de calcular;
- Calculadora mecânica em ferro;
- Máquina de calcular elétrica;
- Primeiro livro de Atas do TCU;



- Réplica de pórtico;
- Escultura de Rui Barbosa;
- Poster de Rui Barbosa;
- Quadro de Rui Barbosa com moldura em madeira;
- Documentação de 1992 relativa às fases de elaboração e aprovação do anteprojeto de lei orgânica do TCU bem como documentação relativa à implantação do regimento interno do TCU em 1993;
- 02 cartas patentes assinadas pela Princesa Isabel;
- bandeira do Brasil;
- bandeira do TCU.

Executado o projeto de exposição, foi feito o trabalho de divulgação por meio de release e envio de carta convite para as escolas.

#### Release da Inauguração

O Tribunal de Contas da União inaugurará no próximo dia 10, em seu Museu, a exposição "TCU - uma história para contar". A mostra reúne mobiliário, fotografias, vestuário, vídeos e obras de arte que contam a trajetória da instituição do Império aos dias atuais. Com o *slogan* "Todos têm uma história para contar" o Centro de Documentação do TCU promoveu a participação de ministros, procuradores e servidores aposentados e em atividade para **resgatar** sua história e celebrar a importância do papel da instituição na trajetória de nosso país, bem como projetar sua atuação futura como agente de promoção de igualdade e controle social.

A exposição estará aberta à visitação a partir de 11 de novembro de 2004, de segunda a sexta-feira, de 11h às 18h.

#### Convite para as escolas

O Tribunal de Contas da União-TCU inaugura, em seu Museu, a exposição "TCU - uma história para contar". A mostra reúne mobiliário, fotografias, vestuário, vídeos e obras de arte que contam a trajetória da instituição, do Império aos dias atuais.

Nossa visão é de excelência, nosso caminho longo. Nossa história não tem fim. O que é presente hoje, amanhã será passado e, por consequência: história. Com o slogan "Todos têm uma história para contar", o Museu do TCU resgata a história da instituição e celebra a importância de seu papel na construção de nosso país, bem como sua atuação como agente de promoção de igualdade e controle social.

Caso sua escola tenha interesse em agendar visitas monitoradas, a mostra permanecerá em exposição até junho, de segunda a sexta-feira, das 11h às 18h. O TCU disponibiliza transporte com 28 lugares para o deslocamento dos alunos.

**Serviço:** Sede do Tribunal de Contas da União – Setor de Administração Federal Sul, quadra 04, lote 01, telefone: 316 5094.

Os visitantes, assim como os alunos que participavam do Programa Educativo, recebiam o mesmo folder.

#### Folders da exposição

O Museu do Tribunal de Contas da União convida para a exposição *TCU: Uma História para Contar*. A mostra narra o percurso de uma das mais importantes instituições republicanas brasileiras.

Ao longo da exposição, fica evidente o papel desempenhado na história nacional pelo TCU enquanto órgão responsável pela fiscalização e controle dos gastos públicos no país. Este processo deu intensa contribuição às políticas de construção de igualdade social no Brasil ao longo dos anos, as quais permitiram forjar uma cultura democrática em relação aos objetivos do poder público.

Compartilhar com a sociedade as linhas em que se deram tal processo é parte da política da Casa em esclarecer suas atribuições democráticas dentro do sistema republicano brasileiro.

O texto apresentado na exposição narrou a história do Tribunal de Contas da União, em ordem cronológica dos fatos, apresentados por meio de textos plotados nas paredes. Os objetos eram acompanhados por legendas contendo: época, autoria, técnica, estilo, material, dimensões de cada item, sendo finalizadas pela indicação “Acervo: Museu do TCU”

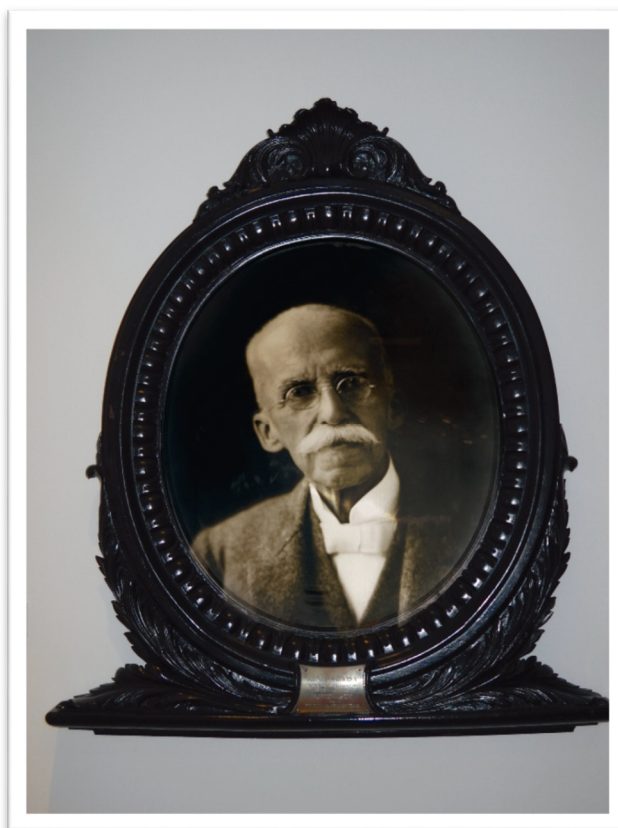
O mobiliário usado no Plenário até a década de 1980 é a peça central dessa mostra, destacando-se no salão. Esse mobiliário, na exposição, é uma tentativa de reproduzir o ambiente da sessão Plenária do TCU, que pode ser observado no conjunto de fotos do TCU. Junto ao mobiliário, compõe o ambiente na exposição, a fotografia do Rui Barbosa emoldurada à esquerda da tribuna principal, os tinteiros distribuídos em todo mobiliário, o crucifixo atrás da cadeira principal; ao centro situa-se o lugar do Ministro Presidente, nas laterais as bandeiras do TCU e do Brasil e, sobre as mesas, tinteiros.

A presença da imagem do Ministro Rui Barbosa foi solicitada em Ata n.º 155, de Sessão Ordinária em 22 de dezembro de 1948. Em plenária, foi proposta a colocação do retrato de Rui Barbosa na sala das sessões, por ocasião das solenidades de comemoração do seu centenário, em 1949. Encontramos carta endereçada ao Ministro Presidente Rubem Rosa acusando recebimento de um

ofício que acreditamos ter sido seguido por outros documentos os quais estão anunciados na própria carta, como os negativos da exposição de motivos para criação de um Tribunal de Contas, recebimento da chapa fotográfica do retrato de Rui Barbosa, do qual possivelmente foi feita a ampliação do retrato emoldurado para a Sala das Sessões. Segundo relatório da Ata de n.º 155 o Ministro Presidente ao abrir a sessão destacou que:

não poderia encerrar sua passagem pela Presidência sem se associar oficialmente ao Tribunal de Contas às homenagens com que em verdadeiro culto cívico, todo o povo do Brasil, sem distinção alguma, se antecipa à data gloriosa em que Rui Barbosa viu a luz do dia na patriótica Bahia, expandindo sua personalidade num fulgor intelectual ofuscante, por toda extensão do Brasil (Relatório do Presidente do Tribunal de Contas da União Ministro Alfredo Guimarães Oliveira Lima, exercício de 1947 e 1948).

**Figura 5 – Fotografia da Moldura e imagem do Ministro Rui Barbosa**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

A palavra Plenário significa pleno, inteiro, completo, portanto o Plenário do TCU representa a composição completa das autoridades, fato que ocorre para julgamento de assuntos específicos do tribunal. A representação do

Plenário na exposição, por meio de todos os elementos citados acima, seria a materialização da instituição TCU e, para ação do verbo julgar, as suas autoridades são investidas de um poder dado pela toga. Ao lado direito ficam expostas a roupa e a toga doadas pelo Ministro Adhemar Guisi, usada em sua posse como ministro.

**Figura 6 – Fotografia da Toga doada pelo Ministro Adhemar Guisi, imagem da Exposição TCU: uma história para Contar**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

#### Legenda da Toga:

Toga e terno, 1985

Tergal

Conjunto doado pelo Ministro Adhemar Ghisi

Aposentado em 2000

Acervo Museu do TCU

Toga talar utilizada por ministros do Tribunal em eventos solenes. Modelo exclusivo do Tribunal de Contas da União.

Esta toga pertenceu ao Ministro Adhemar Ghisi, a ele presenteada pelo governo do Estado de Santa Catarina, e foi utilizada em sua posse no ano de 1985. Além desta, o Ministro herdou outra vestimenta de seu antecessor, o Ministro Vidal da Fontoura. Em 1990, por ocasião da posse do Ministro Olavo Drummond, o Ministro Ghisi ofereceu-lhe emprestada uma de suas togas, que foi prontamente aceita. Após sua aposentadoria, o Ministro Drummond a devolveu, acompanhada do poema transcrito a seguir:

O terno exposto, também foi o utilizado pelo Ministro Ghisi quando de sua posse no Tribunal de Contas da União.

Na parede há uma tela de autoria do Ministro Guido Mondin, concluída em 1977 e ofertada ao TCU quando este era seu Vice-Presidente. No discurso do Ministro Guido Mondin durante a entrega da tela para compor o “acervo cultural” obtivemos o registro dos seus pensamentos ao propor a composição apresentada em tela. Para ele não bastava apenas o retrato do primeiro presidente do TCU na galeria de fotos do Salão Nobre da instituição; era necessário “vinculá-lo aos primeiros instantes desta Casa.” Assim pinta duas personalidades importantes para implantação do Tribunal de Contas da União Manoel Francisco Correa e Innocêncio Serzedello Corrêa. Ele declara que não pesquisou para compor a tela, mas usou sua imaginação “das cômodas poltronas do nosso plenário, por vezes meu pensamento evolva para aquele ambiente de mais de 84 anos atrás.” A tela representa um encontro entre o Ministro da Fazenda Inocêncio Serzedelo Correa e o Senador Manuel Francisco Correa, que seria nomeado mais tarde como o primeiro Presidente do recém criado Tribunal de Contas. A tela apresenta elementos na sua composição que encontramos também na exposição permanente do museu, tais como o tinteiro com a imagem da justiça, o mataborrão e o próprio mobiliário. Imaginamos que esses objetos faziam parte do dia a dia do TCU no período em que o Ministro Guido Mondin exerceu seu mandato, e desejou imortalizar esses elementos por meio de sua pincelada. E o Ministro Guido Mondin tem consciência de que ao entregar sua tela para compor “o acervo cultural deste Tribunal” sabe que será lembrado como artista mais do que por sua passagem pelos autos nos quais atuou. Sabe que o quadro ficará “dependurado numa parede, quem sabe lá por quanto tempo!...” (palavras proferidas pelo Ministro Guido Mondin, quando

ofereceu o quadro ao Tribunal em cerimônia solene). A obra ornamentava a antesala do Plenário.

**Figura 7 - Fotografia do quadro Convite à Presidência, de autoria do Ministro Guido Mondin**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

Em comemoração ao 85º aniversário do TCU, em 1978, ocorrido na gestão do Ministro Guido Mondin como presidente da instituição, foi emitido um selo comemorativo. O selo é uma reprodução da tela de autoria do Ministro Guido Mondin. A emissão do selo se deu na gestão do próprio autor da tela. No edital de emissão, no texto é uma explicação sobre a imagem e relata que o autor se inspirou nos objetos antigos do TCU “Para maior autenticidade da cena, o artista utilizou-se de alguns objetos, como o relógio, o tinteiro, as cadeiras, que realmente figuravam na saleta e agora integram o Museu”, mais uma vez temos a confirmação de que os componentes do museu criado em 1970 estavam já presentes no TCU.

**Figura 8 - Imagem da documentação de lançamento do selo comemorativo do 85º aniversário do TCU**



Fonte: Arquivo do Museu do TCU

Dez anos depois, em 1988, o Ministro Luciano Brandão, mandou fazer um cartão de boas festas com a imagem da tela.

**Figura 9 - Cartão confeccionado pelo Ministro Luciano Brandão com imagem do quadro “Convite à Presidência”**



Fonte: Arquivo do Museu do TCU

Na gestão do Ministro Adhemar Paladini como presidente do TCU, no ano do Centenário da instituição, encontramos um comunicado da presidência, datado de 21 de fevereiro de 1990, relatando modificações no saguão de entrada das Salas das Sessões, mantendo-se todavia um espaço destinado para uma antessala que continuaria a ter o Quadro do Ministro Rui Barbosa (o qual acreditamos na realidade se tratar de uma fotografia) e a tela de autoria do Ministro Guido Mondin, juntamente com jogo de poltronas. Esse espaço era destinado ao recebimento de visitas bem como um lugar de encontro de Ministros, Auditor ou representante do Ministério Público. Mesmo passando por modificações, no ambiente permaneceu a presença do Ministro Rui Barbosa e do quadro Convite à Presidência, de autoria do Ministro Guido Mondin, ambos os objetos que remetem a criação do TCU pelas mãos de personalidades ilustres.

Para comemoração do “Centenário de Criação do Tribunal de Contas da União” o Presidente Adhemar Ghisi solicitou à empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, a emissão de selo comemorativo, em 08/05/1990.

Com base na pequena biografia apresentada acima de alguns objetos que compõem a exposição intitulada TCU: uma História para Contar, percebemos que elas fazem parte do universo de conexões que os Ministros que passaram pelo TCU utilizaram para construir e realimentar a memória centenária da instituição.

Para realização do programa educativo, os monitores foram instruídos a destacar curiosidades dos objetos e também a vida das personalidades ilustres que fizeram parte da história do TCU. O Tribunal é apresentado com o seu nascimento, por meio do Decreto 966-A e o destaque é para Rui Barbosa, sua biografia e sua assinatura no documento, destacada por acetato azul. A bandeira do Brasil na vitrine serve para ensinar sobre a integração e criação de novos Estados depois da década de 40. Máquinas, mobiliário e elementos decorativos, como os tinteiros são utilizados para descrever estilos e costumes de outras épocas. Serzedello é referenciado como personalidade séria e honesta, sendo contado o episódio do pedido do Presidente Floriano Peixoto para contratar um



amigo para trabalhar no Tribunal. Pedido negado por Serzedello, atitude que o levou para a prisão durante 8 anos.<sup>94</sup> O “quadro do Ministro Guido Mondin”, como é conhecida tela de autoria do Ministro, é utilizado para falar de Serzedello, responsável pela implementação do Tribunal e Manoel Correa, seu primeiro presidente. Tal representação também serve para legitimar como antigos os elementos que compõem a exposição, pois um dos tinteiros e um mata-borrão presentes da exposição são representados no quadro.

Como citado anteriormente, a intenção do Ministro Mondin em imortalizar esses dois personagens para além da galeria do salão nobre é concretizada pela inserção da tela na exposição de longa duração do museu do TCU e essa ideia é alimentada e retroalimentada pela fala dos mediadores do Programa Educativo. Quando lemos a legenda que segue o quadro do Ministro Guido na exposição *TCU: Uma história para contar*, nos perguntamos se a equipe do museu alguma vez fez o mesmo questionamento expresso pelo autor da obra ao contemplá-la “Seria tranquilo o ambiente naquela sala, quando lá fora rugia a tempestade?”, se referindo ao clima no país para a formação de uma nova forma de Governo.

Convite da presidência

Época/Data: 1977

Autor: Ministro Guido Mondin

Técnica: Óleo sobre tela

Dimensões: 157 x 217 cm

Acervo: Museu do TCU

---

<sup>94</sup> Ao sair da prisão, sob a Presidência de Campos Sales, o governo decidiu pagar a Serzedello o salário de oito anos. Ele se recusou e afirmando não ter trabalhado.

As alterações principais executadas a cada abertura da exposição *TCU: Uma história para Contar* são feitas no layout da plotagem ou em alguma peça nova<sup>95</sup>.

#### Terceira montagem da exposição – release

O Museu do TCU está exibindo a exposição “TCU: UMA HISTÓRIA PARA CONTAR”. A mostra é uma síntese histórica da trajetória centenária desta Corte desde sua inauguração até os dias atuais. A narrativa da exposição apresenta, por meio do seu acervo, personagens ilustres e episódios importantes que entrelaçaram o TCU a momentos marcantes da história do país.

A exposição *Lusófanos* foi uma mostra em comemoração aos dez anos da Organização das Instituições Supremas de Controle da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – OISC/CPLP<sup>96</sup>. A mostra é composta por textos em painéis de fundos coloridos, apresentando livros dos encontros realizados pela organização e três quadros onde consta o pedido do Presidente do TCU ao arquiteto Oscar Niemeyer para que este idealizasse a logomarca da OISC, os desenhos originais do artista e o agradecimento pelo trabalho realizado<sup>97</sup>.

---

<sup>95</sup> Contagem de público da Exposição TCU: uma história para contar:

Nov. 2004 a 19 out 2005: 2629 visitantes

Jun. 2006 a set 2007: 2.500

Ago. 2008 a out 2008: 416

Mar. 2009 a mar 2010: 1120

<sup>96</sup> Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

<sup>97</sup> Contagem de público da exposição Lusófonos, aberta de nov. 2005 a maio 2006: 1062.

**Figura 10 - Fotografias da exposição Lusófanos**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

A exposição *30 Anos de TI* realizada em 2007, a qual se manteve aberta por seis meses, tratou sobre a implementação do uso da Tecnologia da Informação para otimizar a produtividade no Tribunal, desde a criação do Centro de Processamento de Dados Luiz Octávio Gallotti, em 1977 até os dias atuais<sup>98</sup>. A exposição foi dividida em quatro módulos: Implantação, Desenvolvimento, Atualidade e Projeções Futuras. As informações foram passadas por vídeos e textos. O acervo apresentado foram equipamentos de informática como cartões perfurados, disquetes de 8 polegadas, fitas magnéticas etc.

---

<sup>98</sup> Contagem de público da exposição 30 anos de TI, dez 2007 a abr 2008: 1824.

**Figura 11 - Fotografias da exposição 30 Anos de TI**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

A exposição intitulada *Colecionando História* foi a exibição de uma coleção particular de soldadinhos de chumbo<sup>99</sup>. Para compor o ambiente do espaço expositivo e fazer uma apresentação lógica a mostra foi dividida em três módulos, Colecionismo e Colecionismo-Brasil, onde foram expostas peças dos períodos da história do Brasil e do Mundo e, no último módulo, foi retratada uma linha do tempo com soldadinhos referentes a todos os períodos da história da humanidade

**Figura 12 – Fotografias da exposição Colecionando História**



---

<sup>99</sup>Contagem de público da exposição Colecionando História, nov 2008 a mar 2009: 800.



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

A exposição *TCU RIO-BSB 50 Anos* conta a história da transferência do TCU do Rio de Janeiro para Brasília devido à mudança da capital. A mostra segue a progressão cronológica desde os preparativos da transferência para a nova capital, as dificuldades iniciais, as primeiras sedes, e evolução do TCU até os dias atuais.

Na exposição *TCU RIO-BSB 50 Anos* foram construídas ambientações com a utilização de recursos cenográficos<sup>100</sup> que procuraram reconstruir hipoteticamente os ambientes dos períodos apresentados nos textos expositivos<sup>101</sup>. “Ao procurar recompor o passado tal como ele supostamente teria

---

<sup>100</sup> Cenografia é um recurso muito utilizado nos museus, entretanto sua linguagem é ligada ao campo das artes cênicas. Busca compor um ambiente que acolha o objeto museológico, a fim de construir uma apreensão harmoniosa de conteúdo para quem observa. Segundo Durval Lara Filho (2006, p. 94) a cenografia junto a novas tecnologias recriam situações “por meio de cenários e ambientes interativos nos quais objetos originais e réplicas são colocados lado a lado para mostrar um ambiente exemplar do que a ciência supõe e imagina ter sido naquele momento”.

<sup>101</sup> Contagem de público da exposição TCU Rio BSB 50 anos, jun 2010 a out 2010: 4.038

existido, cria-se uma nova realidade que nada tem a ver com o passado, mas apenas com o presente desmemoriado.” (Abreu, 1996, p. 209).

**Figura 13 - Fotografias da exposição TCU RIO-BSB 50 Anos**



Fonte: Coletânea de imagens do Museu do TCU

Segundo Cury (2005, p. 45) a elaboração de uma exposição é composta por vários recursos expositivos e suas linguagens, e seu fator principal é o objeto museológico. Percebemos, todavia que os objetos no museu do TCU não possuem esse papel, são usados como ilustração de abordagens historiográficas.

Fazendo uma análise geral das exposições, os objetos museológicos são usados como símbolos, subordinados à narrativa apresentada na exposição em forma de textos. Há um entrelaçamento entre as duas formas de aquisição de objetos do Museu do TCU, ambas seguem para o mesmo fim. Os objetos de

mobiliário e de escritório servirão para representar uma época, para compor um ambiente onde os Ministros atuaram.

As exposições apresentadas pelo Museu do TCU serviram para justificar a ideia de “progresso”, pois permitiram a comparação de “mudança” e “aperfeiçoamento”. Isso gera “admiração” pelo “avanço” atual e, por outro lado, não questiona o trabalho de controle de contas executado pelo TCU (Suano, 1986, p 88). As exposições de curta duração são marcadas pela presença da valorização dos empreendimentos do TCU.

Por essas características observadas nas exposições do Museu do TCU relativas aos objetos selecionados para compor suas exposições, poderiam ser entendidas como “testemunhos indiretos”, como cita GUARNIERI (2010, p. 181), porque representam:

...objetos considerados por analogia e por aproximação quando se adota como referência ação, relação, comportamento humano ou uma criação mais abstrata do pensamento humano ou da vida social.

## 11.5 OUTROS PROJETOS

Além das exposições e do programa educativo, o Museu do TCU executa outros projetos.

O **Banco de Dados dos Ministros** é um banco de dados alimentado com textos oriundos de pesquisa histórica realizada pelo museu em parceria com o CEDOC, utilizando como fonte todas as coleções de documentos oficiais presentes no arquivo do TCU. Por meio desse banco é possível realizar os projetos **Livros dos Ministros** e **Centenário de Ministros**, estes também projetos do Museu.

O **Livro dos Ministros** é uma coletânea com narrativa histórica de cada Ministro levando em conta aspectos de sua formação profissional, vida pública, trajetória no próprio tribunal e outras atividades que cada autoridade desempenhou ao longo de sua vida. Vale ressaltar que o Livro dos Ministros teve sua primeira edição em 1982, sob a Presidência do Ministro Luciano Brandão. Foi um trabalho de parceria entre o Arquivo e a Biblioteca, retomando o trabalho intitulado *As Contas do Brasil*, realizado pelo Ministro Ruben Rosa na comemoração do cinquentenário do Tribunal de Contas.

O **Centenário de Ministros**, como citado anteriormente, é um evento que homenageia anualmente os Ministros que, se vivos fossem, completariam 100 anos de idade. As honrarias ocorrem por meio de sessão solene onde são convidados familiares, amigos e demais autoridades que tiveram ligação com o homenageado. O Museu do TCU se responsabiliza em produzir um denso dossiê da história dos ministros homenageados como suporte à organização de algumas etapas do evento, incluindo a publicação de um pequeno folheto distribuído entre os convidados após a solenidade.

Os projetos apresentados acima possuem como objetivo homenagear os Ministros, preservar e divulgar a história institucional representada na figura de seus Ministros e disponibilizar informações de cunho histórico sobre os mesmos.



O museu desenvolve ainda os projetos **Memória Viva** e **Todos têm uma História pra Contar**. O **Projeto Memória Viva** é o registro, por meio de gravações em vídeo, dos depoimentos de várias autoridades do TCU. Os objetivos desse projeto são preservar a história do TCU por meio do registro da memória das autoridades que prestaram serviços a esse tribunal e divulgar a história por meio da narrativa dessas autoridades.

O projeto **Todos têm uma história para contar**, o Museu apresenta a história do Tribunal narrada por seus servidores. São histórias enviadas por servidores das Secretarias do TCU por todo o país, buscando assim criar sinergia entre os servidores sobre a importância de resgatar, preservar e divulgar a memória do TCU.

Olhando os objetos do Museu do TCU, voltamos o pensamento ao antiquíssimo ato de colecionar. Estudiosos do colecionismo acreditam que se trata de recolher pedaços de um mundo que se quer compreender, fazer parte ou dominar (SUANO, 1986, p. 12). Por isso uma coleção retrata ao mesmo tempo a realidade e a história de uma parte do mundo onde foi formada, e também os homens ou sociedades que coletaram seus componentes e os transformaram em coleção. Podemos revelar gostos e interesses. É exatamente o mistério do fato de cada gosto se dirigir para certos objetos e não para outros, de se interessar por isso e não por aquilo, que deve ser explicado. A partir daí é possível estabelecer o que é significativo para o TCU, quais os objetos de destaque e quais os comportamentos evocados por esses objetos.

Os Ministros do TCU – assim como o rei, o imperador, o papa ou o presidente, dentro de uma organização hierárquica definida socialmente – são projetados no espaço, que segundo Pomian (1984, p. 74), seria onde reside o homem-semióforo. Esses homens e seus objetos representam o invisível, não são objetos comuns, são semióforos. Ainda segundo Pomian, quanto mais alto se está situado na hierarquia dos representantes do invisível, maior é o número de semióforos de que se está rodeado e maior também o seu valor. E com relação à formação da coleção do museu do TCU, as doações de objetos que pertenceram à coleção particular dos Ministros fazem quase parte do evento do

Centenário. E observando os programas do museu voltados para estudo e pesquisa para constituição de banco de dados sobre os Ministros e a relevância dos objetos que pertenceram aos mesmos, percebemos não serem os indivíduos que acumulam objetos a eles agradáveis, mas que são os lugares sociais os fatores determinantes das coleções.

O passado, convocado no presente, por meio das ações dos Ministros passam a entrelaçar estas figuras públicas à instituição. A função da evocação do passado, segundo Ribeiro e Barbosa (2007, p. 110), não é a de redescobri-lo, mas construí-lo e, neste sentido, inventá-lo.

O passado é convocado ao presente para possibilitar a criação de novas sociabilidades, ao mesmo tempo em que se distingue de um presente intenso, através de uma nostalgia a ser preservada em lugares e monumentos próprios: lugares da museificação e momentos da celebração. (RIBEIRO e Barbosa, 2007, p. 110).

Dessa forma, ao analisar a coleção formada pelo TCU em seu museu, podemos inferir algumas ideias sobre quais memórias institucionais estão sendo preservadas e divulgadas. O museu do TCU permite percebermos as diferenças individuais entre os Ministros do TCU, aqueles com maior sensibilidade para preocupação com a memória institucional deixam um tributo ou legado.

A cada gestão, o museu buscou, na medida do possível, ganhar novos recursos, mas com relação às narrativas nas exposições foram inseridos novos dados de pesquisa, para complementar e enriquecer as informações nos textos expositivos e não se debruçou sobre sua coleção, e isso acontece desde a primeira exposição. Os textos se sobressaem aos objetos meramente expostos como objetos curiosos e complementares aos textos. A prática desenvolvida no museu do TCU não possui um olhar sobre sua coleção e quais linhas de pesquisa desenvolver por meio delas.

Segundo Suano (1986, p. 7) o museu deve pretender “manter e preservar testemunhos materiais de épocas que nos sirvam como pontos constantes de

partida para reflexão e análise.” Assim se a documentação e conservação não estão sendo realizadas de maneira adequada, de que serve essa coleção? Então por que um museu para abrigar tais objetos?

Um museu sem uma área de pesquisa voltada para a produção de conhecimentos tende a fossilizar-se, reduzindo seu potencial de gerador de conhecimento no repasse de informações cristalizadas. Torna-se importante pensar numa metodologia de trabalho para os museus institucionais, onde servidores compreendam qual o papel do museu dentro da instituição. Mesmo geridos de tutelas de diversas naturezas, os museus inseridos em instituições cuja atividade fim não seja a cultura, ainda possuem responsabilidades com suas coleções e o serviço público prestado.

A definição de planos mais objetivos com relação à gestão do acervo do museu conduziria certamente os museus institucionais a práticas mais racionais, permitindo ultrapassar o desequilíbrio frequentemente encontrado entre as coleções que albergam e as necessidades e recursos disponíveis, conduzindo-os em direção ao desenvolvimento de planejamentos coordenados para atender ao público interno e externo.

Pontualmente, é necessário desenvolver práticas e procedimentos de gestão de acervo com o objetivo de melhorar a documentação, conservação e utilização das coleções. Isso inclui uma declaração de princípios e processos de aquisição de acervo, demonstrando que o museu coleciona seu acervo de forma responsável.

## 12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização deste trabalho foi prazerosa porque respondeu à inquietação inicial desta dissertação. Procuramos entender os processos empíricos desenvolvidos no Museu do TCU à luz de reflexões conceituais. Nosso olhar inicial indicava algumas considerações precariamente definidas, mas, com o transcorrer da pesquisa, esses entendimentos iniciais foram se transformando em problemas de pesquisa que, por meio das opções teórico-metodológicas, procuramos responder.

No capítulo Informação e Memória reunimos elementos para identificar os fatores que levaram o TCU a criar um museu na sua estrutura interna, com o objetivo de guardar, preservar e disseminar sua memória institucional. Nesse capítulo pesquisamos documentos oficiais, do próprio TCU, dentre os quais aqueles que propiciaram a formação e organização de coleções, desde a criação do órgão. Percebemos, ao analisar os documentos referentes à criação de áreas de preservação da memória institucional, que o arquivo e a biblioteca foram criados por necessidades operacionais, para melhor execução dos trabalhos finalísticos do TCU; ao passo que o museu nasce para atender à outra solicitação: a vontade de memória. A criação do Museu e a formação de sua coleção se deram por uma vontade de narrar a história da instituição, valorizando esta como uma Casa centenária bem como pela necessidade de “mostrar” a importância do papel do órgão para a sociedade.

No capítulo seguinte, examinamos o processo de revitalização do Museu e suas implicações nas concepções museológicas para a preservação da memória institucional. Para fundamentar esse capítulo, analisamos documentos e registros de entrevistas feitas com servidores e ex-servidores e autoridades do Tribunal atuantes naquele momento. Durante a pesquisa observamos que a preservação da memória institucional por meio do museu é marcada pelo personalismo dos Ministros durante sua gestão na Presidência do órgão. Também percebemos que a destinação de um espaço expositivo para o Museu, fez com que, a cada exposição inaugurada, o instituinte fosse se transformando em instituído, consolidando o Museu no interior do TCU.

No último capítulo, apresentamos a memória do TCU objetivada nos objetos da coleção do Museu. Procuramos olhar para algumas das práticas museológicas desenvolvidas no Museu do TCU na intenção de conhecer como se opera a preservação de sua memória. Apesar da dificuldade causada pela falta de registros sobre a coleção e os projetos expositivos, encontramos elementos que nos fizeram olhar para alguns objetos específicos reunidos na exposição de longa duração no museu do TCU.

Foi interessante perceber que, no percurso do desenvolvimento deste capítulo, novo elemento foi introduzido na metodologia. Iniciamos com a ideia de analisar juntamente a documentação museológica com o próprio acervo, mas na realidade nos deparamos apenas com um conjunto de objetos. No entanto algumas Atas de Sessões e discursos dos Ministros nos revelaram objetos já presentes na instituição mesmo antes da criação do Museu, e que estas já eram referências da memória institucional, como o quadro pintado pelo Ministro Guido Mondin, a fotografia de Rui Barbosa, o mobiliário do Plenário, o primeiro livro de Ata do TCU, entre outros.

A coleção, formada e selecionada para as exposições, composta por um conjunto de itens selecionados referentes à história da instituição, indica uma visão sobre fatos, acontecimentos, personagens, ou seja, uma leitura possível da história do tribunal elaborada pelos grupos que trabalham no Museu. Segundo Nora, a História é escrita pelos poderosos, e suas narrativas trazem conhecimento e esquecimento. E o Museu do TCU, segundo relato do servidor Anselmo Bessa, é o ambiente em que a história se torna oficial. E o Museu, por meio da exposição *TCU: uma História para Contar*, transforma o lugar dos Ministros na sociedade, sua relação com o coletivo.

Percebemos que o Museu se transformou no espelho do TCU, ou seja, um espaço compreendido como condição de possibilidade para o desenvolvimento das ideias e visões de mundo dos Ministros, especialmente aqueles empossados do título de Presidente do TCU. Para tal o museu atende as demandas diretas do Gabinete da Presidência, mesmo que não se encontre

diretamente instalado em sua estrutura. Essas demandas, conseqüentemente, alteram as rotinas de funcionamento do Museu.

O que representa essa instrumentalização da memória no Museu do TCU? Mário Chagas percebe dois movimentos de memória. Um deles se dirige ao passado. Essa ideia de dirigir-se ao passado, não oferece perspectiva de mudança, pois implicada numa retificação da ordem estabelecida, o que observamos pela institucionalização na memória preservada pelo museu do TCU.

Na perspectiva que optamos para analisar o Museu do TCU, percebemos ser ela uma abordagem nos dois aspectos citados por Chagas. O autor afirma que os museus podem ser “espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória.”

Ao pensar o Museu do TCU como um espaço celebrativo da memória do poder, criado pela vontade de indivíduos em representar a concretização de seus interesses, percebemos que esse tipo de museu não deixou de existir. Os museus celebrativos da memória do poder surgiram nos séculos XVIII e XIX e continuaram sobrevivendo e multiplicando durante o século XX. O Museu do TCU, utilizado para nosso estudo, no século XXI, está desenhando um modelo museológico de trabalho assemelhado ao descrito por Chagas.

Sobre os museus celebrativos, Mário Chagas ainda revela que são espaços pouco democráticos, onde o importante é celebrar o poder ou o predomínio de um determinado grupo. “Distanciados da ideia de documento, eles querem apenas monumentos.” A vontade da celebração da memória do poder pode ser responsável pela formação de acervos, coleções personalistas e etnocêntricas tratadas então como expressão da totalidade das coisas e dos seres ou como reprodução museológica do universal; como se pudessem expressar o real em toda a sua complexidade ou abarcar as sociedades por meio de esquemas simplistas. Essa é a linha pelo qual o Museu do TCU vem trabalhando, numa relação estreita entre a institucionalização da memória e a

atuação de seus Ministros, desenhando assim a concepção museal apresentada nesta dissertação.

Os programas, projetos e atividades desenvolvidos pelo Museu do TCU reafirmam essa celebração do poder, se afastando assim da missão definida para o próprio museu.

Sobre os museus apêndices, Waldisa Rússio Guarnieri não consegue identificar um propósito para esses ambientes. Observa contudo que eles não são profissionalizados e que tampouco se edificam segundo as normas convencionais da Museologia, não possuindo sequer uma especialização compreensível para ela. Em nossa pesquisa percebemos que esses museus, os museus institucionais, têm uma especificidade a qual podemos exemplificar por meio do Museu do TCU. Tal culto à memória é imposição de indivíduos e/ou grupos, instrumentalizando assim o poder da memória por meio da memória do poder. Por essa ótica, a instituição existe em si e para si. Contudo notamos também a existência de espaços para novos objetivos, mais voltados a desejos externos à instituição. As exposições podem ser exemplo disso, pois nelas há maior liberdade a interação com a dinâmica social e seus anseios. O Museu narra sua história para o público interno, contando suas memórias e criando sua identidade como órgão de controle de contas executado pelos Ministros empossados. Por ser uma instituição aberta ao público, conseqüentemente promove programas para atender ao público externo, onde se torna ponte com a sociedade.

Reconhecemos que arquivos, bibliotecas e museus preservam a memória e organizam o acesso à informação, mas julgamos que cada uma dessas instituições deve fazê-lo com sua própria metodologia de trabalho, de acordo com a função atribuída às coleções (de objetos, de livros, de documentos) bem como com a finalidade de seus fundos. Preservar tais itens é forma de organização do mundo e, em alguns momentos, representa igualmente uma forma para sua compreensão e explicação. Armazenar, catalogar, classificar e expor objetos é parte do processo de relacionamento do homem com o mundo e, nesta pesquisa, abrange também o preservar ou o esquecer.

Imaginamos que, no âmbito da memória institucional, o trabalho do museu pode se estender para além dos objetos, efetuando uma leitura diferenciada dos arquivos institucionais. Documentos e processos de caráter histórico sob a guarda do arquivo poderiam passar por uma leitura museológica. A adição de termos museológicos na indexação de fundos e coleções do arquivo tornaria fácil a recuperação da informação durante uma pesquisa museológica. Por meio desse processo de recuperação da informação, a pesquisa museológica seria potencializada, beneficiando a preservação e, conseqüentemente, a divulgação da memória institucional.

A preservação, pesquisa e comunicação desenvolvidas pelos museus para representar as memórias de órgãos públicos pode ser interessante meio para se perceber o processo de construção de sua identidade ou da formação da memória coletiva. Perceber que esses museus acham-se em estágios diferentes, podendo ter práticas distintas ou mesmo estar inseridos em ambientes diversos, retrataria as ideias da instituição e das pessoas que as formam e, conseqüentemente, descreveria também o trabalho desenvolvido pelo museu ou a própria memória.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. *A fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

AIRES, L.F.A. O percurso complexo da memória. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28. 2005. Rio de Janeiro. Anais...São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1567722044039558211226637245256632821.pdf>>

ALVES, Ingridde dos Santos. Exposições e sentidos: análise da exposição “Poeira, Lona e Concreto” do Museu Vivo da Memória Candanga . 2014. 143 f., il. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Museologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/7940>>. Acesso em: 28 maio 2015.

AZEVEDO, Sônia. "A Identidade Nacional nas Políticas Culturais do Regime Militar Brasileiro." In: II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013

BATES, Marcia J. “The invisible substrate of Information Science.” In: *Journal of the American Society for Information Science*, v. 50, n. 12, p. 1043-1050, October 1999.

\_\_\_\_\_. “Operational Definition of the Information Disciplines”. In *iConference 2010: Proceedings*, University of Illinois, Champaign, IL, USA , (p. 19-25). Champaign, IL: University of Illinois. Disponível em: <<http://pages.gseis.ucla.edu/faculty/bates/articles/pdf/Contribution512-1.pdf.2005>>. Acesso em: 29 abr .2013.

BARBOSA, Andréia Arruda. O Lugar da Memória Institucional nas Organizações Complexas. Abrapcorp 2010. Trabalho apresentado no GT Processos, Políticas e Estratégias de Comunicação Organizacional do IV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

BITTENCOURT, José Neves. Mediação, curadoria, museu. Uma introdução em torno de definições, intenções e atores. In: *Cadernos de Diretrizes Museológicas 2*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. Disponível em: <[http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno\\_diretrizes\\_museologicas\\_2.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno_diretrizes_museologicas_2.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2015.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos*. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDELLI, Leonardo. *Teoria Geral do Direito Notarial*. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRASIL. *Constituição*; (1988); Constituição da República Federativa do Brasil 1988: texto constitucional de 05 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 2006.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. *Prêmio Serzedello Corrêa 1998*: monografias vencedoras. Brasília: Tribunal de Contas da União, Instituto Serzedello Corrêa, 1999. Disponível em: <<http://portal2.tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/2058954.PDF>>. Acesso em: 18 maio 2015.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.) *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, textos e contextos de uma trajetória profissional*. Volume 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

BUCKLAND, Michael K. "Information as thing". In: *Journal of the American Society of Information Science*, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

CALABRE, Lia. O Conselho Federal de Cultura, 1971-1974. In: *Estudos História*, Vol. 1, n. 37. Rio de Janeiro, janeiro-junho de 2006, p.81-98. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2254/1393>>. Acesso em 01 out 2014.

CAMERON, Duncan. "The museum: A temple or the forum." *Journal of World History* 14.1 (1972): 197-201.

CAPURRO, Rafael. "Epistemologia e Ciência da Informação". In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), Belo Horizonte, 2007.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. "O conceito de informação". In: *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, abr. 2007.

\_\_\_\_\_. "The concept of information". In: *ARIST*, v. 37, Chapter 8, p. 343-411, 2003.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. O museu do sagrado ao segredo. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

CERÁVOLO, Suely Moraes. "Delineamentos para uma teoria da Museologia". *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.12. p.237-268. jan./dez.2004.

CHAGAS, Mário. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. *Há uma gota de sangue em cada museus: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006.

\_\_\_\_\_. Museus na Era da Segurança. *Revista Museu*. Disponível em: <[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art .asp?id=39099](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art.asp?id=39099)>. Acesso em: 17 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. *A imaginação museal*. Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

\_\_\_\_\_. "Memória e Poder: Disponível em: <<http://www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas.pdf>>. Acesso in: 21/04/2015.

CHAGAS, Mário; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A vida social e política dos objetos de um museu. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v.34, p. 195-220, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Nação como semióforo. In: CHAUÍ, Marilena. *Brasil, Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. 4. ed. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2001.103 p.

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA. *Cultura*. Rio de Janeiro, Ano IV, n.34, abr. 1970.

CORSINO, Celia. "A Criação dos Museus em Brasília." In: CURY, Marília Xavier (org.) *Encontro de Profissionais de Museus*. São Paulo/ Brasília: MAE/USP. STJ, 2003.

COSTA, Celia. "O Arquivo Público do Império: o legado absolutista na construção da Nacionalidade." In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 14, nº. 26, 2000, p. 217 – 231.

COSTA, Icléia Thiesen M. *Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. 1997. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, CNPq, IBICT, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. Memória institucional e representação: da árvore ao rizoma. In: *Memória, Representações e Relações Interculturais na América Latina*. Rio de Janeiro: UERJ; INTERCON, 1998, p. 105-116.

CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos*. Tradução Magda Lopes. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

DAVALLON, Jean. "La Définition Juridique du Patrimoine: un révélateur de sa dimension symbolique." In: *Museology, International Scientific Electronic Journal*, Issue 1, 2004, p. 15 – 20. Disponível em: <<http://www.srcosmos.gr/srcosmos/showpub.aspx?aa=5214>>. Acesso em: 17 maio 2015.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Uma Impressão Freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: <[http://icom.museum/fileadmin/user\\_upload/pdf/Key\\_Concepts\\_of\\_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia\\_pt.pdf](http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf)>. Acesso em 17 maio 2015.

DODEBEI, Vera; ORRICO; Evelyn Goyannes Dill. Memória e Informação uma proposta de modelização *discursivo-conceitual* In: *2ª Jornada Internacional da Rede Mussi*, 2012, Rio de Janeiro. Anais da 2ª Jornada Científica Internacional. Redes e processos info-comunicacionais: mediações, memórias, apropriações. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. v. 1. p. 426-437.

DOUGLAS, Mary. *Como as Instituições Pensam*. Tradução: Carlos Eugenio Marcondes de Moura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ESTEVIÃO, Janete Saldanha Bach; STRAUHS, Faimara do Rocio. Proposta de uma ontologia de referência no domínio da Memória Organizacional Histórica". *Perspectiva em Ciência da Informação*, v.18, n.4, p.35-53, out./dez. 2013.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREZ, Helena Dodd, and Maria Helena S. Bianchini. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pro-Memoria, Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, 1987. 2v. (Série Técnica).

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Caderno de ensaios: estudos de Museologia, Rio de Janeiro, n. 2, p. 64-67, 1994 (Verificar essa referência – é esse documento mesmo? Essa paginação?)

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. In: Estudos de Museologia. Caderno de Ensaio, n.2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, pp.65 -74.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Editora Universitária, 2009.

GILSON, Iberê. Parecer prévio sobre as contas do governo da república: 1966. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1968.

\_\_\_\_\_. O Tribunal de Contas e a Reforma. *Revista do Tribunal de Contas da União*. Brasília, vol. 1, n. 1, p.17-22, 1970.

\_\_\_\_\_. Das origens dos tribunais de contas. *Revista do Tribunal de Contas da União*. Brasília, vol. 1, n. 1, p.3-9, 1970.

GOMES, Ana Lúcia de Abreu; FERNANDES, Maria Lídia Bueno. *Memória da educação a distância na Universidade de Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX*. São Paulo: Editora USP: Fapesp. 2004.

GRINSPUM, Denise. *Educação para o patrimônio: Museu de arte e Escola Responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. Tese (Doutoramento) - Universidade de São Paulo (FEUSP), São Paulo, 2000.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. *Museologia e Identidade*. In: BRUNO, Maria Christina Oliveira (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação de Mestrado em Memória. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HERREMAN, Yani. *Exposições, exposições e mostras*. In: INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). *Como gerir um museu: manual prático*. Paris: ICOM, 2004. p. 99.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. *Toward a new horizon in information science: domain-analysis*. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 46, n. 6, p. 400-425, Jul.1995.

HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Tradução: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). *Museum definition: 1974*. In: \_\_\_\_\_. *Development of the museum definition according to ICOM Statutes: 1946-2007*. Disponível em: <<http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>>. Acesso em: 23 jul. 2014

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. Vol. 1. ISBN 978-85-63078-13-1. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus\\_em\\_numeros\\_volume1.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf)>. Acesso em: 19 maio 2015.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. *Ciência da Informação*, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: [www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=818&article=480&mode=pdf](http://www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=818&article=480&mode=pdf)

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Tradução: Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro. *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LE COADIC, Yves-François. *A Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão *et al.* 5<sup>a</sup> ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos artísticos e informação: modelo estrutural para pesquisas em artes plástica. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, GONZÁLES DE GÓMEZ, Maria Nélide (Org). *Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem*. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000, p. 17- 40.

LISSOVSKY, Mauricio. A memória e as condições poéticas do acontecimento. IN: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é Memória Social?* Contracapa: Rio de Janeiro: 2005.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Museus, Museologia e Informação Científica: uma abordagem interdisciplinar." In: GRANATO, Marcus, SANTOS, Claudia Penha dos, LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. (Org). *Museu e Museologia: Interfaces e perspectivas*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. pp. 99 – 111. Disponível em: [http://www.mast.br/livros/mast\\_colloquia\\_11.pdf](http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_11.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2015.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. Os Senhores da Memória e do Esquecimento. *Transinformação*, v, 10, n. 1, p. 87-96, janeiro/abril, 1998.

MAIA, Tatyana de Amaral. Por um Senado da Cultura Nacional: intelectuais e Políticas Culturais no Regime Militar (1967 – 1975). In: *Seminário Internacional Políticas Culturais: teoria e práxis*. [2010]. Disponível em: <http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/40-TATYANE-DE-AMARAL-MAIA.1.pdf>>. Acesso em 27 set. 2014.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, Martha, ODDONE, Nanci. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. *Ciência da Informação*, v.36, n.1, p. 118-127, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n2/12.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

MARTINS, Claudio. *Direito Notarial: teoria e pratica*. Fortaleza: Imprensa Universitária Federal do Ceará, 1974, pp. 47 e passim.

MARAOEVIC, Ivo. The museum message: between the document and information. In: *Museum, Media, Message*. London: Routledge. 1995.

MATTOS, Yara. *Abracaldabra: uma aventura afetivo-cognitiva na relação museu-educação*. Ouro Preto: UFOP, 2010.

MENDES Jr. João . *Órgãos de Fé Pública*. São Paulo: Saraiva, 1963.

MENESES, Ulpiano Bezerra. Educação e Museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciência e Letras*, Porto Alegre, n. 27, p. 91-101, jan./jun. 2000.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.2, p.9-42 jan./dez. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2015.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de . “A crise da memória e as ambiguidades da amnésia social. In: *Simpósio Internacional FIAT 30 +*. São Paulo, Sessão Memória, 8/11/2006. Trabalho não publicado.

MOLES, Abraham. *Teoria dos Objetos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

NAMER, Gérard. *Mémoire et société*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987.

NASSAR, Paulo. *Relações públicas na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações*. São Paulo: Difusão Editora, 2007.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.



OJEDA, Janine. *Homem e Realidade: o processo embrionário da criação dos museus*. Revista Museu. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br//artigos/art .asp?id=1111>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, São Paulo, editora da Unicamp, 2007

PINTO, Suely Lima de Assis. “Museu e Arquivo como Lugares de Memória”. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, v. 2, n.3, jun. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/8986/6758>>. Acesso em: 18 maio 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200 - 212. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 18 maio 2015.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3 - 15. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 18 maio 2015.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. v.1 : Memória – História. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 51-86. (Disponível em: <<http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20%281984b%29.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2015.

PORTELLI, Alessandro. “O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum.” In: AMADO, J. e FERREIRA, M. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A Doação do objeto*. Argos. Chapecó: 2004.

RIBEIRO, A. P. G; BARBOSA, M. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. *Comunicação e Sociedade*, v. 47, p. 99 – 114, 2007.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). *Uso e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P 93 – 101

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais do governo Lula / Gil: desafios e enfrentamentos. In: III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 23-25 de maio 2007. Salvador: UFBa, 2007.

SANTOS, Fausto Henrique dos. *Metodologia aplicada aos museus*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

SANTOS, Vânia Carvalho Rôla. Gestão, informação e comunicação museológica: um estudo comparativo entre pequenos e médios museus brasileiros e franceses. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, UFMG, Minas Gerais, 2011.

SANZ LANA, José Angel. Economía del Arte y la Cultura: um nuevo campo de análisis. In: *Valoración del patrimonio cultural*. Gijón (Asturias): Ediciones Tea, S. L., 2004. (Preciso ver o livro, se você tiver, separe-o por que a referência está incompleta)

SCHEINER, Tereza. Comunicação, educação, exposição: novos saberes, novos sentidos. *Semiosfera*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4-5, jul. 2003.

SILVA, Artur Adolfo Cotias. O Tribunal de Contas da União na História do Brasil: Evolução Histórica e Política e Administrativa (1890-1998). In: *Prêmio Serzedello Corrêa 1998: monografias vencedoras*. Brasília: Tribunal de Contas da União, Instituto Serzedello Corrêa, 1999. Disponível em: <<http://portal2.tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/2058954.PDF>>. Acesso em: 18 maio 2015.

SMIT, J. W. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários/FEBAB, Nova Série, v.1, n.2, 27-36, 1999-2000.

SUANO, Marlene. *O que é museu?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986

\_\_\_\_\_. Alfaias, apetrechos, tarecos, trecos: os móveis. In: *Como explorar um museu histórico*. Museu Paulista, USP, 1992. p. 15 - 18.

VAN MENSCH, Peter. *Towards a methodology of museology*. (PhD thesis). University of Zagreb, 1992. Disponível em: <[http://www.muuseum.ee/et/erialaneareng/museoloogiaalane\\_ki/ingliskeeln\\_e\\_kirjand/p\\_van\\_mensch\\_towar/mensch02#](http://www.muuseum.ee/et/erialaneareng/museoloogiaalane_ki/ingliskeeln_e_kirjand/p_van_mensch_towar/mensch02#)> . Acesso em: 30 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Convergence and divergence. Museums of science and technology in historical perspective. In: SIMARD, Cyril (Ed.). *Des métiers de la tradition à la creation. Anthologie en faveur d'un patrimoine qui gagne sa vie*. Sainte-Foy: 2003. p. 342-352.

VARINE, Hugues de. The museum in the fourth dimension. *Nordisk Museologi* 96, v.2, p. 51-56, 1996.

WU, Chi Tao. Privatização da cultura: a intervenção corporativa nas artes desde os anos 80. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZINS, Chaim. "Conceptions of Information Science". In: *Journal of the American Society for Information Science and Technology*. v. 58, n.3, p. 333-335, 2007.

Acervo:

Referência: Primeiro Livro de Atas do Tribunal de Contas- 1893. Cadastro MTCU.2012.100

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 - ENTREVISTA SERVIDOR ANSELMO BESSA 03/06/2014

Arquivo: 20140603 175957

ENTREVISTADO: Eu acho que dessa maneira dá mais trabalho pra você depois, porque quando você faz as perguntas você tem um direcionamento pontual das respostas, a gente conversando assim de repente vai ficar mais difícil para sintetizar um texto, né?

DANIELE: Mas eu queria saber assim se você trabalhando aqui no TCU você já tinha ouvido falar desse museu que foi criado em 1970, se antes da revitalização do Ministro Valmir Campelo se esse museu veio do Rio de Janeiro pra cá, se ele estava funcionando em algum lugar, ou se na verdade não foi uma revitalização, mas uma criação do Valmir Campelo.

ENTREVISTADO: Na verdade, assim, a criação. Eu trabalho no TCU, vou começar do... Eu trabalho no TCU há 34 anos, vai fazer agora em setembro, naturalmente quando eu entrei aqui eu era muito menino, então eu não tinha essas visões assim voltadas para essas ações. Eu nem conhecia muito o Tribunal, porque eu também vim trabalhar na atividade meio e não tinha uma visão de mundo assim. 18 anos eu entrei no TCU, né? Entrei com 18 anos de idade, então não tinha essa visão. Mas enfim, quando eu me deparei pela primeira vez com a existência de alguma coisa que seria parecido com Museu, ou seja, quando o museu já existia mesmo quando eu entrei aqui, ele não tinha uma organização administrativa que ele passou a ter nesse espaço que você chegou a conhecer que era a antiga sala de exposição. Ele não tinha um salão expositivo, ele tinha alguns objetos antigos do TCU que vieram do Rio, mas funcionando, tipo Plenário, até 75 que foi quando o Tribunal mudou pra esse prédio aqui, foi a inauguração da sede própria do Tribunal, que é esse palácio aqui que a gente tá. Até 75, lá no Palácio da Justiça, esse plenário funcionava normalmente, não era uma relíquia ainda. Ele veio do Rio, foi comprado lá, foi usado lá como Tribunal, veio pra cá também funcionando como Tribunal, só que

quando houve essa mudança do prédio, eles compraram um plenário novo, acho que provavelmente... Eu não lembro, é 70 ou 75 que ele foi criado no papel? Você tinha falado agora.

DANIELE: Foi 70.

ENTREVISTADO: Foi em 70, né? Ou seja, eu acredito que isso está muito mais ligado a uma preocupação a um determinado grupo de Ministros e tudo, pela preservação de alguns bens patrimoniais, do que propriamente congregar assim já um grupo, museu, embora a gente voltando um pouco na história a gente vê que até teve algumas iniciativas de nomear pessoas para se responsabilizar tal, não sei o que. Mas quando o museu pra cá, o Tribunal veio pra cá e passou a funcionar aqui, e aí essa parte eu lembro, porque eu sempre gostei de coisas antigas, embora não era muito voltado para esse lado histórico dessas peças, eu sempre gostei de peças antigas, apreciei muito isso, aprecio até hoje. E eu observei que na biblioteca do TCU, era montado dentro da biblioteca do TCU o plenário antigo do Tribunal, com algumas coisas que também remontam aí algumas datas antigas. Mas não tinha um trabalho museal, de orientação, de uma exposição contextualizada. Eu mesmo não tinha essa visão de como funcionava um museu, era um mero funcionário daqui do Tribunal, mas eu já tinha observado isso. Alguns anos se passaram aí e eu fui trabalhar na atividade fim do Tribunal, fiz concurso e tal e nunca tinha me dado esse foco para essa ação do museu, até eu trabalhar com vídeo. E pra mim, o museu nesse momento sempre foi uma, enfim, eu tenho até uma cultura relativamente satisfatória, fui criado dentro de um meio com nível cultural razoável pelo menos, né? Então já tive acesso a outros museus fora daqui, eu nunca tinha pensado no museu do TCU, mas conhecia, sabia o que era museu e tudo. Embora eu tivesse um conceito antigo de museu. Pra mim museu era aquela coisa pra conservar aquelas coisas antigas, guardadas e expostas, não tinha essa visão que eu tinha hoje, né? Depois eu falo sobre ela. Então eu estava trabalhando na área de vídeo, depois de trabalhar na atividade fim do Tribunal, enfim, eu acho até que isso contribuiu no meu trabalho no museu como contribuiu pra área de vídeo, porque na medida em que eu comecei a trabalhar com isso eu entendia o porquê eu estava fazendo as perguntas, o que eu queria mostrar no vídeo, o que eu

quero mostrar no museu. Então é uma coisa interessante, foi importante pra mim. Mas aí eu fui convidado pra fazer um vídeo pro museu e aí foi, esse que foi, vamos dizer assim, foi a picada contagiosa, risos.

DANIELE: E foi quando? Em que época?

ENTREVISTADO: Foi nessa época da inauguração do museu mesmo, porque esse vídeo, foi o que... Oitenta... Noventa... Dois mil e...

DANIELE: 2003.

ENTREVISTADO: 2003... 2004 foi inaugurado, né? Porque eu estava trabalhando no estúdio [ininteligível] Correia e a Vivian me convidou, me perguntou se eu tinha condição de fazer um vídeo, na verdade esse vídeo era pra ser feito aqui pelo serviço de comunicação, e era um vídeo que já tinha sido deixado de lado e o Paulo [Vishers], na época ele era diretor geral do instituto [ininteligível] Correia, me perguntou se eu tinha condição de fazer o vídeo, eu achei um desafio super legal, era um vídeo pra contar do TCU, a história que a gente conhecia, né? Que era a história que tinha sido escrita em algumas monografias, na verdade até então o TCU não teve um trabalho, isso é interessante também, porque é uma coisa que alimenta o museu, né? O Tribunal não tinha um trabalho específico de pesquisa que conte a história do TCU, acredito que nunca teve essa preocupação com a história, com os bens, né? A gente sabe, você mesmo que trabalha aqui agora, você sabe que muitas coisas foram descartadas sem essa preocupação de juntar um acervo satisfatório. E desse mesmo jeito a história também, né? A preocupação do Tribunal sempre teve um foco muito específico em resultado de trabalho, de fiscalização de auditoria e pronto, objetivamente atividade fim do TCU. E até hoje tem gente que acredita que deve ser isso, que o Tribunal não tinha se meter com esses assuntos, mas eu acho que é melhor a gente tratar das pessoas que tem uma mente mais abertas e mais esclarecidas e que sabe a importância de um museu dentro de uma instituição. Então foi isso que eu descobri quando eu comecei a fazer o vídeo, foi um mundo novo pra mim, né? Primeiro eu comecei a pesquisar sobre esse funcionamento do TCU nas décadas anteriores, séculos até, né? A

gente até descobriu e no vídeo você pode ver depois, ele conta, ele remonta alguma coisa desde o antigo Egito, porque na verdade já se falava desse tipo de assunto. [telefone toca] eu te ligo daqui a pouquinho, você já tá saindo? Beijo. Então, já se falava desse tipo de assunto. Depois você corta, edita.

DANIELE: Você quer falar e a gente continua depois?

ENTREVISTADO: Não, vamos continuar, porque acho que é legal, só se você quiser.

DANIELE: Não.

ENTREVISTADO: Não? Tranquilo, porque a gente faz pelo menos um relato aí completo e se faltar alguma coisa depois a gente volta a fazer. Então eu achei muito interessante isso, o vídeo retrata desde esse princípio, desde os primórdios, o homem sempre se preocupou com fiscalização de contas. Já tinha um controle contábil lá no Egito antigo já existia na pedrinha, o cara ia lá furando a pedrinha e marcando a contabilidade da época, né? Enfim, ao longo dessa história foi um processo evolutivo, a gente conta essa história todinha da evolução do Tribunal. Aí eu descobri qual era o grande barato mesmo do museu, que foi uma coisa que me deixou assim apaixonado por museu, que eu fiquei a fim de trabalhar aqui também, trabalho aqui até hoje, foi justamente o museu não é um lugar de guardar coisa velha, esse foi o conceito que eu descobri. Não é um lugar de guardar coisa velha, o museu é um lugar que conta a história, é o lugar que oficializa a história de uma instituição, de um caso, de um fato, de uma situação, de um acontecimento, né? Ou seja, muitas pessoas convive com isso e de uma hora pra outra vem o museu e transforma aquilo que é o dia a dia das pessoas em uma história concreta, registrada e oficial. Isso maravilhoso, eu acho isso fantástico no trabalho que a gente faz né? Aí a gente fez essa primeira exposição, eu fiz esse vídeo, que fez até um sucesso do caramba. Inclusive o vídeo eu fiz que era só pro museu, muitos setores do TCU queria pra dar palestra, secretaria de planejamento, ia receber prêmio fora do Tribunal, levava o vídeo pra apresentar o vídeo, ele já foi apresentado na Câmara, na Presidência da República, até os estados já solicitaram cópia desse vídeo pra apresentar.

Então foi uma coisa que teve uma repercussão muito grande, eu acho que em função também da gente ter participado disso, ter gostado da história, querer contar uma história bem contada e tal. Então já tinha até fugido do foco do vídeo e tava com foco na história, uma coisa bem legal. Aí com base nesses conhecimentos dessa primeira montagem de exposição, o que eu achei uma coisa muito interessante, logo depois surgiu uma demanda, que eu achei muito legal pra gente, que era pra contar a história de 30 anos de tecnologia da comunicação aqui no TCU. Ou seja, é uma história recente, não é uma história antiga, né? Aí caiu a ficha mesmo que o museu não tem esse compromisso só com a coisa velha, ele tem compromisso com a história. Não é o velho. O velho é porque faz parte da história e ele ajuda a contar uma história de hoje. Então quando a gente começou a contar a história dos 30 anos de TI foi fantástico. Tanto é que a gente montou uma exposição dentro do museu que era completamente tecnológica, as coisas antigas estavam expostas em vitrines super modernas, tinha uma iluminação super moderna, tinha um tratamento acústico super legal. Então assim era uma exposição em um museu, quem entrava não sabia que era um museu, parecia uma galeria. Mas é lógico que o cunho da exposição que estava contando a história e a tecnologia da informação, naturalmente a gente tem que mexer com tecnologia, e contava essa história até os dias de hoje. Então se você sintetiza uma história até o dia de hoje, quer dizer que o hoje já entrou pra história do museu, né? Isso pra mim é rico pra caramba. Então basicamente assim, essas descobertas, após esse tipo de trabalho que a gente fez também aí eu também comecei a estudar um pouco mais sobre museu, frequentar mais museu, aí a gente vai conhecendo também e sabendo das limitações que a gente tem aqui dentro do Tribunal, que é difícil pra gente montar, você está acompanhando essa exposição agora e está vendo que volta e meia a gente passa por dificuldades que são, eu acho que até características de instituições que não tem o foco principal na museologia, é uma ação acessória que a gente faz.

DANIELE: O que você acha que é principal dificuldade no museu aqui do TCU



ENTREVISTADO: Eu acho que a sensibilidade ou falta de conhecimento mesmo de algumas pessoas pela importância que uma instituição como o museu representa. Isso eu acho fundamental. Eu acho que... Tem pessoas que descartam totalmente a existência do museu aqui dentro, acham que o Tribunal não tem que gastar dinheiro com isso, não tem que se preocupar com isso. Então eu acho que o principal obstáculo é convencer em certos momentos certas pessoas que esse trabalho tem que continuar. Algumas vezes a gente já pôde perceber que a gente só continuou esse trabalho não porque a gente conseguiu convencer, mas porque já existiam alguns compromissos institucionais e políticos no museu que tinha sido criado anteriormente, né? Tipo a existência de um determinado Ministro que apoiou em um momento, outro Ministro fica até, enfim, acaba criando algum melindre pra desfazer aquilo que já foi feito por outro, então tem uma continuidade. Porque se você for mesmo observar mesmo o comportamento mesmo de certas pessoas elas são contras, radicalmente contras, acham que o Tribunal não deveria gastar nem um real com isso. Então eu acho que isso é o principal, na medida em que as pessoas se convencem, que tem que ter, naturalmente as verbas, recursos, acabam fluindo melhor. E não é só de recurso que vive o museu, né? A gente pode fazer uma exposição muito simples também, igual a essa que estamos fazendo ela tem um custo bem baixo comparando com outras coisas. Mas é até a falta de apoio mesmo, pra conseguir coisa é difícil, a gente vê que... Uma observação interessante que eu já comentei na sala algumas vezes, mas pra mim isso tem um peso muito maior do que parece, às vezes a gente fala brincando, mas não é brincadeira não. Quando eles foram esvaziar o prédio do Tribunal, por exemplo, daqui da sede e levar o pessoal pro anexo pra poder fazer uma reforma geral no prédio, nós fomos literalmente os últimos a sair do prédio, e nós só saímos do prédio porque eles já estavam quebrando o prédio e a gente ainda tava trabalhando aqui dentro. Inclusive o banheiro já estava desmontado, eu saía da sala tinha vaso sanitário, tinha as coisas espalhadas no corredor e a gente ainda tava trabalhando no prédio. Não tiraram a gente porque tinha necessidade que a gente trabalhasse em outro lugar, tiraram a gente porque precisavam tirar todo mundo aqui pra eles poderem fazer o trabalho deles aqui. Quando a gente retornou foi a mesma coisa. Eles não tinham compromisso, isso é administração

da casa que vê assim, não tem um compromisso de que o museu tem que vir logo. A gente já podia ter essa exposição montada se a gente já tivesse vindo dentro de um cronograma de ocupação aqui do prédio que fosse razoável, de repente a gente já tinha essa exposição montada, mas acabou não acontecendo assim. Por quê? Porque a gente só saiu de lá quando alguém precisou da outra sala lá. Então vamos tirar logo o pessoal do Museu daqui, porque a gente precisa ocupar essa sala. Isso é lamentável. Isso demonstra claramente uma realidade do Brasil, não é nossa aqui do Tribunal de Contas da União. É famosa frase de que a cultura está sempre em último plano e está sempre em último plano. Até num simples ato desse a gente vê que a gente tá no último plano e é lamentável, porque a cultura que traz o ensino, uma série de valores pras pessoas, registra até a história da instituição, né? E é a última coisa a ser...

DANIELE: Você estava aqui no momento que o museu saiu do ISC e ficou subordinado ao GabPres?

ENTREVISTADO: Tava. Esse foi um momento muito legal, acho que isso aí foi um momento de sensibilidade de um determinado gestor. Na época foi o Ministro Ubiratan, né? Acho que foi o Ubiratan Aguiar.

DANIELE: Foi logo depois do Ministro Valmir Campelo, né?

ENTREVISTADO: Não, foi bem depois. Antes dele teve outros Ministros, teve o... Não sei se vou lembrar o nome dos caras. Mas enfim, não foi não, ele foi bem mais recente. Até mesmo por uma questão de coordenar melhor essas ações do espaço cultural e do museu achou por bem desvincular isso do Instituto Serzedello Corrêa e trazer direto pra presidência. Isso é uma coisa interessante, porque a gente sente também que muitas vezes o museu e o espaço cultural são negligenciados por uma questão clara que é essa que a gente falou ainda agora de deixar a cultura por segundo plano. Mas em alguns momentos esse ponto é que chama mais atenção para algumas ações políticas, alguns encontros políticos, alguns compromissos políticos que acaba a instituição assumindo. Então quando se vê em determinada situação a coisa já está acontecendo e tem que apagar o fogo, né? E a gente já viu acontecer isso aqui algumas vezes.

Então quando se percebeu esse tipo de coisa e que era uma coisa totalmente estanque, quem coordenava as ações do museu e de que maneira acontecia, era um processo muito amadorístico. E a gente sabe que essas ações culturais e ações museológicas elas têm que está ligada mesmo é diretamente na cabeça da instituição, por quê? Acaba que... No fundo, no fundo, a instituição acaba usando esse tipo de serviço, esse setor, pra se promover, pra promover coisas que são bem sociais e que integram pessoas e que falam bem da instituição, porque quando você traz pessoas de diversos setores da sociedade e diversas instituições pra visitar uma exposição do museu é um momento, lógico, de muita importância, é um momento de abertura que você leva ao conhecimento desse público todo a sua cara, sua personagem, o compromisso e isso tudo traduzido dentro de um salão de exposição. Vale mais que milhões de palavras, não é nem mil palavras, mais do que milhões de palavras. Só uma imagem valem mais do que mil palavras, imagina um museu tem uma porrada de imagem, né? É muita palavra, risos!

DANIELE: Pra você que já está a 10 anos trabalhando no museu do Tribunal, qual a grande vantagem de se ter um museu dentro da instituição.

ENTREVISTADO: Essa que acabei de falar pra mim é a principal vantagem, né? Primeiro porque uma instituição tem que conhecer mesmo a sua história, né? Eu já tive a oportunidade de ver, também do outro lado trabalhando na atividade fim do Tribunal, às vezes algumas coisas surgiam como se fosse uma inovação e na verdade já foram medidas que foram adotadas no passado, até no modo processual de ação aqui do Tribunal. Tipo criar o processo consolidado como se fosse uma coisa nova, isso já tinha sido... Né? E a gente vê também medidas bem sucedidas como dividir as ações do TCU em câmaras, por que isso aconteceu. Então você está contando a história da instituição. A gente não chegou aqui onde a gente está hoje porque alguém pegou uma varinha de condão e criou do jeito que é não, é um processo cultural e evolutivo. E cultural nesse sentido, né? É você registrar o processo evolutivo daqui que você está fazendo pra você ir além, a gente não ter que reinventar a roda cada vez. Na medida em que você tem como registro básico de que a roda já foi inventada, as outras coisas a gente vai inventando né? Na medida que você

armazena e administra toda a cultura e o conhecimento que você já tem a tendência de você crescer é muito maior, porque você vai procurar coisas novas, não vai ficar repetindo as coisas do passado, naturalmente vai aproveitar as experiências que deram certo e usar isso como uma ferramenta de um desenvolvimento de buscar sempre além né? O Mao Tse Tung tinha uma frase legal sobre isso também, não sei se você já ouviu falar, “O homem que conhece sua história, não corre o risco de cometer seus erros”. Então é uma coisa interessante, eu vejo isso como naturalmente fundamental, acho que assim não é só uma coisa bonitinha, legal de você ir visitar. Acho que é uma coisa importante mesmo.

DANIELE: Uma coisa funcional, né?

ENTREVISTADO: Funcional. A gente tá fazendo uma pesquisa agora que é muito legal, dessa próxima exposição, que começa 1340, ou seja, antes de existir o Brasil. A gente já tá fazendo um trabalho com exposição com esse assunto que é o precursor, é o que gerou o Tribunal de Contas hoje, isso é muito legal, isso dá peso pra nossa história, a gente não começou fazer esse trabalho ontem, são séculos. E nem começou no século retrasado, como alguns pensam, são séculos de um processo evolutivo registrado, conhecido, que vem se aprimorando, ninguém chega aonde a gente chegou hoje do nada. A gente só tá aqui em cima desse morro hoje, porque existiu uma subida dele antes, né? A gente não caiu aqui em cima de paraquedas. Então acho que esse é o ponto mais importante de museu pra mim é esse. E desse conhecimento que eu tenho trabalhando com esse negócio aqui esses anos todos é isso que tiro de mais proveito. É lógico que às vezes a gente fica um longo tempo de marasmo, nada encontra nada, na verdade você não está sintetizando história, né? Aquela coisa ali: já está decoradinho, bonitinho, guardadinho e aí deixa quieto ali. Aí a história está passando e você não está sintetizando nada. Acho que trabalhar no museu tem que ser uma coisa constante, porque esse registro é o que vai ser a história contada no futuro, né? Ninguém vai querer ficar procurando a história em um monte de lugar, vai procurar onde tem o livro lá que já está escrito a história toda oficial daquele negócio e já tem todas as informações que a gente precisa. Acho que o Tribunal inclusive, isso pra mim ainda é um desafio, eu quando... Tô

falando muito? Não, né? Quando eu entrei nesse processo de museu também, isso foi uma necessidade que eu senti, e até hoje ainda é capenga, tem alguns arquivos que são defasados, teve muito prejuízo por enchente, com fogo, não sei o que, muitos documentos se perderam, né? Mas a gente não tem a nossa história muito bem contada. A gente tem uma monografia de um servidor que escreveu muito bem, competente etc. e tal. Não vamos questionar o trabalho dele de forma alguma, mesmo porque muito legal. Isso orienta nosso trabalho hoje. Mas a gente não tem um trabalho oficial de historiadores, um levantamento completo desde a criação do TCU, passo a passo pra descobrir e desvendar todos os procedimentos e processos de evolução desse trabalho contado oficialmente pelo Tribunal ou por qualquer instituição histórica, vamos dizer assim, não existe isso. E quando eu entrei eu senti a falta disso. Até mesmo quando eu fui fazer o vídeo eu senti, porque a gente tinha algumas informações que pegam com mais clareza de meados do século passado até o final do século passado e na parte primeira do século passado a gente não tinha essas informações, não tem essas informações, não tem esse trabalho de pesquisa mais aprofundado. Pra ter uma ideia, a gente já conversou sobre isso aqui também, a gente não tem a imagem, a foto, de alguns Ministros, que já foram Ministros do Tribunal. Se pessoas que foram tão importantes para o Tribunal a gente sequer tem a foto, imagina o tanto de história que se perdeu aí, né?

DANIELE: Sim.

ENTREVISTADO: Aí minha preocupação com o museu hoje é que esse tipo de coisa não aconteça no futuro.

DANIELE: Para não acontecer.

ENTREVISTADO: Então a gente... Quanto mais... Acho que a gente guarda pouco, acho que a gente guarda muito mais hoje do que toda a história anterior do TCU já guardou, mas eu acho que é muito pouco com relação, não aquilo que a gente gostaria de guardar, mas com aquilo que a gente tem que guardar, é compromisso, é obrigação de quem trabalha nesse tipo de coisa. A gente gostaria, eu gostaria antes quando eu não tinha envolvimento emocional

com essa coisa, hoje já não é mais essa coisa, a gente tem um compromisso, a gente sabe se a gente não fizer lá na frente vai faltar e quando a alguém quiser voltar e contar essa história... Então isso também é uma coisa legal, porque não é só a gente resgatar aquela coisa do passado, mas mesmo que não esteja contando, mas você preparar um material suficiente pra no futuro alguém contar essa história. Pode ser que a gente nem esteja aí pra contar, mas a gente guardou tudinho e vai facilitar a vida futura de outras pessoas, né?

DANIELE: Legal.

ENTREVISTADO: Hoje a gente sabe que no Museu do TCU mesmo, quem quiser contar uma história de uns 10 anos pra cá, a gente tem muito mais informação armazenada. Isso não se deve à informática não, porque a informática faz é a gente perder muita coisa, né? Que aí a gente... Eu também fiz alguns cursos relacionados a essa área de registro e aí na medida que eu tava aqui dentro eu procurei me informar melhor

DANIELE: Várias áreas

ENTREVISTADO: Conhecer mais a atividade que a gente desenvolve. Acho que isso é importante. Toda vez que me envolvo com o trabalho, eu busco conhecer o máximo possível de informações básicas pra desenvolver um trabalho razoável e nesse sentido a gente fez isso e também desde trabalho na área de pesquisa, de desenvolvimento, de guardar coisas, de registro, como na área expositiva, tipo de iluminação, tipo de material, como montar uma exposição, então uma série de coisas assim a gente já fez aqui também. Tanto eu, quanto a Vivian, algumas pessoas que passaram por aqui, a gente sempre procurou se aprimorar, acho que traz um resultado legal pro nosso trabalho que é o que deixa a gente aí hoje como está.

DANIELE: Obrigada, Anselmo.

ENTREVISTADO: Está satisfeita? Falei muito? Vou te dar o maior trabalho pra escrever isso tudo, né?

DANIELE: Obrigado.

APÊNDICE 2 - ENTREVISTA SUB PROCURADOR GERAL DR. SEBASTIÃO BAPTISTA28/11/2014

Arquivo: 20141128 150620

DANIELE: E a minha orientadora ela quis fechar de maneira mais específica a minha pesquisa pra que eu pudesse conhecer um ponto, de repente fazer mais futuramente uma pesquisa maior. Então eu tenho conversado com as pessoas pra elas, buscando um pouco na memória das pessoas os fatos que envolveram a criação do museu e como ele ficou ao longo dos anos funcionando no museu do TCU. E na documentação que eu tenho pesquisado eu vi que o Ministro Iberê Gilson em 1970 criou o museu do TCU, então a minha pesquisa começa desse ponto, do Ministro Iberê Gilson e aí eu tenho tentado resgatar desse ponto pra cá o museu. Tenho buscado conversar com as pessoas, algumas têm falado sobre a existência dele numa sala, depois que não existiu. Estou pesquisando esse universo. O senhor está há quanto tempo aqui?

ENTREVISTADO: Eu sou do Tribunal, ingressei no Tribunal em 1948.

DANIELE: 48.

ENTREVISTADO: Tava vendo aqui na relação dos Ministros antigos eu entrei no Tribunal quando era presidente este moço aqui, Alfredo Guimarães de Oliveira Lima, então de lá pra cá eu praticamente conheci todos esses aqui. Esse é o Iberê que criou o museu em sessenta... Em setenta, né?

DANIELE: Isso.

ENTREVISTADO: Se bem que ele foi presidente em 69 e 70, mas criou em 70.

DANIELE: Em 70.

ENTREVISTADO: Então todos esses aqui eu conheci. Quando eu saí do Tribunal, quando eu me aposentei era presidente o Ministro Gilberto Monteiro



Pessoa, esse aqui. Mas de lá pra cá, todos esses aqui eu cheguei a conhecer, digamos assim, uns passaram na presidência, outros não. Aqui é só dos presidentes, né? Não é de todos os Ministros. Você conhece essa publicação?

DANIELE: Conheço.

ENTREVISTADO: É nova.

DANIELE: Conheço, conheço.

ENTREVISTADO: Mas diga lá o que eu posso...

DANIELE: Me ajudar? O senhor pode falar um pouco do Iberê Gilson?

ENTREVISTADO: O Ministro Iberê Gilson ele veio pro Tribunal, se não me engano, no governo do Castelo Branco em 67, ele trabalhava naquela comissão, no executivo, da reforma administrativa, que foi implantada em 67. Com a lei orgânica do Tribunal, decreto lei 199 e o decreto lei 200, que é o da reforma administrativa. Depois logo em seguida nas vagas que sucederam ele foi um dos primeiros nomeados nessa época, em 67. Nessa memória minha aqui, pra confirmar melhor, o Ministro Iberê foi nomeado em 66, em dezembro de 66. Na aposentadoria, na vaga decorrente da aposentadoria do Ministro Brochado da Rocha que era um Ministro que tinha sido presidente também anteriormente, em sessenta e... Um pouco antes em Brasília. O Ministro Iberê Gilson é esse.

DANIELE: Isso.

ENTREVISTADO: Ele foi nomeado na vaga do Ministro Brochado da Rocha. Esse aqui.

DANIELE: O senhor lembra desse fato dele criando o museu?

ENTREVISTADO: Do fato?

DANIELE: Dele ter criado o museu. O senhor lembra desse momento?

ENTREVISTADO: Não. Ele criou, vamos dizer assim, ele era muito ativo, vamos dizer assim. Porque tem presidente que é mais acomodado, é mais... Envolve na rotina, outros são mais dinâmicos, não mais dinâmico, mais inovador. E ele era desse tipo, ele até por sinal ele lembra muito o Ministro Luciano Brandão que também quanto ele era engenheiro, tinha assim uma... Era muito ativo, como é que se diz, muito criador, criatividade, gostava muito de movimento, de coisa. Ele lembra muito o Ministro Luciano Brandão porque ambos também eram, são, ele é e ele foi engenheiro. Ele criou o museu praticamente no papel, o museu foi criado e não teve uma instalação do museu. Foi criado o museu, etc. etc.. E ficou no aguardo de remessa de documentos, recolhimento de material, somente mais recentemente, se não me engano, na presidência do Ministro Campelo, né?

DANIELE: Valmir Campelo.

ENTREVISTADO: É que foi instalada a sala do museu, dado uma mínima estrutura para funcionar e a partir daí que começou a documentar o museu propriamente dito.

DANIELE: Ter um trabalho...

ENTREVISTADO: Eu mesmo quando era, nessa época em 68, em 68, 69 e 70 eu era diretor no Tribunal. Eu era diretor da quinta diretoria, que hoje corresponde a SEGFIP era diretoria que examinava as concessões de aposentadoria, reforma e pensão. Corresponde hoje à Secretaria de Fiscalização de Pessoal, SEFIP. E nessa época eu examinando um processo de pensão, eu me lembro que encontrei um documento que era uma certidão de nascimento, uma certidão de casamento de um imperador, uma coisa assim, de uma autoridade histórica, e eu lembro que esses processos iam pro arquivo, iam ser incinerados, eu lembro que tirei esse documento, substituí por uma cópia, não sei nem se esse documento está.

DANIELE: Está. É a certidão de casamento do Marechal Hermes e a certidão de óbito do Marechal Hermes.

ENTREVISTADO: É. Exatamente. Esses documentos fui eu que levei para o museu. Foi o processo de pensão da pensionista dele. Em um processo de pensão que passou pelo Tribunal eu vi esses documentos, retirei do processo e autentiquei uma cópia, coloquei no lugar e mandei esses documentos pra praticamente inaugurar o museu, porque até então não havia documentação nenhuma no museu. Esse documento do Marechal Hermes deve ter sido um dos primeiros documentos do museu, você que está lá deve ver se tem outros mais antigos, não sei.

DANIELE: É, tem o registro de... Eu achei um outro registro de uma documentação que também foi doada para o museu nessa época, tem alguns poucos documentos de 70 e 71. E um deles eu achei interessante que é uma lista de peças do gabinete do presidente e essas peças estavam sendo transferidas do museu. Aí eu fiquei curiosa se o gabinete do presidente tinha umas peças ou se foi o Ministro Iberê Gilson que resolveu na gestão dele fazer algumas coletas e criar essa pequena coleção.

ENTREVISTADO: Eu acredito que ele mesmo não executou, vamos dizer assim, ele idealizou, criou o museu, deu o pontapé inicial no museu e a partir dali recomendava que fossem recolhidas peças e etc.. Então não havia. Eu não sei se estaria no museu uma peça, outro dia eu vi esse documento, é um cofre de vidro, como é que eu chamaria?

DANIELE: Uma urna de vidro.

ENTREVISTADO: Uma urna de vidro, não sei como está essa urna, o que é essa urna.

DANIELE: É a que ficava dentro o primeiro livro de atas do Tribunal, seria isso?

ENTREVISTADO: É. Tinha uma urna que ficava o primeiro livro de atas do Tribunal, mas tinha uma urna quadrada de vidro, essa urna ficava no gabinete da presidência com um exemplar da bandeira do Brasil. Pelo seguinte, o Tribunal funcionava no Rio, quando o Tribunal funcionava no Rio funcionava no décimo

segundo andar do ministério da fazenda, o Tribunal não tinha prédio próprio. Então ele não tinha como hastear a bandeira. Hoje em dia é moda você fazer esses mastros portáteis nas salas, nos gabinetes, mas antigamente não havia isso. Mas o Tribunal não tinha onde hastear a bandeira. Então teve uma época que a bandeira, os funcionários do Tribunal fizeram uma cotação, etc. e tal e compraram um exemplar de uma bandeira e doaram ao Tribunal. E ela ficava, vamos dizer assim, exposta dentro de uma urna.

DANIELE: Eu sei então qual que o senhor está falando, é uma maior assim.

ENTREVISTADO: Não, não. É urna de vidro, quadrada, douradinha de volta. Depois quando o Tribunal passou a ter bandeira hasteada essa urna passou a ser usada como depósito do primeiro livro de ata do Tribunal.

DANIELE: Olha que interessante.

ENTREVISTADO: Agora essa bandeira que não sei o destino foi dada a ela.

DANIELE: Essa bandeira está no museu também.

ENTREVISTADO: Está no museu também?

DANIELE: Está no museu também.

ENTREVISTADO: Ela deve está esfarelado, risos.

DANIELE: Está bem esfarelada. Em 2004 quando o Ministro Valmir Campelo revitalizou o museu ou criou de fato o museu, né? Aí uma senhora que veio aqui no Tribunal dar um curso para equipe que estava colocando o plano de fato fazer o museu, aí ela fez a reconstituição da bandeira, aí ela fez um trabalho de restauração da bandeira. Mas ela está bem fragilzinha mesmo.

ENTREVISTADO: Essa bandeira foi doada pelos funcionários do Tribunal no pretérito, na década não sei de quando, não tenho ideia. Eu tenho até um

exemplar, ainda devo tentar conseguir isso. Dessa solenidade da inauguração da bandeira nesses termos. No dia da bandeira, nessa época, um dos funcionários do Tribunal, era um dos diretores, fez um discurso e aí tem uma publicação, na biblioteca deve ter um exemplar, na biblioteca deve ter um documento com o discurso sobre o dia da bandeira.

DANIELE: Vou procurar.

ENTREVISTADO: Não lembro agora o nome do funcionário, um funcionário conhecido na época. E tem essa publicação. Eu até devo ter um exemplar em casa, se eu tiver eu trago. Essa é a origem da bandeira. Ela ficava no gabinete da presidência com a bandeira exposta e no dia da bandeira, todo ano, como o Tribunal tinha que hastear a bandeira solenemente e ele não tinha mastro pra hastear, então a solenidade era feita ao redor dessa urna, vamos dizer assim.

DANIELE: Interessante. Interessante. Nessa documentação também do museu que eu encontrei na década de 70, 71, eu encontrei também uma portaria falando de uma servidora, não sei se o senhor se lembra dela, é a senhora Clara Pastora Leite. Ela tinha feito o curso de museus no Rio e ela era funcionária do Tribunal e nessa portaria fala que ela ia acumular a função dela mais ajudar a construir o museu.

ENTREVISTADO: Nessa época não havia função inerente ao museu, né? Não me lembro dessa pessoa não, esse detalhe não tenho.

DANIELE: Eu não tive a sorte de conversar com ela, ela estava doente, não tive sorte de...

ENTREVISTADO: Como era o nome dela?

DANIELE: Clara Pastora Leite. Ela mora aqui em Brasília. Morava.

ENTREVISTADO: Faleceu?

DANIELE: Faleceu esse mês. Engraçado, meu trabalho falando de memória, eu fui conhecê-la e ela estava com Alzheimer há mais de 10 anos.

ENTREVISTADO: Eu não lembro de conhecer essa pessoa não.

DANIELE: Mas também a documentação que tenho do museu é só de 70 e 71, depois disso não aparece mais nada sobre o museu.

ENTREVISTADO: Veja bem, tem um documento, não é bem peça de museu, mas quando eu escrevi esse trabalho aqui, deixei até um exemplar aí.

DANIELE: Está aqui.

ENTREVISTADO: Quando eu fiz esse trabalho, eu fiz uma reconstituição de todas as datas de posse de todos os Ministros e procuradores desde a origem, a posse é dada mediante a assinatura em um livro e antigamente esse livro era um livro desse tamanho, um livro grande, que era manuscrito, antigamente era datilografado e internet não havia nem em pensamento. Então era tudo manuscrito. E era um livro só para posse de funcionário, Ministro, procurador, todo mundo tomava posse [ininteligível] e eu fui ao arquivo, o arquivo tinha recém chegado do Rio, estava ali naquela sede na W3 na 507...

Outra pessoa: 13.

ENTREVISTADO: Anh?

Outra pessoa: 513.

ENTREVISTADO: 513.

Outra pessoa: Norte.

ENTREVISTADO: É onde funcionava, não sei se ainda tem alguma coisa do Tribunal lá ou se já veio pra cá.

DANIELE: Está tudo aqui.

ENTREVISTADO: O arquivo do Tribunal funcionava provisoriamente lá e eu fui ao arquivo, botei aquela roupa de astronauta, pra procurar no meio daquela documentação, eu consegui achar os livros de posse desde a criação do Tribunal, desde 1890, até aquela época. Então eu folhee aquele livro lá mesmo e separei, tirei cópia, Xerox na época, tirei cópia de todas atas de posse dos Ministros, auditores e procuradores que tomaram posse até 49. Por que até 49? Porque a partir de 49 foi criado um livro pequeno, capa preta, um livro comum, do tamanho de uma folha de papel, e os termos de posse passaram a ser feitos naquele livro. Eu mesmo quando tomei posse como procurador, tomei posse nesse livro. Esse livro foi criado em 1949 pelo Ministro Rubens Rosa ele era presidente em 49 e a partir de 49 ele criou um livro de posse só para, como chamavam, de autoridade. Era posse de Ministro, auditor, procurador e posse de presidente. Então todo ano o presidente tomava posse nesse livro. Esse livro funcionou desde 1949 até agora 2010, 2012. E esse livro está no arquivo, não está no museu.

DANIELE: Entendi.

ENTREVISTADO: Não sei se você deve encontrar lá é um livro capa preta, um livro dessa grossura, é um livro de posse do Ministro. Ali você vai encontrar todos os termos de posse de Ministro, auditor, procurador e de presidente. De 49 pra cá. Até 49 eles tomavam posse nesse livro comum, que era um livro grande, desse tamanho, junto com funcionários. Então porteiro, técnico, oficial, o diretor, o presidente tomavam posse nesse livro. Mas eu me dei ao trabalho de tirar cópia de todas as folhas onde tinha termo de posse de Ministro, auditor e procurador, deu um volume desse tamanho. E nessas cópias nas quais eu me baseei pra fazer esse trabalho, você vai encontrar no livro, pra confirmar, né? Fulano de tal tomou posse no dia tal.

DANIELE: Sim.

ENTREVISTADO: Essas datas que estão citadas aqui, termos de compromisso e posse, primeiro posse do Tribunal foi do Conselheiro Manoel Francisco, que era o presidente, foi no dia 16 de janeiro de 1893. Essa data aqui

eu extraí do próprio livro de posse e tirei uma cópia. Eu fiz uma coletânea com todas essas cópias e deixei, na época, na biblioteca com a Evanice...

DANIELE: Evelize.

ENTREVISTADO: Evanize

DANIELE: Evelize.

ENTREVISTADO: Evenize, né? Ela que era diretora da biblioteca.

DANIELE: Chefe do CEDOC.

ENTREVISTADO: Não sei se ainda estará lá, não sei se também...

DANIELE: Não me recordo assim de todo o acervo, pode está lá e eu não estou lembrando.

ENTREVISTADO: Talvez seja interessante, é uma cópia de uma peça de museu. A cópia em si não é cópia de museu.

DANIELE: Não, mas é importante. É importante pela informação que tem.

ENTREVISTADO: Ela retrata uma situação histórica. Talvez seja interessante você tentar ver se esse volume de cópias não estaria lá na biblioteca. No setor. E a Evelize deve ter notícia disso.

DANIELE: Vou atrás também. É. Eu já conversei com a Evelize também, mas ela não soube me dar essas informações que o senhor está trazendo pra mim desde a época do Iberê Gilson, que é muito importante porque esse momento de criação do museu em 70 eu só tenho o registro falando do museu nas portarias do Tribunal, só em 70 e 71, aí de 71 até o Valmir Campelo a gente não tem falando especificamente sobre o museu. Eu conversei com a Dona Lígia, que trabalhou na biblioteca, ela falou que quando inauguraram esse edifício em 75 que montaram uma sala no térreo com plenário, com mesa e ela falou pra mim que ali foi o ambiente do museu.



ENTREVISTADO: Do museu. Ali ficou, é.

DANIELE: Ou seria museu ou seria salão nobre, eu ainda não consegui...

ENTREVISTADO: Não, não. Salão nobre é onde recebe visita de autoridade, é outra coisa. Ali funcionava como... Veja bem, essa mesa do plenário ela foi montada no canto da sala nobre, do salão nobre. Era aqui no segundo andar, nessa quinta. Não sei a posição que nós estamos aqui...

DANIELE: A gente está bem atrás do edifício.

ENTREVISTADO: O elevador aqui, à frente... Nós entramos por aqui, né?

DANIELE: Eu acho que nós estamos atrás, na parte do quadradinho de trás.

ENTREVISTADO: É naquela quina da... Não, era no miolo. Não era na periferia do prédio, era no miolo, no segundo andar, naquela quina de dentro, salão nobre era ali e a sala das sessões era na outra quina. Aqui tem um miolo, no meio do prédio, né? Então no segundo andar, era a sala das sessões no lado de lá e o salão nobre no lado de cá. Nesse salão nobre é que estava no cantinho de cá instalado o plenário que atualmente está a sala lá do plenário.

DANIELE: Esse plenário ele foi usado no Rio e quando o Tribunal veio para Brasília ele ficou desativado.

ENTREVISTADO: Não! Ele funcionou.

DANIELE: Funcionou aqui.

ENTREVISTADO: O Tribunal veio pra Brasília em 61, funcionava no bloco seis da Esplanada dos Ministérios. Era o primeiro bloco vindo de lá pra cá, junto à Catedral. Então ali funcionava o Tribunal de Contas da União, funcionava o Tribunal de contas do DF que já estava criado nessa época e o Tribunal de justiça, então os três tribunais funcionavam ali. Muito precariamente porque era um prédio de seis andares, muito precariamente. Então dali o Tribunal de contas

do DF se mudou pro prédio do BRB no setor bancário sul, funcionava naquele prédio ali. E o TCU mudou pra aquele anexo ao ministério da justiça, aquele anexo era o Tribunal de Contas, correto? E o Plenário funcionava naquela caixa d'água que fica do lado de fora, ali era o plenário. E esse plenário, aqueles móveis pretos, costas altas, funcionava aí, até vir pra cá. Quando veio pra cá funcionava com aquele mobiliário.

DANIELE: Com aquele antigo?

ENTREVISTADO: Exatamente.

DANIELE: hum

ENTREVISTADO: Só mais recentemente é que aquele mobiliário antigo foi substituído pelo mobiliário mais novo, mas aquele mobiliário antigo funcionou na sala das sessões aqui no prédio.

DANIELE: Aqui nesse prédio.

ENTREVISTADO: E tem até algumas fotografias, não sei, talvez na revista do Tribunal dessa época, talvez encontre umas fotografias. Eu me lembro de ter visto umas fotos...

DANIELE: Década de 70, né?

ENTREVISTADO: Hum?

DANIELE: Década de 70 que ele deixa de fazer parte...

ENTREVISTADO: É, é.

DANIELE: O senhor recorda se ele foi pro museu ou se ele foi pro salão nobre?

ENTREVISTADO: Ele foi pro museu que estava instalado junto ao salão nobre. Quer dizer, o ambiente era o salão nobre, porque não havia uma sala do

museu, havia um museu criado, mas não havia uma sala do museu. Então o museu só existia teoricamente, vamos dizer assim. Então a partir dessa última portaria institucionalizando o museu é que passou a ter uma salinha, aqui no terceiro andar, segundo andar, não sei.

DANIELE: Acho que foi ali no térreo, que eles fizeram a primeira exposição no térreo.

ENTREVISTADO: Não, não era no térreo não. Tinha uma salinha do museu no terceiro andar ao lado das salas dos advogados. Aqui no terceiro andar. Nós estamos no terceiro andar, é. Aqui adiante, você seguindo o corredor e dobrando pra cá... Eu estou fazendo meio que confusão aqui por que...

DANIELE: É confuso esses quadradinhos mesmo.

ENTREVISTADO: Seguindo ali o corredor pra lá e dobrando pra lá, entendeu? Tem a sala que era a sala dos advogados e ao lado a sala que era o museu. Então ali que começou a guardar as primeiras coisas do museu.

DANIELE: As primeiras peças...

ENTREVISTADO: Agora o mobiliário não cabia dentro da sala, então o mobiliário ficou em exposição no salão nobre.

DANIELE: No salão nobre.

ENTREVISTADO: O mobiliário ficou em exposição em exposição no salão nobre. Então não se confunde o museu com o salão nobre.

DANIELE: Essa fala do senhor é muito esclarecedora porque as pessoas não conseguiam ter essa memória que o senhor está me dizendo bem pontualmente. Em vários momentos eu fiquei bastante confusa e assim o senhor está sendo bem pontual, o senhor está esclarecendo vários pontos que pra mim está bem obscuro. Os Ministros, a solenidade...

ENTREVISTADO: Uma outra peça, no Rio o Tribunal funcionava no décimo segundo andar do Ministério da Fazenda e tinha a sala das sessões. A sala das sessões era até uma sala bonita e na sala das sessões foi instalado um retrato do Rui Barbosa, também em 49. O Ministro [ininteligível] era muito fã do Rui Barbosa, então ele inaugurou. Esse retrato do Rui Barbosa, quando o Plenário era aqui no segundo andar, esse retrato oval, ficava na entrada do Plenário. Atualmente, outro dia, vi esse retrato se não me engano no salão nobre.

DANIELE: Não, ele está na exposição “Casa dos Contos”, só que a fotografia que está lá...

ENTREVISTADO: Ah, ele está como peça de museu, não está como decoração.

DANIELE: Ele é peça no nosso museu, o retrato e a moldura. Só que pra essa exposição, o curador colocou a foto do Rui Barbosa, a gente pesquisou uma fotografia do Rui Barbosa com a idade que ele tinha quando ele assinou o decreto 966A. Então não é a...

ENTREVISTADO: A peça original.

DANIELE: A peça original está guardada.

ENTREVISTADO: É porque eu vi esse quadro.

DANIELE: A moldura é oval. Está no museu.

ENTREVISTADO: Bem oval e o retrato do Rui Barbosa da época, evidentemente, não de 80, mas depois. Esse quadro estava pendurado no salão nobre, eu vi pouco mais recente no salão nobre. Uma outra coisa também, que eu nem sei se ainda está lá no Rio, na sessão ou se desmontaram, que o Tribunal tinha uma grade de madeira com o parlatório que é onde fala, a fala dos advogados. Deve ter ficado no Rio. Foi exatamente esse Ministro Oliveira Lima que criou, até então não havia no Tribunal, criou no Tribunal a figura da defesa

por advogado. Criou, como chama? O parlatório, né? Onde o advogado sobe. Tribuna.

DANIELE: Tribuna

ENTREVISTADO: Sobe a tribuna pra falar. Até então não havia. Esse Ministro Oliveira Lima que criou a figura da tribuna para o advogado falar na sala de sessões. E esse naturalmente é um mobiliário que eu não deve, eu não vi esse mobiliário vir pra Brasília.

DANIELE: Não vi não.

ENTREVISTADO: Seria até interessante porque é uma peça muito bonita, muito bonita, que ficou no Rio. Pode até sugerir a alguém pra mandar trazer pra cá, porque ele integra a sala das sessões originária do Tribunal. É uma, como se chama grade? Um cancelo de madeira, madeira trabalhada, madeira no nível do mobiliário do plenário.

DANIELE: No mesmo estilo.

ENTREVISTADO: No mesmo estilo. E que no meio tem a tribuna do advogado. Acredito que essa peça está no Rio e seria até interessante...

DANIELE: Verificar as peças que...

ENTREVISTADO: Se essa peça ainda está lá, de repente pode desmontar e trazer, né? Assim como trouxeram as mesas e as cadeiras podia trazer essa peça também.

DANIELE: Vocês autoridades quando vocês iam ao salão nobre e que o plenário estava montado lá já fora do ambiente que vocês sentam pra...

ENTREVISTADO: Já em desuso.

DANIELE: Já em desuso. Como era essa relação, porque estava o salão nobre e tinha essa peça tão representativa.

ENTREVISTADO: Essa peça, ela ficava, vamos dizer assim, o salão nobre era um salão grande, pegava toda aquela quina do prédio, no miolo do prédio, no segundo andar, paralelamente a sala das sessões, na quina de lá ficava a sala das sessões e no mesmo espaço, na quina de cá, ficava o salão nobre. E nesse cantinho, era um cantinho pequeno, ficava instalado o plenário e ficava um cordão isolando. Então o pessoal que ia ao salão nobre, parava, olhava e etc., mas não tinha acesso.

DANIELE: Eu fiquei muito feliz com as coisas que o senhor me trouxe de informação, vários pontos que eu não conseguia entender o senhor trouxe pra mim. Fiquei muito satisfeita, agradeço a atenção do senhor, muito... Agradeço a atenção que o senhor dispôs para a minha pesquisa.

ENTREVISTADO: Eu tenho... Nesse trabalho aqui... Em 70... Eu tenho uma relação dos dados históricos aqui. Porque a revista do Tribunal foi criada também em 70, pelo Ministro Iberê também, foi ele que criou a revista do Tribunal. E nesse trabalho aqui eu tenho aqui dados históricos publicados na revista, na página 44 aí.

DANIELE: Está aqui.

ENTREVISTADO: Então por aí você vê origem do Tribunal, TCU [ininteligível], missão, controle do Tribunal, TCU, a revista do Tribunal daí pra frente publicou vários... A partir do... Vários dados históricos, posses de Ministros, etc.. Entendeu? Por aí afora. Registro de homenagens, registros históricos que estão na revista. Essa revista ela também é um repositório de informações importantes. Esse não é o quadro [ininteligível].

DANIELE: É esse que a imagem do...

ENTREVISTADO: Estavam. De origem

DANIELE: De origem, que está no museu.

ENTREVISTADO: Exatamente. Esse é o quadro que ficava na sala das sessões.

DANIELE: Esse retrato aqui também do Serdezello Corrêa, passou por uma restauração que foi encontrado e aí fizeram uma restauração em 2004 esse quadro.

ENTREVISTADO: Esse livro aqui eu não conheço ele. Estava vendo ele aqui agora, mas...

DANIELE: Essa aqui é uma peça também do museu, é um tinteiro do museu.

ENTREVISTADO: Esse cinzeiro, esse cinzeiro. Não é cinzeiro, é tinteiro.

DANIELE: É tinteiro.

ENTREVISTADO: Tinteiro com a caneca, ficava na mesa do presidente, se não me engano ainda fica hoje.

DANIELE: É uma réplica, em 2004 o Ministro Valmir Campelo pediu pra fazer uma réplica.

ENTREVISTADO: Essa peça está no gabinete do presidente.

DANIELE: O original está no museu.

ENTREVISTADO: Ah, está no museu? Estava no gabinete do presidente essa peça. Mas você vê lá nesse seu trabalho...

DANIELE: Essa que é a réplica, olha. Essa aqui é a réplica.

ENTREVISTADO: Aqui é a mesa do... do...

DANIELE: Esse que é o plenário antigo.

ENTREVISTADO: Exatamente.

DANIELE: Aqui o tinteiro, o tinteiro com a águia.

ENTREVISTADO: Nesse estilo tinha uma cancela, uma grade de madeira que não veio pra cá, nesse mesmo estilo. Esses móveis são muito bonitos... Você vê lá nesse seu trabalho se por um acaso você precisar de mais algum elemento assim de coisa você fala com a menina aí, ela entra em contato.

DANIELE: Ah, obrigada. Eu tenho uma imagem pequena do, acho que é do Salão Nobre, deixa eu trazer pro senhor ver.

ENTREVISTADO: Quem está atualmente como chefe do museu?

DANIELE: É a Vivian. Vivian Pimenta. Ela é a chefe do serviço de gestão cultural que administra o museu e o Espaço Cultural Marcantônio Vilaça. Essa que é a chefe do serviço de gestão cultural.

ENTREVISTADO: Eu não sei em termos de fotografias antigas se vocês tem no museu alguma...

DANIELE: Na verdade nós temos bem poucas coisas.

Outra pessoa: Mas a foto do slide é uma que tem aqui do...

DANIELE: Não.

Outra pessoa: Não é a mesma?

DANIELE: Essa daqui é a da exposição. A que tem no slide, acho que é a do salão nobre.

Outra pessoa: Eu também acho.

ENTREVISTADO: Eu tenho algumas fotos antigas, pelo menos dessa época de 70 pra cá, de participação, de congressos, me lembro até um



congresso que nós tivemos na Paraíba. Eu tenho uma foto lá com a participação do Ministro Evaldo... Tava o Wagner Estelita, o João Agripino que na época era... Depois posso até fazer uma seleção das fotografias, se tiver interesse.

DANIELE: Sim, gostaria de poder ver sim. Ajuda muito a compor a história.

ENTREVISTADO: Outra coisa é seguinte, não sei se já teve acesso, na presidência do Ministro Valmir, quando foi institucionalizado formalmente o museu, ele fez o museu, não sei como chama, imagem e som.

DANIELE: Museu virtual.

ENTREVISTADO: Museu da imagem e do som. Nesse museu da imagem e do som foram feitas entrevistas com pessoas antigas do Tribunal, deve tá arquivado isso, eu mesmo tenho uma página arquivada lá.

DANIELE: Tem, tem sim. Mas é porque é bem pontual o que eu queria saber, né? Com relação ao museu.

ENTREVISTADO: Ah, risos! Aí é mais...

DANIELE: É. Eu agradeço muito.

ENTREVISTADO: Aí você vê...

## APÊNDICE 3 - ENTREVISTA SERVIDORA EVELISE QUADRADO 02/06/2014

Arquivo: 20140602 140918

ENTREVISTADA: [ininteligível] sonhou com a [ininteligível] a retomada do museu, né? E o Ivo ele ajudou o ministro a colocar dentro de norma, dentro de parâmetros. Foi mais ou menos isso que você conseguiu absorver.

DANIELE: Foi

ENTREVISTADA: Essa foi a síntese da história. E eu fui a pessoa que concretizou aquilo que o Ivo tinha recebido de incumbência para normatizar, para dar meios. Ele pediu que a gente concretizasse. Achou que o centro de documentação era um local... Vou tirar se não você vai gravar meu relógio batendo o tempo todo. O CEDOC era o lugar onde deveria ficar o museu, subordinado ao CEDOC. E a gente começou a montar o museu. A gente começou do zero, porque o museu não tinha mais, existiu anos antes, o Ivo deve ter falado sobre essa norma que existia e que ele retomou. E aí nós começamos então a estudar, nós não tínhamos museólogos dentro do Tribunal. Eu sempre fui amante das artes, mas eu não tinha conhecimento técnico para montar um museu. E aí eu fui até fazer parte de um congresso que era relacionado à museu, centro de documentação e arquivos. E nesse congresso de um curso paralelo que era para montagem de exposições. Fui fazer esse curso. E durante esse curso eu conheci duas pessoas. Um cara que era ligado à artes, que era quem criava a ambientação das exposições e uma museóloga, maravilhosa, que eu não sei se você já conheceu, chamada Marina Garrido Monteiro.

DANIELE: Isso foi aqui em Brasília?

ENTREVISTADA: Eu fui à São Paulo.

DANIELE: Foi em São Paulo.

ENTREVISTADA: No curso, ela falava muito, ela dava muitas dicas de museus, de exposições boas que a gente devia olhar, aprender. E o curso era

de dois ou três dias, no primeiro dia ela já deu uma lista e no segundo dia eu já tinha ido a todos os que ela tinha dito. Foi assim uma visita relâmpago né? Mas pra eu ter uma noção do que ela tava falando. E aí eu comecei a conversar com ela e dizer que nosso museu tinha algumas peculiaridades e tudo e ela foi generosamente dando sugestões. Aí quando eu voltei pra Brasília, eu comentei com o Ministro. Eu falei “Ministro, a gente precisa fazer um curso de montagem de exposições e não pode ser só eu. Eu fiz o curso, eu gostei muito e tudo, mas eu acho que a equipe precisa fazer o curso, porque a equipe precisa está com um olhar de isso dá uma boa exposição, essa peça dá uma boa exposição, isso aqui a gente pode montar de uma determinada forma.” E aí a gente foi montar, foi fazer o curso. E a gente trouxe essa museóloga pra cá, pra Brasília, pra ela nos ajudar a montar esse conceito de exposição do Tribunal. E aí ela teve acesso ao projeto, o projeto a priori estava muito bem desenhado, estava muito bonito, só que ele não era um projeto para um museu. Então o chão era todo estampado, o chão tinha sido projetado para ser quadriculado, preto com branco, igual uma sala antiga. Só que se você coloca um chão tão bonito assim, todo de ilustrações, no final as peças que estiverem sobre ele podem se perder. E aí a gente foi, com a orientação da Marina, a gente foi trocando algumas coisas no projeto e foi deixando o projeto de uma forma que o projeto ficasse o mais clean possível, ficasse bonito, mas que desse pra montar a exposição. Outro fato muito interessante que envolve a Marina, é que nós tínhamos uma bandeira do Tribunal, essa história da bandeira você deve conhecer já, né? Que a bandeira estava guardada toda amassadinha, toda afogada dentro de uma caixa de vidro e essa caixa de vidro ficou anos recebendo sol, a luz e a bandeira lá e ninguém mexia nela, ninguém limpava, ninguém nada. Eu mesma olhava para aquela bandeira e pensava “podíamos jogar fora, botávamos uma bandeira limpa”, na minha ignorância, depois do curso a gente vai apreendendo, vai criando amor à preservação, à história, que aquele objeto tinha história. E aí a gente foi e a Marina ficou encantada com a bandeira, ela abriu a bandeira com muito cuidado, porque a bandeira ia se romper, ela estava toda quebradiça, ela abriu a bandeira assim e falou “não, essa bandeira aqui é uma preciosidade” as estrelas eram de cristal. Aí ela falou “a gente precisa colocar essa aqui em exposição, só que do jeito que está aqui não dá, porque a hora que esticar de vez ela vai embora”, aí

ela levou pra casa dela, aí pelo amor que ela tem à profissão de museóloga, ela restaurou a bandeira, sem cobrar um centavo, ela queria que a bandeira estivesse na exposição. E a bandeira ficou muito bonita, apesar de ter algumas fissuras, mas ela conseguiu botar um tecido por trás assim, ela costurou muito suavemente pra manter a integridade da bandeira e a bandeira conseguir ser esticada. Então o museu, na verdade, ele foi, ele fez... Teve uma função muito importante pra quem tava trabalhando nele, né? Que foi apaixonando, a gente foi se apaixonando pelo trabalho de montagem de exposições, do museólogo. Até fiquei pensando se eu não deveria ter curso, risos! A Vivian eu acho que ela entrou lá no CEDOC antes do curso e ela tava comigo o tempo todo me ajudando a montar o museu, eu não montei sozinha, eu montei com a equipe toda.

DANIELE: Deixa eu te perguntar a respeito da composição de acervo. Esse museu foi criado em 1970, quando teve essa retomada de recriação do museu existia ainda alguma peça desse museu antigo?

ENTREVISTADA: A única coisa que nós imaginamos que era da época do museu antigo era o plenário. Que talvez configurasse como algo que fizesse parte do hall de peças históricas do Tribunal. As demais peças já tinham se perdido no Tribunal. É uma pena porque essa ideia de preservação dos servidores, de todas as pessoas que fizeram parte da vida do Tribunal, ela não era uma coisa muito concreta. Então tinha alguns setores que haviam peças, que eram peças uniformes que haviam em todos os setores e essas peças em vez delas serem, quando a pessoa ia embora em vez da pessoa doar para o museu “ah, guarda essa peça aqui que essa peça pode fazer parte de uma exposição histórica do Tribunal” essa pessoa doava para outra pessoa.

DANIELE: Em vez de doar para o museu, né?

ENTREVISTADA: Então, os objetos que fizeram parte dos escritórios eles acabaram tendo que ser coletados, a gente fez campanha, a gente fez nota pra união sensibilizando as pessoas, pedindo que elas doassem, mas a gente sabe que nem todo mundo lê a união. Então a gente ia conversando, ia fazendo campanha, ia dizendo “nós vamos montar um museu, a gente precisa de peças

históricas, se tiver uma peça histórica doe pro museu” e aí nessa brincadeira toda a gente conseguiu algumas coisas muito interessantes, a gente não conseguiu um acervo vasto, a gente sabe que o Tribunal tinha no decorrer da sua vida era muito mais rico do que a gente tinha conseguido, mas a gente conseguiu fazer uma exposição inicial, uma composição de acervo inicial muito interessante. Até com o Terno que o Ministro Ghisi usou na posse dele, ele doou pra gente, doou a toga. Aí a toga tinha uma história muito interessante que é aquela do versinho do ministro [ininteligível], então a gente teve assim algumas histórias muito interessantes na remontagem do museu, mas infelizmente o acervo, o primeiro acervo a gente não sabe o que compunha. Não foi um acervo classificado, um acervo fotografado.

DANIELE: Se perdeu com o tempo, né?

ENTREVISTADA: Se perdeu. A gente não consegue nem identificar quem eram as pessoas que cuidaram desse museu.

DANIELE: O que você acha que fez com que o Ministro Valmir Campelo tivesse essa intenção de criar o museu.

ENTREVISTADA: Ele é um homem das comunicações e eu acho que ele acredita que dentro de uma instituição importante como o TCU não pode não existir uma biblioteca, um museu, um espaço cultural, que foram as coisas que ele mais deu força, assim, ele deu força em tudo. Mas ele foi o Ministro que mais deu força pra essa área crescer se desenvolver. E eu acredito que seja pelo amor que ele tem à questão cultural, porque ele deve acreditar que a cultura que desenvolve as pessoas, né? Então, eu não sei se foi isso que ele falou pra você, mas eu imagino que ele tenha falado alguma coisa assim, porque ele é um cara das comunicações.

DANIELE: Ele falou que ele criou um espaço cultural, que ele criou o museu, que ele abriu as portas da biblioteca para o público externo e criou o berçário no intuito de humanizar o TCU, não só dentro, pros seus próprios funcionários, mas...

ENTREVISTADA: Trazendo as pessoas...

DANIELE: Também trazer a sociedade para o TCU

ENTREVISTADA: Isso é um processo bem ligado à comunicação. O mais interessante, Dani, é que ele realmente humanizou, ele realmente trouxe a sociedade pra cá, ele nos permitia nos aproximar. A biblioteca já fazia um papel interessante, que começou lá pelos anos 2000, mais ou menos, que quando vinha um grupo de criança visitarem o Tribunal, ou um grupo de alunos, a biblioteca fazia uma apresentação sobre a importância do controle, contando história, fazendo alguma coisa assim. Então tinha uma relação com esse processo inicial. E é aquela coisa da comunicação, se você se comunica, você se faz conhecido, você ganha admiradores, torcedores, pra que aquele trabalho dê certo. Quando você é desconhecido as pessoas não estão nem aí, não sabem o que estão perdendo.

DANIELE: Não tem conhecimento do trabalho.

ENTREVISTADA: E eu acho que a visão dele era uma visão ampla, atingir todo mundo e sensibilizar todos pela importância que o Tribunal faz.

DANIELE: Com certeza. Eu vejo, particularmente o museu do TCU, como uma peça fundamental para o diálogo com a sociedade. O TCU no controle dos gastos e o museu para divulgar e conscientizar as pessoas da importância que o TCU tem para sua própria cidadania. Eu acho que o museu tem um papel fundamental. Não digo isso só como museóloga não.

ENTREVISTADA: Como pessoa

DANIELE: Como pessoa, né?

ENTREVISTADA: Como cidadã.

DANIELE: É. E assim, o meu interesse por esse tipo de museu, eu falo esse tipo porque...

ENTREVISTADA: São vários, né?

DANIELE: É. São várias tipologias e a minha experiência profissional sempre foi dentro de museus nesse formato, por incrível que pareça.

ENTREVISTADA: Museus institucionais

DANIELE: Museus institucionais, digamos assim. Eu usava esse termo, mas eu parei de usar porque de certa forma todo museu é institucional.

ENTREVISTADA: Ah, sim.

DANIELE: Você vê como meu objeto de estudo ele traz várias questões. Porque eu já trabalhei em um museu que era uma unidade de armamento do exército, então eu tenho algumas experiências em museus nesse formato. E quando você foi fazer esse curso lá em São Paulo e quando a museóloga começou a falar da museologia, do fazer museológico, quais foram as questões que você pensou assim “nossa, mas o meu museu, ele tem um x de diferente disso, como é que eu vou atuar em cima disso”, algum momento você percebeu?

ENTREVISTADA: Na verdade, o primeiro curso que eu fiz, porque eu fiz duas vezes. Eu fiz quando fui à São Paulo e fiz de novo quando ela veio à Brasília, porque aí a gente já tinha um foco mais específico. Na verdade, quando fui assistir o curso de montagem de exposições eu fui com o olhar de bibliotecária que gostaria de trazer o público pra sua biblioteca. Então eu não fui com esse olhar de vamos montar um museu do TCU. Na verdade a gente ainda estava no passo anterior, que era o passo da sensibilização dos usuários do Tribunal pra se apaixonarem pela biblioteca. E a gente levava nossa ideia e a gente conseguiu fazer isso por muitos anos era fazer exposições de arte dentro da biblioteca, pra que as pessoas comesçassem a ir, pra ver as exposições. Aí o segundo passo foi: a gente não consegue atingir todo mundo. Então a gente precisa atingir as pessoas pelo emocional, então vamos fazer exposição de arte dos servidores do Tribunal. A primeira mostra de talentos foi dentro da biblioteca, por isso eu fui fazer o curso, porque aí eu queria aprender. Tanto é que esse curso nem foi pago pelo Tribunal, foi um curso que eu fiz pelo meu amor a minha

profissão, nem pedi pro Tribunal pagar. O que o Tribunal pagou foi o congresso, eu fui lá como gestora de um centro de documentação. Aí quando o ministro falou “vamos montar um museu” eu já tinha uma bagagem, mas a bagagem era muito focada em exposições contemporâneas, pra coisas que estavam... Arte feita hoje, né? E aí eu falei “não, a gente vai precisar de um curso mais específico” e eu comentei com o ministro, o ministro autorizou, eu liguei pra Marina, eu tinha nas minhas anotações o nome dela, não foi assim tão na sequencinha como eu falei, né? E aí eu liguei pra ela e falei assim “Marina, eu preciso montar um curso” e aqui em Brasília, na época, se tinha cinco museólogos era muito, e aí eu pedi pra ela me indicar alguém que pudesse dar o curso aqui em Brasília, ela falou que não conhecia ninguém. Eu falei “se nós convidássemos você, você teria condições?” ela falou “tenho”, eu falei “você consegue montar um curso pra uma instituição que está montando um museu” ela falou “tenho”, aí ela veio e o curso durou duas semanas. O curso que eu fiz lá em São Paulo três dias, e o curso que ela deu aqui foram duas semanas de trabalho muito intenso aplicado ao Tribunal.

DANIELE: Então ela já foi diretamente...

ENTREVISTADA: Aí ela já foi. E nós tínhamos reunião com o presidente com a Marina junto.

DANIELE: Você sabe o nome dela?

ENTREVISTADA: Marina Garrido Monteiro. A Vivian tem o telefone e eu também. Só que não sei se ela ainda é viva. Porque a última vez que eu [ininteligível] Marina tem uns seis anos e ela já tinha mais de 80 anos. E ela tava com muito problema de pulmão. Se Deus quiser ela ainda é viva.

DANIELE: É assim, de nome eu não conheço, porque tem o universo de São Paulo e o universo do Rio.

ENTREVISTADA: É. Ela falou que eram dois polos.

DANIELE: Dois polos diferentes



ENTREVISTADA: Inclusive quando ela veio dar o curso aqui, antes de a gente fazer o curso, ela falou “mas você precisa vir à São Paulo pra fazer umas visitas à outros museus, agora sob a minha orientação”, aí eu fui de novo em São Paulo passar três dias lá. Em três dias a gente visitou uns 30 dias, eu não tinha mais nem pedaço no cérebro pra caber tanta informação. Mas aí ela focava, ela dizia assim “você vai nesse museu, nesse aqui e nesse aqui e vai extrair isso aqui” e aí com isso o meu conhecimento de museu aumentou bastante e eu sempre gostei, quando viajava eu sempre ia a museu, eu sou daquela que não vai fazer compra, vai pra museu.

DANIELE: Também.

ENTREVISTADA: E eu comecei a aprender técnicas que eu nunca tinha visto, coisas que eu não conseguia entender, não entrava no meu consciente que aquilo ali fazia parte de uma técnica pra me atingir, né? Você começa a perceber que as coisas não são por acaso. Que aquela luz, aquela cadeira e aquela placa naquela situação ali, elas tem uma razão de ser para está ali. E aí eu sei que a gente foi aprendendo muita coisa. Aí fomos eu e o Marcelo, o Marcelo Augusto, que é um servidor que trabalha lá no Museu. A gente chegava a um ponto assim que eu dizia assim pra ele “eu quero tomar um café” eu queria tomar café não era pra tomar o café era pra parar. Porque a gente corria...

DANIELE: Muita informação.

ENTREVISTADA: Muito. E eu precisava de uns minutos pra sentar, porque dentro do museu a gente não senta, a gente vai andando. Mas aí a gente aprendeu muita coisa, entendeu muita coisa, e aí nós fomos montar a exposição. Mas a primeira exposição do museu era a exposição que o Ministro Valmir tinha em mente como se fosse a exposição permanente.

DANIELE: Aquela “Uma história pra contar”, “TCU, uma história pra contar”.

ENTREVISTADA: É, aquele formato, ele queria que ficasse ali. E a gente tentava explicar “Ministro, museu tem que ser vivo, se ele ficar estanque, ele

acaba, igual o outro museu acabou”, mas ele não queria que fosse se desfazendo aquela história. Pra ele aquela exposição ali era um sonho dele, concretização do que ele queria. Então a gente teve que conviver com um pouco de diferença de compreensão do que era o museu, qual era a importância do museu, porque aí a gente já tinha aprendido demais.

DANIELE: É um universo que algumas pessoas desconhecem, né?

ENTREVISTADA: Aí ele dizia “Mas minhas filha, o Louvre não está lá há anos”, aí eu dizia “mas o público lá fica rodando, eu mesma já fui duas vezes até o Louvre, o senhor deve ter ido outras tantas, mas ele está sempre rodando”.

DANIELE: Ele tem espaço grande, pra ter a permanente, pra ter...

ENTREVISTADA: E mesmo que ele não tenha, mesmo que ele tivesse tantas outras que ele não tivesse espaço pra receber outras, ele tem um público circulante muito maior. E o público de uma instituição como o TCU ele não varia tanto, então você tem que variar a exposição, se não o público para de ir e a exposição morre. E o mais interessante disso é que a Marina ela era não, é tão apaixonada, não sei, tão apaixonada pela profissão, pelo trabalho dela, que ela não escondia nenhuma informação, se ela soubesse de algo que pudesse facilitar ela passava pra frente.

DANIELE: Bacana, né? Generosidade, né? Bacana demais.

ENTREVISTADA: Então, pra nós, foi um ganho muito grande fazer o curso com ela, montar o museu sob a supervisão dela, apesar de ela... Ela falou “não, vocês vão compartilhando comigo o que vocês estão fazendo e eu vou dizendo pra vocês se é o caminho certo, se é o caminho errado, se tem outra opção” e então nós tivemos a benção de ter uma anja da guarda dessa. Ela foi muito boa.

DANIELE: Bacana, vou procurar por ela. De repente eu tenho a sorte de conversar com ela.

ENTREVISTADA: Ô se você descobrir... Deixa eu ver, de repente eu até podia dar uma ligada pra ela. Eu confesso que tenho medo de ligar e descobrir que ela não está mais aí.

DANIELE: Eu descobri através de um documento que tem um museu, que teve uma museóloga no museu em 1970.

ENTREVISTADA: É?

DANIELE: É. Uma servidora.

ENTREVISTADA: Nem eu soube.

DANIELE: Eu fiquei encantada quando vi. Era uma servidora do TCU que tinha feito curso de museologia no Museu Nacional, quando era no Museu Nacional. E quando o [ininteligível] cria o museu ele pede pra essa servidora ser transferida pra poder criar o Museu. Eu descobri que ela é viva, ela mora aqui em Brasília e ela tem mais de 90 anos. Só que ela tem Alzheimer.

ENTREVISTADA: Que pecado.

DANIELE: Ironia do destino, né? Essa senhorinha é viva ainda, mora aqui em Brasília. Imagina poder conversar com ela, extrair várias informações. Porque o que me fez focar no Museu do TCU não foi somente trabalhar aqui, mas é porque em 1970 se criou um museu institucional.

ENTREVISTADA: É uma coisa de vanguarda

DANIELE: É uma coisa de vanguarda. E ter essa preocupação de ter um profissional pra criar um museu, formado, um técnico formado, isso é muito vanguarda, né?

ENTREVISTADA: É até hoje.

DANIELE: E aí eu conversando com a filha dela, a filha dela falou assim “minha mãe realmente sempre foi uma mulher muito a frente do tempo dela, fez várias coisas”.

ENTREVISTADA: Você chegou a entrevistar a filha.

DANIELE: A filha, cheguei a conversar com a filha. Aí eu vou entrar de férias agora, aí eu vou ficar só em função dessa pesquisa né? Vê se eu descobro algumas coisas, né? Mas eu fiquei que ironia do destino, meu trabalho foca a memória coletiva e essa senhorinha está com Alzheimer.

ENTREVISTADA: Será que você não consegue nada no SEGED. Setor de arquivo.

DANIELE: SEGED?

ENTREVISTADA: É Serviço de Gestão Documental.

DANIELE: Aqui no TCU, né?

EVELIZE: Aqui.

DANIELE: Evelize, eu tentei por várias vezes, até conversei, fiz o pedido da pesquisa, fui conversar com a Cida, que é a gestora. Porque eu não encontrei as Atas que Valmir Campelo pudesse ter levado em Plenária a fala de criando ou recriando o museu do TCU. Nenhum momento eles conseguiram fazer essa pesquisa pra mim. Porque seria um apoio bacana de...

ENTREVISTADA: Mas ele discursou no plenário, o Ivo deve ter lembrança disso.

DANIELE: Eu perguntei pra ele se o assunto foi levado em Plenário, ele falou que em um primeiro momento não, mas em um segundo momento sim, que ele levou até pra ter sugestões de outros ministros, mas através das pesquisas eu não consegui o arquivo exato.

ENTREVISTADA: Talvez você precise fazer um trabalho mais, de folhear.

DANIELE: É porque a gente não tem acesso, a gente tem que fazer o pedido e eles mesmos fazem a pesquisa.

ENTREVISTADA: Na biblioteca tem Ata. Na biblioteca tem as Atas.

DANIELE: Tem todas as Atas?

ENTREVISTADA: Eu acho que tem.

DANIELE: De repente vou ter que fazer isso.

ENTREVISTADA: A não ser que eles tenham doado para o arquivo.

DANIELE: Porque pelo arquivo não.

ENTREVISTADA: A biblioteca tem todas as Atas, outro lugar que você vai encontrar informação é no União.

DANIELE: Eu já vi...

ENTREVISTADA: Você sabe a data que ele criou?

DANIELE: O museu?

ENTREVISTADA: É. Ele recriou o museu.

DANIELE: Em 2003.

ENTREVISTADA: Pois é. Você vai precisar pegar as Atas de 2003, eu não lembro que período foi.

DANIELE: Não, mas tem, na documentação tem. As portarias.

ENTREVISTADA: Porque tem 11 anos, né? 11 anos é bastante tempo pra minha memória.

DANIELE: Você estava trabalhando no museu quando ele passou a ser subordinado ao Gabinete da Presidência?

ENTREVISTADA: Não. Ele saiu do CEDOC e foi pra ACIRI, Assessoria de Cerimonial e Relações Institucionais. Aí ele ficou lá, acho que um ano, um ano ou dois, aí foi pro... Ele ficou... Eu não lembro o que aconteceu com ele na sequência. Eu tenho a sensação de que ele foi direto... Não, ele saiu da ACIRI e foi direto para a presidência.

DANIELE: Na documentação está em 2007 ele passa para a presidência.

ENTREVISTADA: É, mas ele teve um período que ele ficou na ACIRI.

DANIELE: Eu não sabia.

ENTREVISTADA: Agora da ACERI você não vai conseguir muita informação, do período que ele tava, porque o gestor já é falecido. Então você não vai ter muita informação, porque provavelmente era ele quem conduzia tudo. Não sei quem eram os servidores que estavam. Eu sei que a Vivian era servidora. A Vivian saiu e foi junto com o museu. Eu não sei dizer pra você muita coisa, a Vivian tem como te responder o que aconteceu na sequência.

DANIELE: Tá certo.

ENTREVISTADA: Eu sei que ela foi pro cerimonial, que do cerimonial ela foi acabou indo pra presidência. Porque eu acho que no cerimonial era muito conturbado pra eles tomarem conta de tudo.

DANIELE: Você acha que essa mudança de subordinação do centro de documentação para gabinete da presidência, você acha que foi um ganho? Ou o museu tinha que está ligado ao centro de documentação?

ENTREVISTADA: Eu sinceramente. Você vai publicar isso? Risos. Eu sinceramente acho que ele devia estar no centro de documentação até hoje, porque eles são áreas irmãs. E eu acho que o ganho, até mesmo pra pesquisa,

é muito maior. Porque você tem os instrumentos que a biblioteca dispõe, você tem o CGED, todo... O CGED faz parte do centro de documentação. Aí tinha também a editora que podia providenciar os materiais. Então, assim, eu acho que todas as áreas do centro de documentação tem relação com o trabalho que se faz no museu. Hoje a editora já não está mais lá, a editora saiu da subordinação do CEDOC, mas ainda tem a biblioteca e o CGED. E eu confesso que não consigo entender por que o museu não faz parte.

DANIELE: Evelize, te agradeço muito a atenção, esse espacinho do seu dia.

ENTREVISTADA: Imagina.

DANIELE: Muito obrigada mesmo.

## APÊNDICE 4 - ENTREVISTA SERVIDOR IVO MONTENEGRO 09/12/2014

Arquivo: 20141209 143312

DANIELE: Eu já estou chegando ao final da minha pesquisa e conversei com algumas pessoas e nessa conversa algumas coisas foram sendo amarradas, né? Cada um contribuiu um pouco e aí de acordo com a documentação que Marcelo me passou naquela época, que foi o material que o senhor usou para fazer o novo normativo do museu, assim, eu poderia olhar essa documentação e levantar algumas ideias. Mas nada melhor do que conversar com o senhor e de repente a gente pode costurar mais algumas coisas, né?

ENTREVISTADO: Certo.

DANIELE: E a conversa com Dr. Sebastião foi muito rica porque ele foi falando de algumas peças do museu, do museu quando foi criado em 70. Falou um pouco do Ministro Iberê Gilson. E no museu atual existe muito pouca documentação do museu daquela época, de 1970. Mas eu achei uma documentação de algumas peças que começaram a entrar no museu em 1970. O Dr. Sebastião comentou que o Ministro Iberê Gilson teve vontade de criar o museu e dali começou uma espécie de campanha das pessoas começarem a levar peças pro gabinete e dali eles começaram a formar um acervo material do museu. E aí em uma dessas documentações eu vi esse nome aqui

ENTREVISTADO: É o meu pai.

DANIELE: Pois é! E aí me falaram que é o pai do senhor, e aí eu “nossa, mas que coincidência” seu pai ajudou na criação do museu e você na revitalização do museu.

ENTREVISTADO: Foi.

DANIELE: Ele comentou em algum momento na vida particular de vocês?

ENTREVISTADO: Não, não chegou a comentar não.



DANIELE: Não chegou, né? Mas assim os nossos documentos mais valiosos, digamos assim, foram inseridos na mão dele, né? Aí assim eu tenho só essas documentações na verdade.

ENTREVISTADO: Esse aqui ainda é vivo, talvez você consiga falar com ele. [ininteligível] Dr. Sebastião.

DANIELE: [ininteligível]

ENTREVISTADO: Foi o que senhor acabou de me dizer. Não, não. Eu falei o Dr. Francisco Mourão Branco, que era o procurador geral.

DANIELE: Deixa eu pedir uma caneta aqui [ininteligível]. Me empresta um lápis? Só vou fazer uma anotação. Dr. Francisco...

ENTREVISTADO: Francisco Mourão Branco. Branco. Dr. Jatir Batista da Cunha, um dos procuradores antigos do Tribunal.

DANIELE: Dr. Batista, né?

ENTREVISTADO: Batista da Cunha. Dr. Jatir, Jatir o nome dele. Jatir Batista da Cunha.

DANIELE: É esse aqui, né?

ENTREVISTADO: Jatir. Você falando Dr. Jatir só as pessoas conhecem. Tem esses dois. O Dr. Sebastião também, já é aposentado né?

DANIELE: Foi pra esse aqui que a Soraya me deu o contato, eu liguei. Eu ia perguntar mais mesmo assim se o pai tinha comentado alguma coisa.

ENTREVISTADO: Não, nessa época a gente era criança, era criança nessa época, não comentou nada não, né?

DANIELE: Não, né?

ENTREVISTADO: Não.

DANIELE: E essas outras documentações na verdade eu deixo separadinho que é a única documentação no museu que a gente tem da década de 70. E eu estou tentando entrar em contato com essa senhora...

ENTREVISTADO: Terezinha Portela.

DANIELE: É. Eu consegui falar com o sobrinho dela que trabalha aqui.

ENTREVISTADO: O Marcos.

DANIELE: É. E ele vai entrar em contato com ela pra ver se marca, seria muito interessante conversar com ela. Observar essa documentação é muito interessante porque a gente tem a entrada das peças, né? Que saíram do gabinete pro museu, que fisicamente o Dr. Sebastião falou que ele não existiu de fato, mas que quando fizeram esse prédio aqui eles criaram uma salinha e ficou as peças pequenas no museu em uma salinha.

ENTREVISTADO: E aí em 2003 o plenário do Tribunal, plenário antigo histórico do Tribunal ficava no Rio de Janeiro, aí quando o Ministro assumiu e nós resolvemos criar o museu, tive a oportunidade de colaborar com o Ministro, o Ministro Valmir, aí nós trouxemos lá do Rio de Janeiro as peças do museu. Fizemos uma exposição, primeira exposição, contando a história do Tribunal. A ideia do Ministro era que essa exposição fosse permanente e fizéssemos outras exposições que seriam itinerantes e essas exposições se alternariam com um tempo, o Ministro Nades trouxe uma agora muito interessante que é da Casa dos Contos. Exposição muito interessante. Agora a ideia do museu era criar, eu falei, a memória do Tribunal. A memória do Tribunal são os funcionários. Os funcionários aposentou, acabou a memória do Tribunal. Então a nossa ideia de criar um museu, foi manter essa memória, entrevistar funcionários, pedir informações e criar a história do Tribunal e que a história passasse para gerações futuras para que os colegas que vão chegar ao Tribunal conheçam como foi o Tribunal.

DANIELE: Isso é muito interessante né?

ENTREVISTADO: É a memória do Tribunal de Contas da União, a intenção foi essa. E também pras crianças. Trazer escolas aqui para que eles conheçam Tribunal de Contas da União. O que é um Tribunal de Contas da União? É um órgão que fica lá na Esplanada dos Ministérios. Não. O Tribunal é o que o Tribunal pode participar na vida de cada cidadão? Como é que ele contribui? O que é o Tribunal? O que eu cidadão posso ajudar o Tribunal? Então a ideia foi trazer as crianças para conhecerem o Tribunal. Essa exposição permanente eles viriam aqui e conheceriam, várias escolas. Essa exposição permanente é uma ideia seria que ela fosse, que ela viajasse pelo Brasil, nas secretarias do Tribunal e as crianças daqueles estados fossem lá conhecer a história do Tribunal. Uma linguagem... Nós chegamos a fazer cartilhas, uma linguagem bem acessível. Essa linguagem técnica não é transparente para o cidadão, quanto mais para as crianças, a ideia seria a linguagem acessível, tanto para as crianças, para o cidadão, colocar na internet essa história do Tribunal.

DANIELE: Essa ideia de criação do museu naquele momento em 2003, ela surgiu como?

ENTREVISTADO: Nós havíamos conversado com o Ministro sobre essa questão da memória do Tribunal, aí conversamos e o Ministro encampou essa ideia. Nós saímos em campo, com apoio do Ministro, o Ministro estava na presidência, [ininteligível] todo o Tribunal. Fizemos contato lá com o Rio de Janeiro, verificamos as peças, o plenário. O Ministro foi ao Rio de Janeiro fazer contato, teve contato lá com a secretaria do Rio de Janeiro, aí trouxemos essas peças e montamos o museu. E o Ministro Adilson Mota quando tomou posse, tomou posse na sala do museu, na sala do plenário antigo.

DANIELE: Legal.

ENTREVISTADO: Na época da... Praticamente na época da constituição do Tribunal.

DANIELE: E essa ideia surge do gabinete ou já foi uma parceria com o centro de documentação?

ENTREVISTADO: Não, ela surge lá no gabinete e depois a gente entra em contato com o centro de documentação. Aí a Evelize nos auxiliou bastante nisso.

DANIELE: Eu conversei também com a Evelize, né? E ela comentou que justamente que o senhor foi a pessoa que normatizou o trabalho e aí o centro de documentação ficou com a função de executar esse novo...

ENTREVISTADO: E foi muito bem executado, trabalho excelente que eles fizeram lá.

DANIELE: Sim.

ENTREVISTADO: Depois nos afastamos, né? E aí eles deram sequência. O museu foi alterando na estrutura do Tribunal, mas a ideia era ficar sempre vinculado à presidência. A ideia do museu. Antes era vinculado ao centro de documentação, depois pensamos que o melhor seria presidência. O centro de documentação parece que era vinculado à presidência a época, eu não me recordo.

DANIELE: Acho que ele era do ISC.

ENTREVISTADO: 2003 ISC, mas o ISC também era vinculado à presidência, né? Tinha uma coisa assim, não recordo precisamente como era a estrutura.

DANIELE: E eu queria saber um pouco dessa pesquisa que o senhor fez pra fazer esse normativo do museu que é a orientação do museu hoje, que continua sendo essa de 2004. Outras normas vieram, mas no sentido de criar serviços, de tirar o museu do CEDOC para presidência, mas a carta do museu, as normas, o objetivo, ainda permanece essa, justamente essa aqui. E aí eu trouxe o material para o senhor para a gente conversar.

ENTREVISTADO: Está certo.

DANIELE: O senhor fez essa pesquisa sozinho? Teve ajuda de...

ENTREVISTADO: Tive o apoio da Evelize, os colegas do centro de documentação, tinha uma pessoa que foi contratada, um museólogo trabalhou conosco, depois contrataram uma pessoa do Rio de Janeiro, se não me falha a memória. E eles trabalharam, deram o apoio técnico da área...

DANIELE: Pra sair esse documento.

ENTREVISTADO: Pra que a gente possa redigir esse documento. Fomos em outros museus.

DANIELE: Eu tenho aqui os museus que o senhor pesquisou.

ENTREVISTADO: Nós tivemos em outros museus, parece que tivemos no Congresso, Câmara.

DANIELE: Eu separei aqui os museus e assim o que eu observo que vocês foram aos museus, grande maioria aqui, museus como museu do TCU. Museu da Câmara, museu do Senado, museu do STJ, do STM...

ENTREVISTADO: Visitamos pessoalmente, fomos ao STJ no Supremo. Visitamos esses museus pra gente conhecer.

DANIELE: E por que só esses museus? Só não. A grande maioria esses museus específicos.

ENTREVISTADO: Em função da natureza do TCU. Nós buscamos. Pretendíamos fazer também à época um museu interativo, que estava surgindo essa ideia de museu interativo, hoje já existe aqui no Brasil bastante, muitos museus são interativos.

DANIELE: É, eu vi aqui que existe também uma pesquisa sobre museus virtuais.

ENTREVISTADO: Também.

DANIELE: Pouca coisa de fora que eu observei aqui nesse material que o senhor me permitiu vasculhar.

ENTREVISTADO: À vontade.

DANIELE: Museu da Imagem e do Som

ENTREVISTADO: Foi, é. Museu da Imagem e do Som.

DANIELE: Museu de Arte de São Paulo.

ENTREVISTADO: O MASP, nós tivemos lá.

DANIELE: Outro Museu da Imagem e do Som. A Casa de Rui Barbosa. Na visita desses museus do mesmo formato do museu do Tribunal, o que vocês observaram? Já tem algum tempo, na verdade, né? Têm uns dez anos. Mas o que eu observo quando eu visito esses espaços, como eu observo, acaba que o meu olhar nunca é de uma pessoa que está visitando, né? Eu tenho uma curiosidade natural nesse tipo de museu. Eu percebo que eles estão em momentos diferentes de evolução do trabalho. Quando vocês visitaram tiveram algum tipo de percepção entre eles?

ENTREVISTADO: Que sentido percepção?

DANIELE: Eu percebo que o nosso museu aqui, museu do Tribunal, está bem à frente no trabalho desses museus de formato, de museus institucionais. Esse tempo que estou trabalhando aqui a gente recebe pessoas querendo implantar museus ou querendo fazer algum trabalho a mais, um passo a mais e a gente é uma referência. Eu tive no museu do Senado e no da Câmara participando da pesquisa da montagem dessa exposição Casa dos Contos e eu observei o quanto museus em espaços físicos tão próximos estavam com realidades tão distantes, como o museu do senado e o museu da câmara né? E

eu percebo isso, que estão em caminhos diferentes, né? Vocês tiveram algum tipo de percepção?

ENTREVISTADO: Eu não me recordo agora. Tem tempo.

DANIELE: Tem tempo, né? O museu hoje com a revitalização tem 10 anos, né?

ENTREVISTADO: Mas nós, graças a Deus, servimos de referência em museu e também fazendo um parêntese na questão do colar que nós criamos, Colar do Mérito do Tribunal de Contas da União e também a iniciativa do Ministro, nós criamos esse colar e ele serviu de modelo para outros tribunais, vieram aqui, conversaram conosco. Nós fizemos a parte de contato com a casa da moeda, o colega Marcelo desenvolveu o desenho, aí nós fizemos os contatos para viabilizar o colar junto à Casa da Moeda. Eu tenho esse material ainda.

DANIELE: Ele me mostrou. Ele me mostrou esse material, mostrou o material do colar, me mostrou o material do espaço cultural também.

ENTREVISTADO: O espaço cultural também trabalhamos. O Ministro trabalhava na parte de obra e eu trabalhava na parte de regulamentação. Espaço Cultural nós fizemos uma minuta e aí íamos encaminhar ao conselho curador, eram pessoas especialistas, eu não sou especialista. Nós visitamos a galeria Marcantônio Vilaça, pra conhecer, né? Nós fizemos. Achei que eles fossem alterar, mas mantiveram a normativa. Nós redigimos, o Ministro submeteu ao colegiado, o plenário aprovou, acredito que seja até hoje o regulamento do espaço cultural.

DANIELE: É o mesmo regulamento também.

ENTREVISTADO: A parte física o Ministro, de obras, acompanhava mais de perto. Eu fazia essa parte de regulamentação, contatos.

DANIELE: Aqui foi a pesquisa que vocês fizeram, né? Com relação aos museus. Esses outros museus que vocês olharam, só o site, não sei se vocês chegaram a ir à São Paulo, o MAST.

ENTREVISTADO: O MASP?

DANIELE: MASP

ENTREVISTADO: Eu não fui. Eu não sei se a Evelize foi.

DANIELE: A Evelize me falou que ela teve em São Paulo por uma questão pessoal, que ela gostava de exposições de obra de arte. Aí depois quando chamaram pra ela ajudar na execução do museu, ela já foi em um segundo momento com outro olhar, né? Que aí ela percebeu que eram universos diferentes, entre montar exposições de arte e o museu de cunho histórico. Tanto ela, quanto Marcelo, eles relataram o cuidado que tiveram em buscar informação, buscar conhecimento, que trouxeram...

ENTREVISTADO: Eles fizeram um excelente trabalho. Ela e Marcelo contribuía bastante. Eu fui, mas não fui a todas. Eles foram em alguns locais que eu não estive presente. E aí eles trouxeram as informações, o que eles escolheram de informações e contribuíram pra gente fazer o museu.

DANIELE: A Evelize comentou que quando a museóloga Marina esteve aqui pra fazer um curso que durou duas semanas, disse que o Ministro participou bastante, que eles tiveram bastante reuniões. Ele tava bem envolvido nesse processo?

ENTREVISTADO: Estava.

DANIELE: Que interessante.

ENTREVISTADO: O Ministro se envolvia bastante.

DANIELE: Muito interessante. Eu tive a oportunidade de quando eu entrei aqui, estava na exposição 50 anos na transferência e ele sempre passava lá, ele



sempre dava uma olhada. E depois a gente voltou a montar essa exposição que foi montada em 2003 pra 2004, logo depois a gente desmontou essa exposição de 50 anos e aí montamos essa e aí ele, sempre quando passava, ele entrava, olhava, perguntava uma coisa ou outra.

ENTREVISTADO: Ficou uma obra da gestão dele, ficou o museu, a história do Tribunal.

DANIELE: E aí continuando e vasculhando o seu material e aí eu me detive mais nesses daqui, que estão separadinhos, eu vi que o senhor estava bem sintonizado, digamos assim.

ENTREVISTADO: Ah, sim.

DANIELE: Com as coisas que estavam acontecendo, com as políticas públicas que estavam acontecendo no momento, né?

ENTREVISTADO: Nós fizemos contato com o Gilberto Gil sobre essa parte do museu, não me lembro mais. Sei que a gente fez um contato, mas não me lembro mais em que termos. Foi em... Acho que foi o Ministro que fez. Recordo não, mas sei que a gente fez contato lá e recebemos material. Acho que a Evelize esteve lá, não... A gente procurou fazer uma coisa bem atual e a ideia não era fazer um museu mais estático, a ideia era fazer um museu mais dinâmico, tá? A gente já tinha essa ciência da questão do museu interativo, mas acredito que não desenvolveu naquela época não. Hoje tem. Tem museus... Eu tive a oportunidade de ir no museu lá da escola do meu filho, meu filho estuda no IMT em Boston. Aí eu tive lá no museu do IMT, é interessante. É bem interativo. Tem pras crianças, pros adultos, é bem interativo.

DANIELE: Voltado para vários públicos, né?

ENTREVISTADO: É. Vários públicos. Esse aqui tem muito tempo...

DANIELE: É. Esse...

ENTREVISTADO: Não me recordo não, eu lembro que a gente fez um contrato lá com o Ministro Gilberto Gil.

DANIELE: Eu vi que o senhor se deteve bastante nessa parte da política e o senhor me confirma se o que eu pensei, né? Eu percebi que essa portaria tinha muito das ideias que estavam sendo lançadas aqui. Ideias bem atuais.

ENTREVISTADO: A ideia era que o museu participasse, parece que tinha, não sei se era no colegiado, alguma coisa. A ideia era que o museu no Tribunal tivesse de acordo com essa política, com essa realidade para participar, não sei se era Encontro de Museus, alguma coisa.

DANIELE: É. Existe um encontro de...

ENTREVISTADO: E a ideia era que o Tribunal tivesse de acordo, que o museu criado pelo Tribunal estivesse de acordo e pudesse participar mais ativamente.

DANIELE: Com esses normativos, né?

ENTREVISTADO: Isso.

DANIELE: Quase concomitante a essa política que foi lançada...

ENTREVISTADO: Sistema Brasileiro de Museus, né?

DANIELE: Logo em seguida foi lançado o Sistema Brasileiro de Museus, esse papelzinho estava nas coisas que foi me permitido observar. E eu percebi aqui nessa, eu acredito pelo que o trabalho eu vasculhei eu percebi que o senhor se debruçou em fazer uma coisa bem atual, bem voltada para o que estava acontecendo.

ENTREVISTADO: A ideia era essa.

DANIELE: Aí eu percebi na leitura aqui que as instituições que poderiam se cadastrar, tem aqui "instituições museológicas da administração pública

federal vinculadas ao poder legislativo e judiciário”, eu sei que faz muito tempo que o senhor fez essa pesquisa, mas quando o senhor olhou essa documentação no sistema, vocês conseguiram perceber o museu enquadrado aqui, exatamente aqui dentro, ou... ?

ENTREVISTADO: A questão do poder legislativo, vinculado ao poder legislativo.

DANIELE: Uma pergunta que eu queria fazer é que essa documentação, por exemplo, foi feita junto com a comunidade museológica, junto com os profissionais da museologia que são aparte do que acontece nos órgãos públicos.

ENTREVISTADO: São.

DANIELE: E uma coisa que ficou pra mim, assim, o senhor tinha consciência de que esse material aqui não era feito por pessoas que estavam preocupadas por políticas, mas era a comunidade que se debruça.

ENTREVISTADO: Isso.

DANIELE: Com esse trabalho de fato. E em algum momento teve alguma restrição que teria que colocar aqui? Tipo essa documentação está falando que o museu é voltado para a sociedade, mas aqui, nós, somos o TCU, nós estamos criando um museu, mas nós temos que esbarrar com essa questão e essa questão a gente vai amarrar mais pro nosso museu. Teve algum ou o senhor ficou a vontade, livre para escrever essa normativa?

ENTREVISTADO: Não lembro não. A ideia era trazer a sociedade aqui pra conhecer a história do TCU. E criar... Começou com a ideia de criar a memória do TCU, por quê? A memória do TCU eram os funcionários, o funcionário se aposentou acabou a memória do TCU. Muita coisa foi perdida nesse meio do caminho, muita coisa foi perdida. Aí nós buscamos depois entrevistar autoridades, Ministros. O Ministro Luciano que foi o relator da Lei

Orgânica, entrevistado, contou a história. Ministro Valmir, Ministro Homero, ministra Elvia. Tem tudo isso aí em vídeo.

DANIELE: É, a gente tem acervo bem interessante.

ENTREVISTADO: Funcionários também, aí que tiver uma história pra contar ou algo assim, que conte essa história.

DANIELE: A gente tem ainda essa atividade, Todos tem uma história pra contar, chamado todos tem uma história pra contar.

ENTREVISTADO: Mas funciona aquela máxima “Casa de ferreiro, espeto de pau” o único que não falou nada fui eu. Estou conversando com você agora.

DANIELE: Imagina. Você tem tanto pra falar.

ENTREVISTADO: Que a gente trabalhava, tava trabalhando e não tinha como participar. Estava criando, implementando, e a gente sempre trabalha com prazo, eu gosto muito de trabalhar com prazo, é pra tal dia, tal dia está pronto, é a minha forma de trabalhar. Então a gente ia trabalhando assim. E o Ministro conseguiu inaugurar na gestão dele, tudo que a gente prometeu que ia ser feito...

DANIELE: O Espaço Cultural.

ENTREVISTADO: É o espaço cultural, o museu, colar e também o portal do Tribunal. Porque até então o Tribunal tinha unidades que tinham internet e outras não. E nós criamos o portal, na gestão do Ministro, o [ininteligível] house também, que chama na área de inteligência artificial. Em 2003 a ideia nossa era que os auditores já fossem fazer um trabalho de campo orientados pela parte de informática. Então você não vai chegar na empresa e ficar sem saber o que vai fazer. A inteligência artificial vai te indicar qual área que você vai focar o teu trabalho.

DANIELE: Interessante.

ENTREVISTADO: isso a gente procurou implementar em 2003, com o [ininteligível] house.

DANIELE: Muitas coisas, né?

ENTREVISTADO: Diálogo público também, está inserido nesse projeto trazer a sociedade pra conversar com o Tribunal. O Ministro Augusto Nardes fez várias sessões de diálogo público com o estados. Nesses diálogos públicos nos últimos anos tem vindo mais técnicos da área, mas ideia inicial eram técnicos da área e a sociedade também. Diálogo com o público, todo.

DANIELE: Esse ano...

ENTREVISTADO: Vai mudando, né? Com o tempo.

DANIELE: Esse ano teve um diálogo público sobre memória aqui no TCU. Eu achei muito interessante. Os profissionais trouxeram questões no universo deles, que é um universo muito específico, é uma área muito específica.

ENTREVISTADO: Isso é muito enriquecedor essa troca de experiência. Você começa a pensar e a ver coisa que você nos eu cotidiano você não vê e é importante no seu trabalho cotidiano essa visão que outros têm. Essa visão contribui, enriquece o seu trabalho. Então a ideia do diálogo público é essa. Auxiliar o trabalho do Tribunal. O Tribunal e a vida do cidadão.

DANIELE: Fazendo um gancho com isso que o senhor falou, essa pesquisa que o senhor fez em torno dessas políticas públicas em torno desses museus, foi um campo novo que apareceu.

ENTREVISTADO: Foi.

DANIELE: Então, o que foi passando pela cabeça do senhor, nós estamos criando um normativo para o museu. Você foi vendo o fato de criar o museu no sentido de diferente? Sendo um ponto de contato com a sociedade?

ENTREVISTADO: Foi também.

DANIELE: O museu do TCU eu escolhi, primeiramente, por ser criado em 1970. Não é nem pelo fato de estar trabalhando aqui, mas essa preocupação voltado com a memória, né? Hoje um museu criado com essa portaria de 2007 já tem 10 anos, né? Pensar que um Ministro em 70 teve essa vontade de memória, mesmo que ela não tenha sido de fato concretizada, você vê a preocupação das pessoas que passam por aqui em fazer com que a sociedade conheça a história do Tribunal, né?

ENTREVISTADO: Em 70 o Tribunal funcionava no anexo do Palácio da Justiça. Não me recordo se tinha Palácio da Justiça, mas ele funcionava em 70. Em 75 esse prédio aqui foi inaugurado, aí o Tribunal veio pra cá, acho que foi na gestão do presidente Geisel. E o Tribunal foi criado e depois foram sendo criados os anexos do Tribunal.

DANIELE: Crescendo o trabalho.

ENTREVISTADO: Crescendo. Mas funcionava ali quando foi criado esse museu, funcionava no anexo do Palácio da Justiça. Eu não recordo quando construíram, não sei se construíram primeiro anexo e depois Palácio da Justiça, não recordo. Porque existia o Itamaraty, o Congresso, eu vim pra cá em 61. Existia Itamaraty, Congresso, Catedral, mas o Palácio da Justiça me parece que no início não tinha não. Porque daquele prédio você conseguia ver o Eixo Monumental.

DANIELE: O seu pai era funcionário do TCU no Rio?

ENTREVISTADO: É. Ele veio do Rio, veio transferido pra cá. Aí eu entrei aqui em 85. Fiz o concurso e entrei aqui, desde 85.

DANIELE: Ainda pegou seu pai trabalhando?

ENTREVISTADO: Peguei. Depois ele aposentou. Cinco anos, trabalhava aqui e depois ele aposentou. Aposentou em 90.

DANIELE: E olhando aqui o senhor falando do museu virtual, exposições itinerantes, o senhor comentou que foi feita uma cartilha. O senhor também participou da montagem dessa cartilha? O senhor estava participando das coisas que estavam sendo produzidas pela equipe recém-formada?

ENTREVISTADO: Não, nós demos a ideia só. Parece que foi a Evelize que trabalhou, Marcelo, não sei te dizer isso não. Mas a ideia era essa de fazer a cartilha pra trazer a linguagem dos meninos, né? Das crianças que vinham visitar o Tribunal.

DANIELE: Esse plano diretor foi feito pelo senhor? O senhor se recorda?

ENTREVISTADO: Não lembro não.

DANIELE: Anotação minha.

ENTREVISTADO: Acho que foi o pessoal do serviço, não lembro se participei disso aí. Se foi 2003, 2004 e início de 2005 eu devo ter participado, depois não. Aí eu já não estava mais. Eu não lembro disso aqui não. A ideia você implanta e aprimorando e produzindo frutos, expandido. Aí cada um traz uma contribuição, acrescenta, agrega valor, a ideia é essa.

DANIELE: É que eu achei que fosse o senhor pelas coisas que eu vi, o senhor pesquisou, o cuidado que teve em colocar.

ENTREVISTADO: Eu não lembro, Daniele, não lembro disso aí não. Pode ter sido.

DANIELE: [ininteligível]

ENTREVISTADO: Era tanta coisa, né? Quando o Ministro tá na presidência é um monte de coisa que a gente faz.

DANIELE: E eu não encontrei, não tive acesso as atas, não sei se comentei com o senhor da outra vez. Não tive acesso às atas de conversa no plenário sobre essa criação do museu, se o Ministro levou isso ao plenário. O

senhor falou que sim, que levou à plenário, né? Eu infelizmente, a gente não tem acesso às atas no arquivo, a gente tem que pedir, solicitar e eles mesmos que fazem essa pesquisa. Porque seria interessante pra mim como foi a repercussão disso para os outros Ministros. Você lembra do Ministro Valmir Campelo ter falado alguma coisa? Ou o senhor lembra de alguma coisa assim que...

ENTREVISTADO: Eu lembro que ele falou.

DANIELE: Falou. Eles aceitaram bem a ideia, né?

ENTREVISTADO: Esse aí parece que já foi em nível de portaria, não foi? Ou foi em resolução? Não lembro mais.

DANIELE: Eu não sei. Só tenho portaria, a portaria [ininteligível]. Eu tenho até uma documentação aqui que é justificativa. Não sei se foi a fala dele no plenário.

ENTREVISTADO: É. Não foi essa portaria não. Foi resolução, foi projeto de resolução. A portaria foi com base na resolução, ele foi criado pela resolução, a portaria foi com base na resolução. A resolução foi submetida ao plenário e o plenário aprovou. Teve um que foi por portaria, acho que foi o espaço cultural.

DANIELE: Eu acho que sim.

ENTREVISTADO: Desses aí foram dois por resolução e um por portaria, acho que foi o espaço cultural. O colar foi uma resolução. Minha memória está bem...

DANIELE: Já tem muito tempo também, né?

ENTREVISTADO: Tem. Muito tempo.

DANIELE: [ininteligível] procurada nas resoluções é isso?

ENTREVISTADO: Tem uma resolução que criou o museu e essa resolução tem uma justificativa. Pode ser essa aqui, pode ser outra. E deve ter



também as falas dos Ministros, aí você pode solicitar na secretaria das sessões com o Luís Henrique. Agora estou na secretaria aí qualquer coisa eu posso lhe ajudar se eu tiver lá. Mesmo que não estando ano que vem, porque não sei como vai ser.

DANIELE: Eu fiquei procurando o senhor pelo prédio, risos.

ENTREVISTADO: Fui pra secretaria das sessões, estou lá temporariamente.

DANIELE: Eu falei: “Marcelo, me ajuda, não estou achando ele”. Aí eu falei pro Marcelo “Marcelo, encontrei com ele outro dia na ponte. Marcelo, não acho mais ele” e aí eu vim perturbar a Soraya, engraçado.

ENTREVISTADO: É Luís Henrique secretário das sessões.

DANIELE: Aí a fala dos Ministros eu peço dessa época?

ENTREVISTADO: Não nessa data, isso aqui é posterior. Data da resolução. Tem que ver a data da resolução.

DANIELE: Como eu faço pra pedir?

ENTREVISTADO: Resolução de criação do museu, acho que pela internet você encontra.

DANIELE: Resolução de criação

ENTREVISTADO: Resolução de criação do museu do TCU. Museu do Tribunal de Contas da União resolução de criação. Acho que na internet você encontra, deve ser difícil não. Ali você procurando você já consegue na internet a ata da resolução. Só se ela for administrativa, se ela for administrativa, não sei se naquela época, hoje parece que não é mais sigilosa não, mas naquela época não lembro se era sigilosa a sessão administrativa. Aí se for tem que pedir na secretaria.

DANIELE: Pois é. Porque mudaram o nome do museu agora, aí foi em uma sessão reservada. Aí a Vivian procurou e não conseguiu achar.

ENTREVISTADO: É administrativa e a reservada.

DANIELE: Pois é.

ENTREVISTADO: Teria que ver com o Luís Henrique, tá?

DANIELE: Tá.

ENTREVISTADO: Se não encontrar na internet, com o Luís Henrique, se for reservada pede pra ele.

DANIELE: O senhor sabe o ramal dele? Tá. Luís Henrique

ENTREVISTADO: Pochily.

DANIELE: Pochily.

ENTREVISTADO: Ele é oficialmente meu chefe atual. É com “y”. É secretário da sessões, aí amanhã ele vai está atrapalhado, mas depois ele está mais tranquilo.

DANIELE: Quinta e sexta.

ENTREVISTADO: Também não sei, é bom conversar com ele porque não sei se ano que vem ele é secretário de sessões. Porque pode mudar. Aqui no Tribunal muda gestão...

DANIELE: Na quinta e na sexta é melhor, né?

ENTREVISTADO: Vem o novo Ministro agora, o Ministro Cedraz, aí ele muda. Várias mudanças.

DANIELE: Eu quero conversar com ele o quanto antes. Porque eu quero acabar de escrever pelo menos até dezembro.

ENTREVISTADO: Essa resolução você consegue logo na internet, não dificuldade não.

DANIELE: Tá.

ENTREVISTADO: Isso aqui eu participei disso aqui. A justificativa acredito que a gente tenha ajudado aqui a escrever, que foi na época né? Em 2004. O Ministro foi presidente em 2003 e 2004, nós participamos dos trabalhos no museu, acho que foi até 2005 ainda. Depois eu participei, Ministro Luciano pediu pra gente criar uma sessão de homenagem aos centenários dos Ministros, aí eu participei dessa sessão. Não sei se era Vivian que estava lá. Estava o Anselmo.

DANIELE: Então foi o Ministro Luciano Brandão que teve...

ENTREVISTADO: Que teve essa ideia do...

DANIELE: Do centenário dos Ministros. Que a gente faz todo ano, a gente levantamento da pesquisa.

ENTREVISTADO: Isso. E aí a gente fez um DVD com a história do Ministro, da família do Ministro, aí nós convidamos parentes do Ministro pra sessão. Então a ideia é comemorar o centenário e marcar o centenário dos Ministros. Foi uma sugestão do Ministro, já tinha aposentado, já estava aposentado já há algum tempo e ele pediu que a gente implementasse. Nós trabalhamos nisso e fizemos.

DANIELE: Ainda tem o trabalho do centenário.

ENTREVISTADO: Eu não lembro se foi com a Evelize, se foi com a Vivian, não lembro mais. Mas a gente criou isso aí. Eu lembro que o Anselmo colaborou.

DANIELE: Ele que faz a filmagem, memória viva, ele que faz.

ENTREVISTADO: A gente fazia também uns folders, alguns foram colocados nos totens, tinha imagem do Ministro, tudo.

DANIELE: A gente faz todo ano, quando tem centenários a gente faz a pesquisa. Esse ano agora que entra vai ser o Ministro Rezende.

ENTREVISTADO: Ministro Nogueira de Rezende.

DANIELE: Nogueira de Rezende.

ENTREVISTADO: Quando eu entrei aqui ele era o presidente do Tribunal.

DANIELE: Ele está vivo ainda, então a gente já andou comentando com a chefe de serviço pra que a gente consiga fazer o quanto antes, né? Porque pelo que saiba ainda não teve um centenário de Ministro com ele participando, né?

ENTREVISTADO: Importante.

DANIELE: Seria muito bacana, muito interessante. Interessante o senhor ter comentado sobre o Ministro Luciano Brandão, porque na conversa que eu tive com o Dr. Sebastião, fazendo essas leituras, observando a questão da memória dentro do Tribunal eu percebi que o Ministro Luciano Brandão estava também olhando pra essa questão da memória, aí quando o Dr. Sebastião estava conversando comigo sobre o Ministro Iberê Gilson e ele falou que o Ministro Iberê Gilson era um homem muito ativo que parecia, ele falou, com o Ministro Luciano Brandão.

ENTREVISTADO: O Ministro nos auxiliou na época, pra nós na época implantação do museu, pra nós conseguirmos a réplica da Lei Orgânica. O Tribunal não tinha. O Tribunal tinha publicação do diário oficial. Aí o Ministro, acho que ele estava aposentado, fizemos contato com ele e ele fez o contato com a Casa Civil, da Presidência, e aí nós conseguimos junto à Casa Civil uma réplica. Assinatura do presidente da república e do Ministro da justiça e deve ter aí.

DANIELE: Que bacana. Os Ministros participaram mesmo, né? A Evelize comentou que o Ministro Ghisi doou pro museu terno, toga.

ENTREVISTADO: A beca, a toga dele ele doou, o Ministro Ghisi.

DANIELE: Realmente eles participaram, né?

ENTREVISTADO: O Ministro Ghisi foi o presidente no centenário do Tribunal. Ele era o presidente do Tribunal.

DANIELE: Teve muitas comemorações no centenário das comemorações no centenário do Tribunal?

ENTREVISTADO: Teve. Teve... Tem também no museu a história da Lei Orgânica, eu participei. Eu conheci mais de perto o Ministro Luciano na Lei Orgânica. Ele me convidou para assessorá-lo na Lei Orgânica e eu participei de toda a elaboração da Lei Orgânica. E desde lá a gente fez uma amizade grande, sou amigo do Ministro desde aquela época. Ele aposentou, a gente continua em contato, ele mora no Rio de Janeiro.

DANIELE: Ah, ele mora lá no Rio de Janeiro?

ENTREVISTADO: Mora.

DANIELE: Porque eu já vi ele aqui no centenário do Ministro De La Rocque.

ENTREVISTADO: É, mas ele não vem mais pra cá não porque ele está com um problema de locomoção. Eu brinco pra ele “Ministro, o senhor tem que treinar que...” ele está com 90 anos “tem que treinar que a Olimpíada está chegando aí, 2016” “não, estou treinando” ele não anda direito não, “mas estou treinando eficientemente”, “tem que treinar, Ministro, está chegando a olimpíada”. Sempre que eu ligo pra ele eu brinco com ele. Ele é uma pessoa excelente. Um grande amigo.

DANIELE: Pois é. De acordo com a pesquisa eu percebi que ele também teve esse olhar para...

ENTREVISTADO: Ele contribui com o museu, a gente conseguiu com ele a réplica da Lei Orgânica.

DANIELE: Nessa época de 2004 o museu ficou subordinado ao CEDOC. Por que vocês acharam que lá seria o lugar que o museu deveria está?

ENTREVISTADO: Mais em termos da questão de documentação do Tribunal. E também essa questão de documentação, pesou um pouco a Evelize está no CEDOC, ela tinha experiência, conhecia e podia contribuir pra desenvolver o museu, mas nosso trabalho nunca foi focado em pessoa. Eu sempre trabalhei impessoal. O melhor é esse aqui independente de quem está, porque quem está hoje amanhã não estará. Eu mesmo na época eu trabalhei, saí e continuou. Sempre trabalho de forma impessoal. Na época eu lembro que pesou, que a Evelize é uma pessoa competente e tinha o conhecimento ali, a gente deixou ali e também a ideia principal era a questão de documentação. O museu ia ter documento, tudo, ia haver uma facilidade junto ao CEDOC, esse foi o objetivo.

DANIELE: E hoje o museu está no gabinete da presidência. O que o senhor acha disso, dele ter saído do CEDOC e está na presidência hoje?

ENTREVISTADO: Uma questão importante do museu está na presidência é a continuidade do trabalho. Porque o presidente ele que toma as ações. Se fica vinculado a um Ministro relator, o museu acaba perdendo a importância. Vai, vai, vai... Vinculado à presidência não. O presidente está tomando... O presidente Nardes na presidência criou essa exposição. Um presidente que goste mais dessa área tem a oportunidade de desenvolver com ele vinculado à presidência. Isso eu acho muito importante.

DANIELE: Entendi. Esse normativo aqui do museu. Quando me debrucei nele para fazer minha pesquisa, eu achei o quanto ele tá atual, em sintonia, mesmo com 10 anos. Várias coisas foram desenvolvidas dentro das políticas

públicas na área de cultura, na área de museu, mas assim, eu percebi que esse documento facilita que a gente caminhe de maneira muito atual. E como falei para o senhor, a gente aqui acaba sendo referência. Muito interessante isso, né? E o senhor tem consciência do trabalho que o senhor fez naquele momento?

ENTREVISTADO: Minha preocupação era essa questão de poder permitir que o museu evoluísse no decorrer do tempo. Uma das preocupações era essa. Não era criar uma coisa parada. E um dos instrumentos que a gente defendia à época era essa questão de vinculação à presidência, em um momento posterior. Em um primeiro momento a ideia seria como ficou, no CEDOC. Não sei se ficou escrito em algum lugar isso, não me recordo, mas a ideia era essa.

DANIELE: Foi na época do Ministro Ubiratan que o museu saiu do CEDOC e passou para presidência.

ENTREVISTADO: Pode ser que tenha conversado com o Ministro Valmir e falado, que eles eram muito amigos. Muito. O Ministro Ubiratan não saía lá do gabinete, estava direto lá. E o Ministro Valmir ajudava muito ele na época da presidência, pode ser que tenha conversado na época. Não sei te dizer com certeza se ficou alguma coisa escrita, mas a ideia era essa que fosse pra presidência e que ele se atualizasse em termos tecnológicos, em termos de interação com as pessoas que vão examinar o museu. Que não ficasse uma coisa parada, estática. Seria a memória viva do Tribunal e vivo vai evoluindo, modificando, não é estático. A ideia foi essa.

DANIELE: Muito obrigada.

ENTREVISTADO: De nada, Daniele.

DANIELE: Era isso mesmo.

ENTREVISTADO: Espero ter contribuído.

DANIELE: Nossa, ajudou muito.

ENTREVISTADO: Qualquer coisa você me liga, você me acha mais fácil no celular.

DANIELE: Tá.

ENTREVISTADO: Até o fim do ano...



## APÊNDICE 5 - ENTREVISTA SERVIDOR MARCELLO AUGUSTO 11/06/2014

Arquivo: 20140611 141437

DANIELE: Marcelo, eu gostaria que você comentasse a respeito do momento de revitalização do Museu do Tribunal, que você nessa época estava trabalhando no Centro de Documentação. O que você lembra desse processo de remodelação do Museu? Das pessoas que estavam envolvidas, você participou ativamente no processo?

ENTREVISTADO: Bom, na época eu estava a frente da editora, era chefe da editora e a editora era subordinada ao centro de documentação. Então como chefe da editora eu tinha muito contato com o diretor, que era a Evelize, diretora do centro de documentação. E eu acompanhei bem de perto esse momento de criação principalmente porque o centro de documentação tinha recém criado a editora e já estava trabalhando com exposições de alguma maneira, já usava o espaço da biblioteca, que era um serviço pertencente ao centro de documentação, pra fazer esse trabalho de divulgação de livros, de artistas, de eventos, de uma forma geral associados à cultura no Tribunal, antes da existência de um espaço próprio para isso. Também por conta do museu já existir como conceito, já ter sido criado por força de uma portaria nos anos 70 e essa portaria já determinada que o museu fizesse parte do centro de documentação, não digo uma unidade, mas ficasse a cargo do centro de documentação, sobretudo porque o que existia na época eram documentos, basicamente documentos relacionados ao Tribunal, à criação do Tribunal. Tudo isso existia como acervo numa área lá no fundo da biblioteca que era chamada de Museu, mas na verdade só tinha uma plaquinha na porta que indicava que toda aquela parte do fundo seria destinada ao museu. Lá haviam umas estantes com uns livros bem antigos, da década de 40, várias atas, muitos documentos soltos do começo do século relacionados à criação do TCU e havia apenas esse indicativo lá, ficava misturado com algumas obras raras da própria biblioteca, tudo isso ficava em uma salinha trancada lá no fundo. Na época que estava na frente da editora existia esse espaço lá na frente da biblioteca, então por forças das circunstâncias eles já tinham consciência de que seriam responsáveis por algum

museu em algum momento no decorrer do processo, da evolução do processo. Eu vi bem de perto acontecer, porque logo que o Ministro Valmir Campelo encampou a ideia de criar um museu e um espaço cultural ele já tinha mais ou menos em mente pra onde ele iria mandar as duas unidades, a quem ele iria subordinar as duas unidades. Achou interessante colocar no Centro de Documentação, sobretudo porque já havia uma amarração de portaria com essa determinação, já havia essa determinação. E o centro de documentação estava subordinado ao Instituto Serzedello Côrrea que é o nosso centro de formação e treinamento. O Instituto Serzedello Côrrea sempre cuidou dessa questão de educação e ele achou que era muito pertinente manter todos os aspectos culturais, as unidades que trabalhassem com essas questões de educação e cultura subordinadas também ao Instituto Serzedello Côrrea, então era subordinado ao Centro de Documentação, mas era essencial subordinado ao Instituto Serzedello Côrrea, que detinha, que possuía o centro de documentação como uma subunidade. Quando o Ministro Valmir Campelo fez essa, quando ele conseguiu operacionalizar a criação do museu ele já tinha encontrado com a Evelize e já tinha meio que avisado a ela que isso seria uma responsabilidade dela. No começo isso foi colocado de uma maneira como se ela ficasse a cargo dessa responsabilidade, mas não existia designação de serviço para tal. Dentro da estrutura do Tribunal, cada vez que você cria uma nova atribuição, uma nova modalidade de trabalho, uma nova característica operacional, em termos de movimentação de pessoal, de alocação de recursos, de criação de espaço, existe a prática de se criar um serviço pra isso, especializado com pessoas, na medida do possível, qualificadas para realizar o trabalho. Sempre foi assim. E por força de portaria acontece dessa maneira, quando surge uma nova atribuição uma portaria determina como essa atribuição será desempenhada por uma unidade e como essa unidade vai executar esse trabalho em que subordinação. No caso do museu e do espaço cultural, foram criados os dois espaços expositivos e foi-se constituído uma equipe mínima para gerenciar os espaços, mas não foram criados, não foram operacionalizados as unidades respectivas para cuidar de cada uma dessas novas atribuições, elas surgiram como atribuições novas para o centro de documentação, foram passadas para a Evelize, mas não foi criado um serviço específico para isso. Havia as equipes,

mas não havia uma caixinha na hierarquia, por assim dizer, para se constituir um serviço de museu ou uma unidade com o nome oficial de museu ou um serviço de espaço cultural como uma unidade espaço cultural, ou gestão cultural, alguma coisa assim. A descoberta da complexidade desse trabalho e a evolução do próprio trabalho dentro do centro de documentação foi que acabou demonstrando que não poderia ser uma mera atribuição do centro de documentação, que no futuro bem próximo esses setores, esses espaços, teriam que se tornar setores, de alguma maneira subordinados ao centro de documentação como novos serviços, ou separados em uma unidade nova. Era algo que precisaria se verificar e naquele momento ainda não se sabia se aconteceria ou não. O que eu pude constatar no andamento desse processo foi que a gente teve que pegar uma consultoria especializada para nos ajudar a entender o que era o processo e como ele seria construído, como é que ele evoluiria. No primeiro momento, principalmente no que diz respeito à criação do espaço, o Ministro já tinha, os assessores, o próprio Ministro Valmir Campelo, já tinham bastante convicção do que era o espaço e já tinham bastante convicção de que deveria haver profissionais para as áreas específicas, né? Tanto para a área cultural quanto de museu, mas as portarias, os normativos não constituíram isso oficialmente. Essa descoberta ficou a cargo do diretor do centro de documentação, a Evelize no caso. Nas primeiras conversas que nós tivemos, eu tive a oportunidade de participar, a convite do próprio Ministro Valmir Campelo, foi-se pensando mais ou menos como é que isso poderia ser feito. Logo de imediato, pro caso do museu, surgiu a ideia, chegou-se a constatação de que só poderia começar com uma consultoria mínima com um museólogo, com um especialista da área, um historiador. De forma que a gente teve que ir atrás, nossos primeiros contatos pra fazer a coisa acontecer foi buscando um profissional especializado na área. A gente pensou em contratar um museólogo, mas não se sabia bem onde procurar a princípio e surgiu uma referência, não sei dizer bem quem deu, quem citou o nome pela primeira porque realmente não me recordo, mas surgiu o nome de uma profissional, que era a Marina. A Marina era uma profissional lá de São Paulo, ela era uma restaura--... Ela conhecia muito bem o processo de restauração, ela conhecia muito bem esse universo que era completamente novo para nós. E até onde me lembre a Evelize solicitou

uma espécie de workshop dela e ela deu uma consultoria à distância em um primeiro momento e depois ela veio até aqui pra ver nossa situação, fazer uma avaliação mais sofisticada e ver o que era do nosso acervo. No decorrer dessa visita ela percebeu que uma das coisas mais interessantes que a gente tinha era uma bandeira, que estava exposta já há vários anos num hall de elevadores do edifício sede, que foi dada aos servidores do Tribunal nos anos 40 ainda pra... Ofertadas pelos servidores do Tribunal nos anos 40 ainda à presidência da instituição. Ela viu que a bandeira estava em um estado péssimo e aquilo deixou ela meio alarmada sobre o quanto nós não sabíamos sobre a preservação dos objetos que faziam parte do nosso universo. A gente começou a visitar os prédios, visitou a biblioteca e visitou os gabinetes e viu que havia um acervo riquíssimo ali que precisava resgatado, inventariado, patrimoniado, enfim. Meio que no susto que ela teve diante da circunstância que a gente tinha aqui foi que ela começou a dar uma série de ideias, e as ideias foram todas anotadas avidamente pela diretora pra gente tentar implantar.

DANIELE: Pelo que você recorda quando ela teve aqui, ela já chegou com algumas propostas já prontas? Ou ela quando chegou aqui percebeu que existia uma realidade e tentou de alguma forma olhar essa realidade e oferecer algumas sugestões?

ENTREVISTADO: Ela já tinha estabelecido vários contatos telefônicos com a diretora. A diretora passou uma realidade de como era a instituição, mas até então acho que o que ela passou deixou de contemplar uma série de coisas que a própria Marina acabou vendo aqui. Então, no meu entendimento, é um misto das duas coisas. Ela não só já tinha um plano, mas era um plano básico, acho que montado muito por força da experiência que já teve com outras instituições, já veio com alguma coisa assim mais ou menos elaborada, mas quando chegou no Tribunal viu que a gente estava engatinhando muito mais, a gente estava muito mais atrás das experiências dela. Então, pelo que eu pude perceber acho que o que ela tinha de plano não estava muito azeitado não, ainda era uma ideia muito genérica do que fazer. Quando ela viu algumas especificidades das coisas aqui, em relação ao espaço, em relação ao entendimento de como a coisa deveria ser, em relação até a própria visão que o

Ministro tinha de museu, foi que ela foi construindo algumas coisas e nos passando essas informações aos poucos, né? As informações dela foram muito úteis, mas uma coisa que foi muito bacana na consultoria dela foi que ela foi muito profissional, ela foi muito prestativa na hora de dizer como é que a gente deveria fazer as coisas, ela não ficou alarmada e nem muito surpresa com a situação. Lidou com as coisas até de uma forma bastante calma “olha, nós temos um monte de coisas para começar a fazer, montar uma estrutura do zero realmente é muito difícil, mas eu acho que a gente tem que começar em algum lugar, a gente tem que focar em coletar esse material pra constituir um acervo e recuperar coisas que vocês têm aí e boa parte das coisas vão se perder em breve”. O caso da bandeira é muito icônico nesse sentido, porque a bandeira ficava dentro de uma caixa metálica em um móvel que era uma caixa metálica, né? De vidro. E a forma que ela foi disposta dentro da caixa, tava totalmente enrugada. Com mais um tempinho ela já não estava mais enxergando uma maneira de recuperá-la. Ela usou o exemplo da bandeira pra demonstrar o quanto a gente deveria acelerar o processo, principalmente de recuperação do acervo, de coleta desse acervo pra constituir algo, constituir uma materialidade para chamar um museu realmente de museu. A gente tinha um conjunto de documentos, mas ainda não sabia aquela altura quais deles eram representativos e quais não eram porque eles não tinham sido tratados, e tinha muita coisa de mobiliária. Na cabeça do [ininteligível] talvez, isso é só uma dedução minha, imaginasse que o museu fosse constituído essencialmente disso, que a materialidade fosse essencialmente essa. Não posso afirmar isso, apenas deduzo, porque era uma ideia que se tinha, uma ideia forte que se tinha, que seria isso, que não seria... Seria um museu muito aos moldes de repente daquela pequena salinha que tem lá no salão de entrada do Congresso Nacional no salão principal, onde tem “Museu do Senado” aí só um corredorzinho com um conjunto de móveis, um conjunto de documentos. Talvez não imaginasse que a gente tivesse que criar um espaço com esse tipo de preservação. Entretanto na consultoria da Marina ela já deixou muito claro, desde o início que museu não era um repositório de documentos, de mobiliário, de peças de acervo, de elementos físicos basicamente. Já havia uma semente plantada que a moderna museologia não se prestava a isso, a apenas isso, que o escopo era muito mais

amplo. No andar da carruagem a gente foi à São Paulo, eu fiz uma viagem com ela à São Paulo para conversar com a Marina, visitar o museu dela, museu não. O laboratório que ela tinha. Visitar uma série de espaços culturais, essa viagem surgiu como uma oportunidade para nós, porque eu tinha uma demanda para resolver em São Paulo em nome do Tribunal e a Evelize tinha que visita-la, porque o processo de restauração da bandeira e de algumas outras peças só poderia ser feito no laboratório dela, então ela pediu pra levar essas peças e fazer a recuperação lá. Ela levou a bandeira, nós fomos até lá para ver como ela realizaria esse trabalho e ela mostrou um pouco como era esse processo. E a gente teve a oportunidade de passear por lá e visitar diversos espaços, de ver principalmente os espaços institucionais da iniciativa privada e qual era o tratamento que eles davam para essa questão. Então a gente fez um passeio cultural, por assim dizer.

DANIELE: E nesse momento que vocês estavam revitalizando ou criando de fato um museu para o Tribunal, foi pensado ou foi discutido a respeito da missão desse museu? Ou vocês apenas retomaram o que estava escrito na portaria de 70?

ENTREVISTADO: A portaria de 70 é bem sintética, ela cria o museu do TCU, designa um espaço, designa alguns elementos que vão constituir o seu acervo. Até porque não se sabia bem quais elementos seriam, então fala em documentos, peças, objetos e tal, mas esse entendimento só foi um pouco ampliado quando a assessoria do Ministro Valmir Campelo resolve fazer um trabalho mais aprofundado, então o Ivo que é um dos mentores dessa iniciativa fez uma pesquisa por conta própria e determinou algumas coisas com base nos normativos, nos regimentos, se é que posso usar a palavra regimento, nos documentos constituintes de outros museus. Usou muita informações de internet, na época não havia um direcionamento para uma coisa, uma missão mais sofisticada não, naquele momento acho que a missão foi atender o pedido do Ministro Valmir Campelo e tentar resolver a situação que ele tinha criado. Ele criou os dois espaços e “olha, daí pra frente você gerencia”. Então, no meu modo de ver, no primeiro momento passou na cabeça do diretor como resolver essa situação. Vamos instalar e fazer a coisa acontecer, né? Vamos ver que tipo de

continuidade de serviço vai haver e se a gente tiver aí, quando tiver com algumas rotinas implantadas a vamos sentar e discutir como isso vai ser. Eu lembro do primeiro museólogo contratado, Humberto, ter colocado essas questões em pauta. Precisava-se sim fazer uma ampla pesquisa sobre o que nós tínhamos, uma espécie de diagnóstico de qual seria nossa situação para constituir, operacionalizar um museu.

DANIELE: Você lembra que época isso, que ele foi contratado?

ENTREVISTADO: 2005, se não me engano. Foi em 2004, 2005, o museu foi inaugurado se não me engano em 2003 e acho que foi em 2004 na verdade. Não demorou muito tempo não. A gente ficou aí, 2004, foi no final de 2003, agora não tenho certeza se foi 2003 ou 2004. Sei que poucos meses depois, a gente fez essa consulta à Marina logo no começo do ano, fez essa viagem antes do meio do ano. No segundo semestre do ano seguinte a gente já tava, a gente já tinha corrido atrás do museólogo, já tinha conseguido contratá-lo. Era um museólogo da Bahia, ele tinha muita experiência com isso lá. Ele já vinha de museus da iniciativa privada, mas que cuidam do patrimônio histórico lá, que é riquíssimo, ele já tinha um entendimento bem sólido sobre como é que poderia ser feito em nível institucional. Eu lembro dele ter recomendado logo nas primeiras reuniões, e veja bem, eu não fazia parte da equipe, mas como dos poucos chefes de serviço subordinados ao centro de documentação acabava que tinha que participar desse tipo de reunião. A gente aparecia para dar algumas sugestões, até para ser um ponto de equilíbrio entre o que se podia fazer e as ideias da diretora na época. Ela estava construindo esse conhecimento e precisava de pessoas para dar esse suporte, eu não era da área, mas acabava participando disso, a gente tinha reuniões setoriais quase que semanalmente. Aí a gente conversando com o Humberto logo que ele foi contrato, ele foi apresentado e ele falou “olha, é bom a gente fazer esse trabalho sim, mas é muito interessante também a gente fazer, já determinar algumas coisas, como vai funcionar esse museu. Eu sei que a gente não tem espaço ainda, não tem uma equipe, mas tem que ter alguém a quem eu possa me reportar, tem que ter alguém responsável por fazer, por ir atrás das coisas, pra nos ajudar a produzir, pra botar a mão na massa. Tem que ter uma visão, né? Um escopo do que é o

trabalho, a gente tem que definir uma metodologia”, só que o que eu vi? Acompanhando esse processo de perto. Que essa metodologia nunca foi construída, porque o foco da questão não estava sendo de como o museu começaria, de como ele nasceria como instituição, como unidade, mas sim ver de que maneira poderia atender a demanda de ter uma sala com uma série de objetos expostos e uma exposição temática abordando tudo isso. Então eu sinto que ele ficou um pouco perdido na história assim, por ser uma pessoa que contratada e não um consultor, ele ficou um pouco a mercê da hierarquia, do peso da hierarquia, que aqui na instituição acaba sendo dessa maneira: servidores, terceirizados, estagiados. Você tem aí um servidor e um servidor que é gestor bem acima do técnico qualificado terceirizado. Acho que ele ficou rendido na história porque ele era o único terceirizado contratado, ele não era um consultor, mas sim um servidor, um prestador de serviço, ele foi colocado na hierarquia como se estivesse bem abaixo de todo mundo. Então as opiniões foram dadas, mas até certo ponto negligenciadas porque o foco da maioria, dos outros três ou quatro servidores que estavam envolvidos no processo, estava sendo construir infraestrutura, mas não pensar conceitualmente como seria a unidade. Eu lembro de ter sido solidário com ele na época, mas não era, definitivamente, parte do meu escopo tentar fazer a coisa acontecer, para isso foram chamadas outras pessoas, nesse momento o CEDOC estava carecendo de servidores e a gente fez uma divulgação bem informal de que precisaria de gente para constituir.

DANIELE: Constituir o museu?

ENTREVISTADO: Pra constituir museu e espaço cultural. Não foi feito processo de seleção, foi feita uma divulgação bem de corredor “ó, o CEDOC está precisando de gente, será que nós vamos ter pessoas aí pra nos ajudar?” e as pessoas tinham uma visão na época de que o centro de documentação, principalmente a biblioteca, não faziam absolutamente nada. De que não havia trabalho ali e que ali era um bom setor pra se encostar e ficar na zona de conforto. Então apareceram pessoas que não eram muito qualificadas para fazer o serviço, mas que por força das circunstâncias eram as pessoas que nós dispúnhamos para resolver a questão. Então nesse período veio a Vivian, a



princípio ela veio para secretariar a Evelize, pra ajuda-la em toda essa questão operacional, para ser uma espécie de braço direito da Evelize nesse momento, veio a Eliza também para dar um suporte, para dar um apoio operacional. Porque as funções da biblioteca já eram muito bem definidas, já haviam especialistas para essas áreas, então todos os assuntos alheios à biblioteca teriam que ser tratados com servidores terceiros que ainda viriam a constituir a unidade. A biblioteca não tinha servidores específicos e nem espaços para acondicionar esses novos servidores para o museu. Então a gente criou postos de trabalho ali dentro do espaço da biblioteca mesmo, junto à sala da Evelize. Então o museu durante os primeiro dois anos ou mais funcionou em duas ou três mesas próximas à sala do diretor. Ela arrumou uns postinhos de trabalho e a Eliza e a Vivian ficaram sentadas nesses postinhos. Elas ficavam ali tratando diretamente com ela essas questões e aos poucos, na medida em que o trabalho foi crescendo a gente foi, a área física, a materialidade do museu foi invadindo o espaço da biblioteca. Houve um tempo em que pela falta absoluta de espaço para se constituir reserva técnica, as cabines de pesquisa da biblioteca que eram quatro ou cinco, foram se entulhando de móveis, objetos e documentos. Nós tínhamos uma sala de reunião que era grande, era uma sala de reunião para umas 20 pessoas no fundo da biblioteca, do layout da biblioteca na época, e essa sala de reuniões ela acabou se transformando em uma extensão do museu. A gente tirou uma mesa de reunião imensa que tinha lá e foi colocando mesinhas menores com computadores para poder atender, para alocar os servidores que estavam chegando. Alocar o terceirizado, o Humberto que era museólogo, alocar dois estagiários que nós conseguimos para ajudar, dois estagiários de história e alocar os servidores que eram a Eliza e a Vivian.

DANIELE: Então o trabalho foi crescendo, né?

ENTREVISTADO: Ele foi crescendo e foi crescendo de uma forma pouco improvisada. Veja como são as coisas, a unidade foi criada, mas a importância da unidade é dada por quem entende o que é o serviço, então ali no âmbito do centro de documentação quase todo mundo sabia o que precisava ser feito, entendia o que precisava ser feito, entendi a importância do que estava acontecendo ali, mas até então nós não tínhamos produção suficiente para

mostrar pra toda instituição o quanto era importante ter um espaço próprio, ter uma unidade constituída, ter desde o principio uma missão, visão e negócios bem estabelecidos. Só quando a gente começou a mostrar algum serviço foi que começaram a perceber a importância institucionalmente, a ponto de tentar arrumar uma boa sala, de arrumar espaço para a equipe, de arrumar...

DANIELE: Esses serviços você acha que foi que tipo de serviço? Que o museu fez que começou a dar uma visibilidade para ele.

ENTREVISTADO: O museu só ganhou sala expositiva, era a única coisa fora do centro de documentação que era infraestrutura fornecida pelo Tribunal. Então havia uma sala, era uma sala de uns 180m<sup>2</sup>, não era muito grande não. 150, 180m<sup>2</sup> mais ou menos. Foi feito um projeto pela equipe de engenharia do Tribunal para acondicionar todo o material que tinha sido levantado até então, mas essa sala ela só dispunha anexa que era uma espécie de sala de som. Ela tinha um hallzinho, um salão expositivo e uma salinha de som. Essa salinha de som não havia sido usada, a gente acabou derrubando a salinha de som pra colocar gente lá dentro, pra colocar pessoas lá dentro, na medida que o espaço do museu foi aumentando. A gente ficou durante um bom tempo e eu falo a gente porque a gente teve que fazer alguns trabalhos, a editora teve que fazer alguns trabalhos conjuntos com o museu, aí a gente teve que dividir espaço pra resolver essa questão. As pessoas estavam alocadas dentro do centro de documentação, dentro do espaço da biblioteca, elas ficavam distantes do espaço expositivo principal. O espaço expositivo era voltado para o hall de entrada e a biblioteca era no fundo de um corredor, uns 50 ou 100 metros longe do salão expositivo. Mostrar serviço nesse momento pra gente ganhar estrutura era fazer pelo menos uma exposição. Quando a gente fez, quando foi feita a exposição “Todos tem uma história pra contar” foi a primeira exposição montada pelo museu, aliás, não era “Todos tem uma história pra contar” era “uma história para contar”, havia apenas mobiliária e documentação, uns poucos objetos de mesa, umas estátuas, uma estatuazinha do Rui Barbosa, umas coisas assim. Quando ela foi apresentada pela primeira vez, ainda na gestão do Ministro Valmir, pra ele a demanda estava atendida, mas a parte operacional, como aquilo acontecia, como deveria dar manutenção naquilo não foi contemplado, não houve uma

grande preocupação com isso não, já que se achava que o espaço da biblioteca abarcaria todo mundo. Na medida que vieram exposições mais sofisticadas, é que se entendeu que não daria pra se manter o espaço expositivo distante das pessoas que precisam operacionalizar as coisas e não tinha como toda vez que houvesse qualquer questão dentro do espaço expositivo das pessoas estarem distantes. Por exemplo, um ar-condicionado que pinga, desde uma coisa banal como essas até entrar alguém no espaço expositivo e vir a danificá-la você não tem um pessoal ali perto não tem como se contingenciar a situação. Na exposição seguinte quando se viu que realmente não dava para se manter dessa maneira, já era uma nova administração, já era outra gestão, presidente já era outro, não era mais Ministro Valmir Campelo, foi que se entendeu que teria que criar essa estrutura dentro do Tribunal. O espaço cultural foi desenvolvido mais ou menos da mesma forma. Só que o espaço cultural tinha um espaço bem maior e o arquiteto que colaborou com a criação do layout, um arquiteto externo, convocado pelo Ministro Valmir Campelo, Edmundo Barea, ele já tinha criado uma salinha para o pessoal. Já tinha criado uma salinha, com copa, com banheiros exclusivos, com o staff, a sala dos servidores, uma salinha pequena, mas ainda sim uma salinha específica. No caso do museu como não havia isso acabou que ele teve que fazer uma adaptação do layout do espaço expositivo para abrigar as pessoas de forma que somente a partir da segunda exposição que as pessoas começaram, da segunda não, da terceira exposição que as pessoas começaram a se mudar para lá. Tinha o cantinho do hall de entrada onde era o museu e onde ficava a salinha de som ela se transformou em um espaço para, principalmente, para os terceirizados trabalharem. Uma recepcionista que nós tínhamos, a Simone, dois estagiários de história mais o museólogo trabalhavam todos juntos em uma sala só.

DANIELE: Nessa época já havia um espaço para a reserva?

ENTREVISTADO: Já havia um espaço para a reserva. Esse espaço foi conseguido depois da biblioteca ficar em uma situação insustentável. Não foi negociado de imediato, só foi negociado que ficou insustentável de não se poder usar as cabines de leitura nem nada pra se colocar, porque todas elas estavam cheias de móveis, de vitrines, de objetos assim.

DANIELE: Eu não sabia dessa passagem.

ENTREVISTADO: É, pois é. O layout da biblioteca mudou um pouco. Essa salinha que nós tínhamos no fundo da biblioteca que continha os documentos, ela tinha umas estantes, uns móveis antigos de madeira, pareciam umas cristaleiras e tinha uma série de documentos ali dentro, eram estantes para livros, mas eram umas estantes com portas para livros. O layout da biblioteca que ainda mantinha essa sala era um layout muito antigo até, pela natureza do piso, das divisórias, das estantes, da forma como os servidores trabalhavam, da forma como a estrutura da biblioteca abrigava seu acervo. Ela precisou ser reformada. A Evelize conseguiu junto à administração modificar o layout. Foi feita uma obra gigantesca, esse material foi todo transferido para um outro espaço e a biblioteca foi reformada e essa sala saiu de lá, no lugar dela entrou um laboratório de restauração, entrou essa sala de reuniões enorme que eu falei e foram construídas novas cabines de leitura. No processo de construção dessas cabines, depois que elas foram construídas ela deve ter sido usadas uns poucos meses, depois elas começaram a ser, os objetos começaram a ser colocados lá. Os que existiam na sala antiga foram transportados, se não me engano, para o Instituto Serzedello Côrrea até a obra ser concluída. O que acontece? Aqui no prédio não havia espaço, não havia como se criar espaços novos, só se fizesse uma grande reforma no prédio e o material não podia ser solto assim de qualquer jeito. Então foi feita a contratação de uma transportadora que levou esse material para o Instituto Serzedello Côrrea que era um prédio diferente do nosso prédio e eles ficaram um bom tempo em uma área lá que é chamada de núcleo de documentação, que é uma espécie de extensão da biblioteca. Isso aconteceu no escopo dessa reforma e o que acontece? A diretoria precisava ficar aqui. Mas todos os servidores da biblioteca, os serviços da biblioteca.

DANIELE: O arquivo

ENTREVISTADO: O arquivo ainda não era da biblioteca, mas o serviço da biblioteca inteiro, as peças do acervo que nós já tínhamos no museu elas precisaram ser movidas pro Instituto Serzedello Côrrea e se eu não me engano foi isso que aconteceu. A biblioteca deixou de funcionar durante esse período de

reforma e o que se tinha de material foi transportado de um prédio para o outro. Eu tinha uma sala no primeiro andar, era uma sala até boa, era uma sala para seis pessoas, durante esse processo de reforma da biblioteca e acondicionamento daquilo que era o principal da biblioteca para ela continuar principalmente o serviço de pesquisa, ela saiu de uma área de uns 300m<sup>2</sup> para ficar na minha sala que era 60m<sup>2</sup>. Nossa sala tinha quatro ou cinco servidores e passou a ter quinze, dentro de uma sala só, isso aconteceu durante vários meses. Quando a obra foi entregue e todo mundo voltou para os seus postos, havia mais espaço para a biblioteca, mas ainda não havia reserva técnica. Esses móveis voltaram, esses objetos voltaram, mas aí não voltaram mais para as cabines, eles foram para um pedaço, para uma parte da sala do patrimônio. O patrimônio tinha uma sala grande e essa sala, pelo que entendi, foi feito um acordo entre o pessoal do patrimônio e a gente e pegamos um pedaço dela e colocamos as coisas lá. Depois disso eu não acompanhei mais, porque a gente ficou, a editora ajudou o centro de documentação até determinado ponto, até a exposição “Lusófonos”, depois disso eu saí do CEDOC, não acompanhei mais o processo, mas pelo pouco que eu acompanhei, principalmente durante os momentos iniciais, não tinha infraestrutura, não tinha mostrado ainda serviço enquanto museu, as pessoas não tinham compreendido ainda a importância do trabalho e ainda não havia uma disponibilidade física do prédio para se acomodar essa nova estrutura. As pessoas tinham entendimento que bastava colocar os salões expositivos, só que no decorrer do processo não só os salões expositivos. Tem toda uma equipe responsável por aquilo ali e acaba não sendo uma equipe pequena, é uma equipe de no mínimo cinco ou seis cabeças, né?

DANIELE: Esse outro museu que foi criado na década de 70, existia algum vestígio dele? Existia assim, as peças dele estavam em algum espaço? Ou ele existiu em algum momento e deixou de existir?

ENTREVISTADO: Não sei dizer se ele chegou a existir, acredito até que sim, mas não sei bem onde. Eu sei que depois de algum tempo, pelo menos na década de 90 que o período que estou aqui, desde 94. Que o que havia estava lá no... O material que existia está no fundo da biblioteca, lá numa salinha fechada que era de obras raras, havia uma plaquinha indicando. Uma placa no

alto da sala dizendo que ali estavam as obras raras e um papel em baixo dizendo que também era museu, risos. Lá dentro tinha objeto sim

DANIELE: E era aberto á visitação?

ENTREVISTADO: Não, não era aberto à visitação. Era uma sala fechada. Era uma sala que inclusive a biblioteca não acendia a luz

DANIELE: Você acompanhou o processo da mudança na estrutura do museu onde que ele estava inserido dentro do CEDOC para depois está no serviço de gestão cultural que hoje é ligado ao gabinete da presidência?

ENTREVISTADO: Eu não acompanhei o processo, mas eu soube das demandadas que acabaram gerando essa mudança. Enquanto o museu estava inserido no centro de documentação ele era, ele evoluiu a ponto de ser praticamente um serviço, de oferecer um serviço, de ter uma demanda bem definida, já ter uma equipe trabalhando. O espaço cultural da mesma forma, com uma unidade lá dentro, com uma equipe específica trabalhando para operacionalizar as exposições e tal. Só que eles não eram unidades constituídas e qual o grande problema disso? É que uma equipe desse porte subordinada a uma pessoa só invariavelmente sobrecarrega essa pessoa com toda a estrutura operacional. Como o diretor já era de alguma forma sobrecarregado com o serviço de biblioteca e com o serviço de editoração e publicações, que depois se tornou editora, já havia demanda mais que suficiente para ele se preocupar. Não havendo um intermediário, um responsável pelas unidades, todas as demandas recaíam sobre ele. E de fato recaíram ao ponto de deixar a administração das coisas impraticável. A criação de um serviço subordinado ao centro de documentação, ao diretor do centro de documentação, na modalidade de chefe de serviço constituindo serviços específicos para atender museu e espaço cultural, ele não podia ser implantado naquele momento porque a estrutura hierárquica do Instituto Serzedello Côrrea, que era detentor desse espaço, ela não dispunha do que chamamos de funções comissionadas. Funções comissionadas relacionadas à designação dos chefes de serviço para esses setores. Não havia disponibilidade. Criar novos serviços e criar as funções

comissionadas para responsabilizar as pessoas por essas unidades era algo um pouco burocrático, ainda é, porque a criação de novas funções no âmbito do Tribunal inteiro ela depende de portarias vinda do presidente, e não é fácil você fazer isso sem fazer uma grande justificativa de por que isso deve acontecer. No meu entendimento isso deveria ter acontecido, não só pra aliviar a infraestrutura, como também para deixar claro, deixar as atribuições bem claras por normativas, longe de isso parecer uma burocracia tem uma questão muito forte de responsabilização e de dar nome aos bois, colocar as coisas num eixo e num responsável, uma pessoa focada naquele trabalho e determinada a cumprir aquela missão, com entendimento pleno do que aquela missão e quais são seus limites e qual é a sua extensão. Isso não aconteceu. Quando o trabalho cresceu ao ponto de ficar impraticável no escopo lá do centro de documentação achou-se por bem simplesmente desvincular esse setor, desvincular os dois serviços do centro de documentação e passa-los para uma outra unidade que pudesse geri-los, uma outra unidade que tivesse força suficiente para determinado momento usar uma boa estratégia de convencimento para criar as funções necessárias, para se designar chefes de serviço. Ou para as duas unidades ou para uma unidade que gerenciasse as duas. Os motivos, os gatilhos, ou o fator determinante para deflagrar essa mudança eu não tenho conhecimento, mas as questões operacionais que culminaram para essa mudança, com certeza são essas. Devem ter outras, claro, mas essa no meu entendimento é uma das principais. O serviço foi passado para a presidência, só que ele não foi simplesmente passado, já havia uma argumentação sobre essa necessidade e houve uma, na mudança de presidência, se não me engano, quando o Ministro Ubiratan assumiu a presidência, foi que ele entendeu que o museu e o espaço cultural deveriam ficar subordinados diretamente ao gabinete da presidência e não mais ao centro de documentação. Essa mudança se deu, sobretudo, porque o Ministro presidente à época, o Ministro Ubiratan, ele é um intelectual, ele é um escritor, ele é uma pessoa muito afeita às artes e ele achava muito interessante colocar essa estrutura tão próximo dele quanto possível porque seria muito interessante para, seria uma forma de saída para as iniciativas culturais dele. O Ministro Ubiratan compõe músicas, escreve poemas e livros e todas essas coisas e ele achou que ter uma unidade artística subordinada diretamente a ele

daria saídas interessantíssimas para trabalhos dele. Eu me lembro de inclusive nessa gestão terem saído tanto no espaço cultural, quanto no museu, umas exposições meio tortas assim que não foram determinações, não foram necessidades advindas do escopo do trabalho do museu ou do espaço cultural, mas muito mais determinações do Ministro Ubiratan. “ah eu quero um amigo meu fotógrafo expondo nesse espaço”, “eu quero um escritor meu lançando livro nesse espaço”, “eu quero no museu que um colecionador amigo meu faça uma exposição de uma série de bonequinhos e maquetes nesse espaço”, isso aconteceu. Então houve uma troca “vocês vem trabalhar aqui, vocês ficam subordinados ao gabinete da presidência, mas enquanto gabinete da presidência vocês ficam aqui ao meu dispor pra fazer esse trabalho”. Tem prós e contras na história, no entendimento, um pró é que se quebrou muito da cadeira intermediária da hierarquia que de alguma forma tinha um peso nessas questões, ou pra dificultar que certas coisas acontecessem ou simplesmente para determinar como as demandas saíam ao ver de cada um desses intermediários, né? “ah, mas a cor dessa parede não está legal para essa exposição, nós poderíamos mudar”, uma opinião do diretor, depois outra opinião do diretor geral, depois outra opinião não sei mais quem, acho que embaçava um pouco o processo, isso ficou mais enxuto tendo o museu subordinado diretamente à presidência. Porém uma presidência engajada com a questão artística é um grande adianto nesse sentido, no sentido oposto, grande ônus que eu vejo é que o museu e o espaço cultural deveriam está sim dentro do centro de documentação, eu os vejo muito mais relacionados à questão da educação e da cultura no escopo do que tange o Instituto Serzedello Côrrea e, sobretudo no que tange ao museu pela ligação histórico documental que existe entre museus e bibliotecas, entre museus e arquivos, serviço de arquivo, do que estando diretamente relacionado à presidência, quer dizer é como se tivesse tirado do ambiente onde ele estaria melhor suprido, subsidiado, pelas suas caracterizas de trabalho pra ir pra uma unidade que é mais alta, mas também é mais burocrática, também é mais determinística no sentido do trabalho. Durante a gestão do Ministro Ubiratan algumas coisas até aconteceram, porém, ainda não havia se criado um setor diretamente responsável por isso. Foi criada uma unidade chamado serviço de gestão cultural, mas era não era serviço porque



não havia sido designada uma função comissionada para um chefe de serviço pra ele ser o responsável direto por aquilo. Ele responder pela unidade e ter a grande atribuição de dar um norte para todo esse trabalho, não deixar que o norte viesse da alta administração. A chefe ficou, as pessoas da equipe envolvidas com o processo, as pessoas mais notórias, eram a Vivian e a Eliza, a Vivian cuidava da parte do museu e a Eliza a frente do espaço cultural. No decorrer desse processo entrou o Anselmo, já entrou quando a estrutura do museu e do espaço cultural já estavam subordinadas à presidência, ele já entrou no gabinete da presidência, ele não participou desse processo enquanto o museu estava no centro de documentação e a unidade foi pra lá e somente com a secretária [Viregínia] foi estabelecido uma função comissionada e uma chefia para as unidades. A organização que foi feita foi a subordinação de uma unidade apenas ao gabinete da presidência, intitulada serviço de gestão cultural, e dentro dele haveriam dois trabalhos distintos, um trabalho de museu e um trabalho de espaço cultural. No meu entendimento ainda não é a situação ideia, porque apesar deles serem próximos, hoje está bem demonstrado, amplamente demonstrado, que o escopo é grande pra se manter uma pessoa só. Talvez só se mantivesse se ela fosse um diretor e abaixo dele tivesse dois chefes de serviço para serem responsáveis pela parte operacional e o diretor seria responsável pelos direcionamentos da unidade, de toda essa dimensão cultural do trabalho. Mas não aconteceu, existe uma economia muito grande de funções e de responsabilizações em termos de unidades no Tribunal porque já é uma política antiga do Tribunal, porque tem prezado pela economicidade sempre nesse sentido e tanto que é somente por força de portaria que pode criar essas divisões. Portaria vinda de cima, do presidente, só poderiam criar essas funções. Então houve uma economia aí, foi criada uma unidade só pra cuidar dos dois setores e ficou sendo dessa maneira, né? Outro desdobramento da questão é o fato que você tem um setor que tem habilitações, que tem competências muito específicas, atribuições muito específicas dentro de um contexto, de uma realidade, onde as atribuições são outras. Eu tenho um gabinete que atende necessariamente as demandas da presidência que tem são por sua própria natureza finalísticas e uma gestão cultural nesse processo que não é uma função finalística. A função do Tribunal é fazer controle de contas, fazer todo o

acompanhamento, fiscalização e tudo mais e eu tenho um setor que é cultural, que é de exposições, que é de preservação de memória, que é de promoção da cultura que não está no escopo da função essencial da função. Eu tenho situações muito distintas, eu tenho extremos operacionais. O que pode decorrer desse tipo de situação é que o lado não finalístico pode ficar negligenciado. A questão de repente está no melhor lugar para ter atendida suas demandas operacionais em termos de rapidez, agilidade, promoção da infraestrutura, com a contrapartida de figurar como um apêndice diante de todo o resto, de não ter privilegiada, não ter observada sua devida importância por força de não ser uma questão finalística. Ora, lógico, nenhum órgão, nenhuma entidade privada também é, mas o que acontece com frequência nas entidades privadas é que as entidades culturais subordinadas nas a entidades privadas são instituições com autonomia própria e com uma gestão que não é a finalística daquela instituição, mas que tem um caminho muito bem traçado, ele não é traçado necessariamente pela presidência daquele órgão, é traçado por um comitê gestor especificamente constituído para essa dimensão. Essa dimensão cultural, mercadológica, de comunicação.

DANIELE: E pra você que já teve no centro de documentação, trabalhando ali perto da biblioteca e que viu esse processo do museu, você acha que o museu do Tribunal qual a missão dele? Qual a função dele? Ele está aqui para que? No que você acompanhou com a Marina, esse processo que você teve envolvido.

ENTREVISTADO: Com a Marina, no primeiro momento, foi tentar recuperar, salvar, o que a gente tinha né? Mas houve uma evolução muito grande desse entendimento emergencial pra suprir aquela demanda daquele momento. Pra cá sempre se colocou muito em perspectiva o trabalho seria um trabalho de preservação da memória institucional. Essa preservação passaria não só pela questão da preservação física, pela preservação material, de documentos, de móveis, de objetos, mas também pela preservação da questão operacional do próprio Tribunal. Ele não foi concebido essencialmente para responder questões a essa materialidade, tem uma dimensão que contempla a preservação do próprio processo.

DANIELE: O fazer...

ENTREVISTADO: O fazer do Tribunal. O próprio processo de registro, de resgate da memória, da metodologia do Tribunal. A grosso modo a própria história do controle externo. A ideia inicial é essa. Existe uma grande distância entre uma coisa e outra, sobretudo porque há um foco muito grande na questão material, na questão do que nós temos e há um discurso muito forte focando no caráter preservativo físico. Não sei colocar os termos específicos, mas no sentido da preservação da história do controle externo pouco trabalho foi feito nesse sentido. Hoje a missão do museu eu acredito que ela coloque, que ela tente contemplar as duas dimensões. Eu não tenho os termos de cabeça, mas eu acredito que ela tente contemplar as duas dimensões. Mas o trabalho que tem feito nos últimos dez anos em nenhum momento focou na preservação do controle externo, na preservação, no registro, no resgate, no acompanhamento, na documentação sistemática, da evolução do processo do controle externo que é o nosso produto principal, da fiscalização e do controle externo, mas tem focado muito mais na questão da preservação material e dos registros informais, verbais, orais, da história da casa como instituição. A evolução das suas sedes, histórias paralelas, histórias cotidianas sobre o funcionamento da instituição. Mas boa parte delas fala de questões menores, não fala de questões operacionais no sentido amplo. Está falando sempre de questões pequenas... “Em 1984 nós trabalhávamos com máquina de escrever, technic4, ibm [ininteligível]” “tá e o que você fazia com a máquina technic4?” “ah, nós instruíamos processo” “processo de que?” isso... Onde está isso, isso não está registrado, relato só, uma quantidade enorme de relatos orais, boa parte deles não está documentado na forma escrita, está com relato de Ministros, falando sobre o processo de evolução do Tribunal como instituição, mas não necessariamente do trabalho. Eu entendo que é [ininteligível] falar do museu do Tribunal, o escopo não pode se dar ao luxo ser somente esse, há um resgate enorme, da biblioteca, do centro de documentação hoje de fazer um trabalho de resgate de marcos significativos na história operacional do Tribunal. Por exemplo, evolução no processo de TI no Tribunal, de tecnologia da informação do Tribunal. Há uma preocupação muito grande do setor em deixar documentado

todos os marcos e os responsáveis e todas evoluções que aconteceram no sentido histórico, uma preocupação no registo de como esses processos contribuíram para a melhoria do trabalho. Não pra falar do processo em si, mas pra falar por um outro viés que eles deram para incrementar, para sofisticar o processo do controle. O que mais tem acontecido é que o discurso tem se voltado para a questão da modernização, mas o processo do controle... Em nada foi abordado o que havia e o que é. Nós não sabemos a diferença entre um e outro, quer dizer, isso não está contemplado em nenhum lugar, não que eu saiba.

DANIELE: Marcelo, obrigada pela sua fala, você falou muita coisa que eu desconhecia.

ENTREVISTADO: Eu posso está enganado em uma ou outra coisa porque realmente já tem quase 10 anos que isso aconteceu, tem mais de 10 anos na verdade que muitas dessas coisas aconteceram. O museu recentemente completou 10 anos. Ele completa 10 anos na verdade agora, em novembro de 2014. Eu tenho acompanhado esse processo desde 2003, naturalmente depois de algum tempo algumas conversas somem da cabeça da gente, a gente pode acabar confundindo datas ou a ordem, a sequencia em que elas aconteceram. Mas de uma forma geral, como não me atendo muito à sequênciã e sim aos marcos emblemáticos dessa história, há muito possa ser dito sobre cada particularidade, mas não necessariamente sobre o todo, porque quando estive a frente da editora, isso só ocorreu até 2005, acompanhei uma parte do processo de criação. Depois o museu se desenvolveu com uma gestão específica, uma ausência dela durante vários anos, ausência oficial dela durante vários anos. E muito recentemente uma gestão oficializada, mas em fase de construção, fase de aprendizado, não sei se é essa a palavra, eu só pude juntar as peças, aquele momento que eu vivi, depois um tempo em que me desliguei desse processo e quando voltei a trabalhar no museu em 2007. 2007 pra 2008 se não me engano, quando voltei a trabalhar no museu. Então essa lacuna de alguns anos, mas vendo pela outra ponta o relato acaba sendo a conexão lógica que eu faço entre o que vi e o que eu vejo agora. Se houver alguma falha, naturalmente eu peço desculpas. Se houver alguma incongruência com base nas histórias que você já fez. Eu peço desculpas de antemão

DANIELE: Você como funcionário acha que é importante ter um museu dentro de um órgão público?

ENTREVISTADO: Sim, eu não só acho, um museu muito bem desenvolvido, muito ciente do que deve fazer, muito bem definido em termos de negócio, ele é um alavancador maravilhoso para a instituição, ainda que ele não seja um componente finalístico de qualquer que seja o órgão, enquanto ferramenta de incentivo à cultura, ele tem um potencial mercadológico de inclusão, de promoção daquela instituição a um patamar que é inimaginável, o potencial... É maravilhoso você ter um museu e um espaço cultural dentro de uma instituição, junto com outras iniciativas relacionadas à educação, à arte e à cultura, como patrocínio, sem contar os méritos próprios do trabalho, das unidades, tem um potencial mercadológico maravilhoso. Não é que você vá ganhar dinheiro com isso, muito pelo contrário, mercadológico que eu digo é no sentido de você ter uma população que conhece um órgão a partir da sua tarefa finalística, isso tem um grau de envolvimento e de conhecimento, de conhecimento e reconhecimento daquele órgão. Mas se ele só trabalha com área finalística e você é um cidadão que não tem ligação direta com aquilo você tem um grau de envolvimento e ele tem certo limite. Se você tem um outro entendimento desse mesmo órgão a partir da sua perspectiva histórica, educacional, cultural, artística, seu grau de aproximação, seu grau de entendimento e a definição desses limites é muito mais tênue. Eu vejo como muito importante ter um museu e espaço cultural para o TCU, principalmente porque o TCU tem uma penetração na sociedade chega em um determinado limite, um órgão fiscalizador e ponto. Não que isso não seja importante, mas poderiam se abrir outras perspectivas para que a população enxergue a partir desse outro viés, eu acredito que sim, acho que seria um potencializador do nome Tribunal dentro da sociedade.

DANIELE: Obrigada, Marcelo.

ENTREVISTADO: Eu que agradeço.

## APÊNDICE 6 - ENTREVISTA MUSEÓLOGA MARINA GUARIDO 16/12/2014

Arquivo: 20141216 185855

ENTREVISTADA: Pronto.

DANIELE: Dona Marina?

ENTREVISTADA: É Marina sim.

DANIELE: Oi Marina, é Daniele.

ENTREVISTADA: Oi Daniele, como vai?

DANIELE: Estou bem e você?

ENTREVISTADA: Ótimo. E o que você manda? Vamos ver.

DANIELE: Primeiramente, eu posso gravar nossa conversa?

ENTREVISTADA: Pode. Por que não?

DANIELE: Ah, que bom. É bom que depois posso escutar com calma, refletir.

ENTREVISTADA: Isso.

DANIELE: É só assim uma conversa, que eu gostaria que você lembrasse de algumas coisas, né? Porque também tem muito tempo. Agora esse ano de 2014 está fazendo 10 anos que o museu foi...

ENTREVISTADA: Nossa senhora.

DANIELE: Foi revitalizado, né? Tem um tempinho já.

ENTREVISTADA: É.

DANIELE: A primeira pergunta que faço é como foi que a senhora ficou sabendo da existência da vontade do Tribunal de Contas da União revitalizar ou criar um museu?

ENTREVISTADA: A Evelize que ligou pra mim pra que desse um curso de montagem de exposição no TCU, entendeu?

DANIELE: Entendi.

ENTREVISTADA: Então, aí... Foi aí que eu vi o museu que estava sendo montado, remontando, né?

DANIELE: Quando a senhora chegou... A senhora então veio, né?

ENTREVISTADA: Você, por favor.

DANIELE: Então você veio de São Paulo para Brasília para fazer esse curso?

ENTREVISTADA: Isso. Para várias pessoas de vários aí. Não foi só da parte do museu que a Evelize que era... Estava coordenando. Agora as pessoas... Eu não lembro, a Evelize deve saber de que setores as pessoas fizeram o curso.

DANIELE: A senhora lembra mais ou menos quantas pessoas?

ENTREVISTADA: Eu acho que eram... Umas 20 mais ou menos.

DANIELE: Nossa, foram tudo isso.

ENTREVISTADA: Foram. Nós fizemos depois, eu me lembro, que depois do curso, o final do curso era uma... Cada grupo ia fazer uma exposição e parecem que eram cinco ou seis grupos viu. Eu não posso precisar assim porque não me lembro. Mas cada um trouxe objetos de casa e foi feita a exposição.

DANIELE: Sei.

ENTREVISTADA: Foi muito interessante porque cada uma... O material era bem diversificado foi feito vários tipos de exposição, inclusive eles também fizeram, pera um pouquinho deixar eu ver se me lembro, porque faz tanto tempo. Eles também fizeram, aproveitaram, para fazer um cenário para cada exposição. Cada um trouxe [ininteligível] trouxeram roupas, então tinha que fazer a exposição para roupas. Objetos. Enfim, foi muito interessante. Muitos materiais bem diversificados, então cada material a gente estudava de como seria melhor a apresentação pro público para esse objeto.

DANIELE: Interessante.

ENTREVISTADA: Cada um... Cada acervo tem um tipo de vitrine, vamos dizer, né?

DANIELE: Entendi.

ENTREVISTADA: E aí foi feito... Foi muito interessante. Esse foi o final do curso. E o museu, eu lembro, que tinham os arquitetos, mas não tinham nada a ver com a parte de museologia. Eles eram arquitetos, simplesmente. Eles então fizeram, não seria agora um museu como está, ainda está funcionando, não né?

DANIELE: Tá, está funcionando. Só que não é mais no mesmo lugar não.

ENTREVISTADA: Então, aí tinha aquela mesa de reuniões deles, aquelas cadeiras maravilhosas e eles fizeram e eu achei que eles tinham feito, a Evelize deve saber melhor do que eu, eles chamaram muita atenção para o que não era daquele jeito, era de madeira. O piso onde ficava esse acervo era de madeira, mas eles quiseram dividir e eles fizeram de ladrilho branco e preto. Eu fui contra, falei que chamava muita atenção, que a gente devia chamar mais atenção para o acervo e não para o piso, né?

DANIELE: Então quando a senhora chegou à exposição já estava montada ou só o espaço expositivo?



ENTREVISTADA: Não estava, [ininteligível] tinha o acervo, mas não estava ainda montado. Mas eu não fiz a montagem, como falei pra você. Quem fez a montagem foram os arquitetos e eles não deixaram nada, eles não perguntaram nada pra mim. Eu que falei do piso porque achei que estava gritando muito. Aí depois eu [ininteligível] uma moça, parece que também, não lembro se ela era arquiteta. Ah, que pena que a gente não pode conversar junto assim as três. A Evelize, porque a Evelize acompanhou mais isso.

DANIELE: Sei. Então quando a senhora chegou para oferecer esse curso, esse curso era sobre as práticas museológicas, né? E não para a auxiliar na montagem da exposição. É isso?

ENTREVISTADA: Não. A Evelize me perguntou algumas coisas, como poderiam ser, inclusive iluminação, a bandeira que eu falei que era uma coisa muito importante, porque era da época do Juscelino essa bandeira. Então eu acho que deveria... E ela estava em uma vitrine que batia sol. Foi retirada, eu trouxe aqui pra São Paulo, limpei toda [ininteligível] estava bem comprometida, né? E os estados que estavam dourados, foram todos limpos para que aparecessem mais. Aí o que mais que fiz? Eu falei que a bandeira teria que ficar em uma vitrine a parte e só iluminada quando fosse, com uma luz muito tênue, quando fosse exposta, quando tivesse visita. E lá não tinha muita visita nesse museu, então era... A bandeira [ininteligível] alguém chegasse perto dela apareceriam essa luz iluminaria, mas fora disso não.

DANIELE: A senhora quando veio...

ENTREVISTADA: Você!

DANIELE: Você quando veio, você já veio com um planejamento de aula montado?

ENTREVISTADA: Que aula?

DANIELE: Do curso.

ENTREVISTADA: Montado relativo, porque sabe o que acontece meu bem, não tinha nada por escrito em português sobre montagem de exposição. Então eu trabalhava junto com uma arquiteta, Clara Corrêa D'Alembert, que agora está trabalhando na prefeitura. Mas ela era do Estado de São Paulo. Ela fazia parte do DEMA, era Departamento de Museus e Arquivos. Onde trabalhávamos. E não tinha nada por escrito que pudesse auxiliar alguém que quisesse montar alguma coisa. Então a Clara e eu fizemos uma pesquisa, grande, bibliográfica e também de campo. E fizemos um manual, vamos dizer, que não chega a ser um livro. Acho que aquela menina tem o nosso manual. E aí nós fizemos, na época não tinha nada em português, o nosso foi o primeiro.

DANIELE: Porque eu conversei com o Marcelo, todas as pessoas que eu converso eles sempre falam da bandeira, eu acho que a bandeira foi um exemplo muito significativo com relação à necessidade de preservação do acervo.

ENTREVISTADA: Então, sabe onde eu fiquei, foi mais por minha causa que eles tiraram. Tinha uma janela de vidro transparente e essa bandeira estava em uma vitrine pequena, sabe quando se faz assim um amontoadinho?

DANIELE: Sei.

ENTREVISTADA: Ela não estava esticada, ela estava amontoadado. Eu falei “Nossa, essa bandeira” a Evelize me mostrou e eu falei “essa bandeira vai se acabar com o Sol” porque o Sol arrebenta né?

DANIELE: Aham

ENTREVISTADA: E aí nós tiramos essa bandeira, eu trouxe pra São Paulo, eu fiz uma limpeza nela, que ela estava imunda. O dourado também, nós fizemos de tudo pra restaurar o máximo possível. Mexemos o mínimo possível nela, por causa do tecido. Eu fiz um curso, há muitos anos, em Cuba sobre restauração de tecidos e justamente o tecido... Lá eles lavam, eu aprendi a lavar, mas a bandeira estava tão danificada, tão fragilizada pelo sol que tinha tomado que então eu achei por bem não lavá-la, apenas com uma escova bem macia, de pelo macio, sabe?

DANIELE: Sei.

ENTREVISTADA: Não me lembro, não tenho mais, eu tinha uma escova aqui em casa que era bem macia, sabe? Era de cerdas longas, porque curto fica mais duro, era de cerdas longas e bem macias. E foi com ela que eu fiz a limpeza dela, porque estava muito suja. E se continuasse com aquela poeira ela poderia se danificar mais rapidamente, porque poeira você sabe que queima, estraga, então foi isso que foi feita da bandeira. Uma limpeza a seco e só o metal que foi feito com algodão, nem cotonete, foi com palito, o algodão enrolado em palito, sem a ponta, porque a ponta pode danificar e cada estrela que seria cada estado do Brasil foi limpo manualmente com lupa, tudo direitinho. Não pôde ser feito lavagem porque ela estava muito queimada pelo sol.

DANIELE: Entendi.

ENTREVISTADA: E se eu pudesse na água eu não sei o que eu poderia tirar, mesmo fazendo com suporte, né? Porque quando é frágil assim a gente não põe na água direto, a gente põe na água com suporte, mas mesmo assim achei que não deveria fazer. E quando entreguei a bandeira estava muito bonita porque tirando a...

DANIELE: A poeira.

ENTREVISTADA: A poeira, as cores ficaram mais vivas, né?

DANIELE: Segundo o Marcelo o exemplo da bandeira foi bastante significativo o quanto, nas palavras dele, o quanto o TCU precisava entender a respeito da preservação do seu acervo. E aí eu pergunto a você, quando você chegou, que você olhou como estavam tratando esses objetos que estavam sendo recolhidos para formar um acervo da exposição, você percebeu que a realidade ali daquele museu ainda estava precisando de mais orientações do que você achava?

ENTREVISTADA: Ah, sim. Sim. Não sei se você no seu curso deve ter tido a conservação dos objetos, né?

DANIELE: Sim, sim.

ENTREVISTADA: Com certeza. E lá os arquitetos não tinham essa parte, eles não tinham noção de nada disso. Eles queriam fazer a montagem. Inclusive não achei que eles estivessem preservando a história, estavam fazendo... Tanto que a bandeira, isso eu fiz questão, ficou em uma vitrine, depois não sei como fizeram, nem sei como está agora, mas você pergunta pra Evelize, foi feita, não lembro se foi feito ou se já tinha, mas nós fizemos uma vitrine pra bandeira. Entendeu?

DANIELE: Entendi.

ENTREVISTADA: Pra ela ficar preservada e seria iluminada só quando, poucas vezes por dia, só quando tivesse alguém que quisesse ver algum detalhe, alguma coisa, ela ficaria com a iluminação mínima e nem com a iluminação da sala.

DANIELE: Entendi.

ENTREVISTADA: Ela não fazia parte da iluminação da sala. Entendeu?

DANIELE: Entendi. Entendi.

ENTREVISTADA: O acervo depois fizeram também uma outra parte que ficava parte, que ficava fora, assim, uma vitrine que ficava fora com alguns objetos. Já faz alguns anos e eu não estou lembrando direito.

DANIELE: Faz muito tempo.

ENTREVISTADA: Não é que eu tô com má vontade, pelo amor de Deus.

DANIELE: Com relação à exposição, eu até tenho fotos dessa exposição. Eu queria saber qual foi o acervo que você encontrou, porque eles devem ter feito uma seleção do que ia ser exposto ou não.

ENTREVISTADA: Isso quem fez essa seleção não fui eu. Eles só me apresentaram. Me lembro que tinha a mesa de reuniões deles com as cadeiras e cadeiras de braço, sabe aquelas cadeiras de braço, sabe aquelas cadeiras de braço?

DANIELE: Sei. Sei.

ENTREVISTADA: Isso eu me lembro. Que ele achou por bem fazer o piso de coisa que eu achava, eu falei que eu achava que deveria ter sido de madeira mesmo, como era antigamente, né? Como deveria ter sido. Mas ele, o arquiteto, é que estava fazendo e eu tava de curiosa, porque eu fui pra dar um curso.

DANIELE: Entendi.

ENTREVISTADA: Não pra montar o museu. Entendeu?

DANIELE: A senhora...

ENTREVISTADA: Ah não. Como é que você me chama?

DANIELE: Você. Você tinha conhecimento naquela época, do curso, que eles estavam fazendo uma campanha pra formar o acervo?

ENTREVISTADA: Não. Já tinha o acervo.

DANIELE: Já tinha.

ENTREVISTADA: Já tinha o acervo.

DANIELE: A Evelize também comentou comigo que você teve alguns encontros com o Ministro Valmir Campelo, que era o ministro presidente nessa época da revitalização ou criação do museu.

ENTREVISTADA: Ah, ele foi ver o museu. Ela não falou que ele foi até o museu?

DANIELE: Ela falou que nesse curso, que você passou aqui esses dois meses, você teve a oportunidade de conversar com ele, dele se inteirar um pouco da visão...

ENTREVISTADA: Eu quis que ele soubesse meu papel lá e que iria dar o curso e que iria dar mais embasamento para as meninas poderem montar o museu, né? Evelize tem o curso de bibliotecária, na parte de biblioteconomia eles não falam muito sobre exposição. Agora, ultimamente, é que estão fazendo exposições mais didáticas e maiores. Antigamente eles pegavam o livro e expunha o livro, pronto. Não é?

DANIELE: Sei. Isso.

ENTREVISTADA: Agora não, a gente pode destacar o texto, se tem um desenho ou um lito que seja interessante a gente pode deixar a página aberta, mas tudo com muito cuidado, quando é livro assim de acervo. Isso também fiz o curso de... De exposição de livros. Quando estive na Espanha, eu fui em um museu, até não era lá essas coisas não, mas a parte de biblioteconomia era muito do bom, e a exposição deles era um espetáculo e eles usavam um material, eu conversei depois com a pessoa que fez a montagem e ela me disse que antigamente eles usavam um tipo de plástico, mas eles viram que o plástico danificava o papel. Mas o papel antigo, né? E bom, moderno também. Aí eles estavam usando lâminas de vidro. Muito cuidado eles usavam lâminas de vidro pra proteger o papel, o livro. E eu vi a exposição muito interessante, muito interessante. Porque aí eles mostravam os textos, sabe? Principais ou litogravura que tivesse. Não abria o livro completamente. O livro tinha um suporte pra ele ficar meio aberto, entendeu?

DANIELE: Entendi.

ENTREVISTADA: Porque o livro completamente aberto ele danifica a lombada e também a linha em que é costurada ela fica muito tensa e ela pode ou rasgar o livro ou quando é muito antigo ela pode arrebentar. Muito interessante, eu não fiz curso lá, mas muito interessante. Eu conversei com o

curador e o conservador e ela me deu todas as explicações que eu achei interessante também. Bom, agora voltamos lá, o acervo, como falei pra você, eu não tive participação, me puseram bem de lado os arquitetos, sabe quando você sente...

DANIELE: Sim.

ENTREVISTADA: Você não é da área de arquitetura e tal e nós é que vamos fazer. E eu então não falei nada, única coisa foi a bandeira porque estava sobre a minha responsabilidade, porque se de repente eles pusessem uma dicroica em cima...

DANIELE: Ia continuar danificando.

ENTREVISTADA: É. Ia danificar. Já não existiria mais a bandeira. Também, como falei pra você, eu peguei essa bandeira, ela estava, sabe assim... Eles fizeram a exposição, era uma vitrine pequena, pequena. Vitrine. Uma vitrine horizontal. De quatro pés e tinha essa caixa, vamos dizer, que tinha o vidro em cima, que seria mais de medalha ou de livro, mas não uma bandeira que não cabia ela esticada, ela estava amontoada assim, sabe quando você junta...

DANIELE: Sei, sei. Que fica aquele pano todo amassadinho, né?

ENTREVISTADA: Não que estivesse amassado, mas eles amontoaram, fizeram montinhos assim, da bandeira. Aparecendo a parte Ordem e Progresso e as estrelas, mas estava perto de uma janela que batia sol. Isso eu me lembro, eu fiquei horrorizada. Eu falei "olha tem que tirar essa bandeira daqui, porque vai estragar essa bandeira" e foi isso que nós fizemos.

DANIELE: E você acha que a conversa com Valmir Campelo, qual a intenção que você acha que ele, naquele momento, esboçava na fala dele em criar ou revitalizar o museu?

ENTREVISTADA: Ele estava interessado, estava interessado. Mas você sabe, pessoas políticas é difícil. Depende do momento, se vai trazer voto, se...

Não é? Eles não têm a vontade de fazer uma exposição como nós. Eles pensam mais, não vai pôr hein, se não vão cair em cima da sua cabeça, risos!

DANIELE: Risos!

ENTREVISTADA: Eu já percebi isso. O político quer se for uma exposição que pra ele vai ser linda, maravilhosa, que vai trazer votos ou vai trazer [ininteligível] à ele, serão cumprimentados por isso. Como cultura, como história, eles não são muito assim... Muito preocupados. Eles querem fazer um oba-oba, que você sabe muito bem.

DANIELE: Você conheceu o chefe de gabinete do Valmir Campelo, o senhor Ivo Montenegro, que fez a parte da redação da portaria de revitalização do museu? Você chegou a conhecê-lo?

ENTREVISTADA: Não. Que eu me lembre não.

DANIELE: E os arquitetos estavam voltados para a montagem da exposição, mas tinha alguma outra equipe de alguma outra fazendo a pesquisa, redigindo os textos?

ENTREVISTADA: Não. Isso que eu estou falando, ninguém me falou nada sobre isso. Nada. Eu fiquei mais preocupada com a montagem, porque eu não tinha tempo de fazer pesquisa lá.

DANIELE: É. Você veio pra fazer o curso.

ENTREVISTADA: Eu fui pra dar o curso. Do curso nós fomos em dois ou três museus que estavam precisando, inclusive um, aí eu não me lembro agora, Evelize deve saber. Nós fomos e também estava bem... Um que tem fardas.

DANIELE: Será o Memorial JK?

ENTREVISTADA: Não. Não é o JK.



DANIELE: Eu sei que no Superior Tribunal Militar tem também um Museu. Será que foi lá?

ENTREVISTADA: Que tem bastante farda.

DANIELE: Farda? Não sei.

ENTREVISTADA: É. Fardas. Estavam em manequins até, estava em manequins.

DANIELE: Não sei.

ENTREVISTADA: Mas muito assim. Sabe quando você vê o um, você tem que dar um destaque, acho que você põe um monte de farda a pessoa entra em não vê nenhuma. Não é assim? Você tem que dar destaque, você pode por até todas, mas você tem que dar destaque pra mais importante. Ou que seja que tenha mais história...

DANIELE: Destacar a diferença entre elas.

ENTREVISTADA: Aí você tem que pegar, tirar, pôr numa vitrine à parte e pôr essa aqui. Mas eu vi que as coisas aí eram mais ou menos intocáveis, mas eu também não podia tá me envolvendo.

DANIELE: Sei. Essa exposição que foi montada, ela até hoje é montada. Eles consideram essa exposição como exposição permanente deles.

ENTREVISTADA: Ah, é?

DANIELE: E aí como o museu tem um espaço expositivo que é pequeno, então eles montam essa exposição, ela fica quase um ano, aí eles desmontam, montam uma exposição temporária, aí quando eles desmontam a exposição temporária, aí eles montam essa exposição de novo.

ENTREVISTADA: Com a bandeira? Tudo?

DANIELE: Com a bandeira, com o plenário. Com fotografia...

ENTREVISTADA: Desculpa te interromper, mas pera um pouquinho. Tinha uma sala e fora tinha uma vitrine que nós fizemos também.

DANIELE: Não, não. Essa vitrine não é do meu conhecimento não, não vi nem por foto.

ENTREVISTADA: Então, mas tinha sim, quer ver? Era uma sala comprida, não é isso?

DANIELE: Isso. Que ficava perto da biblioteca.

ENTREVISTADA: Lá no fundo, você entrava, lá no fundo tinha o mobiliário, a mesa maravilhosa, as cadeiras, aí depois tinha umas telas assim... Telas ou fotografias, não me lembro agora das paredes.

DANIELE: Você está falando do espaço que ficava dentro da biblioteca, antes de montarem a exposição do museu?

ENTREVISTADA: Não. Não. Um que ficava fora, não dentro da biblioteca, não. Fora.

DANIELE: Já é o espaço de exposição do museu.

ENTREVISTADA: Isso. Isso. Pelo menos era naquela época. Você entrava, virava a esquerda, então começava a exposição, a bandeira andava mais um pouco ficava do lado esquerdo. Depois, mais no fundo, estava a mesa, com cadeiras de braços, maravilhosas. Mas estava meio amontoadado, que eu achava que era. Que tinha o piso, duas cores, branco e preto o piso?

DANIELE: Não, não. Agora é outro piso. Eu acho que essa recomendação que a senhora foi atendida de pronto.

ENTREVISTADA: Ai meu Deus, não falo mais com você!

DANIELE: Por quê?

ENTREVISTADA: Porque você me chama toda hora de senhora.

DANIELE: Briga comigo não, Marina.

ENTREVISTADA: Briguei.

DANIELE: Essa recomendação que você fez, acho que foi atendida de pronto. Que a Evelize chegou a citar essa fala que você fez que o chão estava inadequado.

ENTREVISTADA: Chamava mais atenção pro chão do que para as peças. Ela não falou?

DANIELE: Falou que você fez esse destaque, que deveria repensar, colocar outro piso.

ENTREVISTADA: E o piso era de madeira, tinha que ser de madeira, que era antigamente, as salas, que não era de ladrilho hidráulico. Sabe ladrilho hidráulico?

DANIELE: Sei. Sei.

ENTREVISTADA: Branco e preto?

DANIELE: Sei.

ENTREVISTADA: Chamava mais atenção o ladrilho do que a própria mobiliário.

DANIELE: Marina, você já tinha tido uma experiência dessa de auxiliar criação ou auxiliar...

ENTREVISTADA: Ah, sim. De montagem de museu sim.

DANIELE: Mas de órgãos públicos como o TCU?

ENTREVISTADA: Sim, sim. De prefeituras de São Paulo. Eu [ininteligível] um museu que foi um negócio, uma cidadezinha pequena, do interior de São Paulo, Mogi-mirim e eu fiz a exposição e como tinha na cidade não foi... O museu da cidade já estava montado, e o prefeito queria, como sempre eles querem pôr o nome deles, então queria que fizesse um outro museu, uma outra exposição, uma exposição temporária. E justamente era no dia... Quando houve... Do negro. Não sei o que era do negro, sei que era do negro, aí então eu fiz... “Vamos parar de fazer negócio de escravidão, eu acho que já chega, né? Nós temos figuras tão importantes na história do Brasil, inclusive hoje”. Então o Emanuel, você conhece o Emanuel, né? Já ouviu falar.

DANIELE: Já ouvi falar.

ENTREVISTADA: Então ele é negro, foi diretor da Pinacoteca, ele que deu um auê na pinacoteca e aí os outros seguiram a linha dele, ele foi fabuloso.

DANIELE: Não, mas eu estou perguntando no caso mais específico. O meu objeto de estudo é a preservação dos órgãos públicos por meio de museus.

ENTREVISTADA: Pois é, meu bem. A memória é tudo.

DANIELE: Não, eu sei. Eu estou falando assim, não de uma prefeitura querer criar o museu, mas um órgão público, como o TCU, como o Supremo Tribunal ou o Senado, ou um Tribunal de Justiça de São Paulo.

ENTREVISTADA: Mas você vai ter que fazer um estudo sobre a documentação primeiro, viu?

DANIELE: Sim.

ENTREVISTADA: Aí você faz a documentação e pela documentação aí vai ficar muito chato se você fizer pra público, pra pesquisador não. Pesquisador gosta de documento, mas público gosta de peça. Você sabe muito bem, né?

DANIELE: Sei.

ENTREVISTADA: Se você puder só papelada, só documento, você não vai ter público pra isso.

DANIELE: Sei.

ENTREVISTADA: Então você tem que, eu sei que a gente poderia fazer só de documento, você fica sem público, só meia dúzia de pesquisadores que iriam pesquisar nesse museu. Então você pode fazer a pesquisa dos documentos mais importantes, você pode expor, mas também tem que fazer junto com isso, objetos, fotografias, pinturas, enfim, alguma coisa que interesse o público. Eu sou desse modo de pensar. Porque se você fizer uma exposição chata vai uma vez, depois não vai mais ninguém nesse museu. Entendeu?

DANIELE: Sim, sim. Entendi.

ENTREVISTADA: Eu acho que você pode fazer uma pesquisa do Tribunal de Contas daí, por exemplo, você vai lá, pega, faz uma pesquisa de tudo, vê os documentos mais importantes, aí você pode pegar, você pode fazer. Mas tem que pôr alguma coisa junto, fotografia, objeto, alguma coisa que chama atenção. Por exemplo, a caneta, o tinteiro, uma mesa... Você tem que pôr alguma coisa assim. Tô falando esse que eu fiz, que foi uma cidadezinha que tem meia dúzia de habitantes, eu consegui na inauguração e depois soube que a visitação foi bem grande de cidades ao redor. Eu consegui mais de 400 pessoas irem para abertura do museu. Tudo isso foi à parte do negro, né? Não fiz o negro comum escravo, não. Não fiz negro escravo. Eu fiz os escritores negros, os políticos que eram negros, instrumentos musicais, até consegui uns da África mesmo, que uma senhora trouxe de lá e ela me emprestou e conseguimos fazer com som os objetos. Sabe?

DANIELE: Sei.

ENTREVISTADA: Não pode ser uma coisa fria. Se você tem um documento, por exemplo, é um discurso. Você pode pôr, não tem a voz da

pessoa, mas você explica lá do lado que não é a voz do orador mesmo que foi, mas você pode pegar uma pessoa que tem uma dicção bonita de voz aí no rádio, sei lá, e ele faz a leitura daquele documento.

DANIELE: Interessante.

ENTREVISTADA: Entendeu?

DANIELE: Entendi.

ENTREVISTADA: E no fim nós fizemos ainda por cima um desfile de moda com negros e negras da cidade. Foi um desbunde. Foi um negócio que ficaram falando três dias e três noites. Só que eu me danei, [ininteligível] foi muito falado, foi muito comentado, aí minha diretora achou por bem me mandar embora, risos! Se você começar a fazer coisa muito boa, que eles não têm ideia de fazer, [ininteligível], depois não, aí eu saí fui pra Casa Guilherme de Almeida e não fiz mais. Você tem que pôr como se a ideia não fosse sua, fosse deles, entendeu?

DANIELE: Entendi. Entendi.

ENTREVISTADA: Você quer continuar no seu posto? Que cargo você tem?

DANIELE: Lá no TCU eu sou Museóloga.

ENTREVISTADA: Ah, só Museóloga.

DANIELE: Sou Museóloga só. Sou terceirizada, sou contratada.

ENTREVISTADA: Mas você é responsável pela exposição, não é isso?

DANIELE: Nós temos um servidor que ele faz a curadoria da exposição. E aí na verdade a minha parte fica muito na parte de como expor e na conservação dos objetos em exposição. Mas assim, como vai ser a narrativa, a escolha dos objetos, é do curador. Eu não tenho essa interferência.

ENTREVISTADA: E mesmo a exposição é dele, não é sua?

DANIELE: A exposição é dele, é do curador.

MARINA: A montagem?

ENTREVISTADA: A montagem acaba sendo uma parceria, entre eu e ele, porque às vezes que ele tem uma ideia e eu falo pra ele que aquilo não é adequado pra aquela peça. Mas eu percebo, Marina, que os museus que são inseridos em órgãos públicos, que esses órgãos não têm como a finalidade a cultura...

ENTREVISTADA: De jeito nenhum!

DANIELE: Que eles têm uma prática museológica diferente.

ENTREVISTADA: Ah, completamente. Não...

DANIELE: É isso que eu estava perguntando pra você se antes de vir ao TCU se você já tinha passado por essa experiência ou de está em uma grande empresa privada ou em um outro órgão público.

ENTREVISTADA: Mas mesmo na empresa privada você tem essa liberdade não, viu?

DANIELE: Sim, sim. Com certeza eu acho que não.

ENTREVISTADA: Então, eu estou falando para você. Tanto que eu fiz, foi um acordo, o prefeito mandou carta diretamente para o meu diretor e tudo. E a minha diretora... Tinha meu diretor, minha diretora e eu, né? Aí quando houve isso que foi o rebu, as cidades vizinhas todas queriam, eu fiquei sabendo que elas queriam que eu fosse pra lá pra montar os museus e tudo...

DANIELE: Olha que bacana.

ENTREVISTADA: Aí minha diretora me cortou.

DANIELE: Nossa.

ENTREVISTADA: [ININTELIGÍVEL] se você pretende continuar aí, não começa a fazer muito assim...

DANIELE: Risos!

ENTREVISTADA: Se você... Eu já estava no fim de carreira, eu já estava para aposentar, dali um ano me aposentei. Mas aconteceu isso. Aconteceu. E não me mandaram embora antes porque o Diretor do Tribunal de Contas, não que eu vá procurar, até mesmo a Evelize, a Evelize veio até mim, eu nem conhecia a Evelize, né? Ela não falou?

DANIELE: Falou que ela te conheceu quando ela foi fazer um curso em São Paulo.

ENTREVISTADA: É. Depois ela que me chamou pra ir pra Brasília, porque eu nem sabia nada.

DANIELE: Ela falou que foi fazer um curso por vontade própria, em São Paulo, sobre montagem de exposições que ela estava à frente do CEDOC e que ela estava promovendo algumas exposições dentro da biblioteca. Aí o Ministro Valmir Campelo com a ideia de... Eu sempre falo criar ou revitalizar porque o museu do TCU na verdade foi criado em 1970, aí foi na gestão do Valmir Campelo que ele aparelhou o museu, digamos assim. Ele redigiu uma portaria com orientações de trabalho e aí deu o boom inicial com a primeira exposição e de lá pra cá vem tendo ganhos de profissionais, de postos de trabalho. E aí ela falou que ela pensou que seria mais adequado vir uma pessoa especializada para oferecer o curso para eles, já que eles não sabiam como lidar com essas questões do museu, de preservação.

ENTREVISTADA: Eu dei o curso pra turma toda que estava fazendo, para as bibliotecárias inclusive.

DANIELE: Entendi.



ENTREVISTADA: Mas é fogo. Político é... Você tomar cuidado. Se você intenciona continuar aí, você toma um tiquinho de cuidado, não apareça muito. Eles são muitos vaidosos, é tio de fulano, filho de ciclano, a mãe de não sei quem. Então o negócio é, infelizmente, é desse jeito.

DANIELE: Entendi. Eu vou.

ENTREVISTADA: Eu vou de manso, você vai fazendo como que a ideia tinha partido dele.

DANIELE: Ok.

ENTREVISTADA: Porque eles são muito vaidosos.

DANIELE: Eu vou só agradecer a senhora...

## APÊNDICE 7- ENTREVISTA MINISTRO VALMIR CAMPELO 04/04/2014

Arquivo: 20140404 113247

DANIELE: Eu gostaria primeiro em saber qual foi a intenção do senhor durante a sua presidência, revitalizar ou criar um Museu do Tribunal de Contas da União, né? Saber o que motivou o senhor, qual foi a sua intenção, a sua preocupação, o que o senhor percebeu em preservar a memória institucional em um órgão como o Tribunal?

ENTREVISTADO: Bom, eu fico, em primeiro lugar, eu fico muito agradecido por essa oportunidade de você vir aqui ao Tribunal de Contas da União para saber a esse respeito. Durante o meu período de administração na presidência do TCU, 2003, 2004, eu preocupado com a instituição, tendo em vista que a instituição é uma instituição centenária e resultado... [telefone toca] ah, me desculpa. Mas eu vou pôr no coisa... Por gentileza, já recomeçamos. Alô, sim. Sim, Francisco, diga. Não, eu já... Minha filha, podemos apagar e começar. Bom, o que me levou a criar o Museu do Tribunal de Contas da União foi quando eu cheguei ao TCU em 1997, eu convivi até 2003 como Ministro. E depois disso, mesmo como Ministro, assumi a presidência. Quando fui designado e eleito pelos meus colegas para ser o seu presidente na administração, na gestão 2003/2004. Eu com a vivência dos anos anteriores como Ministro e sabendo da existência do TCU há mais 100 de anos, sendo uma entidade histórica, criado em 1890. Eu achei por bem em executar algumas obras que pudéssemos também aproximar a sociedade do Tribunal de Contas da União. Eu achava e acho até que o Tribunal de Contas da União na opinião da sociedade é uma instituição muito árida porque ela trata de assuntos eminentemente técnicos. E a minha ideia foi do sentido de aproximar a sociedade para conhecer a história do TCU, para preservar a memória daqueles que passaram pela instituição e que fizeram história durante o período em que permaneceram aqui. Isso é muito importante porque vai passar para os nossos filhos, para os nossos netos, para os nossos bisnetos. Fica a história do Tribunal de Contas da União e para isso eu resolvi criar o Museu. O Museu é uma peça fundamental, é um Museu permanente. Nós fomos buscar o portal, as peças que estavam no Rio de Janeiro

desde a sua criação. Mandamos restaurar essas peças todas, apanhei os cinzeiros, as peças que estavam no plenário e trouxe para o Museu e fiz réplicas daquelas que estão hoje no plenário, são réplicas, porque as originais se encontram exatamente no plenário, no Museu do TCU. A minha ideia foi inclusive de que os Ministros sempre que fossem exercer a função de Ministro fossem eleitos no Museu, no próprio Museu. Isso eu consegui fazer na minha administração. Eu fiz a eleição do outro presidente, que me sucedeu, que é o ministro Adilson Mota, na própria sede que do Museu. Os Ministros sentados nas bancadas daquilo que já fazia anos e anos e que estavam encostados ali. Então, nós fizemos. Infelizmente outros Ministros não fizeram prosseguimento nessa minha ideia que surgiu de fazer exatamente a eleição dos futuros presidentes do TCU no próprio Museu. Muito bem. A minha ideia também ela se estendeu mais com a ampliação da nova biblioteca do TCU, também era um meio dentro do mesmo critério de aproximação da sociedade, nós ampliamos, triplicamos talvez e reformamos, revitalizamos, toda a biblioteca do TCU. Passamos a ser uma biblioteca pública e não exclusiva dos servidores. Criei também dentro da mesma característica aqui na minha administração o espaço cultural Marcantonio Vilaça, onde nós trouxemos aqui peças de Athos Bulcão e tantos outros artistas nível nacional que expuseram e que ainda utilizam o nosso espaço cultural aqui nas dependências do Tribunal de Contas da União. Para humanizar, tudo dentro do processo de humanização foi que nós fizemos tudo isso, dentro desse processo de humanização eu criei também o berçário que foi obra nossa também, entre 2003/2004, por que eu criei o berçário? Porque a funcionária técnica nossa, ou administrativa, hoje em Brasília é muito difícil, como no Brasil inteiro, problema de babás para cuidar dos seus bebezinhos logo depois de seis meses, quatro meses. A mãe era obrigada a deixar o filhinho em casa, com muita dificuldade, às vezes na casa de parentes, irmãs, tudo mais, com essa dificuldade. Eu criei o berçário e criei um sistema de intranet que a mãe controlava de qualquer local pela televisão o seu bebê. Eu acredito que funciona ainda até hoje. Colocamos pediatras lá, junto aos berçários, criamos uma creche, que na época, uma das emissoras de televisão ela disse que era primeiro mundo e que era uma das primeiras do Brasil que estava acontecendo. Isso é o respeito que eu tenho pela mulher e principalmente pela mulher que trabalhar, mulher funcionária e que

deixava aqui durante todo o seu dia, no período, no momento exato que ela tinha que amamentar, ela vinha, tinha uma sala privativa com cadeiras poltronas para que ela pudesse amamentar o seu filhinho. Cada criança tinha o seu armário próprio. Era uma crechezinha que funciona até hoje. Então isso tudo nós fizemos dentro do processo de humanização. Mas o Museu pra mim foi uma obra que eu deixo aqui no TCU como realizada, com muito prazer também, porque ela vai continuar preservando a história do Tribunal. Hoje já temos quase todo ele digital. Já se pode ver inclusive através de vídeos, através... Na época funcionava até mesmo “vamos fazer um passeio no Museu do TCU contando toda a história”, o Museu tinha uma salinha reservada para que os alunos da rede escolar pudessem comparecer e assistir um pequeno filme contando a história do Tribunal de Contas da União. Foi dentro dessa característica que eu tive a felicidade de criar esses órgãos que é tudo ligado à cultura, à história e à humanização. Que pra mim foi uma honra muito grande porque não só o fato de se fazer, mas o fato de se proporcionar melhores condições, não só aos funcionários, mas à sociedade como um todo. Preservando a imagem, preservando acima de tudo a história da instituição.

DANIELE: Ah, muito obrigada. Eu queria só fazer mais uma pergunta. Com essa criação do Museu, esse assunto foi levado a plenário? O senhor [ininteligível], como foi essa questão?

ENTREVISTADO: Claro. Eu fiz a exposição. Todos os órgãos que eu fiz, que fizemos durante a nossa administração, eu levei todos eles ao plenário. Como também outra coisa que também foi muito interessante que eu não citei, que faz parte da história, é que o grande colar do mérito do TCU foi criado por mim na minha administração, entendeu? E que ela visa, esse colar visa exatamente homenagear as pessoas que destacaram na vida, que não exercem funções públicas, políticas, aliás, entendeu? Mas pessoas que se destacaram na vida nacional. E que são apenas cinco ou seis pessoas que recebem durante o ano. Então a finalidade foi toda esse. E todos esses órgãos que nós fizemos no TCU, todos eles foram submetidos através de uma resolução ao Plenário. Tem a aprovação do Plenário. A medalha tem um regulamento. As normas de como é aprovado. Existe uma exposição de motivo minha como presidente criando

exatamente o Museu do TCU, o espaço cultural do TCU. Todos esses órgãos foram criados e submetidos, mas submetidos ao Plenário. A todos os senhores Ministros.

DANIELE: Muito obrigado pela atenção do senhor.

ENTREVISTADO: Pois não, minha filha, muito obrigado a você, viu? Boa sorte e parabéns pelo seu trabalho.

DANIELE: Obrigada. Eu não sei se eu ainda tenho cinco minutinhos...

ENTREVISTADO: Dois minutinhos.

DANIELE: Dois minutinhos, risos.

ENTREVISTADO: Eu estou atrasado, olha os assessores aí.

DANIELE: Ok, desculpa.

ENTREVISTADO: Não, diga. Fique a vontade

DANIELE: Eu acredito que o Museu do TCU tem papel muito importante não só para o TCU, mas para a sociedade porque o trabalho do Museu, da gente, principalmente o meu como museóloga, formada como museóloga. Eu acho que a gente transmite cidadania.

ENTREVISTADO: Sem dúvida. Quando eu trouxe, foi com essa finalidade.

ENTREVISTADO: Tá certo, minha filha, parabéns mais uma vez pelo seu trabalho.

DANIELE: Muito obrigada pela atenção do senhor.

ENTREVISTADO: É pra mim? Não?

OUTRA PESSOA: Não. O Luís está aí.

DANIELE: Muito obrigada!

OUTRA PESSOA: Desculpa a gente não poder conversar muito hoje.

OUTRA PESSOA: Hoje é dia de saída, está corrido.

APÊNDICE 8 - ENTREVISTA MUSEÓLOGA KARLA INÊS SILVA UZEDA –  
IBRAM 06/04/2014

Arquivo: 20140406 190502

DANIELE: Pronto? Então vou fazer a primeira pergunta. Qual o objetivo do cadastro nacional de museus?

ENTREVISTADA: Bom, o cadastro nacional de museus ele é um instrumento responsável pela coleta, registro e compartilhamento de informações sobre os museus brasileiros. Esse cadastro se baseia em um questionário de pesquisa onde os museus brasileiros são convidados a participarem dessa pesquisa prestando informações sobre diversos aspectos dos museus.

DANIELE: Segunda pergunta. Qual a quantidade e as características dos museus levantados pelo cadastro? Qual a quantidade e as características dos museus levantados pelo cadastro?

ENTREVISTADA: Bom, hoje, em abril de 2014, a gente tem no cadastro nacional dos museus cerca de 3400 museus mapeados por esse cadastro. Eles são museus de diversas, são museus públicos, museus privados, museus federais, estaduais, municipais. Museus com acervos bem diversificados, embora o cadastro até então não tenha trabalhado com a tipologia de museus e sim com a tipologia de acervos, a gente percebe que essa tipologia de museus até então informada pelos museus podem nos levar a... não, não ficou bom. Você vai retirar esse negócio da [ininteligível].

DANIELE: hum hum. Qual a quantidade e as características dos museus levantados pelo cadastro?

ENTREVISTADA: Hoje nós temos, nesse mês de abril, nós temos cerca de 3400 instituições mapeadas no cadastro nacional de museus. E essas instituições são bem diversificadas mesmo, são museus públicos, museus privados, nos quais alguns pertencem às organizações militares, universidades,

organizações religiosas, pessoas particulares que tem suas coleções que passam a abrir o espaço e começa a atender uma visitação de forma permanente. Temos museus especializados, museus de órgãos públicos, museus de arte, museus de história, embora o cadastro não trabalhe com tipologia de museus até então e sim com tipologias de acervo, a gente percebe que os museus brasileiros têm perfis bem variados. Lá lá lá... Depois você... risos.

DANIELE: Como o Ibram pretende atuar com um panorama tão diversificado de museus no Brasil para possibilitar uma gestão mais qualificada dos museus?

ENTREVISTADA: Bom, o Ibram como entidade voltada para regulação do campo dos museus tem editado algumas medidas, algumas orientações para o que os museus possam, cada vez mais, utilizarem determinados instrumentos para melhorar a sua gestão. Um exemplo disso é o que é mencionado no próprio estatuto de museus, regulamentado pelo decreto 8124 como o plano museológico e esqueci o nome do outro, o plano diretor... Não. Outro. Algumas normas orientadoras que certamente vão contribuir para a gestão dos museus, como elaboração de regimento interno, plano museológico, que são instrumentos criados de forma participativa dentro das instituições e que permite essas instituições fazerem uma reflexão sobre si mesmos, de uma maneira participativa com as pessoas que estão envolvidas nas atividades do museu.

DANIELE: Eu gostaria muito de saber mais especificamente sobre os museus que são criados e mantidos dentro de órgãos públicos, como o Ibram classifica ou nomeia esses museus?

ENTREVISTADA: Na verdade o Ibram não classifica ou nomeia, se você tiver se referindo a tipologia dos museus como falei anteriormente, até então o cadastro nacional de museus não trabalhava com essa classificação tipológica das instituições. No momento o cadastro está passando por uma reformulação onde a gente vai passar a perguntar para as instituições como elas se veem do ponto de vista tipológico, mas não é o Ibram que vai fazer essa classificação,



são as instituições que de acordo com a forma e com o objeto de sua comunicação que vão se definir em relação a sua tipologia. Esses museus que estão, fazem parte de órgãos públicos, eles são caracterizados de acordo com a natureza administrativa desses próprios órgãos. Então um museu dentro de uma universidade federal, ele é um museu federal. Um museu que pertence à estrutura de uma determinada entidade do município ele é um museu municipal.

DANIELE: Por que o Ibram tomou essa postura do próprio museu se classificar?

ENTREVISTADA: Porque nós entendemos que essa questão da tipologia isso tem a ver com a forma de comunicação faz. Como o museu comunica o seu acervo, do objeto do acervo, o foco de comunicação, isso só quem pode dizer é o próprio museu, não é o Ibram aqui em Brasília que vai chegar para o museu e dizer que o museu é um museu de história. A gente sabe que a gente pode tratar qualquer objeto com diversos olhares. Se é uma caneta, a gente pode tratar uma caneta do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista do material da caneta, da evolução da escrita, ou posso tratar essa caneta do ponto de vista da história, as pessoas que usaram essa caneta, os documentos importantes que marcaram uma época que foram feitos por essa caneta. Enfim, isso só quem pode dizer é a instituição, não é o Ibram.

DANIELE: Voltando ao nosso interesse que são os museus criados e mantidos dentro dos órgãos públicos. O que o Ibram entende como unidade mantenedora?

ENTREVISTADA: Unidade mantenedora são... Fugiu agora a expressão. É o organismo responsável pela manutenção financeira do museu, pelo o espaço que o museu ocupa, por algumas atividades e serviços que são desenvolvidos pelo museu. Dessa forma unidade mantenedora é uma unidade que realmente colabora para que o museu exista.

DANIELE: E como o Ibram enxerga esses museus que estão dentro de uma unidade mantenedora?

ENTREVISTADA: Nós vemos esses museus de órgão como qualquer outro museu. E eles também estão submetidos a todas as determinações que são das leis, tanto do estatuto, decreto de regulamentação, enfim. Não há, pelo menos até o momento, nenhuma ação voltada especificamente para museus criados, por exemplo, em órgãos públicos. Pode ser que futuramente até tenha alguma ação específica, mas no momento não existe. E eles são tratados como qualquer outra instituição de memória, qualquer outro museu. Independe da instituição a qual ele esteja vinculado. É claro, assim, que de acordo com o estatuto de museus o enquadramento em algumas exigências do próprio estatuto tem um prazo diferenciado para os museus federais, porque entende-se que museus vinculados a órgãos federais são museus federais, então é a única diferenciação são em relação a prazos, mas em termos de cumprimento das leis eles são museus como qualquer outro museu, particular, enfim.

DANIELE: E falando em cumprimento da lei, a lei 11.094, que determina...

ENTREVISTADA: 904.

DANIELE: 904, desculpa. Que determina prazos, inclusive para o plano museológico, como o Ibram pretende lidar com os planos museológicos de museus institucionais uma vez que esses estão ou estarão inseridos nos planos de metas das unidades mantenedoras.

ENTREVISTADA: Na verdade, o Ibram ainda não está previsto nenhum tipo de ação fiscalizadora até esse momento em relação à construção ou não desses documentos. Tanto do plano museológico como do regimento interno. Mas pode ser que esses documentos, esses planos venham a se tornar elementos necessários para outras ações. Então, por exemplo, hoje não é cobrado, mas pode ser que daqui algum tempo a participação em editais do Ibram tenha como exigência a apresentação de um plano museológico, ou pra efeito do instrumento do registro de museus que está em fase de implantação também, que também foi mencionado pelo estatuto de museus, que foi regulamentado pelo decreto de 2013. Enfim, me perdi.

## APÊNDICE 9 - ENTREVISTA SERVIDORA VIVIAN PIMENTA 20/08/2014

Arquivo: 20140820 153248

DANIELE: Eu queria saber de você há tempo você está trabalhando no museu do TCU e se você participou da revitalização do museu, como é que foi esse processo de revitalização, se você já estava no museu ou se você foi convidada após a revitalização.

ENTREVISTADA: Olha, eu trabalhava no CEDOC, no centro de documentação nessa. E a reabertura da sala expositiva do museu ficou sobre a incumbência do centro de documentação à época. E eu comecei a me envolver nessa história, meio que sem querer, por situações ali do centro de documentação. E comecei a me interessar, comecei a achar, comecei a quase que me descobrir profissionalmente, eu gostei muito de trabalhar nisso. Nós passamos alguns meses revendo os textos, escrevendo os textos, buscando também os documentos e buscando informações, vendo quais eram as obras para o acervo e também aquele trabalho administrativo de aquisição de material do que era necessário. E também fizemos um curso de montagem de exposições com uma museóloga muito bacana, chamada Marina Garrido, uma senhora, mas como uma vitalidade e uma jovialidade incrível. O curso foi ótimo, abriu nossas cabeças, né? E de repente eu estava trabalhando full time naquela exposição, que seria “TCU: uma história para contar” e os rapazes, os servidores da editora, que faziam parte do centro de documentação entraram de cabeça, a Eliza que trabalha agora no espaço cultural também trabalhou nessa exposição, veio também de outro setor para trabalhar. E quando a gente montou essa exposição em novembro de 2004, eu falei com a Evelize que à época era minha chefe: “ah Evelize, eu gostaria muito de trabalhar com museu, gostei, eu achei muito interessante” e a gente tinha um desafio muito grande que não era só montar aquela exposição, que era fazer uma reserva técnica, coisa que eu também não tinha noção. E eu comecei a estudar sobre o assunto, buscar na internet e ano seguinte existiram alguns cursos no Ibram, era o Ibram? No IPHAN, do GDF, todos os cursinhos que apareciam eu fiz todos, sobre preservação, sobre guarda, sobre memória, tudo. E eu cada vez entrando e lendo também, textos, fui

descobrimos que existia um thesaurus, a catalogação não era feita assim da minha cabeça ou como órgão achava que era pelo patrimônio, mas não, então foram desafios que eu fui enfrentando e fomos buscando soluções. E no outro ano nós fizemos também outra exposição que também foi um outro desafio, era outro assunto. Então, aquilo pra mim foi muito bom, melhor do que aquela rotina do dia a dia, era sempre um empreendimento novo e, além disso, agregava conhecimento, né?

DANIELE: O que você acha que motivou o Ministro Valmir Campelo a revitalizar o museu? Era falado, já tinha nessa época de 2004, o museu existia em alguma sala, estava escondido em algum lugar?

ENTREVISTADA: Olha, eu me lembro que quando eu entrei no TCU algumas vezes que entrei na biblioteca, nem trabalhava lá, existia uma parte de um plenário, alguma coisa assim no fundo, “ah isso aqui é que o museu tava na sala tal e trouxeram pra cá” e ficou ali, aquela coisa um pouco perdida, acho que depois desmontaram ou depois levaram para o salão nobre, alguma coisa assim. Mas ele não era visto, ficou aquela peça meio que sem contexto, né?

DANIELE: Sim.

ENTREVISTADA: E eu me lembro que eu fui trabalhar em 2004 no CEDOC e que logo depois surgiu essa oportunidade, “olha, o Ministro Valmir Campelo reabriu o espaço, reabriu não, abriu um espaço cultural que é de arte contemporânea em 2003, ele quer reabrir o museu” e até então eu nem sabia que existia um museu aqui na casa, que foi aberto em 1970 se não me engano e “ele quer colocar isso” e a gente achou interessante, era um desafio muito bacana, o day care, né? E a gente achou assim “poxa, que homem de visão, né? Que coisa interessante”, ele revitalizou, houve uma reforma muito grande na biblioteca, que teve outra cara, era uma biblioteca linda, que dava vontade de você entrar, de você ficar ali, de você pesquisar, porque era aconchegante e era bonita. E aí foi montado então o museu e eu achei que foi uma ótima decisão.

DANIELE: E de 2004, dessa primeira exposição, até hoje 2014, com o serviço de gestão cultural, que está incluído o museu e o espaço cultura, quais foram as vitórias mais significativas nesses anos para você? Que foi difícil e que elas aconteceram.

ENTREVISTADA: Olha, pra você ter uma ideia, quando museu abriu era eu, um estagiário e uma recepcionista, que eu pedi por favor, depois de algum tempo eu pedi uma recepcionista, então era muito precário e com o passar dos anos a gente foi conseguindo mais um estagiário, depois nós conseguimos mais um servidor. Primeiro ele veio como empréstimo, que foi o Anselmo, né? Depois eu consegui que ele viesse para o museu. E em 2007, nós tínhamos pedido em 2006 se não me engano, um historiador e um museólogo. Ah, sim, de início nós tínhamos quando nós fomos começar o museu que em 2005 ele saiu, ele foi embora, não se adaptou muito à Brasília, é difícil as pessoas vem de fora se adaptar aqui à Brasília, né? E ficamos sem museólogo, sem historiador, nem nada. E então nós solicitamos à casa e em 2007 nós melhoramos a nossa produção, porque aí a gente passou a ter um museólogo, um historiador, aí eu já tinha um servidor, tinha dois estagiários, um que trabalhava pela manhã e um que trabalhava pela tarde e uma recepcionista. E ficamos assim até o ano de 2010. Quando que entrou a designer?

DANIELE: 2010.

ENTREVISTADA: Foi em 2010. Nós fizemos outra solicitação à casa e tivemos também um designer. A gente começou a ver “nossa, como precisamos de um designer pras nossas exposições e para nossas publicações”, né? E hoje eu acho que nós somos uma equipe, uma verdadeira equipe de museu, porque hoje nós temos uma recepcionista, mediadores das exposições, um pela manhã e um pela tarde, nós temos uma museóloga com um estagiário, olha que fantástico, temos uma historiadora com dois estagiários de história que tem auxiliado na pesquisa, temos uma designer e temos dois servidores, então é uma equipe muito mais dinâmica, que consegue fazer trabalhos melhores. E com a nossa experiência e sabendo que a gente realmente precisa para uma exposição, que você tem que saber escrever a história de uma forma mais

sucinta e mais interessante, saber mostrar isso de uma forma gráfica com desenhos, com cores, tudo tem que ter uma harmonia, tudo tem que ser bonito, é um cenário o que você está montando. E saber que nós precisamos de passar essa mensagem de forma visual, de forma oral e pela escrita, além do tato, porque as pessoas veem os materiais e elas querem pegar e nós sempre distribuimos folders, material de impressão, que solidifica todo esse trabalho que a gente fez. Hoje nós sabemos a importância disso tudo então a gente consegue realizar boas exposições, além de pesquisa que a gente faz, da casa, de autoridades da casa, né? Por meio de centenários de Ministros, que é um projeto que a gente homenageia o Ministro por ter completado 100 anos e nós fazemos uma sessão solene, juntamente com a presidência da casa. Isso tudo é muito importante, porque nos faz pesquisar a história, ir atrás de recorte, fotografias que sempre nos levam ao entendimento e ao conhecimento melhor da casa.

DANIELE: Quando o museu foi revitalizado em 2004 ele estava no CEDOC...

ENTREVISTADA: Isso mesmo.

DANIELE: Hoje ele está...

ENTREVISTADA: No Gabinete da Presidência. Ele passou para o gabinete da presidência, que eu acho que foi uma ótima medida, em 2007. Em 2009 a chefe de gabinete da presidência falou assim “ah, eu não dou conta de cuidar de tudo que tenho que cuidar, mais o espaço, mais o museu” e aí ela colocou uma chefia, colocou o serviço de gestão cultural e me convidou. Então estou aqui como chefe do serviço de gestão cultural a partir de então.

DANIELE: Você acha...

ENTREVISTADA: Foi um desafio também, porque eu não entendia muito de espaço cultural, eu entendia de museu, mas tudo foi um aprendizado, para todos nós.

DANIELE: Você acha que para as atividades, para cumprir os programas do museu, você acha que é melhor ele está ligado à presidência?

ENTREVISTADA: Sem dúvida. Sem dúvida.

DANIELE: Por quê?

ENTREVISTADA: Porque a presidência dá uma importância maior a essas duas áreas que não são da área fim da casa, ela é uma área cultural, não sei se eu poderia dizer lúdica, que não afeta os serviços finais, os serviços da casa, então tem que ter a força do gabinete da presidência para sua continuidade, para a execução dos trabalhos e para a divulgação do trabalho também. Quando um presidente vem à nossa exposição, quando os secretários vem às nossas exposições, gostam e querem voltar e ratificam o nosso trabalho como um bom trabalho, é a nossa resposta de que o nosso produto é muito bom. E o gabinete da presidência ele fortalece com certeza tudo isso que nós fazemos.

DANIELE: Obrigada, Vivian.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - PORTARIA Nº 19, DE 27 DE FEVEREIRO DE 1970

Institui o Museu do TCU e o Livro de Tombo.

O PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, no uso de suas atribuições legais e regulamentares, e

Considerando ser atribuição implícita do Tribunal zelar pela manutenção e conservação de todo o seu patrimônio, no qual se incluem bens e documentos, que constituem peças de valor histórico e cultural, ligadas à vida e às tradições da Instituição e do País;

Considerando a necessidade de proceder-se ao tombamento adequado de todo o acervo, que compõe o referido patrimônio histórico e cultural; resolve:

Art. 1º - Fica instituído o MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, com a finalidade de tomar, guardar e conservar os bens móveis e documentos raros, que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico ou cultural relacionadas com a vida do Tribunal ou do País.

Art. 2º - Os bens e documentos, a que se refere o artigo anterior, passam a integrar o patrimônio histórico do Tribunal, cabendo à Presidência aprovar a seleção das peças, que integrarão o acervo do Museu.

Art. 3º - Fica instituído o LIVRO DO TOMBO destinado ao registro circunstanciado dos bens e documentos referidos.

Parágrafo único. Deste registro, extrair-se-á síntese histórica, que figurará ao lado de cada peça, para identificação da mesma e orientação dos visitantes do Museu.

Art. 4º - O Museu, ora criado, funcionará no Edifício-Sede do Tribunal de Contas da União.

Art. 5º - Poderão ser incorporados ao Museu, após o devido tombamento, bens móveis e documentos raros, que digam respeito ao Tribunal de Contas e que venham a ser oferecidos em doação por pessoas físicas ou jurídicas.

Art. 6º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

IBERÊ GILSON  
Presidente



## ANEXO 2 - PORTARIA Nº 21, DE 10 DE MARÇO DE 1970

Destina uma sala ao Museu e estabelece horário para visitação pública.

O PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, no uso de suas atribuições legais, resolve:

Art. 1º - O MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, instituído pela Portaria nº 19, de 27-2-70, e diretamente subordinado à Presidência, funcionará na sala nº 211, no segundo piso do Edifício-Sede deste Tribunal.

Art. 2º - Será facultada a visitação pública ao MUSEU, nos feriados e domingos, a critério da Presidência.

§ 1º - A visitação, a que se refere este artigo, poderá ser estendida ao Auditório, ao Plenário das Sessões, ao Salão Nobre, à Biblioteca, e a outras dependências do Tribunal, a juízo do Presidente.

§ 2º - Os Serviços-Gerais manterão, através da Turma de Vigilância, nos dias de visitação pública aos locais referidos neste artigo, um Vigia, devidamente uniformizado, incumbido de zelar pelo patrimônio do Tribunal e de acompanhar e orientar os visitantes.

Art. 3º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

IBERÊ GILSON  
Presidente

## ANEXO 3 - PORTARIA N.28, DE 11 DE MARÇO DE 1970

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

C Ó P I A

PORTARIA Nº 28

Brasília, 11 de março de 1970

O PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, no uso das atribuições que lhe confere o disposto no inciso I, art. 58, do Decreto-lei nº 199, de 25 de fevereiro de 1967,

R E S O L V E que a Escriturária, símbolo TC-7, CLARA PASTORA LEITE, portadora do diploma do Curso de Museus (Decretos nºs 21.129, de 7-3-32 e 16.078, de 13-7-44) - Seções de Museus Históricos e Artísticos - expedido pelo Museu Histórico Nacional e registrado na Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura sob o nº 16, livro MV-2, às fls. 11v., sem prejuízo das tarefas que lhe são cometidas na Diretoria de lotação, colabore na instalação e funcionamento do Museu do Tribunal de Contas da União, instituído pela Portaria nº 19, de 27-2-70, desta Presidência.

(a) Iberê Gilson  
Ministro-Presidente

## ANEXO 4 - RESOLUÇÃO-TCU Nº 162, de 1º de OUTUBRO de 2003

(NR) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006)

Regulamenta a atuação do Gestor e do Conselho Curador do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça.

O TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, no exercício de suas competências constitucionais e legais,

Considerando a necessidade de promover e valorizar atividades artísticas e culturais no âmbito do Tribunal de Contas da União; e

Considerando a necessidade de regulamentar a atuação dos órgãos responsáveis pela gestão do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça; resolve:

Art. 1º O Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e o Museu passam a integrar a estrutura do Instituto Serzedello Corrêa e subordinam-se ao Centro de Documentação do Instituto Serzedello Corrêa.

Art. 2º A administração do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu do TCU cabe a Gestores, servidores do quadro do Tribunal, designados para exercer função a ser fixada por Portaria.

### CAPÍTULO I

#### Do Museu do Tribunal de Contas da União

Art. 3º. O quadro de pessoal do Museu do TCU será definido por Portaria, atendendo às necessidades específicas verificadas pelo Centro de Documentação do Instituto Serzedello Corrêa e aprovadas pela Administração.

### CAPÍTULO II

#### Do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça

Art. 4º O quadro de pessoal do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça será definido por Portaria, atendendo às necessidades específicas verificadas pelo

Centro de Documentação do Instituto Serzedello Corrêa e aprovadas pela Administração.

Art. 5º O Conselho Curador do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça é integrado por cinco membros com notório conhecimento em arte, designados pelo Presidente do Tribunal para mandato de três anos.

§ 1º. As atividades dos membros do Conselho Curador não são remuneradas e não implicam despesa de qualquer natureza para o Tribunal.

§ 2º. As decisões do Conselho Curador são tomadas por voto da maioria absoluta dos membros do colegiado.

Art. 6º Compete ao Conselho Curador:

- I - estabelecer critérios de seleção de cada evento a ser realizado;
- II - analisar e selecionar solicitações de utilização do Espaço Cultural;
- III - aprovar, nos meses de abril e outubro, a programação semestral de eventos.

Art. 7º Compete ao Curador do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça:

- I - apresentar projeto anual de política cultural com atividades a serem desenvolvidas pelo Espaço Cultural;
- II - elaborar proposta de programação semestral de exposições;
- III - supervisionar a montagem de evento, a fim de garantir adequação estética do projeto de instalação;
- IV - comparecer às reuniões do Conselho Curador.

Art. 8º Compete ao Gestor do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça:

- I - receber solicitações de uso do Espaço Cultural;
- II - tomar providências administrativas para cumprimento das decisões do Conselho Curador e das normas constantes desta resolução;
- III - submeter ao Conselho Curador proposta de programação semestral elaborada pelo Curador;
- IV - apoiar o funcionamento das reuniões do Conselho Curador;
- V - fiscalizar o uso do Espaço Cultural; e
- VI - apresentar à Presidência do Tribunal relatório anual das atividades.

Art. 9º A realização de evento no Espaço Cultural deve ser autorizada pelo Conselho Curador.

§ 1º A solicitação de realização de evento deve ser encaminhada, preferencialmente, até o último dia útil dos meses de março e setembro, para ser analisada, selecionada e programada para o semestre seguinte.

§ 2º A cessão de uso do Espaço Cultural somente é autorizada ao autor ou responsável legal pela realização do evento.

§ 3º A duração máxima dos eventos é de 180 (cento e oitenta) dias.

§ 4º O adiamento, a antecipação ou o cancelamento de evento pelo Conselho Curador não gera direito a indenização.

Art. 10. Serão de responsabilidade do expositor eventuais despesas com viagens, estadia e alimentação, bem assim aquelas relacionadas ao transporte e seguro das obras de arte, necessários à realização de evento no Espaço Cultural.

Art. 11. O Tribunal de Contas da União, o Conselho Curador, o Curador ou Gestor não podem ser responsabilizados por furto, acidente ou qualquer sinistro ocorrido com obras em exposição no Espaço Cultural. *(AC)(Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Art. 12. O autor ou expositor é responsável por eventuais danos causados ao patrimônio do Tribunal de Contas da União em razão da realização de eventos no Espaço Cultural. *(AC)(Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Parágrafo único. O autor ou expositor ficará impedido de participar em qualquer outro evento, enquanto não ressarcir o dano. *(AC)(Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Art. 13. É transferida para o Instituto Serzedello Corrêa a lotação dos servidores, funcionários e estagiários que hoje integram a equipe do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça. *(AC)(Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

T.C.U., Sala das Sessões Ministro Luciano Brandão Alves de Souza, em 1º de outubro de 2003.

VALMIR CAMPELO  
Presidente

Revogada pelo Resolução nº 200, de 30/5/2007, BTCU nº 19/2007.

#### REDAÇÃO ANTERIOR:

Art. 1º A administração do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça cabe ao respectivo Gestor, pessoa com qualificação profissional relacionada à expressão cultural designada pelo Presidente do Tribunal. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Parágrafo único. O apoio administrativo às atividades do Gestor é dado pela Assessoria de Cerimonial e Relações Institucionais. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Art. 2º O Conselho Curador do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça é integrado por cinco membros de notórios conhecimentos em atividades artísticas, designados pelo Presidente do Tribunal para mandato de três anos. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

§ 1º. As atividades dos membros do Conselho Curador não são remuneradas e não implicam despesa de qualquer natureza para o Tribunal. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

§ 2º. As decisões do Conselho Curador são tomadas por maioria de votos. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Art. 3º Compete ao Gestor: *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

I – receber solicitações de uso do Espaço Cultural; *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

II – tomar providências administrativas para cumprimento das decisões do Conselho Curador e das normas constantes desta resolução; *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

III – supervisionar a montagem de evento, a fim de garantir adequação estética do projeto de instalação; *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

IV – submeter ao Conselho Curador proposta de programação semestral; *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

V – apoiar o funcionamento das reuniões do Conselho Curador. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

VI – fiscalizar o uso do Espaço Cultural; e (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

VII – apresentar à Presidência do Tribunal relatório semestral das atividades do período e da programação do semestre subsequente. (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

Art. 4º Compete ao Conselho Curador: (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

I – estabelecer critérios de seleção de evento a ser realizado; (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

II – analisar e selecionar solicitações de uso; e (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

III – aprovar, nos meses de abril e outubro, a programação semestral de eventos. (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

Art. 5º A realização de evento no Espaço Cultural deve ser autorizada pelo Conselho Curador. (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

§ 1º A solicitação de realização de evento deve ser encaminhada, preferencialmente, até o último dia útil dos meses de março e setembro, para ser analisada, selecionada e programada para o semestre seguinte. (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

§ 2º A cessão de uso do Espaço Cultural somente é autorizada ao autor ou responsável legal pela realização do evento. (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

§ 3º A duração máxima dos eventos é de 180 (cento e oitenta) dias. (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

§ 4º O adiamento, a antecipação ou o cancelamento de evento pelo Conselho Curador não gera direito a indenização. (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

Art. 6º As despesas com serviços necessários à realização de evento no Espaço Cultural correm às expensas dos expositores. (Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).

Art. 7º O Tribunal de Contas da União, o Conselho Curador ou o Gestor não podem ser responsabilizados por furto, acidente ou qualquer sinistro

ocorrido com as obras em exposição no Espaço Cultural. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Art. 8º O autor ou expositor é responsável por dano causado ao patrimônio do Tribunal de Contas da União durante a realização de evento no Espaço Cultural. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Parágrafo único. O autor ou expositor não pode realizar outro evento enquanto não ressarcir o dano. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Art. 9º O Gestor deve propor à Presidência um regulamento de uso do Espaço Cultural até sessenta dias após sua designação. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*

Art. 10. Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação. *(Alterado) (Resolução nº 189, de 19/4/2006, BTCU nº 15/2006).*



## ANEXO 5 - PORTARIA N.º 210 DE 2004

## PORTARIA-TCU Nº 210, DE 25 DE OUTUBRO DE 2004

Dispõe sobre as atividades do Museu do Tribunal de Contas da União.

O PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, no uso das suas atribuições legais e regimentais, e

Considerando que o Museu do Tribunal de Contas da União, instituído pela Portaria nº 19, de 27 de fevereiro de 1970, passa a ter a missão de divulgar a memória da Instituição, desde o limiar da República aos dias atuais;

Considerando a necessidade de recuperar e preservar os elementos materiais relacionados com a vida e as tradições do Tribunal para revelar à sociedade brasileira a importância da centenária Corte de Contas e de sua rica história;

Considerando que para bem cumprir a sua missão, agora ampliada, o Museu passa a ter a necessidade de novas e modernas instalações;

Considerando que o Museu do Tribunal procura seguir a tendência mundial de museu moderno e dinâmico, cujo escopo não é somente a coleta do acervo, mas também a valorização e divulgação do TCU no panorama histórico nacional;

Considerando que a responsabilidade pelo funcionamento do Museu deve ficar a cargo do Centro de Documentação, que atualmente administra a Biblioteca e é responsável por garantir a qualidade editorial das publicações institucionais;

Considerando a importância de se instituir o Programa Museu Jovem Cidadão: uma escola de cidadania que objetiva fortalecer e valorizar esse sentimento do indivíduo, levando ao conhecimento do público estudantil a história do Tribunal de Contas da União, sua missão e filosofia de atuação;

Considerando a necessidade de se criar o Museu Eletrônico do Tribunal de Contas da União, visto que, com o advento da Internet, a museologia passou a identificar um novo espaço para exposições, pesquisa e divulgação: o ciberespaço;

Considerando que o Museu do Tribunal de Contas da União estará sempre colocado a serviço da sociedade brasileira e de seu desenvolvimento, resolve:

## CAPÍTULO I

### DA FINALIDADE E DO LIVRO DE REGISTRO

Art. 1º O Museu do Tribunal de Contas da União, cuja missão é divulgar a memória do Tribunal, tem por finalidade registrar, guardar e conservar os bens móveis e documentos que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico e cultural relacionados com a vida da Instituição ou do País.

Art. 2º Os bens e documentos a que se refere o artigo anterior passam a integrar o patrimônio histórico do Tribunal.

Art. 3º Fica instituído Livro de Registro destinado à anotação circunstanciada dos bens e documentos de que trata o art. 1º desta Portaria.

Parágrafo único. Do registro extrair-se-á síntese histórica, que figurará ao lado de cada peça, para identificação desta e orientação dos visitantes do Museu.

Art. 4º Poderão ser incorporados ao Museu, após o devido tombamento, bens móveis e documentos raros que digam respeito ao Tribunal e que venham a ser oferecidos em doação por pessoas físicas ou jurídicas.

## CAPÍTULO II

### DO INSTITUTO SERZEDELLO CORRÊA E DA ADMINISTRAÇÃO

## Seção I

### Do Instituto Serzedello Corrêa

Art. 5º Estão compreendidas entre as atribuições do Instituto Serzedello Corrêa:

I - aprovar, periodicamente, o Plano Diretor do Museu, a ser apresentado pelo Centro de Documentação;

II - aprovar as diretrizes e normas traçadas para guarda, tratamento e disseminação de informações por meio do Museu;

III - decidir sobre a inclusão de novos acervos ao Museu do Tribunal de Contas da União.

## Seção II

### Da Administração

Art. 6º O Museu do Tribunal de Contas da União integrará a estrutura administrativa do Centro de Documentação, que se responsabilizará pelo seu funcionamento.

Art. 7º O Centro de Documentação contará com auxílio de museólogo, cujas atribuições estarão definidas no Plano Diretor do Museu.

Art. 8º Compete ao Museu do Tribunal de Contas da União:

I - formar acervos e coleções acerca dos registros documentais referentes à história do Tribunal, efetuando o levantamento de peças e documentos suscetíveis de incorporação ao acervo;

II - classificar de forma sistêmica e controlar o acervo patrimonial das peças sob sua guarda, realizando pesquisas para levantamento de dados

complementares, que remontem à história dos bens culturais no contexto institucional;

III - gerenciar os serviços de conservação e restauração das peças e documentos do acervo;

IV - providenciar, quando for o caso, o tombamento de bens e documentos;

V - elaborar e divulgar a programação de exposições do Museu;

VI - incentivar o intercâmbio científico e cultural com outros museus;

VII - aprovar os procedimentos administrativos e funcionais;

VIII - auxiliar, mediante ações museológicas, na aproximação do Tribunal de Contas da União com o cidadão;

IX - desenvolver programas informativos com o intuito de divulgar as ações do Museu para outros museus, escolas e instituições afins.

### CAPÍTULO III

#### DO FUNCIONAMENTO

Art. 9º O Museu funcionará no Edifício-Sede do Tribunal de Contas da União, de segunda a sexta-feira, das 9 às 18 horas, com atendimento ao público das 11 às 18 horas.

Art. 10. Será facultada a visita pública ao Museu nos feriados, sábados e domingos, a critério da Presidência.

§ 1º A visita a que se refere este artigo poderá ser estendida ao Auditório Ministro Pereira Lira, à Sala das Sessões Ministro Luciano Brandão Alves de Souza, ao Salão Nobre, ao Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e a outras dependências do Tribunal, a juízo do Presidente.

§ 2º A Secretaria-Geral de Administração manterá Serviço de Segurança nos dias de visitação pública nos locais referidos neste artigo.

## CAPÍTULO IV

### DO PROGRAMA MUSEU JOVEM CIDADÃO

Art. 11. Fica criado o Programa Museu Jovem Cidadão, com o objetivo de fortalecer e valorizar o sentimento de cidadania do indivíduo, levando ao conhecimento do público estudantil parte da história do Tribunal de Contas da União, sua missão e filosofia de atuação.

Parágrafo único. O Programa de que trata este artigo tem como público-alvo estudantes das redes pública e privada de ensino fundamental, médio e superior.

Art. 12. Cabe ao Centro de Documentação estabelecer os procedimentos complementares para a implantação e a administração do Programa a que se refere o artigo anterior.

## CAPÍTULO V

### DO MUSEU ELETRÔNICO

Art. 13. Fica criado o Museu Eletrônico do Tribunal de Contas da União, acessível por meio da página do TCU na Internet, constituído de central informativa dotada de recursos tecnológicos que permitam o acesso ao acervo do Museu e às informações que o Tribunal mantém armazenadas em bancos de dados, imagens e áudio.

Parágrafo único. Cabe ao Centro de Documentação estabelecer as ações museológicas para a implantação e a administração do Museu a que se refere este artigo.

Art. 14. À Secretaria de Tecnologia da Informação cabe prover e gerenciar o apoio técnico visando à estruturação e à atualização dos equipamentos e

programas de informática necessários ao funcionamento do Museu Eletrônico do Tribunal de Contas da União.

## CAPÍTULO VI

### DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 15. Os casos omissos serão resolvidos pelo Presidente, que expedirá as normas ou atos necessários.

Art. 16. Até sessenta dias após a data da publicação desta Portaria, o Centro de Documentação encaminhará ao Instituto Serzedello Corrêa o primeiro Plano Diretor do Museu do Tribunal de Contas da União.

Art. 17. Revoga-se a Portaria nº 21, de 10 de março de 1970.

Art. 18. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

VALMIR CAMPELO

## ANEXO 6 - PORTARIA-ISC Nº 6, DE 17 DE MAIO DE 2005

BTCU nº 21, de 06/06/2005, pág. 87)

Dispõe sobre a organização interna, a finalidade e as competências do Instituto Serzedello Corrêa.

O DIRETOR-GERAL DO INSTITUTO SERZEDELLO CORRÊA, no uso de suas atribuições regulamentares e considerando o disposto no inciso III do art. 101 da Resolução nº 140, de 13 de dezembro de 2000, resolve:

Art. 1º As competências e atividades das subunidades integrantes do Instituto Serzedello Corrêa (ISC), observado o disposto nos arts. 51 a 57, 101 e 102 da Resolução nº 140 de 2000, bem como no art. 5º da Portaria-TCU nº 210 de 2004, são as constantes deste normativo.

Art. 2º O ISC, unidade de apoio estratégico subordinada diretamente à Presidência, tem por missão promover a educação continuada dos servidores do Tribunal de Contas da União (TCU) visando ao desenvolvimento de competências profissionais e organizacionais necessárias à efetividade do controle externo da administração pública.

Art. 3º Ao ISC incumbe o exercício das seguintes competências:

I – participar da proposição de políticas de gestão de pessoas;

II – planejar, promover, coordenar e avaliar atividades e projetos relativos ao recrutamento, à seleção, à formação, à integração, à alocação, ao desenvolvimento e ao reconhecimento de servidores e de colaboradores do TCU;

III – estimular a pesquisa, a produção, a catalogação e a disseminação de conhecimentos;

IV – promover ações educativas voltadas ao público externo que contribuam com a efetividade do controle;

V – organizar e promover encontros de dirigentes e outros que tenham como objeto o desenvolvimento de competências profissionais e organizacionais;

VI – fornecer suporte metodológico e logístico à realização de pesquisa visando ao aprimoramento da atuação do Tribunal;

VII – acompanhar, atualizar e divulgar os atos normativos referentes à pesquisa, ao recrutamento, à seleção, à formação, à integração, à alocação, ao desenvolvimento e ao reconhecimento de servidores e de colaboradores do

TCU, bem como informar e orientar as unidades do Tribunal quanto ao cumprimento das normas estabelecidas;

VIII – administrar o Centro de Documentação, a Biblioteca, o alojamento e o Museu do TCU;

IX – conhecer, preservar e divulgar a memória da instituição e assuntos correlatos por meio de pesquisa e manutenção de móveis, objetos e documentos;

X – aprovar, periodicamente, o Plano Diretor do Museu, a ser apresentado pelo Centro de Documentação;

XI – aprovar as diretrizes e normas traçadas para guarda, tratamento e disseminação de informações por meio do Museu;

XII – decidir sobre a inclusão de novos acervos ao Museu;

XIII – gerenciar a editoração e garantir a qualidade editorial das publicações institucionais;

XIV – gerenciar e assegurar a atualização das bases de informação necessárias à sua área de competência, em especial às relativas aos serviços terceirizados, à execução orçamentária e financeira, aos resultados e impactos relacionados aos projetos sob sua responsabilidade, ao controle de editais e de convocação de candidatos aprovados em concurso, ao levantamento de necessidades de treinamento e outras necessárias à segurança da liquidação e do pagamento de despesas a cargo do Tribunal e ao desempenho da unidade;

XV - propor o estabelecimento de convênios e acordos de cooperação técnica com outras instituições públicas ou privadas que tenham por objeto educação, pesquisa, desenvolvimento e comunicação institucional e acompanhar sua execução;

XVI – administrar e gerir os recursos orçamentários recebidos mediante descentralização, observadas as normas específicas;

XVII – exercer outras atividades administrativas necessárias ao funcionamento da unidade, de acordo com as normas pertinentes;

XVIII – desenvolver outras atividades inerentes à sua finalidade.

Parágrafo único. Ao ISC incumbe, ainda, o exercício das competências genéricas previstas nos arts. 101 e 102 da Resolução nº 140, de 2000.

Art. 4º O ISC tem a seguinte estrutura:

I – Escola Nacional e Internacional de Controle e Fiscalização (Enicef):



Serviço de Eventos Internos (Seint);

Serviço de Eventos Externos (Sevex);

Serviço de Pós-graduação (Sepos);

Serviço de Apoio a Eventos (Seape);

II – Diretoria Técnica de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (Diplad);

III – Centro de Documentação (Cedoc):

Biblioteca Ministro Ruben Rosa;

Editora do TCU;

Museu do Tribunal de Contas da União;

IV – Diretoria Técnica de Administração (Ditam):

Serviço de Administração (SA);

Serviço de Execução Orçamentária e Financeira (Seofi);

V – Serviço de Comunicação Institucional (Secom);

VI – Assessoria.

Parágrafo único: O ISC conta, ainda, com duas funções de coordenador de projeto (FC-03) e uma de assistente (FC-01).

Art. 5º A Escola Nacional e Internacional de Controle e Fiscalização (Enicéf) tem por finalidade garantir a educação continuada dos servidores da Secretaria do Tribunal.

Parágrafo único. São competências da Enicéf:

I – prestar consultoria interna às unidades do TCU para diagnosticar necessidades e oferecer soluções educacionais específicas;

II – elaborar, propor, acompanhar e avaliar o plano de ações de treinamento, de desenvolvimento e de educação, com base nas diretrizes educacionais, no Plano Diretor do ISC, no levantamento de perfis profissionais e nos programas de desenvolvimento de competências organizacionais e profissionais;

III – gerenciar eventos e ações de aprendizagem voltadas ao treinamento, ao desenvolvimento e à educação de servidores, colaboradores e público externo de interesse do Tribunal;

IV – promover a formação, a alocação e a integração de novos servidores

ao quadro de pessoal do TCU;

V – analisar a concessão de benefícios ligados a atividades de educação, como a licença-capacitação, a bolsa de idiomas e a concessão de regime especial de cumprimento de jornada de trabalho;

VI – estimular e reconhecer o autodesenvolvimento, a pesquisa, a produção e a disseminação de conhecimentos;

VII – realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor-Geral do ISC.

Art. 6º O Serviço de Eventos Internos (Seint) tem por finalidade promover eventos internos compatíveis com as necessidades de treinamento e de desenvolvimento profissional dos servidores, colaboradores e público externo de interesse do Tribunal.

Parágrafo único. São competências do Seint:

I – prestar consultoria às unidades do Tribunal para diagnosticar necessidades e oferecer soluções educacionais específicas;

II - planejar, organizar, executar e coordenar eventos e ações de aprendizagem no âmbito dos programas de desenvolvimento de competências organizacionais e profissionais, sejam de natureza pessoal, técnica ou gerencial;

III - selecionar instrutores e orientar o planejamento instrucional dos eventos e ações de aprendizagem promovidos pelo TCU;

IV - selecionar servidores, colaboradores e público externo de interesse do Tribunal para participar de eventos internos;

V - planejar, realizar e avaliar o programa de formação e integração para novos servidores, subsidiando decisões sobre alocação;

VI - realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor da Enicef.

Art. 7º O Serviço de Eventos Externos (Sevex) tem por finalidade facultar aos servidores a participação em eventos externos compatíveis com as necessidades de treinamento e de desenvolvimento profissional, bem como analisar solicitações de benefícios ligados à atividade de educação.

Parágrafo único. São competências do Sevex:

I – apreciar a pertinência da participação dos servidores nos eventos externos solicitados;

II – promover a seleção de servidores para participação em eventos externos de interesse do TCU e sua divulgação, de acordo com a orientação estratégica do Tribunal e com as políticas e diretrizes de gestão de pessoas e de desenvolvimento de ações de educação, observando a disponibilidade orçamentária;

III – realizar a inscrição para participação dos servidores e acompanhar a disseminação de conhecimentos adquiridos em eventos externos;

IV – analisar e instruir as solicitações de benefícios ligados a atividades

de educação, tais como licença-capacitação, bolsa de idiomas e regime especial de cumprimento de jornada de trabalho;

V – propor normas e procedimentos relativos à concessão de licença-capacitação, bolsa de idiomas, regime especial de cumprimento de jornada de trabalho e eventos externos;

VI – avaliar a efetividade e a aplicação de conhecimentos obtidos pelos servidores em eventos externos;

VII – realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor da Enicef.

Art. 8º O Serviço de Pós-Graduação (Sepos) tem por finalidade promover o aperfeiçoamento e a especialização profissional dos servidores do TCU, por intermédio de cursos de pós-graduação, **lato sensu** e **stricto sensu**, promovidos diretamente ou em parceria com outras instituições.

Parágrafo único. São competências do Sepos:

I – coordenar o programa de pós-graduação do ISC;

II – planejar, propor, promover, executar e coordenar cursos de pós-graduação nas áreas de interesse do Tribunal, em especial o Programa de Especialização em Controle Externo desenvolvido pelo ISC;

III – analisar as solicitações de participação em eventos externos de pós-graduação e a concessão de bolsas de estudo;

IV – selecionar servidores, instrutores e coordenadores para participarem de cursos de pós-graduação;

V – fomentar e acompanhar a pesquisa, a produção e a disseminação de conhecimentos relevantes para a atuação do Tribunal, desenvolvidos em cursos de pós-graduação;

VI – assegurar a observância das condições exigidas pelo Ministério da Educação (MEC) para o credenciamento e o funcionamento do curso de especialização em Controle Externo;

VII – realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor da Enicef.

Art. 9º O Serviço de Apoio a Eventos (Seape) tem por finalidade prestar o apoio necessário à realização de eventos de treinamento e de desenvolvimento profissional, gerenciando os serviços de secretaria da escola.

Parágrafo único. São competências do Seape:

I – assegurar a disponibilidade e a qualidade de instalações, materiais e equipamentos utilizados em eventos promovidos pelo ISC, assim como naqueles que o Instituto tenha, num esforço de cooperação técnica, cedido espaço para suas realizações;

II – efetuar matrículas, manter registro e histórico de eventos e de participantes, palestrantes, instrutores e colaboradores;

III – prestar atendimento a palestrantes, professores e alunos;

IV – controlar a frequência de professores e alunos e instruir processos de desistência ou não-cumprimento de normas aplicáveis às atividades educacionais;

V –elaborar relatórios gerenciais;

VI – emitir certificados de participação e de aproveitamento;

VII – verificar a adequação dos originais de material didático aos padrões do ISC;

VIII– reproduzir, gravar, montar e distribuir material didático, zelando pelos padrões de qualidade;

IX – encaminhar ao Cedoc cópia do material didático para integrar o acervo da Biblioteca;

X – apoiar a divulgação de eventos coordenados pelo ISC;

XI – atestar a realização de eventos internos para o fim de liquidação de despesas;

XII – realizar serviços de reprografia para as unidades do ISC;

XIII – realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor da Enicef.

Art. 10. A Diretoria Técnica de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (Diplad) tem por finalidade assegurar o alinhamento das ações do ISC com as estratégias do Tribunal e a qualidade e a inovação dos produtos do Instituto, bem como fortalecer o diálogo público entre o TCU e as partes interessadas em sua atuação mediante a realização de ações educativas.

Parágrafo único. São competências da Diplad:

I - coordenar o planejamento e a avaliação das ações do ISC;

II - elaborar programas de desenvolvimento de competências organizacionais e profissionais;

III- gerenciar projetos e ações de desenvolvimento institucional;

IV - avaliar produtos e serviços do ISC e propor ações de melhoria de qualidade;

V - realizar estudo de mercado buscando identificar produtos, serviços e tecnologia que possam alavancar as ações do Instituto;

VI - propor o aperfeiçoamento da base normativa que afeta a atuação do Instituto;

VII - realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor-Geral.

Art. 11. O Centro de Documentação (Cedoc) tem por finalidade administrar a Biblioteca e o Museu do TCU e garantir a qualidade editorial das publicações institucionais.

Parágrafo único. São competências do Cedoc:

- I - planejar, promover e coordenar a política de documentação do Tribunal;
- II - desenvolver projetos e produtos relativos à documentação no âmbito do Tribunal;
- III – gerenciar acervo documental, adquirir publicações para composição de acervo e assegurar o acesso à informação pertinente às atividades do TCU;
- IV - executar as atividades de coordenação e atendimento das demandas dos núcleos de documentação das secretarias do TCU situadas nos estados;
- V – elaborar Plano Diretor do Museu;
- VI – supervisionar as atividades do Museu;
- VII – gerenciar a execução de trabalhos impressos correlatos com assuntos desta Corte de Contas com a finalidade de divulgar o TCU;
- VIII - elaborar e aperfeiçoar normativos que regulam matérias pertinentes aos assuntos de sua área de atuação;
- IX - promover os concursos de monografias Prêmio Serzedello Corrêa e Rui Barbosa;
- X - exercer as atividades de secretaria executiva do Conselho Editorial da Revista do Tribunal;
- XI - realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor-Geral.

Art. 12. A Biblioteca Ministro Ruben Rosa tem por finalidade facilitar o acesso à informação útil ao controle da administração pública e áreas afins encontrada em seu acervo documental e em meios digitais.

Parágrafo único. São competências da Biblioteca Ministro Ruben Rosa:

- I - executar política de aquisição privilegiando sua vocação de centro especializado em controle de gastos públicos;
- II - atuar na captação, organização e disponibilização de conhecimento útil ao cumprimento da missão do TCU;
- III - gerir acervo documental, cuidando das atividades de organização física e lógica, catalogação, classificação, indexação, resumo, preparo físico e empréstimo de obras;
- IV - fornecer informações solicitadas por usuários relativas a pesquisas bibliográficas, legislativas e jurisprudenciais, bem como orientá-los na utilização dos meios de acesso a essas informações;
- V - realizar intercâmbio com outras bibliotecas para empréstimo, permuta e doação de material bibliográfico;
- VI - manter atualizada a Bibliografia Brasileira de Controle Externo;
- VII - armazenar toda publicação impressa publicada no âmbito do Tribunal a fim de manter a memória institucional;

VIII - fornecer cópias reprográficas de material pertencente ao acervo bibliográfico mediante solicitação do usuário;

IX - realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor Técnico do Centro de Documentação.

Art. 13. A Editora do TCU tem por finalidade garantir a qualidade editorial das publicações institucionais.

Parágrafo único. São competências da Editora do TCU:

I - coordenar e executar as atividades de editoração, publicação e distribuição da Revista do TCU e da obra intitulada Auditorias do TCU, bem como de outras publicações sob sua responsabilidade;

II - prestar assistência ao Conselho Editorial da Revista do TCU, bem como ao Ministro Supervisor;

III - preparar e editar, com o apoio da Biblioteca, o índice remissivo da Revista do TCU;

IV - realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor Técnico do Centro de Documentação.

Art. 14. O Museu do Tribunal de Contas da União tem por finalidade registrar, guardar e conservar os bens móveis e documentos que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico e cultural relacionados com a vida da Instituição ou do País.

Parágrafo único. São competências do Museu do Tribunal de Contas da União:

I – registrar, classificar, guardar e conservar os bens móveis e documentos que, por sua natureza ou procedência, constituem peças de valor histórico e cultural relacionados com a vida da Instituição ou do País;

II – realizar pesquisas e levantamentos de dados que permitam o conhecimento da história do Tribunal e fatos adjacentes;

III – promover exposições temporárias e/ou itinerantes relacionadas à história do Tribunal e à sua área de atuação;

IV – desenvolver programas educativos que visem ao conhecimento por parte da sociedade da área de atuação do Tribunal.

Art. 15. A Diretoria Técnica de Administração (Ditam) tem por finalidade garantir o apoio logístico necessário ao funcionamento do ISC.

Parágrafo único. São competências da Ditam:

I – coordenar as ações do Serviço de Administração e do Serviço de Execução Orçamentária e Financeira;

II – prestar apoio em tecnologia da informação às demais unidades do ISC;

III - realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor-Geral.

Art. 16. O Serviço de Administração (SA) tem por finalidade prestar apoio administrativo ao funcionamento do ISC.

Parágrafo único. São competências do SA:

I - realizar aquisições de bens e serviços;

II – cuidar da gestão patrimonial do ISC;

III – gerenciar a aquisição e a distribuição de material de consumo;

IV - controlar a distribuição de documentos;

V – orientar e apoiar os servidores do ISC na fruição de direitos e na observância de deveres funcionais;

VI – alimentar os sistema GRH do TCU em relação ao fechamento mensal de freqüência;

VII – supervisionar os serviços de copa, segurança, conservação e limpeza das instalações;

VIII - providenciar transporte de servidores e documentos;

IX – administrar a utilização do alojamento, da garagem e do estacionamento;

X - realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor Técnico de Administração.

Art. 17. O Serviço de Execução Orçamentária e Financeira (Seofi) tem por finalidade garantir a conformidade legal e contábil das ações de execução orçamentária e financeira do ISC.

Parágrafo único. São competências do Seofi:

I – gerir os recursos orçamentários da unidade gestora (UG) ISC;

II – receber e verificar a conformidade da documentação necessária à liquidação das despesas do ISC;

III - preparar o processo de comprovação mensal de despesas e encaminhá-lo à Secretaria de Orçamento, Finanças e Contabilidade;

IV - elaborar e registrar no Siafi todos os documentos correspondentes aos atos de gestão orçamentária, financeira e patrimonial da UG ISC;

V - verificar a conformidade diária da UG ISC no Siafi;

VI - descentralizar recursos orçamentários para a execução de ações de treinamento e desenvolvimento das Secex nos estados;

VII - elaborar propostas de solicitação de créditos orçamentários à Segedam;

VIII - instruir processos de concessão de suprimentos de fundos;

IX - realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor Técnico de Administração.

Art. 18. O Serviço de Comunicação Institucional (Secom) tem por finalidade fortalecer a comunicação do ISC com servidores do TCU, clientela externa e colaboradores do ISC.

Parágrafo único. São competências do Secom:

I - promover a criação e a utilização eficaz de canais de comunicação do ISC com as partes interessadas em sua atuação, assim como a alimentação contínua desses veículos;

II - elaborar e implementar estratégias de comunicação;

III – conceber, produzir e veicular peças de divulgação que tenham pertinência com a missão do ISC, tais como: elaboração de textos, folders, apresentações, cartazes e afins, bem como ainda a criação de peças audiovisuais;

IV - realizar outras atividades ligadas à sua finalidade que lhe sejam atribuídas pelo Diretor-Geral.

Art. 19. A Assessoria tem por finalidade auxiliar o Diretor-Geral na gestão estratégica do ISC.

Parágrafo único. São ainda competências da Assessoria:

I - participar da proposição de políticas de gestão de pessoas;

II – promover a primeira etapa de concursos públicos para provimento de cargos vagos do TCU;

III - elaborar e aperfeiçoar normativos que regulam matérias pertinentes às áreas de atuação do ISC;

IV – revisar as comunicações expedidas pelo ISC.

Art. 20. Compete às subunidades do ISC:

I – gerenciar suas atividades e projetos utilizando a filosofia e os métodos da gestão pela qualidade total e observando os princípios e diretrizes contidos na Política de Educação e Pesquisa do Tribunal (Resolução nº 99, de 11 de dezembro de 1997);

II – organizar e dispor de bases atualizadas de informações acerca de suas atividades e projetos, bem como fornecer as informações necessárias à elaboração de planos, à proposta orçamentária e aos relatórios do ISC;

III – guardar, controlar e responsabilizar-se pelos materiais permanentes com carga para a respectiva subunidade;

IV – desempenhar outras atividades afins que lhes forem cometidas pelo titular da unidade.

Art. 21. Esta Portaria entra em vigor nesta data.

Art. 22. Fica revogada a Portaria-ISC nº 1, de 7 de janeiro de 2003.

ALEXANDRE VALENTE XAVIER



Diretor-Geral

(Republicada por ter saído com incorreção do original no BTCU nº 19, de  
23/5/2005, pág. 5)

## ANEXO 7 - RESOLUÇÃO TCU Nº 189, DE 19 DE ABRIL DE 2006

Altera a Resolução nº 162, de 1º de outubro de 2003.

O TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, no exercício de suas competências constitucionais e legais,

Considerando a necessidade de promover e valorizar atividades artísticas, históricas e culturais no âmbito do Tribunal de Contas da União; e

Considerando a necessidade de regulamentar a atuação dos órgãos responsáveis pela gestão do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu do TCU; resolve:

Art. 1º dar à Resolução nº 162, de 1º de outubro de 2003, a seguinte redação:

"Art. 1º O Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e o Museu passam a integrar a estrutura do Instituto Serzedello Corrêa e subordinam-se ao Centro de Documentação do Instituto Serzedello Corrêa.

Art. 2º A administração do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu do TCU cabe a Gestores, servidores do quadro do Tribunal, designados para exercer função a ser fixada por Portaria.

### CAPÍTULO I

#### Do Museu do Tribunal de Contas da União

Art. 3º. O quadro de pessoal do Museu do TCU será definido por Portaria, atendendo às necessidades específicas verificadas pelo Centro de Documentação do Instituto Serzedello Corrêa e aprovadas pela Administração.

### CAPÍTULO II

#### Do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça

Art. 4º O quadro de pessoal do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça será definido por Portaria, atendendo às necessidades específicas verificadas pelo Centro de Documentação do Instituto Serzedello Corrêa e aprovadas pela Administração.

Art. 5º O Conselho Curador do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça é integrado por cinco membros com notório conhecimento em arte, designados pelo Presidente do Tribunal para mandato de três anos.

§ 1º. As atividades dos membros do Conselho Curador não são remuneradas e não implicam despesa de qualquer natureza para o Tribunal.

§ 2º. As decisões do Conselho Curador são tomadas por voto da maioria absoluta dos membros do colegiado.

Art. 6º Compete ao Conselho Curador:

- I - estabelecer critérios de seleção de cada evento a ser realizado;
- II - analisar e selecionar solicitações de utilização do Espaço Cultural;
- III - aprovar, nos meses de abril e outubro, a programação semestral de eventos.

Art. 7º Compete ao Curador do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça:

- I - apresentar projeto anual de política cultural com atividades a serem desenvolvidas pelo Espaço Cultural;
- II - elaborar proposta de programação semestral de exposições;
- III - supervisionar a montagem de evento, a fim de garantir adequação estética do projeto de instalação;
- IV - comparecer às reuniões do Conselho Curador.

Art. 8º Compete ao Gestor do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça:

I - receber solicitações de uso do Espaço Cultural;

II - tomar providências administrativas para cumprimento das decisões do Conselho Curador e das normas constantes desta resolução;

III - submeter ao Conselho Curador proposta de programação semestral elaborada pelo Curador;

IV - apoiar o funcionamento das reuniões do Conselho Curador;

V - fiscalizar o uso do Espaço Cultural; e

VI - apresentar à Presidência do Tribunal relatório anual das atividades.

Art. 9º A realização de evento no Espaço Cultural deve ser autorizada pelo Conselho Curador.

§ 1º A solicitação de realização de evento deve ser encaminhada, preferencialmente, até o último dia útil dos meses de março e setembro, para ser analisada, selecionada e programada para o semestre seguinte.

§ 2º A cessão de uso do Espaço Cultural somente é autorizada ao autor ou responsável legal pela realização do evento.

§ 3º A duração máxima dos eventos é de 180 (cento e oitenta) dias.

§ 4º O adiamento, a antecipação ou o cancelamento de evento pelo Conselho Curador não gera direito a indenização.

Art. 10. Serão de responsabilidade do expositor eventuais despesas com viagens, estadia e alimentação, bem assim aquelas relacionadas ao transporte e seguro das obras de arte, necessários à realização de evento no Espaço Cultural.

Art. 11. O Tribunal de Contas da União, o Conselho Curador, o Curador ou o Gestor não podem ser responsabilizados por furto, acidente ou qualquer sinistro ocorrido com as obras em exposição no Espaço Cultural.

Art. 12. O autor ou expositor é responsável por eventuais danos causados ao patrimônio do Tribunal de Contas da União em razão da realização de eventos no Espaço Cultural.

Parágrafo único. O autor ou expositor ficará impedido de participar em qualquer outro evento, enquanto não ressarcir o dano.

Art. 13. É transferida para o Instituto Serzedello Corrêa a lotação dos servidores, funcionários e estagiários que hoje integram a equipe do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça."

Art. 2º. O Instituto Serzedello Corrêa deverá propor à Presidência um regulamento de uso do Espaço Cultural e do Museu do TCU até sessenta dias após a publicação desta Resolução.

Art. 3º. Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

T.C.U., Sala das Sessões Ministro Luciano Brandão Alves de Souza, em 19 de abril de 2006.

ADYLSO MOTA

Presidente

## ANEXO 8 - RESOLUÇÃO-TCU Nº 200, DE 30 DE MAIO DE 2007.

Dispõe sobre o funcionamento e as competências do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu do TCU, e revoga as Resoluções-TCU nºs 162/2003 e 189/2006.

O TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, no exercício de suas competências constitucionais e legais, e

considerando a necessidade de promover e valorizar atividades artísticas, históricas e culturais no âmbito do Tribunal de Contas da União;

considerando o disposto na Resolução-TCU nº 199, de 28 de dezembro de 2006;

considerando a necessidade de regulamentar a atuação dos responsáveis pela gestão do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu do TCU, resolve:

### CAPÍTULO I

#### DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º O Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e o Museu do Tribunal de Contas da União passam a integrar a estrutura do Gabinete do Presidente.

Art. 2º A administração do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu do Tribunal de Contas da União cabe a Gestores, servidores do quadro do Tribunal, designados para exercerem funções a serem fixadas por Portaria.

Art. 3º O quadro de pessoal do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu do Tribunal de Contas da União será definido por portaria, atendendo às necessidades específicas verificadas pelo Gabinete do Presidente.

### CAPÍTULO II

## DO ESPAÇO CULTURAL MARCANTONIO VILAÇA

Art. 4º Os pedidos de cessão do Espaço Cultural para evento institucional, lançamento de livro, apresentação musical, recital de poesia, leitura dramatizada ou manifestação artística afim serão apreciados pelo Gabinete do Presidente.

Parágrafo único. As propostas de artistas para exposições no Espaço Cultural serão recebidas pelo Gabinete do Presidente, que as submeterá ao Conselho Curador.

Art. 5º O Conselho Curador do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça é integrado por cinco membros com notório conhecimento em arte, designados pelo Presidente do Tribunal para mandato de três anos, permitida a recondução.

§ 1º As atividades dos membros do Conselho Curador não são remuneradas e não implicam despesa de qualquer natureza para o Tribunal.

§ 2º As decisões do Conselho Curador são tomadas por voto da maioria absoluta dos membros do colegiado.

Art. 6º Compete ao Conselho Curador:

I - estabelecer critérios de seleção das exposições;

II - analisar e selecionar, até o mês de setembro, as propostas de exposições encaminhadas ao Espaço Cultural, a fim de definir o calendário de exposições do ano subsequente;

III - aprovar, até o mês de setembro, a programação anual de exposições do ano subsequente, ouvido o Gabinete do Presidente quanto aos recursos materiais disponíveis e às possibilidades administrativas do Tribunal de Contas da União;

IV - selecionar, quando for o caso, as obras que serão doadas ao acervo do Tribunal de Contas da União, ouvido o Gabinete do Presidente quanto ao interesse, conveniência e oportunidade para o Tribunal em receber as obras.

Art. 7º Compete ao Presidente do Conselho Curador:

I - representar o Conselho junto ao TCU;

II - convocar reuniões do Conselho Curador;

III - conduzir as reuniões do Conselho.

Art. 8º Compete ao Curador do Espaço Cultural, que será definido pelo Gabinete do Presidente:

I - apresentar ao Conselho Curador projeto anual de política cultural com atividades a serem realizadas pelo Espaço Cultural, estabelecendo metas a serem alcançadas;

II - indicar ao Conselho os critérios adotados para definições curatoriais;

III - submeter proposta de programação anual de exposições ao Conselho Curador do Espaço Cultural e ao Gabinete do Presidente;

IV - conceber, organizar e supervisionar a montagem das exposições;

V - organizar e supervisionar a desmontagem das exposições;

VI - orientar a elaboração do cronograma de atividades a ser seguido em cada exposição;

VII - favorecer o estabelecimento de parceria entre este Tribunal e outras instituições ligadas à cultura;

VIII - selecionar as obras para as exposições;

IX - definir a linguagem visual e estética a ser seguida em cada exposição;

X - redigir os textos críticos atinentes às mostras;

XI - orientar e acompanhar a execução do programa educativo;



XII - acompanhar o treinamento dos monitores do programa educativo;

XIII - supervisionar as publicações e a produção gráfica do Espaço Cultural;

XIV - indicar obras para integrar, por meio de doação, o acervo do Tribunal de Contas da União;

XV - comparecer às reuniões do Conselho Curador.

Art. 9º Compete ao Gestor do Espaço Cultural:

I - convocar reuniões, quando houver algum motivo de impedimento a que o Presidente do Conselho o faça;

II - apoiar o funcionamento das reuniões do Conselho Curador;

III - adotar providências administrativas para cumprimento das decisões do Conselho Curador;

IV - fornecer apoio logístico e administrativo ao Curador do Espaço Cultural, para realização da programação anual de exposições;

V - aprovar, em conjunto com o Curador, as publicações do Espaço Cultural e a produção gráfica das exposições;

VI - fiscalizar o uso do Espaço Cultural;

VII - representar o Espaço Cultural em suas relações externas;

VIII - promover intercâmbio com centros culturais e instituições congêneres;

IX - gerenciar servidores, terceirizados e estagiários com lotação no Espaço Cultural;

X - apresentar à Presidência do Tribunal relatório anual de atividades.

Art. 10. A proposta de realização de exposição no Espaço Cultural deve ser encaminhada ao Gabinete do Presidente, nos termos do parágrafo único do art. 4º, preferencialmente, até o último dia útil do mês de agosto, para ser analisada e, caso selecionada, programada para o ano seguinte.

§ 1º As propostas encaminhadas após essa data serão analisadas e, caso selecionadas, incluídas na programação do ano subsequente.

§ 2º A duração máxima das exposições é de 90 (noventa) dias.

§ 3º O adiamento, a antecipação ou o cancelamento de exposição pelo Conselho Curador não gera direito a indenização.

### CAPÍTULO III

#### DO MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

Art. 11. Compete ao Gestor do Museu do TCU:

I - definir a atuação do Museu em consonância com o planejamento estratégico e com as diretrizes do Tribunal;

II - organizar e administrar o Museu;

III - elaborar proposta de programação anual e submetê-la à aprovação do Gabinete do Presidente;

IV - coordenar e supervisionar as atividades desenvolvidas no Museu, em conformidade com as normas e diretrizes das modernas concepções museológicas e museográficas;

V - supervisionar o trabalho de Curadores independentes nos eventos promovidos pelo Museu;

VI - promover os programas, projetos e ações atinentes às finalidades do Museu;

VII - promover ações relacionadas à documentação, editoração e registro da memória do TCU;

VII - zelar pela manutenção do Museu e pela preservação de seu patrimônio;

VIII - indicar obras para integrar, por meio de doação, o acervo do Museu;

IX - fiscalizar o uso do Museu;

X - representar o Museu em suas relações externas;

XI - promover intercâmbio com museus e instituições congêneres;

XII - gerenciar servidores, terceirizados e estagiários com lotação no Museu e;

XIII - apresentar à Presidência do Tribunal relatório anual de atividades.

#### CAPÍTULO IV

#### DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 12. O Tribunal de Contas da União, o Conselho Curador, o Curador ou os Gestores não serão responsabilizados por furto, acidente ou qualquer sinistro ocorrido com as obras em exposição no Espaço Cultural e no Museu do TCU.

Art. 13. O autor ou expositor é responsável por eventuais danos ao patrimônio do Tribunal de Contas da União, causados em razão da realização de eventos no Espaço Cultural ou no Museu do TCU.

Parágrafo único. O autor ou expositor ficará impedido de participar em qualquer outro evento, enquanto não ressarcir o dano, sem prejuízo de outras medidas legais cabíveis.

Art. 14. A Presidência regulamentará, por meio de portaria, o uso do Espaço Cultural e do Museu do TCU, até sessenta dias após a publicação desta Resolução.

Art. 15. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 16. Ficam revogadas as Resoluções nºs 162, de 1º de outubro de 2003, e 189, de 19 de abril de 2006.

Sala das Sessões Ministro Luciano Brandão Alves de Souza, em 30 de maio de 2007.

WALTON ALENCAR RODRIGUES

Presidente

**ANEXO 9 - PORTARIA-GABPRES Nº 1, DE 30 DE MARÇO DE 2009.**

Dispõe acerca de competências, estrutura e lotação do Gabinete do Presidente.

A Chefe de Gabinete do Presidente, no uso de suas atribuições regulamentares,

Considerando o disposto nos arts. 63 e 64 da Resolução-TCU nº 214, de 20 de agosto de 2008,

Considerando o disposto nas Portarias-TCU nºs 47, de 2 de janeiro de 2009, e 116, de 11 de fevereiro de 2009, resolve:

Art. 1º O Gabinete do Presidente tem por finalidade prestar apoio e assessoramento ao Presidente no desempenho de suas atribuições legais e regimentais, coordenar e organizar as atividades administrativas e de representação da Presidência, bem como aquelas relacionadas ao registro e à divulgação da memória do TCU e ao incentivo à arte e à cultura no âmbito do Tribunal.

Art. 2º O Gabinete do Presidente possui a seguinte estrutura:

I - Chefia de Gabinete;

II - Assessoria do Presidente;

III - Assessoria;

IV - Serviço de Administração;

V - Serviço de Gestão Cultural.

Art. 3º Compete ao Chefe de Gabinete:

I - dirigir, coordenar e orientar os trabalhos do Gabinete;

II - determinar a autuação de processos, inclusive os de caráter reservado;

III - proferir despachos interlocutórios;

IV - encaminhar expedientes às diversas unidades da Secretaria do Tribunal para providências complementares;

V - encaminhar processos das respectivas Listas de Unidades Jurisdicionadas aos Gabinetes dos Senhores Ministros ou incluí-los em sorteio específico;

VI - apresentar, na época própria, escala de férias dos servidores lotados no Gabinete do Presidente;

VII - avaliar servidores do Gabinete;

VIII - expedir certidões rotineiras;

IX - autorizar a concessão de vista e cópia de peças processuais.

Art. 4º Compete ao Assessor do Presidente aperfeiçoar o relacionamento institucional do Tribunal com os órgãos e entidades da Administração Pública Federal.

Art. 5º Compete à Assessoria do Chefe de Gabinete:

I - assessorar o Chefe de Gabinete, mediante o desenvolvimento de estudos, pesquisas, trabalhos e análises de assuntos relacionados às competências do Gabinete;

II - examinar processos e expedientes sobre assuntos compreendidos nas atribuições do Gabinete do Presidente;

III - elaborar documentos a serem assinados pelo Chefe de Gabinete ou pelo Presidente do Tribunal;

IV - conferir expedientes a serem assinados pelo Presidente, revisando os textos elaborados pelas demais Unidades e providenciando as correções necessárias;

V - revisar textos concernentes às atividades da Presidência, bem como àquelas relacionadas ao Museu do TCU e ao Espaço Cultural Marcantonio Vilaça;

VI - receber expedientes oriundos do Congresso Nacional e, se for o caso, providenciar a autuação de processo do tipo SCN, a remessa dos autos à Segecex e a resposta ao Colegiado de origem;

VII - desempenhar outras tarefas que lhe sejam atribuídas pelo Chefe de Gabinete ou pelo Presidente.

Art. 6º Compete ao Serviço de Administração do Gabinete:

I - receber correspondências, processos e expedientes diversos e fazer a devida triagem;

II - manter arquivo sistemático de todos os expedientes relacionados com o Gabinete;

III - requisitar material de consumo;

IV - solicitar reparos ou trocas de bens permanentes;

V - executar os serviços de digitação, fax e telegrama;

VI - manter atualizados os registros de materiais permanentes;

VII - submeter ao Chefe de Gabinete as escalas de férias, de cursos e de recesso dos servidores lotados no Gabinete;

VIII - registrar a frequência eletrônica;

IX - encaminhar atestados médicos;

X - tramitar processos;

XI - providenciar expedição de documentos e processos recebidos;

XII - fazer pesquisa para atender ao Chefe de Gabinete, a Assessoros do Presidente e Assessoros do Chefe de Gabinete;

XIII - elaborar e encaminhar o relatório de frequência dos funcionários terceirizados alocados ao Gabinete;

XIV - dar aceite, tramitar, encerrar, anexar, autuar processos e cadastrar documentos;

XV - fazer o controle em escala de férias e afastamentos dos Ministros e Auditores;

XVI - fazer levantamento de expedientes de solicitações feitas ao TCU para auxiliar a elaboração de Relatórios a cargo da Secretaria de Planejamento;

XVII - conferir todos os expedientes digitados no Gabinete do Presidente;

XVIII - prestar informações ao público sobre processos e documentos em andamento no TCU;

XIX - controlar os registros da agenda de compromissos do Chefe de Gabinete do Presidente;

XX - controlar os contatos telefônicos, recebidos e efetuados, do Chefe de Gabinete;

XXI - dar apoio à Sala de uso da Advocacia-Geral da União;

XXII - administrar o Salão Nobre II;

XXIII- desempenhar outras tarefas que lhe forem atribuídas pelo Chefe de Gabinete.

Art. 7º Compete ao Chefe de Serviço de Gestão Cultural:

I - planejar, organizar, dirigir e supervisionar as atividades do Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e do Museu do TCU;

II - [promover programas, projetos e ações atinentes às finalidades do Espaço Cultural e do Museu;](#)



III - participar de reuniões ordinárias e extraordinárias do Conselho Curador do Espaço Cultural, quando convocado;

IV - apoiar o funcionamento das reuniões do Conselho Curador e tomar providências administrativas para cumprimento de suas decisões;

V - supervisionar o trabalho de Curadores nos eventos promovidos pelo Espaço Cultural e pelo Museu;

VI - aprovar, em conjunto com o Curador, as publicações e a produção gráfica das exposições do Espaço Cultural e do Museu;

VII - zelar pela manutenção do Espaço Cultural e do Museu, assim como pela preservação de seus patrimônios;

VIII - indicar obras para integrar, por meio de doação, o acervo do Espaço Cultural e do Museu;

IX - fiscalizar o uso do Espaço Cultural e do Museu;

X - [representar o Espaço Cultural e o Museu do TCU em suas relações externas;](#)

XI - promover intercâmbio com centros culturais, museus e instituições congêneres;

XII - gerenciar servidores, terceirizados e estagiários com lotação no Espaço Cultural e no Museu do TCU;

XIII - apresentar relatório anual de atividades;

XIV - ter sob sua guarda e responsabilidade os bens patrimoniais de uso do Museu e do Espaço Cultural;

XV - avaliar estagiários e terceirizados;

XVI - atuar como gestor de contrato de terceirização.

Art. 8º Esta Portaria entra em vigor nesta data.

MARIA VIRGINIA DE FARIA FRANCO TURBAY

Publicada no Diário Oficial da União de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ e no BTCU  
\_\_\_\_, de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## ANEXO 10 - PLANO DIRETOR DO MUSEU DO TCU

	1
<b>LINHAS PARA O PLANO DIRETOR</b>	
<b>Museu do Tribunal de Contas da União</b>	
<b><u>LINHAS PARA O PLANO DIRETOR MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO</u></b>	<b>1</b>
APRESENTAÇÃO	2
ANÁLISE DIAGNÓSTICA: PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES	2
<b><u>PLANO DIRETOR DO MUSEU DO TCU</u></b>	<b>4</b>
MISSÃO	4
OBJETIVOS	4
ÁREAS DE ATUAÇÃO	5
ADMINISTRATIVO	6
MUSEÓLOGO	6
ÁREA DE DIFUSÃO	6
CURADORIA DAS COLEÇÕES	6
PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO	6
CURADORIA DE EXPOSIÇÕES	7
CURADORIA DE CONSERVAÇÃO E SEGURANÇA	8
SERVIÇOS DE AÇÃO CULTURAL	9
SERVIÇO PEDAGÓGICO EDUCATIVO	9
<b><u>PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA A MANUTENÇÃO DO MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO</u></b>	<b>10</b>

1792

### **Apresentação**

O artigo 2, inciso I do ICOM (Conselho Internacional de Museus/UNESCO) apresenta a seguinte definição de museu (2000):

“Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe com propósitos de estudo, educação e prazer, as evidências materiais dos povos e seu ambiente. Essa definição de museu pode ser aplicada sem qualquer limitação sobre a estrutura funcional ou de orientação de coleções referentes a uma instituição [independente] da natureza e corpo governamental e caráter territorial”.

Apresenta-se a seguir proposta de Plano Diretor para o Museu do Tribunal de Contas da União com o objetivo de descrever as linhas de ação museológicas a serem implementadas. O objetivo do presente plano é imprimir uma visão de museu contemporâneo e dinâmico, com atividades inter-relacionadas que venham agregar valor ao trabalho desenvolvido pelo Tribunal.

Este **Programa e Planejamento Museológico** visam a possibilidade de articulação de instâncias do universo funcional do Museu do TCU cuja função primária deve embasar-se na preservação e divulgação da memória histórica e atuação institucionais. Após uma análise ainda inicial do que são suas potencialidades, especificam-se seus objetivos, a proposta de gerenciamento administrativo vinculada à gestão do CEDOC-ISC, considerando-se o espaço, a coleção (acervo), diversidade de exposições, sua segurança, sua conservação e restauro, seus serviços educativos ou de ação cultural ou outros serviços e atividades de divulgação capazes de gerar a estrutura propriamente museológica, e através delas construir a relação do museu/TCU com a sociedade.

Sugerem-se, ainda, estratégias de implementação do museu incluindo uma previsão orçamentária para o ano de 2005.

### **Análise Diagnóstica: Primeiras Observações**

Na fase ainda de criação se está frente a um momento ótimo para a análise diagnóstica de certos aspectos que favorecem a implementação do Museu do TCU.

Segundo especialistas é ainda relativamente recente o uso por parte dos museus de técnicas administrativas e de gerenciamento, tais como a análise crítica de

recursos, conceitos de operações estratégicas, e a identificação de problemas visando o planejamento estratégico<sup>1</sup>.

No entanto, sabe-se que algumas instituições museais tem sido bem sucedidas na implementação de seus projetos graças à aplicação dessas técnicas. Elas dão sustento para a identificação de pontos favoráveis e não favoráveis que interferem no desenvolvimento do setor.

Esta análise que ora apresenta-se é baseada na observação de alguns aspectos e visam prioritariamente apontar os elementos facilitadores, e outros que deverão ser analisados mais detalhadamente para, no futuro, serem adequadamente contornados.

<p><b>Serviço para a sociedade:</b> O Museu do TCU implanta uma linha de museu de natureza histórica oficial com o objetivo de recuperar e divulgar o percurso da instituição e se tornar para a sociedade um meio de informação.</p> <p><b>Vinculação:</b> subordinado ao Centro de Documentação – CEDOC do Instituto Serzedello Corrêa-ISC, o Museu do TCU é de natureza afim à área de informação e, dessa forma, encontra apoio para a continuidade das ações museológicas. O Museu, dado às características de sua missão, também possui ligação com as funções de educação corporativa do ISC .</p> <p><b>Orçamentária:</b> a destinação orçamentária garante manutenção do Museu continuamente.</p> <p><b>Cooperação:</b> interesse da presidência na busca da revitalização da memória institucional.</p> <p><b>Formação de profissionais:</b> por ser um museu de um órgão da administração federal brasileira, o Museu do TCU poderá contar com a parceria do MINC/IPHAN, para colher os benefícios oferecidos pelo Sistema Brasileiro de Museus que tem como um de seus objetivos prestar serviços relativos à formação de profissionais (servidores e estagiários).</p> <p><b>Instituição oficial:</b> O Museu do Tribunal de Contas da União possui resolução própria aprovada pelo corpo de Ministros do TCU.</p>	<p><b>Pontos Favoráveis</b></p>
---	---------------------------------

<sup>1</sup> HATTON, Alf (1994) *Museum planning and museum plans*. In **Museum Management**. Kevin Moore (org) Inglaterra : T.J Press: 141-147.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de função comissionada para a administração do Museu sobrecarrega a diretora do CEDOC;</li> <li>• Falta de locação de recursos financeiros específicos para desenvolvimento das ações do Museu;</li> <li>• Falta de local para reserva técnica adequada para o armazenamento do acervo que não estiver em exposição;</li> <li>• Vulnerabilidade do museu às mudanças de perfis dos diferentes gestores;</li> <li>• A probabilidade de não haver pessoal treinado e preparado para trabalhar no museu.</li> <li>• A necessidade de compra de produtos importados para o museu, poderá aumentar a despesa, pois os valores destes materiais estarão em moeda estrangeira e o orçamento implementado para os anos de vigência do Plano Diretor é fixado em moeda nacional.</li> </ul>	<p><b>Pontos a Analisar</b></p> <p><i>para uma questão</i></p>
---	--

## PLANO DIRETOR DO MUSEU DO TCU

O Plano Diretor do Museu do Tribunal de Contas da União visa o Planejamento e Programa Museológico de modo a lhe dar suporte para a implementação, organização e gerenciamento de suas atividades e projetos.

Preservar e divulgar a memória desse órgão federal.	<b>Missão</b>
---	---------------

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formar acervos e coleções dos mais diversos registros documentais referentes à história do TCU.</li> <li>• Pesquisar e divulgar os resultados dessa investigação na forma de publicações, catálogos, e especialmente exposições de longa duração, temporárias e/ou itinerantes.</li> <li>• Realizar exposições de longa duração, temporárias e/ou itinerantes de temas diversificados que contribuam para o enriquecimento cultural e profissional do corpo técnico do TCU e da sociedade em geral concernentes ao Controle Externo.</li> </ul>	<b>Objetivos do Museu do TCU</b>
--	----------------------------------

## ANEXO 11 - REFERENCIAL ESTRATÉGICO

## MUSEU DO TCU ELABORA REFERENCIAL ESTRATÉGICO

*“Revelar à sociedade brasileira a importância histórica do Tribunal de Contas da União no controle dos gastos públicos”*. Com essa declaração de missão, o Museu do Tribunal de Contas da União iniciou a construção do seu referencial estratégico, com o apoio da Seplan.

O comprometimento e a preocupação com a história da atuação do Tribunal e de seus servidores no controle dos gastos públicos foi uma das motivações de se construir referencial estratégico para o Museu do TCU. Com base na metodologia aplicada no planejamento dos objetivos estratégicos da Casa e de algumas de suas unidades, buscou-se alinhar sua visão de longo prazo às prioridades corporativas. Além de auxiliá-lo a cumprir plenamente sua missão, o trabalho objetiva adequá-lo ao atual papel que um museu institucional representa, não sendo apenas o responsável pela preservação de bens culturais, mas um dos elos de comunicação com a sociedade.

Na primeira etapa do trabalho foi elaborada a declaração de negócio, missão e visão de futuro da unidade, nas etapas seguintes serão levantadas as questões estratégicas e criado o seu plano de ação..

## MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

## NEGÓCIO

**Preservar e difundir a história do Tribunal de Contas da União**

## MISSÃO

**Revelar à sociedade brasileira a importância histórica do Tribunal de Contas da União no controle dos gastos públicos**

## VISÃO DE FUTURO

**Ser museu institucional de referência pela eficaz divulgação do papel histórico do Tribunal de Contas da União em assegurar o bom uso dos recursos públicos**

## ANEXO 12 - DOCUMENTOS DO MUSEU DO TCU DATADOS DE 1970 E 1971



## TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

Of. nº OC-07

Em 14/12/1970

Do Coordenador do Grupo de Assessoramento para Congressos  
Ao Encarregada do Museu do Tribunal de Contas da União  
Assunto Encaminha peças para tombamento e guarda

Senhora Encarregada,

Junto ao presente, encaminho a V. Sa. as peças a seguir relacionadas, alusivas ao 6º Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, para o devido tombamento e guarda nesse Museu:

- a) 1 estandarte utilizado como ornamentação na banca da Presidência do Congresso;
- b) 2 medalhas de prata dourada do tipo oferecido a altas autoridades;
- c) 2 medalhas do tipo comum;
- d) 2 flâmulas de luxo do tipo oferecido a altas autoridades;
- e) 2 flâmulas do tipo comum;
- f) 2 cartazes de cartolina;
- g) 2 crachás do tipo usado pelos congressistas;
- h) 2 decalques de plástico para automóvel.

Com protestos de consideração e apreço.

José Sebastião Barreto de Macedo  
Coordenador



VIA

TRIBUNAL DE CONTAS

N.º

VISTO

Pedido ao Almojarifado de  
material permanente destinado ao serviço

  
Diretor do Almojarifado

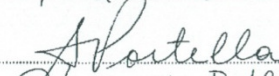
da Nusou

ITEM	Especificação do material	Unidade	Quantidade	OBSERVAÇÕES
I	Globe p/serteio, em metal cro made, base madeira, c/bandeja fixa, de 0,125 diâmetro; 10 esferas numeradas de 0 a 9	un	1	Mat.Rec. - G. 1160-10/11/70
II	Urna p/votação, madeira de lei e/tampo ligada por dobradiça (Taça)	uma	1	Mat.Rec.-G.1160-10/11/70

VISTO

Recebi o material constante d'êste pedido.

Em 07 de dezembro de 1971.

  
Chefe da Biblioteca  
Cargo ou função

Diretor

Deduzido do estoque

Em ..... / ..... / 19 .....

Almojarife

.....VIA .....

## TRIBUNAL DE CONTAS

N.º .....

VISTO

Pedido ao Almojarifado de

material permanente destinado ao serviço



Diretor do Almojarifado

de Museu

ITEM	Especificação do material	Unidade	Quantidade	OBSERVAÇÕES
1	Placa indicativa, c/moldura em madeira escura lisa e revestimento frontal em vidro, medindo, externamente, 0,79m x 0,17m; fundo branco e dizeres Tribunal de Contas em preto, caixa alta.,.	uma	1	Material recolhido

VISTO

Recebi o material constante deste pedido.

Em 20 de abril de 1971



Cargo ou função

Departamento de Imprensa Nacional - 22.380

Diretor

Deduzido do estoque

Em ..... / ..... / 19 .....

Almojarife

T. C. - 82



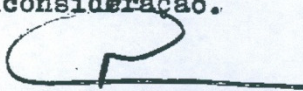
TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

Brasília, 2 de fevereiro de 1971


Ilma. Sra.  
Clara Pawtora Leite

Encaminho a V.Sa. o Quadro do Pessoal do Tribunal de Contas, referente a Lei n. 392, de 8 de outubro de 1896, publicado na Imprensa Nacional em 1916 e que, gentilmente, foi oferecido pelo servidor Sr. Aprigio M. de Souza, para efeito de incorporação ao acervo do Museu do Tribunal.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. protestos de estima e consideração.

  
Ivo Krebs Montenegro  
Chefe do Gabinete

## ANEXO 13 - FICHA CATALOGRÁFICA

		<b>Museu do Tribunal de Contas da União</b>	
<b>Ficha Catalográfica nº</b>			
<b>Identificação do Objeto</b>			
Nº de Registro:		Nº Patrimonial TCU:	
Nºs Anteriores:			
Localização:			
Classe:			
Subclasse:			
Termo:			
Título:			
Autoria:		Data Atribuída:	
Data:     /     /			
Material/Técnica:			
Origem:		Procedência: TCU	
Modo de Aquisição:		<input type="checkbox"/> Compra <input type="checkbox"/> Doação <input type="checkbox"/> Transferência <input type="checkbox"/> Recolhimento <input type="checkbox"/> Permuta <input type="checkbox"/> Outros:	
Data de Aquisição:			
Documento de Aquisição:			
Marcas e Incrições:			
Modelo:		Nº de Série:	
Dimensões:			
Alt1:	Larg1:	Comp1:	Diâm1:
Prof1:	Peso1:	Capac1:	
Alt2:	Larg2:	Comp2:	Diâm2:
Prof2:	Peso2:	Capac2:	
Observações:			

**Análise do Objeto**

Descrição do Objeto:

**Conservação do Objeto**

Estado de Conservação:     Bom             Regular             Ruim  
Ficha de Restauração nº:

Diagnóstico:

Intervenções anteriores:

Recomendações:

**Notas e Referências**

Histórico de Exposições/Publicações:

Dados Históricos:

Referências Arquivísticas, Bibliográficas e Sites:

**Dados do Preenchimento**

Preenchido em:

Revisado em:     /     /

Digitado em:

Palavras relacionadas:

Por:

Assinatura:

Por:

Assinatura:

Por:

Assinatura:

**Imagens do Objeto**

Fotografias nºs:

Fotógrafo:

Observações:

## ANEXO 13A - INSTRUÇÕES PARA PROCESSAMENTO TÉCNICO DE ACERVO



Tribunal de Contas da União

### Instruções de Preenchimento

#### Ficha Catalográfica

Documentação aprofundada sobre cada peça que compõe o acervo. Refere-se à ordenação, análise e classificação das peças do acervo. Serve de base de dados para informatização futura.

A Ficha elaborada para o Museu do TCU é constituída de seis seções: Identificação do Objeto, Análise do Objeto, Conservação do Objeto, Notas e Referências, Dados de Preenchimento e Imagens.

#### Campos da Ficha Catalográfica

**Ficha Catalográfica nº** – numeração seqüencial atribuída a cada ficha. Nunca é zerada.

#### SEÇÃO I - Identificação do Objeto

**Nº de Registro** – Nº atribuído a peça ao dar entrada no Livro de Registro. É uma referência alfanumérica que corresponde à sigla da instituição, seguida do ano de registro de incorporação da peça ao acervo e por último, o número de identificação individual da peça.

Obs.: Recomenda-se a abertura e o preenchimento de uma ficha para cada parte do Objeto

**Nº PatrimonialTCU** – Número atribuído pelo Patrimônio do Tribunal de Contas da União



**N<sup>os</sup> Anteriores** – Números de inventários e outros números anteriormente atribuídos à peça

**Localização** – Local onde a peça se encontra no momento do preenchimento da ficha

**Ficha de Movimentação** – Ficha que controla os deslocamentos da peça nas diversas seções e instalações do Museu.

**Classe** – Referência da peça considerando um universo de objetos.

Faz-se necessário a consulta do Thesaurus para Acervos Museológicos, para a sua identificação.

Ex.: Classe (gênero) = Objetos pessoais // Caça/guerra

**Subclasse** – Subdivisões das classes principais, onde os objetos são reunidos por classes funcionais mais precisas. Faz-se necessário a consulta do Thesaurus para Acervos Museológicos, para a sua identificação.

Ex.: **Subclasse** (espécie) = Acessório de Indumentária // Arma

**Termo** - Nome do objeto, isto é, palavra(s) usada(s) para identificar o objeto com base em sua função. Faz-se necessário a consulta do Thesaurus para Acervos Museológicos, para a sua identificação.

Ex: Termo (Nome do objeto) = Abotoadura // Espada

Obs.: Deve colocar entre parênteses após a inscrição do termo, se for o caso, se a peça trata-se de uma cópia (executada pelo próprio autor) ou uma reprodução (feita por meio mecânico).

**Título** – Denominação particular da obra. Pode ter sido atribuída pelo autor, por seu antigo proprietário ou mesmo pelo próprio Museu. Essa inscrição deve ser inscrita entre aspas.

**Autoria** – Nome do(s) autor(es) da peça ou de seu(s) fabricante(s).

Obs1.: Deve-se obedecer a grafia original para nomes estrangeiros;

Obs2.: Quando o autor possuir um pseudônimo consagrado, devemos registrá-lo após o nome, separado por vírgulas;

Obs3.: Caso seja desconhecido o nome verdadeiro, colocar o pseudônimo conhecido seguido da expressão pseudônimo entre colchetes;

Obs4.: Caso o Autor seja conhecido publicamente por apenas parte de seu nome, devemos registrá-lo.

**Data** – Data de produção da peça, seguindo a ordem dia, mês e ano. Informações mesmo que parciais, (somente o mês ou o ano) devem ser registradas devendo os demais espaços permanecer em branco. Se não houver informação alguma, assinalar com as letras s/r (sem referência).

Ex.: 15/09/1940

../07/1930

.././1920

../s/r/..

**DataAtribuída** – Deve ser preenchida apenas se o campo anterior for assinado com as iniciais s/r. Deve-se registrar a datação aproximada segundo um dos critérios abaixo relacionados:

Com uma aproximação de 100 anos

Ex. Século XVII

Com uma aproximação de 50 anos

Ex.: 1ª metade do século XX

2ª metade do século XIX

Com uma aproximação de 33 anos

Ex.: Princípio do século XIX

Meados do século XVIII

Fins do século XVII

**Material/Técnica** – Materiais constitutivos da peça e técnica utilizada para a sua confecção.

Obs.: Se houver dúvidas com relação a especificidade do material, utiliza-se um termo mais genérico. Ex.: Se não for possível identificar o tipo de madeira de um determinado mobiliário, registrar apenas “madeira”.

**Origem** - Local onde a peça foi fabricada ou criada.

**Procedência** - Refere-se ao proprietário ou fonte imediata onde a peça foi adquirida.

**Modo de Aquisição** – Forma como a peça chegou ao Museu: compra, transferência, doação, recolhimento, permuta, outros.

**Data de Aquisição** - Data em que a peça foi adquirida pelo Museu

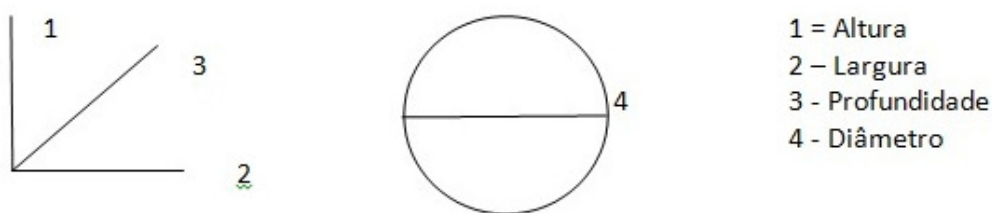
**Documento de Aquisição** – Tipo de documento de aquisição (nota fiscal, termo de doação, etc.) e seu nº se houver.

**Marcas e Incrições** – Marcas, legendas, e inscrições diversas apresentadas na peça.

**Modelo** – Modelo especificado pelo fabricante.

**Nº de série** – Nº de série constante da peça.

**Dimensões:** Altura, largura, comprimento, diâmetro, profundidade, peso, capacidade. Os valores devem ser dados em centímetros (cm) e gramas (g) – Considerando-se sempre as referências máximas: maior altura, maior largura, maior profundidade.



Obs1.: Tais informações visam garantir a identificação, a segurança, o dimensionamento de espaço e da carga exigidos para a exposição, guarda, transporte e acondicionamento do objeto.

Obs2.: Existem dois campos para cada registro (altura 1 e 2, largura 1 e 2, etc.). Isto ocorre porque alguns objetos, como por exemplo, um quadro, possuem 2 medias, uma que representa seu valor absoluto e outra que representa seu valor acrescido de moldura, passe-partout, etc.

Obs3.: Quando a peça apresentar todos os seus elementos fundidos, entalhados ou mode-lados juntamente, deve-se manter uma única medição, considerando as dimensões maiores. Quando a peça apresentar partes distintas, para cada uma delas será criada uma ficha catalográfica, já que as partes serão registradas separadamente, tendo um número principal seguido de letra minúscula.

**Observações:** Quaisquer informações adicionais referentes à seção “Identificação do Objeto”.

SEÇÃO II - Análise do Objeto

**Descrição do Objeto** – Descrição da peça de forma objetiva, partindo-se do geral para o particular. A descrição deve ser direta e sucinta, evitando-se adjetivações e informações que pressuponham um conhecimento anterior. A leitura do objeto deve ser feita de cima para baixo e da esquerda para a direita.

### SEÇÃO III - Conservação do Objeto

**Estado de Conservação** – Avaliação quanto o estado de conservação - bom, regular ou ruim.

Bom - quando a peça apresenta-se com características físicas e estéticas em boas condições, mesmo que já tenha sido restaurada anteriormente.

Regular – Quando a peça possui sujidades agregadas, pequenas perdas, e/ou passa por processo inicial de deterioração apresentando fissuras, desprendimento de policromia, esmaecimento de cores, escurecimento de verniz, etc. Neste estado, mesmo que o objeto apresente problemas, sua leitura é legível, mesmo necessitando a peça de algum tipo de intervenção, capaz de interromper seu processo degradativo.

Ruim – A peça apresenta-se em elevado processo de degradação, com grandes e irreversíveis perdas de sua matéria original, descaracterizações, partes apodrecidas, intenso ataque de insetos, proliferação de microorganismos, desprendimento de policromia, etc.

**Diagnóstico** – Avaliação e detalhamento do estado físico atual da peça, se ela apresenta manchas, rasgos, perfurações, excrementos de insetos, infestação de cupins, etc. identificando-se as condições de conservação de seus elementos estruturais e estéticos.

**Intervenções anteriores** – Informações sobre intervenções e processos de conservação pelo qual passou a peça antes da implantação da ficha de Restauração / Conservação.

**Ficha de Restauração/Conservação nº** – Ficha específica onde se descreve os processos de restauração e conservação a qual a peça foi submetida.

**Recomendações** – Orientações quanto ao manuseio, higienização, conservação, restauração, acondicionamento, forma de exposição do objeto, etc.

#### SEÇÃO IV – Notas e Referências

**Histórico de Exposições e Publicações** – Informações dispostas de forma cronológica e crescente, sobre as exposições das quais o objeto participou e prêmios recebidos (se for o caso), obedecendo à seguinte ordem: nome da exposição – local de realização do evento – nome da cidade (estado ou país) – período em que ocorreu a exposição e prêmio recebido.

Obs.: Para títulos de exposições realizadas no exterior, escrever o nome em português. Relação de publicações que contêm referências documentais ou iconográficas sobre a peça (livros, revistas, catálogos, etc.).

#### Dados Históricos do Objeto

Pequeno texto ou dados informativos sobre a história do objeto, processo de fabricação, etc.

#### Referências Arquivísticas, Bibliográficas e Sites

Citação de livros, revistas, catálogos e páginas da internet utilizadas no preenchimento da ficha.

#### Observações

Quaisquer informações adicionais referentes à seção Notas e Referências.

#### SEÇÃO V - Dados de Preenchimento

**Preenchimento em** – Data de preenchimento, seu responsável e assinatura

**Revisado em** – Data da Revisão, seu responsável e Assinatura

**Digitado em** – Data da digitação, seu responsável e Assinatura

Obs.: Na informação sobre o responsável, usar o nome completo.

**Palavras relacionadas** – palavras, assuntos, temas, etc. referentes ao objeto, os quais poderão servir de fonte de consulta, em banco de dados informatizado.

## SEÇÃO VI - Imagens

**Fotografias nºs** – Números das fotografias

**Fotógrafo** – Responsável pela execução das fotografias

**Observações** – Quaisquer informações adicionais referentes à Seção Imagens

## ANEXO 14 - LISTA DE ACERVO CATALOGADO



Museu do Tribunal de Contas da União

Processamento Técnico de Acervo

## Lista de Acervo Catalogado

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	000 1	MTCU.2009.0 001	Tinta Ferrogálica (recipiente)
	0002	MTCU.2009.000 2	Peso de Papel
	0003	MTCU.2009.000 3	Medalha Prêmio Nacional de Gestão Pública - 2006



	0004	MTCU.2009.000 4	Certificado Prêmio Nacional de Gestão Pública - 2006
Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0005	MTCU.2009.000 5	Porta nanquim (tinteiro)
	0006	MTCU.2209.000 6	Troféu Prêmio Nacional de Gestão Pública – Ciclo 2004
	0007	MTCU.2009.000 7	Troféu Homenage m oferecida pela IMBEL 1977

	<p>000 8</p>	<p>MTCU.2009.0 008</p>	<p>Prato Decorativo  Homenag em do Dia da Independência- TC de SP - 1972</p>
	<p>0009</p>	<p>MTCU.2009.000 9</p>	<p>Panóplia Homenage m da República da Indonésia</p>

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	<p>0010</p>	<p>MTCU.2009.0010</p>	<p>Panóplia  Lima - 1975</p>

	0011	MTCU.2009.0011	<p>Panóplia</p> <p>Homenagem da Delegacia da ADESG/DF - 1972</p>
	0012	MTCU.2009.0012	<p>Panóplia</p> <p>Homenagem da ECEME - 1994</p>
	0013	MTCU.2009.0013	<p>Placa do TC de</p> <p>Santa Catarina</p>

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0014	MTCU.2009.0014	<p>Placa recebida em ocasião da visita ao</p> <p>SIVAN - 2000</p>
	0015	MTCU.2009.0015	<p>Placa de Mesa</p> <p>Min. Vergniaud Wanderley</p>
	0016	MTCU.2009.0016	Cinzeiro

	0017/0018	MTCU.2009.0017a MTCU.2009.0017b	Cinzeiro
	0019	MTCU.2009.0018	Troféu - “ O Semeador” - oferecido ao Min. Alberto Hoffmann

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0020	MTCU.2009.0019	Carimbo Datador
	0021	MTCU.2009.0020	Trophéu Estado do Tocantis
	0022	MTCU.2009.0021	Placa oferecida pela Base Aérea de Fortaleza - 1998

	0023	MTCU.2009.0022	Placa  Palestra sobre Gestão e Supervisão de Auditoria Financeira - 1992
	0024	MTCU.2009.0023	Placa  República da China




Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0025	MTCU.2009.0024	Placa recebida por participação da INTOSAI - 2005
	0026	MTCU.2009.0025	Placa Comemorativa aos 10 anos de instalação do TC de Rondônia
	0027	MTCU.2009.0026	Placa Homenagem da UNICEUB – 2003 na comemoração dos seus 35 anos



	0028	MTCU.2009.0027	Placa oferecida por participação no VIII Asamblea OLACEFS,  Venezuela- 1998
	0029	MTCU.2009.0028	Prato  Referência escritório de contabilidade - USA

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0030	MTCU.2009.0029	Quadro comemorativo ao 20.º ano de instalação da ADESE - 1991
	0031 0032	MTCU.2009.0030 MTCU.2009.0031	Pá de Bolo
	0033 0034	MTCU.2009.0032 MTCU.2009.0033	Bandeja para documentos

	0035 0036 0037 0038	MTCU.2009.0034a MTCU.2009.0034b MTCU.2009.0035a MTCU.2009.0035b	Compoteira
	0039	MTCU.2009.0036	Bule de Café

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0040	MTCU.2009.0037	Bule de Leite
	0041 0042	MTCU.2009.0038a MTCU.2009.0038b	Pote
	0043 0044	MTCU.2009.0039 MTCU.2009.0040	Jarro

	0045	MTCU.2009.0041	Bule de Café
	0046 a 0054	MTCU.2009.0042 a MTCU.2009.0050	Colher de Chá (esse conjunto de colheres de chá não são todas iguais, variando alguns detalhes)

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0055	MTCU.2009.0051	Medalha  Centenário de Criação do TCU  1980 - 1990
	0056	MTCU.2009.0052	Medalha  Escritório de Contabilidade Geral do USA
	0057	MTCU.2009.0053	Medalha do Mérito Floriano Peixoto

	0058	MTCU.2009.0054	Medalha de Inspeção e Auditoria da República da Coreia
	0059	MTCU.2009.0055	Medalha de Sesquicentenário de Nascimento de Rui Barbosa

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0060	MTCU.2009.0056	Medalha oferecida pela ECEME - 1998
	0061	MTCU.2009.0057	Carimbo
	0062	MTCU.2009.0058	Carimbo



	0063	MTCU.2009.0059	Porta-Clips
	0064	MTCU.2009.0060	Grampeador

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0065	MTCU.2010.0061	Peso de Papel
	0066	MTCU.2010.0062	Porta Lápis
	0067	MTCU.2010.0063	Porta Nanquim



	0069	MTCU.2010.0065	Telefone
	0070 0071	MTCU.2010.0066 MTCU.2010.0067	Bandeja para Documentos

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	<p>0072</p> <p>0073</p>	<p>MTCU.2010.0068a</p> <p>MTCU.2010.0068b</p>	<p>Apontador de Lápis</p>
	<p>0074</p>	<p>MTCU.2010.0069</p>	<p>Risque e Rabisque (porta bloco)</p>
	<p>0075</p>	<p>MTCU.2010.0070</p>	<p>Furador de Papel</p>

	0076 0077	MTCU.2010.0071 MTCU.2010.0072	Cinzeiro
	0078	MTCU.2010.0073	Cinzeiro


Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	9 007	4 MTCU.2010.007	Porta Clips
	0 008	5 MTCU.2010.007	Porta Lápis
	1 008	6 MTCU.2010.007	Vaso


	<p>008 2</p>	<p>MTCU.2010.007 7</p>	<p>Bandej a</p>
	<p>008 3 008 4</p>	<p>MTCU.2010.007 8 MTCU.2010.007 9</p>	<p>Bandej a</p>

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0085 0086	MTCU.2010.0080 MTCU.2010.0081	Bandeja
	0087	MTCU.2010.0082	Bandeja
	0088	MTCU.2010.0083	Bandeja



	0089	MTCU.2010.0084	Bandeja
	Acervo Rui Barbosa 0090	MTCU.2010.0085.01	Paletó

Imagem	Ficha Catalográfica	N.º de Registro	Nome do Objeto
	0091	MTCU.2010.0085.02	Colete
	0092	MTCU.2010.0085.03	Calça
	0093	MTCU.2010.0086	Bota

	Acervo Ministro Adhemar Paladine  0094 a 0100	MTCU.2010.0087.01  MTCU.2010.0087.02  MTCU.2010.0087.03  MTCU.2010.0088  MTCU.2010.0089  MTCU.2010.0090  MTCU.2010.0100	Paletó  Colete  Calça  Camisa  Gravata  Cinto  Toga

## ANEXO 15 - IMAGENS DO MUSEION

The screenshot shows the 'Museion - Catálogo do Acervo do Museu' web application running in Internet Explorer. The browser's address bar displays the URL: <https://contas.tcu.gov.br/pls/apex/f?p=2184:1:3319269765288608>. The page header features the logo of the Tribunal de Contas da União (TCU) and the text 'TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO' with the tagline 'Fiscalização a serviço da sociedade'. Below the header, a navigation menu includes 'Início', 'Cadastros', 'Relatórios', 'Impressão', 'Thesaurus Online', and 'Consulta'. The main content area is divided into five columns: 'Cadastros' (with links for 'Cadastro do Acervo' and 'Cadastro de Patrimônio Candidato'), 'Relatórios' (with links for 'Relatório de Objetos' and 'Relatório de Patrimônios Candidatos'), 'Impressão' (with a link for 'Imprimir Ficha Catalográfica'), 'Thesaurus Online' (with links for 'Classes', 'Subclasses', and 'Termos'), and 'Consulta' (with a link for 'Consultar Acervo'). The footer contains the text 'GABPRES / SGCultural / Museu' and 'Museion 1.0'. A small text 'Ser | X02335346792' is visible at the bottom left.

Museion - Identificação do Objeto - Windows Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

https://contas.tcu.gov.br/pls/apex/?p=2184:2:3319269765288608::NO:::

Museion - Identificação do Objeto

**TCU TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO**  
Fiscalização a serviço da sociedade

Museion - Catálogo do Acervo do Museu

Inicio Cadastros Relatórios Impressão Thesaurus Online Consulta

Museion-Cadastros-identificação do Objeto

Identificação do Objeto

Nº Anteriores  
Dimensões  
Análise do Objeto  
Conservação do Objeto  
Restauração do Objeto  
Histórico de Exposições/Publicações  
Notas e Referências  
Dados do Preenchimento  
Imagem do Objeto  
Confirmar

**Identificação do Objeto**

Cancelar Próximo >

Ficha Catalográfica N°  Ex: 2010.0001

N° de Registro  Ex: MTCU 2010.0001 N° Patrimonial TCU

Localização

Classe

Subclasse

Termo

Título

Autoria

Data  Data atribuída

Materiais/Técnicas

Origem  Procedência

Modo de Aquisição  Data de aquisição

Documento de Aquisição

Marcas e inscrições

Modelo  N° Série

Observações

Museion - Objetos Cadastrados - Windows Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

https://contas.tcu.gov.br/pls/apex/?p=2184:21:3319269765288608::NO:::

Museion - Objetos Cadastrados

**TCU TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO**  
Fiscalização a serviço da sociedade

Museion - Catálogo do Acervo do Museu

Inicio Cadastros Relatórios Impressão Thesaurus Online Consulta

Inicio > Relatórios > Relatório de Objetos Cadastrados

**Relatório de Objetos Cadastrados**

Linhas 15

Ficha Catalográfica N°	N° De Registro	N° Patrimonial TCU	Termo
<input type="checkbox"/> 2009/0001	MTCU.2009.0001	s/r	Tinta ferro-gálica (recipiente)
<input type="checkbox"/> 2009/0002	MTCU.2009.0002	s/r	Heso de papel
<input type="checkbox"/> 2009/0003	MTCU.2009.0003	s/r	Medalha
<input type="checkbox"/> 2009/0004	MTCU.2009.0004	s/r	Certificado
<input type="checkbox"/> 2009/0005	MTCU.2009.0005	s/r	Tinteiro/porta nanquim
<input type="checkbox"/> 2009/0006	MTCU.2009.0006	s/r	Troféu
<input type="checkbox"/> 2009/0007	MTCU.2009.0007	011.996	Troféu
<input type="checkbox"/> 2009/0008	MTCU.2009.0008	011994	Salva
<input type="checkbox"/> 2009/0009	MTCU.2009.0009	011957	Panóplia
<input type="checkbox"/> 2009/0011	MTCU.2009.0011	011.959	Panóplia
<input type="checkbox"/> 2009/0012	MTCU.2009.0012	019.711	Panóplia
<input type="checkbox"/> 2009/0013	MTCU.2009.0013	s/r	Placa
<input type="checkbox"/> 2009/0014	MTCU.2009.0014	s/r	Placa
<input type="checkbox"/> 2009/0015	MTCU.2009.0015	s/r	Placa de mesa
<input type="checkbox"/> 2009/0016	MTCU.2009.0016	s/r	Cinzeiro

1 - 15 de 97

GABPRES / SGCultural / Museu

Museion 1.0

Sair | X02335346792

Museion - Relatório de Patrimônios Candidatos - Windows Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

https://contas.tcu.gov.br/pls/apex/f?p=2184:38:3319269765288608::NO::

Museion - Relatório de Patrimônios Candidatos

**TCU TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO**  
Fiscalização a serviço da sociedade

Museion - Catálogo do Acervo do Museu Página inicial | Fale conosco | Ajuda

Início Cadastros Relatórios Impressão Thesaurus Online Consulta

Início > Relatórios > Relatório de Patrimônios Candidatos

### Relatório Total de Patrimônios Candidatos Cadastrados

Linhas 15

Nº Patrimônio	Descrição	Observações	Inserido Por	Data de Entrada
013355	CABDERO, EM MADEIRA, DE LEI, ESTILO COLONIAL, COM ESPELHO E CRIZEIRO	-	STUMIPFRD	25/08/2011

1 - 1 de 1

GABPRES / SGCultural / Museu Museion 1.0

Sair | X02335346792

Museion - Thesaurus Online - Windows Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

https://contas.tcu.gov.br/pls/apex/f?p=2184:35:3319269765288608::NO




Museion - Thesaurus Online

**TCU TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO**  
Fiscalização a serviço da sociedade

Museion - Catálogo do Acervo do Museu Página inicial | Fale conosco | Ajuda

Início Cadastros Relatórios Impressão Thesaurus Online Consulta

Início > Thesaurus Online

 Classes  
 Subclasses  
 Termos

GABPRES / SGCultural / Museu Museion 1.0

Sair | X02335346792

## ANEXO 16 - RELATÓRIO DE RESULTADO DE CONSULTA DOS BENS À CARGA DO CHEFE DO SERVIÇO DE GESTÃO CULTURAL

---

 Dados da carga Patrimonial do Servidor
 

---

**Nome do Servidor : VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA**


---

**Dados Referentes aos Bens os quais o servidor é Detentor de Carga**


---

NÚMERO DE PATRIMÔNIO	DESCRIÇÃO	COMPLEMENTO DA DESCRIÇÃO	NOME DO DETENTOR DE CARGA	NOME DO RESPONSÁVEL	VALOR DE AQUISIÇÃO
73	CADEIRA FIXA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
475	ESTANTE NÃO VAZADA	TIPO ARMÁRIO; AÇO; PORTAS DE VIDRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
905	MÁQUINA DE ESCREVER	MECÂNICA; TIPO PAICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
962	CADEIRA GIRATÓRIA	C/ 5 RODIZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
1931	CADEIRA GIRATÓRIA	C/ 4 RODIZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
2060	MESA DE APOIO	EM MADEIRA PAU-FERRO, C/ 2 GAVETAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
2277	MÁQUINA DE ESCREVER	MECÂNICA; CARRO PEQUENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3788	MÁQUINA DE ESCREVER	MECÂNICA; CARRO PEQUENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

3793	MÁQUINA DE ESCREVER	MECÂNICA; CARRO PEQUENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3895	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	POLTRONA HILLE, CONCHA, C/	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3913	CÂMERA FOTOGRAFICA	P/ FILME ROLLEYFLEX, F, LENTE PLANART	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3940	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/MOLDURA JEAN FRANCOIS MILLET (1814/4)	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3942	QUADRO DECORATIVO	LA BRUCIATRICA D ERBA FORMATO A, MED. 25,5X31CM, C/ MOLDURA, ALMECARI PIZZI- MAESTRI DELLATRAVA LAZZA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4257	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/ MOLDURA, JEAN FRANCOIS MILLET - LA BRUCIATRICE D ERBA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4539	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA EM ACO CROMADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4541	CADEIRA FIXA	APOIO EM MADEIRA; ESPALDAR ESTOFADO COM ESPUMA; COM PROTEÇÃO PVC; ESTRUTURA METAL PINTADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4553	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4670	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	ELETRONICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,02
4749	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4944	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4945	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL;	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01



4946	PEÇA DECORATIVA	EM METAL DOURADO CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4947	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4948	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4949	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4950	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4951	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4952	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4965	RELÓGIO DE PAREDE	---	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
5010	QUADRO DECORATIVO	PINTADA A OLEO, GUIDO MONDIM, O MIN. DA FAZ. SERZEDELLO CORREIA E O SENADOR MANUEL F. CORREA, INSTALACAO DO TCU, 17.01.1893	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
5011	PORTA-RETRATO	EM MADEIRA DE LEI, C/ RETRATO DE RUI BARBOSA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
5100	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA PAU-FERRO, PAINEL REVESTIDO EM VINIL, C/ GAVETEIRO DE 3 GAVETAS, MED. 1,40 X 0,80 X 0,75 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
5521	TELEFONE DIGITAL	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

5970	MÁQUINA IMPRESSORA ALTO- RELEVO		VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6032	MESA LATERAL	EM MÁRMORE; C/ COLUNA CENTRAL, MED. 0,70 X 0,70 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
6118	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/ MOLDURA - P. AUGUSTE RENOIR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6119	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/ MOLDURA - P. AUGUSTE RENOIR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6120	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/ MOLDURA, JEAN BAPTISTA CHARDIN (1699- 1779)	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6179	QUADRO DECORATIVO	FORMATO H, MED. 50 X 70 CM, C/ MOLDURA, WILLIAN J.M. TURNER - II CANAL GRANDE - NE W YORK	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6180	QUADRO DECORATIVO	FORMATO H, MED. 60 X 100 CM, C/ MOLDURA, MICHELLI LACELLA, SAN FRANCISCO II PONTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6356	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	ELETRONICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,02
6376	CALCULADORA DE MESA	IMPRESSORA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6776	ESTANTE A VERIFICAR	EM MADEIRA JACARANDA DA BAHIA, MODULADA, C/ 3 PORTAS E 1 VAO LIVRE, C/ 4 DIVISOES E 2 PRATELEIRAS NA PARTE SUPERIOR, MED. 2,50 X 0,40 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6843	MESA PARA REUNIÃO	EM MADEIRA; JACARANDA DA BAHIA, MED. 1,20 M DIAMETRO, (BRASILIA)	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

7083	TAPETE DECORATIVO	EM TECIDO OVERLAN, TECIDO A MAO, MED. 2,00 X 3,00 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
7536	MICROCOMPUTADOR A VERIFICAR	TERMINAL DE COMPUTADOR C/ TECLADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,12
7715	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA; C/ DETALHES EM OSSO NO CENTRO E LATERAIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8212	ESCANINHO PARA ESCRITÓRIO	6 VÃOS; 12 GAVETAS; 3 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8213	ESCANINHO PARA ESCRITÓRIO	6 VÃOS; 12 GAVETAS; 3 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8214	ESCANINHO PARA ESCRITÓRIO	6 VÃOS; 12 GAVETAS; 3 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8215	ESCANINHO PARA ESCRITÓRIO	6 VÃOS; 12 GAVETAS; 3 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8328	FICHÁRIO PARA ARQUIVOS	EM AÇO; C/ 4 GAVETAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8346	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8347	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8359	IMPRESSORA MATRICIAL	GRAFICA, CAPACIDADE 300 CPS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,07
8391	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA JACARANDA DA BAHIA, PAINEL REVESTIDO EM VINIL, GAVETEIRO C/ 3 GAVETAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8541	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA TIPO RUSTICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	CARLOS WELLINGTON LEITE DE ALMEIDA	R\$ 0,01
8574	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA DE AÇO CROMADO	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

8623	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
8624	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
8854	FICHÁRIO PARA ARQUIVOS	P/ FICHAS 5X8, C/ 16 GAVETAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
8855	FICHÁRIO PARA ARQUIVOS	P/ FICHAS 5X8, C/ 16 GAVETAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
8882	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 5 PRATELEIRAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
8883	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 5 PRATELEIRAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
8970	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA CEREJEIRA, C/ 5 GAVETAS, TAMPO DE COURO PIROGRAVADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
9010	MICROCOMPUTADO R DE MESA	C/ MONITOR E TECLADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,19
9551	MEDIDOR HIGROTERMÓGRAFO	P/ MEDIR E REGISTRAR TEMPERATURA E UMIDADE RELATIVA DO AR	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,04
9804	PRENSA PARA PAPÉIS	EM AÇO; COM 2 CHAPAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
9938	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
10314	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
10316	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

10317	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10359	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10360	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10361	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10362	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10363	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10368	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10369	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10370	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10372	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

10373	ESTANTE VAZADA	PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10374	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10375	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10376	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10401	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10407	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10436	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10437	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10930	ESPÁTULA EM PRATA	PARA BOLO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10931	ESPÁTULA EM PRATA	PARA BOLO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

11029	MESA A VERIFICAR	EM MADEIRA DE LEI, ESTILO COLONIAL, COMPOSTA DE 3 PECAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11030	MESA A VERIFICAR	EM MADEIRA DE LEI, ESTILO COLONIAL, MED. 6M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11031	MESA A VERIFICAR	EM MADEIRA DE LEI, ESTILO COLONIAL, MED. 6M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11032	MESA DE CENTRO	EM AÇO; TAMPO EM CRISTAL FUME DE 12 MM, MED. 0,90M DE DIAMETRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11041	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11042	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11043	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11044	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11045	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11046	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11047	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

11048	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11049	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11050	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11051	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11052	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11053	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11054	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11055	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
11076	URNA PARA EVENTOS	DE VIDRO E LATAO, MED. 0,50 X 0,50 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11077	RELÓGIO DE PAREDE	EM MADEIRA, ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11078	RELÓGIO DE PAREDE	EM MADEIRA, ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL	SHIRLEY GILDENE	R\$ 0,01



11079	RELÓGIO DE PAREDE	EM MADEIRA, ESTILO COLONIAL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	BRITO CAVALCANTE VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11080	RELÓGIO DE MESA	EM MARMORE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11081	RELÓGIO DE PAREDE	EM MADEIRA, ESTILO COLONIAL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11082	RELÓGIO DE PAREDE	EM MADEIRA, ESTILO COLONIAL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11084	TELEFONE DIGITAL	---	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11085	PANELA DECORATIVA	DE FERRO FUNDIDO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11086	PANELA DECORATIVA	DE FERRO FUNDIDO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11088	GLOBO PARA SORTEIO	COM BOLINHAS NUMERADAS; PARA DISTRIBUICAO DE PROCESSO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA SHIRLEY GILDENE	R\$ 0,01
11162	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	BRITO CAVALCANTE VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11176	BANDEJA PARA SERVIR	EM PRATA; TRABALHADA, FORMATO REDONDO, TAMANHO GRANDE, C/ ALCA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11178	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11190	COMPOTEIRA EM PRATA	---	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11191	COMPOTEIRA EM PRATA	---	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
11249	URNA PARA EVENTOS	DE VIDRO; P/ GUARDAR BANDEIRAS, C/ GUARNICOES DE BRONZE, BASE EM MARMORE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

11387	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA PAU-FERRO, MED. 1,20 X 0,60 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11389	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	POLTRONA FIXA EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11472	ESPELHO COM MOLDURA	EM MADEIRA TRABALHADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11480	URNA PARA EVENTOS	DE VIDRO; C/ A MAQUETE DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIAO - T.C.U.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11721	MESA DE APOIO	JACARANDA DA BAHIA, C/ 01 GAVETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11764	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	ELETRONICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,02
11883	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA JACARANDA DA BAHIA, PAINEL REVESTIDO EM COURO, GAVETEIRO C/ 4 GAVETAS, MED. 180X90CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11891	CADEIRA FIXA	POLTRONA HILLE, CONCHA, C/	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11892	CADEIRA FIXA	POLTRONA HILLE, CONCHA, C/	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11912	MÁQUINA IMPRESSORA ALTO- RELEVO	.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11934	ESTANTE NÃO VAZADA	EM MADEIRA CEREJEIRA, FECHADA, C/ 4 DIVISOES, PORTAS DE VIDRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11957	PEÇA CONDECORATIVA	MEDALHA TRABALHADA - HOMENAGEM DA REPUBLICA DA INDONESIA A CORTE DA REPUBLICA DO BRASIL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11959	PEÇA CONDECORATIVA	MEDALHA DA DELEGACIA DA ADESG	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11960	PEÇA	MEDALHA AL TRIBUNAL DE CUENTAS	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

11994	CONDECORATIVA PRATO DECORATIVO EM PRATA	DE LA UNION DEL BRASIL - LIMA - 1975 PRATO DECORATIVO EM PRATA; TRABALHADA - HOMENAGEM AO DIA DA INDEPENDENCIA - TRIBUNAL DE CONTAS DE SAO PAULO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11995	PEÇA CONDECORATIVA	TROFÉU "O SEMEADOR", 16.9.88 - ADMINISTRACAO SANTA ROSA AO MIN. ALBERTO HOFFMANN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11996	PEÇA CONDECORATIVA	TROFÉU HOMENAGEM DA IMBEL AO TCU - 03.10.77	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11997	PEÇA DECORATIVA	BUSTO EM BRONZE; DO MINISTRO INOCENCIO SERZEDELLO CORREA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
12010	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	POLTRONA FIXA EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12048	PEÇA CONDECORATIVA	TROFÉU HONRA AO MERITO AO TCU - 22.06.79 - AGRADECIMENTO DOS PARTICIPANTES DO 19 CURSO DE ADM. PUBLICA MUNICIPAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12225	TELEVISOR EM CORES	20 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12393	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA EM ACO CROMADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12395	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA EM ACO CROMADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12396	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA EM ACO CROMADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12439	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12440	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

12441	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
12442	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
12444	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
12445	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
12446	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
12447	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
12448	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
12773	MESA PARA REUNIÃO	EM MADEIRA; JACARANDA DA BAHIA, MED. 1,20 M DIAMETRO, (BRASILIA)	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
12918	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA JACARANDA DA BAHIA, PAINEL REVESTIDO EM VINIL, MED. 1,55 X 0,80 M.	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13001	QUADRO DECORATIVO	FORMATO H, MED. 50 X 70 CM, C/ MOLDURA, GIOVANNI BOLDINI (1842-1931), CONDORE E VENEZA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13029	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13069	CALCULADORA DE MESA	ELETRÔNICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13301	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA DE LEI, FORMATO REDONDO, ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

13302	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA ESTILO COLONIAL, C/ 2 GAVETEIROS LATERAIS DE 4 GAVETAS E 1 GAVETA CENTRAL.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13303	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA ESTILO COLONIAL, C/ 2 GAVETEIROS LATERAIS DE 4 GAVETAS E 1 GAVETA CENTRAL.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13307	MESA LATERAL	ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13308	MESA DE CENTRO	ANTIGA; FORMATO RETANGULAR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13310	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13316	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13321	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13322	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13323	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13324	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13325	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13326	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13327	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13328	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

13329	CADEIRA FIXA	ENCOSTO EM PALHINHA ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA SHIRLEY GILDENE	R\$ 0,01
13330	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	BRITO CAVALCANTE VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13331	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13332	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA SHIRLEY GILDENE	R\$ 0,01
13333	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	BRITO CAVALCANTE VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13334	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13335	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13336	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13337	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13338	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13339	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13340	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13341	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
13342	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

13343	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13344	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13345	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13346	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13347	SOFÁ DE 1 LUGAR	ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
13348	SOFÁ DE 1 LUGAR	ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
13349	SOFÁ DE 1 LUGAR	ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
13353	CALCULADORA DE MESA	ANTIGA; ACOPLADA À MESA DE FERRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
13356	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
13357	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
13360	BANDEIRA DO BRASIL	TRABALHADA EM SEDA PURA, ESTRELAS C/ PEDRAS BRANCAS NO CENTRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13446	CADEIRA FIXA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13854	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13946	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA MAGNOLIA, C/ 1 GAVETEIRO DE 2 GAVETAS, C/ PAINEL FRONTAL RECUADO E PAINÉIS LATERAIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

13978	CADEIRA FIXA	TIPO POLTRONA; EM COURO; ESTRUTURA CROMADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13979	CADEIRA FIXA	TIPO POLTRONA; EM COURO; ESTRUTURA CROMADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14050	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA; CORREÇÃO AUTOMÁTICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14193	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14194	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14222	MESA DE APOIO	KART, C/ 01 GAVETA PEQUENA E GAVETAO, C/ RODIZIOS E PAINEL REVESTIDO EM VINIL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14315	CADEIRA GIRATÓRIA	ESPALDAR MEDIO EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14316	CADEIRA GIRATÓRIA	ESPALDAR MEDIO EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14396	MESA DE APOIO	JACARANDA DA BAHIA, C/ 01 GAVETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14608	TELEVISOR EM CORES	20 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15042	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA CEREJEIRA, C/ 5 GAVETAS, TAMPO DE COURO PIROGRAVADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15079	MESA LATERAL	EM MADEIRA; CEREJEIRA ENCERADA, QUADRADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15279	TELEFONE DIGITAL	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15805	MÁQUINA DE ESCREVER	MANUAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01



15806	BALANÇA DE PRECISÃO	DE ALTA PRECISAO; ACOPLADA EM CAIXA DE MADEIRA, C/ PORTA DE VIDRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15936	LEITEIRA EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15937	BULE EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15938	AÇUCAREIRO EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15966	ARMÁRIO PARA REFRIGERADOR	EM MADEIRA, P/ FRIGOBAR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
16549	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,28
16594	CALCULADORA DE MESA	IMPRESSORA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,09
16914	APARELHO DE FAX	TRANSCEPTOR PARA FAC-SIMILE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,12
17915	CADEIRA FIXA	EM COURVIM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,86
18020	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3,87
18023	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3,87
18024	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3,87
18025	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3,87
18639	GRAMPEADOR MANUAL	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 10,90
19711	PEÇA	PLACA DE HOMENAGEM DA ESCOLA DE	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

19852	CONDECORATIVA PEÇA CONDECORATIVA	COMANDO DO ESTADO-MAIOR DO EXERCITO MEDALHA DO TRIBUNAL DE CONTAS DA REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAI - IV ASSEMBLEIA DO OLACEFS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
19853	PEÇA CONDECORATIVA	MEDALHA DA CONTROLADORIA GERAL DA REPUBLICA DO PARAGUAI - IV ASSEMBLEIA DO OLACEFS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
20032	MICROCOMPUTADO R PORTÁTIL	NOTEBOOK, 486	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5.002,57
20360	IMPRESSORA LASER	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.831,00
20718	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.380,00
20789	ARMÁRIO PARA ARQUIVOS	EM AÇO; 4 GAVETAS; TAMANHO OFÍCIO; COM SUPORTE PARA PASTAS SUSPENSAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 253,00
22242	UMIDIFICADOR DE AR	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 168,00
22348	MICROCOMPUTADO R DE MESA	486; DX4, C/ MONITOR E TECLADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.959,00
22467	IMPRESSORA JATO DE TINTA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 978,00
23706	CADEIRA FIXA	EM COURVIM; ESTRUTURA EM FERRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 31,40
23728	CADEIRA FIXA	EM COURVIM; ESTRUTURA EM FERRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 31,40
24284	TELEFONE DIGITAL	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 287,00
24447	ARMÁRIO PARA	EM MADEIRA; 2 PORTAS; 4	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

24460	EXPEDIENTE SCANNER DE MESA	PRATELEIRAS; MED. 160X80X35CM COLOR PAGE II	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	367,45 R\$
24565	CERTIFICADOR/TEST A DOR DE CABOS	CERTIFICADOR UTP; PENTA SCANNER 2- WAY	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	990,00 R\$
24567	CERTIFICADOR/TEST A DOR DE CABOS	TESTADOR DE CABOS ÓPTICOS; OIS-8 E OIS-10	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	2.850,00 R\$
24703	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1,0 KVA, AVR 1000BI	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	3.100,00 R\$ 45,80
25083	TELEFONE DIGITAL	---	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA ANSELMO LOSCHI	R\$ 128,34
25594	IMPRESSORA JATO DE TINTA	---	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 775,00
25766	MICROCOMPUTADO R PORTÁTIL	NOTEBOOK; C/ TECLADO, MONITOR COLORIDO, MODEM, ETHERNET E MALETA P/ TRANSPORTE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5.738,47
26488	COFRE MECÂNICO	EM AÇO; MED. 120X50X45CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 755,00
26541	REFRIGERADOR COMPACTO	CAPACIDADE P/ 120 LITROS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 324,00
26831	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	---	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 35,00
27050	FAX MODEM	EXTERNO; 33.600 BPS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 203,68
27572	IMPRESSORA JATO DE TINTA	COLORIDA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 9.400,00
27864	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE, EM MADEIRA, ESTRUTURA EM AÇO, C/ TAMPO EM MADEIRA, 03 GAVETAS, MED. 0,41 X 0,50 X 0,54 M	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 198,00

27967	UNIDADE DE FITA DAT	C/ PLACA SCSI-2	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.060,00
28227	IMPRESSORA DE ETIQUETAS	DE CODIGO DE BARRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 975,54
28485	HUB PARA REDE	MINI-HUB; 08 PORTAS, SEM GERENCIAMENTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 86,99
28566	HUB PARA REDE	STACKABLE DE 24 PORTAS GERENCIADO E SEM MODULO DE GERENCIAMENTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.338,00
28714	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
28715	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
28716	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
28733	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
28799	ARMÁRIO PARA	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

	EXPEDIENTE	LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	390,00
28962	CERTIFICADOR/TESTADOR DE CABOS	TESTADOR DE CABOS DE CABEAMENTO UTP	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 101,30
29118	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM; C/ MODULO DE MEMORIA, MONITOR, TECLADO, CD ROOM, CAIXAS DE SOM, MOUSE, CAPAS PLASTICAS E MICROFONE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.825,00
29174	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM; C/ MODULO DE MEMORIA, MONITOR, TECLADO, CD ROOM, CAIXAS DE SOM, MOUSE, CAPAS PLASTICAS E MICROFONE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.825,00
29578	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
29579	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
29592	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
29651	SCANNER DE MESA	, COLORIDO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.487,00

29775	IMPRESSORA LASER	MONOCROMÁTICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.528,00
30090	CONCENTRADOR DE REDE	SISTEMA CONCENTRADOR (SWITCH DE WORKGROUP); 24 PORTAS; PARA WIRING-CLOSET	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.773,63
30135	MESA PARA MICROCOMPUTADOR	C/ SUPORTE PARA TECLADO REBAIXADO, E REGULAGEM DE ALTURA, TAMPO EM MADEIRA AGLOMERADA REVESTIDA DE LAMINADO BRANCO, ESTRUTURA METÁLICA, MED. 100X68X73CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 50,90
30707	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	, ENTRADA 220 VAC, SAÍDA 120 VAC.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
31184	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM III; , C/ MONITOR DE VÍDEO LG DE 15 POLEGADAS, CD-ROM, 02 CAIXAS DE SOM, MOUSE MARCA LOGITECH, TECLADO NBM, SUPORTE P/ MOUSE, MICROFONE, CAPAS, CABOS DE ALIMENTAÇÃO, CABO P/ AUDIO PADRÃO RCA, E CABO P/ REDE.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.650,00
31195	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM III; , C/ MONITOR DE VÍDEO LG DE 15 POLEGADAS, CD-ROM, 02 CAIXAS DE SOM, MOUSE MARCA LOGITECH, TECLADO NBM, SUPORTE P/ MOUSE, MICROFONE, CAPAS, CABOS DE ALIMENTAÇÃO, CABO P/ AUDIO PADRÃO RCA, E CABO P/ REDE.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.650,00
31531	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE; NO TAMANHO DE 0,41 X 0,55 X 0,63 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 268,00
31533	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE; NO TAMANHO DE 0,41 X 0,55 X 0,63 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 268,00
31535	GAVETEIRO PARA	VOLANTE; NO TAMANHO DE 0,41 X	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

31839	ESCRITÓRIO QUADRO DECORATIVO	0,55 X 0,63 M MOLDURA PARA INSERÇÃO DE CARTAZES; NATURAL, FOSCA, VIDRO ANTI- REFLEXO, FUNDO DE DURATEX, TAMANHO INTERNO DE 57 X 73 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	268,00 R\$ 40,00
32088	MESA DE CENTRO	BASE EM MADEIRA ENTALHADA, TAMPO REVESTIDO EM COURO DESENHADO.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
32265	ZIP DRIVE	UNIDADE EXTERNA PARA BACKUP; ZIPE DRIVE, UTILIZA ZIP DIRVE DE 250 MB, COM FONTE DE ALIMENTAÇÃO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 379,00
32402	IMPRESSORA LASER	COM UNIDADE DUPLEX	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.499,00
33173	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33245	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33314	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33321	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33441	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ANSELMO LOSCHI BESSA	R\$ 377,93
33448	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS,	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93

33472	CADEIRA GIRATÓRIA	PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ELISA BRUNO DE ARAÚJO	R\$ 377,93
33615	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	CRESO BALDUINO DA SILVA	R\$ 377,93
33726	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33802	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
33839	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
33981	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
34083	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
34288	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
36508	MESA DE CENTRO	, FORMATO OCTAÉDRICO, TAMPO REVESTIDO EM COURO PIROGRAFADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
37351	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	2 KVA; BIVOLT; COM FILTRO DE LINHA E 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 60,76
37524	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	2 KVA; BIVOLT; COM FILTRO DE LINHA E 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 60,76
37525	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	2 KVA; BIVOLT; COM FILTRO DE LINHA E 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 60,76
37685	MICROCOMPUTADO	PENTIUM III; 933MHZ, COM 128MB DE	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$



	R DE MESA	MEMÓRIA, HD DE 40GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, C/ CAIXAS E MICROFONE EMBUTIDOS, C/ MOUSE E TECLADO	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	3.203,99
38230	IMPRESSORA JATO DE TINTA	POLICROMÁTICA,	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.981,00
38273	ALTO-FALANTE	SEM FIO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.550,00
38280	APARELHO DE FAX	COM CORTE AUTOMÁTICO DE PAPEL, EMISSÃO DE RECIBO, SECRETÁRIA ELETRÔNICA DIGITAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 550,00
38724	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL; NA COR PRETA, SEM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, BASE COM 5 HASTES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 162,35
38767	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL; NA COR PRETA, SEM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, BASE COM 5 HASTES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 162,35
38794	CADEIRA GIRATÓRIA	EM TECIDO, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ESPALDAR ALTO, C/ MECANISMOS A GÁS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 175,00
38963	CADEIRA GIRATÓRIA	EM TECIDO, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ESPALDAR MÉDIO, C/ MECANISMO A GÁS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 169,00
39014	VÍDEO CASSETE	DE 07 CABEÇAS, ESTÉREO, ALIMENTAÇÃO BIVOLT, CONTROLE REMOTO E MANUAL EM PORTUGUÊS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 354,00
39265	MICROCOMPUTADO R DE MESA	PENTIUM III; 933MHZ, COM 128MB DE MEMÓRIA, HD DE 40GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, C/ CAIXAS E MICROFONE EMBUTIDOS, C/ MOUSE E TECLADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.204,00

39412	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM MADEIRA; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; MED. 160X54X75CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 698,00
39426	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM MADEIRA; MED. 90X50X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 410,00
39451	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM MADEIRA; MED. 90X50X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 410,00
39452	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM MADEIRA; MED. 90X50X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 410,00
39527	MESA PARA REUNIÃO	REDONDA; MED. 1,20X0,75M, REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 240,00
39706	MESA PARA REUNIÃO	OVALADA; MED. 3,20X1,20/0,90X0,75M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 750,00
39831	IMPRESSORA LASER	COM UNIDADE DUPLEX,	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.990,00
39979	SCANNER DE MESA	COLORIDO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 682,00
39980	SCANNER DE MESA	COLORIDO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 682,00
40665	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE, REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO, C/ 02 GAVETAS MÉDIAS, 01 GAVETÃO E 04 RODÍZIOS, MED. 400X500X700 MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 208,95
41482	QUADRO MAGNÉTICO	BRANCO, MOLDURA EM ALUMÍNIO, MEDINDO, 1,50 X 1,00 M,	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 124,00
41514	CALCULADORA DE MESA	COM 12 DÍGITOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 143,00
41555	SERVIDOR DE REDE	DE ARQUIVOS EM GABINETE, COM 01 PROCESSADOR PENTIUM III DE 1,4 GHZ, 1 GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40.056,66

		DE MEMÓRIA RAM, 02 UNIDADES DE DISCO RÍGIDO PADRÃO SCSI DE 73 GB CADA, 01 UNIDADE DE FITA DLT DE 40 GB E 03 FONTES DE ALIMENTAÇÃO REDUNDANTES			
41602	MONITOR DE VÍDEO	TIPO CRISTAL LÍQUIDO (LCD); 15 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.917,00
41604	MONITOR DE VÍDEO	TIPO CRISTAL LÍQUIDO (LCD); 15 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.917,00
41629	CADEIRA GIRATÓRIA	EM TECIDO; NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, BASE COM 05 HASTES, TIPO DATILÓGRAFO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 176,70
42140	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM IV; 2 GHZ, COM 256 MB DE MEMÓRIA, HD DE 80 GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, CAIXAS DE SOM, MICROFONE, MOUSE E TECLADO.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.795,00
42173	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM IV; 2 GHZ, COM 256 MB DE MEMÓRIA, HD DE 80 GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, CAIXAS DE SOM, MICROFONE, MOUSE E TECLADO.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.795,00
55004	GRAVADOR DE DVD	, C/ FACE EXTERNA NA COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 144,97
42281	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM IV; 2 GHZ, COM 256 MB DE MEMÓRIA, HD DE 80 GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, CAIXAS DE SOM, MICROFONE, MOUSE E TECLADO.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.795,00
42704	EXTINTOR DE INCÊNDIO	PQS; 6 KG	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40,00
42848	MESA PARA MICROCOMPUTADOR	EM LAMINADO PADRÃO MOGNO; SUPORTE RETRÁTIL PARA TECLADO; MED.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 202,90

42880	MESA PARA ESCRITÓRIO	100X60X73CM MODULAR; EM LAMINADO PADRÃO MOGNO, MED. 190X75X75CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 449,00
42908	APARADOR PARA ESCRITÓRIO	EM LAMINADO PADRÃO MOGNO; MED. 200X58X75CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 660,00
43952	CARIMBADOR/NUME RA DOR	AUTOMÁTICO; COM 6 DÍGITOS, EM AÇO INOX	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 159,00
44069	TELEFONE DIGITAL	COM 15 TECLAS DE FUNÇÕES, DISPLAY AJUSTÁVEL DE CRISTAL LÍQUIDO DE 2 X 20 CARACTERES E VIVA-VOZ	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 800,00
44082	TELEFONE DIGITAL	COM 15 TECLAS DE FUNÇÕES, DISPLAY AJUSTÁVEL DE CRISTAL LÍQUIDO DE 2 X 20 CARACTERES E VIVA-VOZ	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 800,00
44111	TELEFONE DIGITAL	COM 15 TECLAS DE FUNÇÕES, DISPLAY AJUSTÁVEL DE CRISTAL LÍQUIDO DE 2 X 20 CARACTERES E VIVA-VOZ	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 800,00
44211	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE, MEDINDO 400 X 500 X 680 MM, COM ACABAMENTO LAMINADO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 373,00
44478	GRAVADOR DE CD	GRAVAÇÃO 52X, REGRAVAÇÃO 24X E LEITURA DE 52X	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 178,00
44613	TELEFONE ANALÓGICO	MULTIFREQUENCIAL, COM TECLADO DE 18 TECLAS, DECÁDICO, CAMPAINHA ELETRÔNICA COM VOLUME AJUSTÁVEL, NA COR MARFIM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 24,80
45160	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45161	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

		TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	390,00
45162	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45163	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45164	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45165	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45860	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45861	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45862	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45863	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45864	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45865	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45866	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45867	BASE PARA PAINEL	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

45868	EXPOSITOR BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	20MM PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45869	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45870	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45871	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45872	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45873	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45874	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45875	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45876	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45877	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	220,00 R\$
45878	PAINEL EXPOSITOR	PARA EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE PINTURA, MEDINDO 0,70X0,50M, CONFECCIONADO EM MDF E COM ACABAMENTO EM TINTA ACRÍLICA BRANCA METALATEX.	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	221,25 R\$
45887	PAINEL EXPOSITOR	PARA EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE PINTURA, MEDINDO 2,40X1,20M, CONFECCIONADO EM MDF E COM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	271,25 R\$

		ACABAMENTO EM TINTA ACRÍLICA BRANCA METALATEX.			
45889	PAINEL EXPOSITOR	PARA EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE PINTURA, MEDINDO 2,40X1,20M, CONFECCIONADO EM MDF E COM ACABAMENTO EM TINTA ACRÍLICA BRANCA METALATEX.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,25
45890	PAINEL EXPOSITOR	PARA EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE PINTURA, MEDINDO 2,40X1,20M, CONFECCIONADO EM MDF E COM ACABAMENTO EM TINTA ACRÍLICA BRANCA METALATEX.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,25
45946	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	ENTRADA DE 110 E 220 V - BIVOLT, POTÊNCIA DE NO MÍNIMO 1,0 KVA, POSSUI FILTRO DE LINHA, COM QUATRO TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 139,45
46029	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46030	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46031	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46032	LEITEIRA EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46076	PROJETOR MULTIMÍDIA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 7.339,00
46080	PROJETOR MULTIMÍDIA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 7.339,00
46092	PROJETOR	---	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

46094	MULTIMÍDIA MÁQUINA DE ESCREVER	MANUAL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	7.339,00 R\$ 0,01
46095	PEÇA DECORATIVA	TINTEIRO ORNAMENTAL MATA BORRÃO E CINZEIRO EM ALABASTRO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
46284	TELEVISOR EM CORES	LCD; 26", DE ALTA RESOLUÇÃO W-XGA, FORMATO 16:9, ACOMPANHADA DE CAIXAS ACÚSTICAS FRONTAIS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 10.250,00
46285	MODULADOR DE ÁUDIO E VÍDEO	MODULADOR A/V CATV; ALIMENTAÇÃO:110/220V, ACOMPANHA CABO DE ÁUDIO E VÍDEO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 325,00
46288	SEQUENCIAL DE VÍDEO	COM ÁUDIO, COMPOSTO DE 10 CANAIS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 300,00
46290	VÍDEO CASSETE	DE 07 CABEÇAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 390,00
46291	TELEVISOR EM CORES	DE 20", C/ CONTROLE REMOTO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 490,00
46566	ALTO-FALANTE	SEM FIO; C/ RECEPTOR DE FREQUÊNCIA COMPÁTIVEL C/ A REGIÃO CENTRO-OESTE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 1.600,00
46567	ALTO-FALANTE	SEM FIO; C/ RECEPTOR DE FREQUÊNCIA COMPÁTIVEL C/ A REGIÃO CENTRO-OESTE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 1.600,00
46568	ALTO-FALANTE	SEM FIO; C/ RECEPTOR DE FREQUÊNCIA COMPÁTIVEL C/ A REGIÃO CENTRO-OESTE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 1.600,00
47282	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE, MED. 40X50X68CM, EM MDF, NA COR OVO, C/ 2 GAVETAS E 1 GAVETÃO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 362,25
47730	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, TIPO DIGITADOR, ESPALDAR BAIXO, BRAÇOS FIXOS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 234,00
48115	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, TIPO SECRETÁRIA, ESPALDAR MÉDIO, BRAÇOS FIXOS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 380,00



48287	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; ABERTA, MED. 95X200X80CM, NA COR GRAFITE, C/ 6 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 450,00
48289	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; ABERTA, MED. 95X200X80CM, NA COR GRAFITE, C/ 6 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 450,00
48290	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; ABERTA, MED. 95X200X80CM, NA COR GRAFITE, C/ 6 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 450,00
48307	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; , ALTO, MED. 80X50X166CM, NA COR CINZA URANO, C/ 03 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.210,00
48309	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; , ALTO, MED. 80X50X166CM, NA COR CINZA URANO, C/ 03 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.210,00
48314	ARMÁRIO BAIXO	EM AÇO; MÉDIO, MED. 80X50X113,5CM, NA COR CINZA URANO, C/ 02 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 980,00
48315	ARMÁRIO BAIXO	EM AÇO; MÉDIO, MED. 80X50X113,5CM, NA COR CINZA URANO, C/ 02 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 980,00
48316	ARMÁRIO BAIXO	EM AÇO; MÉDIO, MED. 80X50X113,5CM, NA COR CINZA URANO, C/ 02 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 980,00

48318	ARMÁRIO BAIXO	EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO EM AÇO; MED. 80X50X68,9CM; COR CINZA URANO; 1 PRATELEIRA INTERNA AJUSTÁVEL; PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 810,00
48730	TELEFONE ANALÓGICO	MULTIFREQUENCIAL, COM TECLADO DE 15 TECLAS, DECÁDICO, CAMPAINHA ELETRÔNICA COM VOLUME AJUSTÁVEL, NA COR MARFIM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 25,90
49026	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	MICROPROCESSADO, BIVOLT, SAÍDA DE 110V, C/ FILTRO DE LINHA, POTÊNCIA DE 1KVA, C/ 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 108,00
49165	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	MICROPROCESSADO, BIVOLT, SAÍDA DE 110V, C/ FILTRO DE LINHA, POTÊNCIA DE 1KVA, C/ 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 108,00
49907	MICROCOMPUTADOR DE MESA	CELERON; D330 2.6GHZ, COM 256MB DE MEMÓRIA, HD DE 80GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR LCD DE 15 POLEGADAS, 2 CAIXAS DE SOM AMPLIFICADAS, TECLADO ABNT2 E MOUSE ÓPTICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 285,00
50035	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM IV; 2.8GHZ, COM 1GB DE MEMÓRIA, HD DE 80GB, CD-ROM DE 52X, 2 CAIXAS DE SOM AMPLIFICADAS, TECLADO ABNT2 E MOUSE ÓPTICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 285,00
50932	UMIDIFICADOR DE AR	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 195,00
50935	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL ARTISTICO EM ALUMÍNIO DO ARTISTA LUIZ HERMANO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.000,00

50936	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL ARTISTICO NA DIMENSÃO 1,46X2,30M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 14.700,00
50937	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL ARTISTICO MED. 200X200CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 23.618,00
50939	TERMINAL DE AUTOATENDIMENTO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 11.000,00
50941	TERMINAL DE AUTOATENDIMENTO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 11.000,00
50950	BALANÇA PLATAFORMA	TIPO ROMANA DE PESAGEM DE CAFÉ; COM 3 PESOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1,00
51099	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL TUBULAR, CONFECCIONADO EM VOAL COM IMPRESSÃO DO MAPA MUNDI, COM PERFIL DE ALUMÍNIO NA PARTE SUPERIOR E INFERIOR, MED. 2M DE DIÂMETRO X 2,50M DE ALTURA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.800,00
51850	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, COM BRAÇOS, TIPO DATILÓGRAFO, ESPALDAR BAIXO, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 196,29
51924	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, COM BRAÇOS, TIPO DATILÓGRAFO, ESPALDAR BAIXO, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 196,29
51926	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, COM BRAÇOS, TIPO DATILÓGRAFO, ESPALDAR BAIXO, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 196,29
51928	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, COM BRAÇOS, TIPO DATILÓGRAFO, ESPALDAR BAIXO, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 196,29
52025	MESA DE APOIO	MED. 60X60X60CM, COM TAMPO EM MADEIRA REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 140,00
52038	BULE EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
52039	BULE EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

52040	BANDEJA PARA SERVIR	EM PRATA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
52041	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA METÁLICA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
52042	ARMÁRIO BAIXO	EM MDF; BAIXO; MED. 90X75X50CM; COR BRANCA; 2 PORTAS; 1 PRATELEIRA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 303,39
52057	ARMÁRIO A VERIFICAR	EM MDF, SUSPENSO, MED. 140X49X60CM, REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR BRANCA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 649,99
52058	ARMÁRIO BAIXO	EM MDF, , COM RODINHAS, MED. 109X50X74CM, REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR BRANCA, C/ 2 PORTAS DE CORRER E TAMPO DE VIDRO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 619,99
52059	RACK PARA TV E VÍDEO	PARA EQUIPAMENTOS COM RODINHAS, MED. 80X48X142CM, REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR BRANCA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 649,90
52408	SUPORTE PARA MONITOR	EM MADEIRA; COR OVO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 37,99
52618	MESA PARA MICROCOMPUTADOR	COR BRANCA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 319,00
52712	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 3.150,00
52713	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 3.150,00
52722	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 3.150,00
52726	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 3.150,00

52727	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.150,00
52779	SUORTE PARA TV	DE PLASMA 42"	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 97,11
52817	LENTE PARA CÂMERA FOTOGRÁFICA	NIKON D50, TIPO 28-80MM F/3.5-5.6G, AUTOFOCUS NIKKOR ZOOM PRETA, FILTRO DE 28MM, DISTÂNCIA FOCAL MÍNIMA DE 33CM, CONTROLE DE IMAGEM ZOOM DOIS TOQUES, ÂNGULOS DE VISÃO DE 30 GRAUS.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 490,00
53712	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AÇO; 80X50X166CM, COR CINZA URANO, COM 3(TRÊS) PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.379,00
53714	ARMÁRIO BAIXO	EM AÇO; BAIXO, MED. 80X50X68,9CM, COR CINZA URANO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 849,00
54099	IMPRESSORA JATO DE TINTA	DE MESA; POLICROMÁTICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.070,00
54281	CONDICIONADOR DE AR	SPLIT; 30000 BTU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.353,01
54283	PEÇA DECORATIVA	ESCULTURA EM BRONZE; (ESTATUETA DE RUI BARBOSA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	DANTE MIGUEL FARAGE	R\$ 5.761,35
54284	PEÇA DECORATIVA	CRUCIFIXO EM BRONZE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 640,15
54285	PEÇA DECORATIVA	TINTEIRO EM BRONZE E ALABASTRO EM FORMA DE ÁGUIA, COM CINZEIRO E MATA-BORRÃO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 11.202,63
54286	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL ARTISTICO, COMPOSTO DE 09 UNIDADES DE CUBOS DE MADEIRA LAQUEADA REVESTIDOS COM ESPELHOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 9.499,83
54287	MESA A VERIFICAR	DIX QUADRADA COM TAMPO DE VIDRO TEMPERADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 572,29

54288	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54289	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54290	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54291	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54292	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54293	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,39
54294	LIVING RECAMIER	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 672,16
54296	PORTA-GUARDA- CHUVA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 125,47
54648	CÂMERA FOTOGRAFICA	DIGITAL DE 6.24 MEGAPIXELS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.678,00
54708	PROJETOR MULTIMÍDIA	MED. 295X78X238MM, C/ CONTROLE REMOTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.842,00
54731	CONDICIONADOR DE AR	PORTÁTIL; 12.000 BTUS, 220V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.124,62
54893	APARELHO DE FAX	TIPO PAPEL IMPRESSÃO A4/FILME	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 498,00
55255	MESA A VERIFICAR	PARA STILL COM CHAPA DE ACRILICO BRANCO TRANSLUCIDO, 4 BRAÇOS ARTICULAVEIS, 4 ILUMINADORES HALÓGENOS PARA 2 LAMPADAS PALITO DE 200W	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.466,60
55816	TELEFONE DIGITAL	DISPLAY DE CRISTAL LÍQUIDO E VIVA	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

55991	MAPOTECA PARA ESCRITÓRIO	VOZ EM ACO; MED. 120X80X114CM, COM 10 GAVETAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	496,90 R\$
55992	MESA LATERAL	DE APOIO, PARA SECRETÁRIA, EM IMBUÍA ESCURECIDA COM BORDAS TALHADAS. MED. 1,05 X 0,55 X 0,75 M	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	1.800,00 R\$
55997	SUPORTE PARA PROJETOR	KM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	139,00 R\$
55998	SUPORTE PARA PROJETOR	KM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	139,00 R\$
56016	TRIPÉ A VERIFICAR	PARA MÁQUINA FOTOGRÁFICA, PROFISSIONAL, EM ALUMÍNIO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	460,00 R\$
56031	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	623,43 R\$
56032	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	623,43 R\$
56033	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	623,43 R\$
56034	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	623,43 R\$
56035	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	623,43 R\$
56037	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	623,43 R\$

56038	CAIXA A VERIFICAR	COR TRASPARENTE CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43
56039	CAIXA A VERIFICAR	COR TRASPARENTE CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43
56096	FURADEIRA ELÉTRICA	DE IMPACTO; 3/8, duas velocidades	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 159,00
56151	FLASH ELETRÔNICO	PARA MÁQUINA FOTOGRÁFICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.160,00
56512	MEDIDOR TERMOHIGRÓGRAFO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.500,00
56513	DESUMIDIFICADOR DE AR	PARA GRANDES AMBIENTES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.600,00
56708	APARELHO DE DVD	PLAYER REPRODUÇÃO: CD, CD-R, CD- RW, DVD, DVD-R, DVD-RW, VCD; PADRÃO COR PAL-M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,00
56709	APARELHO DE DVD	PLAYER REPRODUÇÃO: CD, CD-R, CD- RW, DVD, DVD-R, DVD-RW, VCD; PADRÃO COR PAL-M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,00
56710	APARELHO DE DVD	PLAYER REPRODUÇÃO: CD, CD-R, CD- RW, DVD, DVD-R, DVD-RW, VCD; PADRÃO COR PAL-M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,00
56842	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	POTÊNCIA DE 2000 VA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 204,54
56909	CARRINHO DE SERVIÇO	TRANSPORTE TIPO ARMAZÉM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 290,00
56910	ESCADA PARA	EM ALUMÍNIO; ALTA; TIPO DOMÉSTICA;	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$



57171	SERVIÇO PORTA-CHAVES	DOBRÁVEL; MED. 220CM; CARGA DE 100KG COM 60 CHAVES, COM CHAVEIROS E SUPORTES NUMERADOS.	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	115,00 R\$
57632	SUPORTE PARA MONITOR	PARA MONITOR EM LAMINADO MELAMÍNICO COR OVO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	219,62 R\$ 21,20
58207	TELEFONE DIGITAL	Compatível com a central telefonica CPCT modelo MD-110- com viva voz-, mute, identificador do nº chamado, teclas progressíveis, transf. de chamada, acesso p/ segunda linha e controle de volume, tomada tipo RJ-11	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 398,08
58285	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, PRETO, COM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, TIPO DIGITADOR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 146,95
58602	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, PRETO, COM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, TIPO DIGITADOR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 146,95
58765	MESA A VERIFICAR	EM AÇO; Med. 1.30x0.75x0.75m, base em tubo de aço cromado, tampo em vidro cristal temperado	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 972,00
58768	CARRINHO DE SERVIÇO	EM CHAPA DE AÇO; 3 PRATELEIRAS; 2 RODÍZIOS FIXOS E 2 GIRATÓRIOS; MED. 90X60X80CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 267,00
58783	SUPORTE A VERIFICAR	SUPORTE PRISMÁTICO EM MDF, MEDINDO 1,20X0,90X2,10, COM PORTA E FECHADURA PARA COLOCAÇÃO DE TOGA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.414,16
58784	SUPORTE A VERIFICAR	CÚBICO, EM MDF, COM 18MM DE ESPESSURA, MEDINDO 0,80MX0,80MX1,90M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.493,12
58785	SUPORTE A VERIFICAR	CÚBICO, EM MDF, COM 18MM DE ESPESSURA, MEDINDO 0,80MX0,80MX1,90M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.493,12
58786	SUPORTE A	SUPORTE PRISMÁTICO EM MDF, COM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

	VERIFICAR	18MM DE ESPESSURA, MEDINDO 0,90MX0,70MX0,90M	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	1.196,05
58792	SUPORTE A VERIFICAR	PARA BANDEIRA; EM MDF, COM 18MM DE ESPESSURA, MEDINDO 2,00MX1,50M.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 642,76
58795	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X20X20CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,10
58796	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X20X20CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,10
58797	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X20X20CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,10
58798	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X30X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,00
58799	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X30X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,00
58800	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X30X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,00
58801	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X30X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,00
58802	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 15X50X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 236,78
58803	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 15X50X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 236,78
58804	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 10X40X40CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 299,16
58805	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 10X40X40CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 299,16
58807	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 10X40X40CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 299,16
58808	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED.	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

58809	APOIO PARA LEITURA	10X40X20CM PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 10X40X20CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	261,77 R\$
58812	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	DOTADO DE APARADOR PORTA LIVRO DE VISITAS EM MDF COM 18MM DE ESPESSURA, SEMI-BRILHO EM TODA SUA SUPERFÍCIE.	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	261,77 R\$ 1.139,97
58813	PEÇA DECORATIVA	PÓRTICO - RÉPLICA DE ENTRADA PRINCIPAL DO TCU RJ CONSTRUÍDO EM MADEIRA IMBUÍDA, ENTALHADA E EM RESINA.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.894,01
58814	TABLADO A DEFINIR	EM MDF COM 18MM DE ESPESSURA PARA APOIO DAS POLTRONAS E MESA DO PRESIDENTE.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.078,02
58850	SUPORTE PARA TV	DE PLASMA 42	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 920,00
59862	MICROCOMPUTADO R DE MESA	COM ASSISTÊNCIA TÉCNICA ON SITE POR 36 MESES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 815,00
55017	GRAVADOR DE DVD	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 430,00
8	GRAVADOR DE CD	52X32X32, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 118,00
55018	GRAVADOR DE CD	52X32X32, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 118,00
0	GRAVADOR DE CD	52X32X32, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 118,00
60385	SCANNER DE MESA	DIGITAL DE DOCUMENTOS, AUTOMÁTICO, COLORIDO, COM TECNOLOGIA CCD(CHARGE COUPLED DEVICE) MOD. S 510, RESOLUÇÃO 300DPI PONTOS POR POLEGADA, MODO NORMAL MONO, 18 PÁG. POR MINUTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	CRESO BALDUINO DA SILVA	R\$ 1.260,00
60663	QUADRO DECORATIVO	MED 62 X 47, COM MOLDURA 7000- 152, BISO 16150276, VIDRO ANTE-REFLEX E FUNDO FOAN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 246,00

60727	MESA PARA REUNIÃO	REDONDA; tipo I, tampo de 70cm em laminado melamínico cor ovo, base em aço pintada na cor ovo	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 248,16
61238	SUPORTE PARA TV	DE SUTENTAÇÃO DE TV DE PLASMA 42" - COM ABRIGO PARA COMPUTADOR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 850,00
61239	SUPORTE PARA TV	DE SUTENTAÇÃO DE TV DE PLASMA 42" COM ABRIGO PARA COMPUTADOR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 850,00
61405	TELEFONE DIGITAL	EQUIPADOS COM DISPLAY FIXO COM 2 LINHAS E 20 CARACTERES, VIVA VOZ	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 384,23
61514	LUXÍMETRO DIGITAL	200.000 LUX	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 233,00
61515	SUPORTE PARA TV	SUPORTE PARA TV / DE PLASMA E SUPORTE PARA COMPUTADOR NA PARTE INFERIOR DO MESMO, PINTURA NA COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 850,00
61516	SUPORTE PARA TV	SUPORTE PARA TV / DE PLASMA E SUPORTE PARA COMPUTADOR NA PARTE INFERIOR DO MESMO, PINTURA NA COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 850,00
61550	CACHEPÔ DECORATIVO	PARA VASO DE PLANTA ORNAMENTAL; MED. 100X45X45CM; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO PADRÃO CHOCOLATE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 255,41
61555	CACHEPÔ DECORATIVO	PARA VASO DE PLANTA ORNAMENTAL; MED. 100X45X45CM; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO PADRÃO CHOCOLATE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 255,41
61752	CIRCULADOR DE AR	45CM DE DIÂMETRO; 3 VELOCIDADES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 185,00
62550	TELEFONE ANALÓGICO	MODO DE CHAMADA TOM, TEMPO FLASH 100 MS, 5 POSIÇÕES DE MEMÓRIA, FUNÇÕES MUTE, REDIAL E VIVA-VOZ, DISPLAY PARA BINA, AJUSTE DE VOLUME	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 55,00

63229	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM ENCOSTO PARA OS BRAÇOS, ESPALDAR MÉDIO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 317,70
64786	CADEIRA GIRATÓRIA	ERGONÔMICA SEATWELL, EM TECIDO, COM BRAÇOS, APOIO LOMBAR, ESPALDAR MÉDIO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.610,00
65190	MICROCOMPUTADOR DE MESA	Teclado em Portugues, Mouse Óptico	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.669,00
65265	MICROCOMPUTADOR DE MESA	Teclado em Portugues, Mouse Óptico	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.669,00
65469	MONITOR DE VÍDEO	Video Color LCD 17" Preto	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 371,00
65478	MONITOR DE VÍDEO	Video Color LCD 17" Preto	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 371,00
67391	TELEFONE ANALÓGICO	COR BRANCA, FUNÇÃO REDISCAGEM, FUNÇÃO FLASH COM TEMPO DE FLASH DE 100MS, FUNÇÃO PAUSA, FUNÇÃO MUDO, SELEÇÃO TONE/PULSE, CONTROLE DO VOLUME DA CAMPAINHA, BASE ANTIDERRAPANTE, TOMADA TIPO RJ-11, HOMOLOGAÇÃO PELA ANATEL, FUNCIONAMENTO COM ALIMENTAÇÃO A PARTIR DA REDE TELEFÔNICA(VEDADO O FUNCIONAMENTO ATRAVÉS DE LIGAÇÃO NA REDE ELÉTRICA)	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 16,93
67703	MICROCOMPUTADOR DE MESA	INTEL CORE 2 DUO, 2,93 GHZ, TELA DE 24 POLEGADAS, 4GB DE RAM, HD 640GB, TECLADO E MOUSE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5.455,00
67710	ARMÁRIO A VERIFICAR	EM MDF; VOLANTE; BRANCO; MED. 100X45X75CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	R\$ 900,00
67711	ARMÁRIO A	EM MDF; VOLANTE; BRANCO; MED.	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

67712	VERIFICAR MESA PARA MICROCOMPUTADOR	100X45X75CM APOIO EM L, MDF, BRANCO, TUBO METÁLICO CROMADO, MED. 120X45 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	900,00 R\$
67713	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	MDF, BRANCO, COM RODÍZIOS, 2 PORTAS, MED. 100X45X50 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	1.100,00 R\$
67714	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 415X50CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	650,00 R\$
67715	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	800,00 R\$
67716	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
67717	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
67718	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
67719	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
67720	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
67721	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
67722	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
67723	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X45 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
67724	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X45 CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
67725	PAINEL A VERIFICAR	EM MDF; BRANCO, FRISOS NA COR ALUMÍNIO, MED. 285X120CM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	200,00 R\$
			MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	1.500,00

68843	CARRINHO DE SERVIÇO	PARA PROCESSOS; EM CHAPA DE AÇO; 3 PRATELEIRAS; 2 RODÍZIOS FIXOS E 2 GIRATÓRIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 311,84
68896	CÂMERA FOTOGRÁFICA	COM LENTE DX 18-55mm, sem acessórios, inclusive bateria e carregador de bateria	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.122,00
68897	MP4 PLAYER	IPOD 16GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 631,80
69982	IMPRESSORA LASER	MONOCROMÁTICA, DE MESA, 30 PPM, 110V, COM TRANSFORMADOR PARA 220V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.065,00
70185	LOUSA INTERATIVA	"SMART BOARD", TELA DE 48", RESOLUÇÃO DE 4000X4000 PIXELS, CABO E CONEXÃO USB, SEM NECESSIDADE DE ALIMENTAÇÃO ELÉTRICA, BANDEJA COM APAGADOR E 4(QUATRO) CANETAS COLORIDAS, TELA SENSÍVEL AO TOQUE.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.950,00
72591	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 402,90
72982	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	R\$ 402,90
73004	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 402,90
73031	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 402,90
73230	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 402,90
73287	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 402,90
73446	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

73557	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	402,90 R\$
73959	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	402,90 R\$
74884	MONITOR DE VÍDEO	17"	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	402,90 R\$
76606	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	255,00 R\$ 67,50
76616	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 67,50
76617	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 67,50
76638	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 67,50
76650	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA ELISA BRUNO DE ARAÚJO	R\$ 67,50
76674	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 67,50
76675	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 67,50
76676	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 67,50
76686	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 67,50
76687	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 67,50
76771	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 67,50



76848	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 67,50
76865	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 67,50
76866	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ELISA BRUNO DE ARAÚJO	R\$ 67,50
76867	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 67,50
76869	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 67,50
78474	MICROCOMPUTADO R DE MESA	AMD PHENOM II 3GHZ, 4GB DE RAM, HD DE 250GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.549,00
78535	MICROCOMPUTADO R DE MESA	AMD PHENOM II 3GHZ, 4GB DE RAM, HD DE 250GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.549,00
78536	MICROCOMPUTADO R DE MESA	AMD PHENOM II 3GHZ, 4GB DE RAM, HD DE 250GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.549,00
78574	MICROCOMPUTADO R DE MESA	AMD PHENOM II 3GHZ, 4GB DE RAM, HD DE 250GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ELISA BRUNO DE ARAÚJO	R\$ 1.549,00
78575	MICROCOMPUTADO R DE MESA	AMD PHENOM II 3GHZ, 4GB DE RAM, HD DE 250GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.549,00
79221	MEDIDOR PAQUÍMETRO	DIGITAL, MARCA MITUTOYO, MODELO REF - 500-144B	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 490,00
80061	REFRIGERADOR COMPACTO	TIPO FRIGOBAR, 120 LITROS, BRANCO, 220V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 600,00
80424	SCANNER DE MESA	MARCA KODAK, MODELO i2600, DUPLEX, 50PPM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.780,00
82303	REFRIGERADOR COMPACTO	TIPO FRIGOBAR, 120 LITROS, BRANCO, 220V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 600,00
82449	IMPRESSORA LASER	POLICROMÁTICA, COMPATÍVEL COM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

		OS SISTEMAS OPERACIONAIS MICROSOFT WINDOWS XP, WINDOWS 7 E WINDOWS SERVER 2003.	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	878,00
83076	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ANSELMO LOSCHI BESSA	R\$ 1.358,40
83077	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.358,40
83081	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.358,40
83083	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.358,40
83086	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.358,40
83144	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.358,40
83852	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00
83853	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00
83854	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ANSELMO LOSCHI BESSA	R\$ 326,00
83884	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ANSELMO LOSCHI BESSA	R\$ 326,00
83885	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00
83886	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00
84167	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00

85594	SCANNER DE MESA	MESA DIGITALIZADORA - A3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.925,00
85595	SCANNER DE MESA	MESA DIGITALIZADORA - A3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.925,00
85783	SCANNER DE MESA	KODAK I2600	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.240,00
86193	TELEFONE ANALÓGICO		VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 49,99
86316	TELEFONE ANALÓGICO		VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 49,99
86677	QUADRO DECORATIVO	MOLDURA EM MADEIRA PARA OBRA DE PINTURA SOBRE TELA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 560,00
86754	ARMÁRIO A VERIFICAR	MALA EM MDF, COM GAVETAS E RODINHAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.000,00
86755	MESA A VERIFICAR	EM COMPENSADO, TIPO NICHOS.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 100,00
86756	MESA A VERIFICAR	EM COMPENSADO, TIPO NICHOS.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 100,00
86757	MESA A VERIFICAR	EM COMPENSADO, TIPO NICHOS.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 100,00
86758	MESA A VERIFICAR	EM COMPENSADO, TIPO NICHOS.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 100,00
86759	MESA A VERIFICAR	EM MDF BRANCO, TIPO ESCRIVANINHA.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 150,00
86790	MICROCOMPUTADO R DE MESA	PROCESSADOR INTEL CORE I7-3770, 8 GB DE MEMÓRIA RAM 1600 MHZ, 4 SLOTS DE MEMÓRIA.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.203,21
86917	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

87630	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	360,79 R\$
87642	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	360,79 R\$
87643	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	360,79 R\$
88846	CARRINHO DE SERVIÇO	MULTIUSO; DOBRÁVEL; 4 QUATRO RODAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	360,79 R\$
88907	DISCO RÍGIDO EXTERNO	1TB; 3.0 USB	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	399,00 R\$
88908	DISCO RÍGIDO EXTERNO	1TB; 3.0 USB	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	316,45 R\$
88909	MESA DIGITALIZADORA	MARCA WACOM MODELO INTUOS5	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	316,45 R\$
88910	MESA DIGITALIZADORA	MARCA WACOM MODELO INTUOS5	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	1.299,00 R\$
88911	MESA DIGITALIZADORA	MARCA WACOM MODELO INTUOS5	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	1.299,00 R\$
88912	MESA DIGITALIZADORA	MARCA WACOM MODELO INTUOS5	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	1.299,00 R\$
89382	PROJETOR MULTIMÍDIA	EPSON POWERLITE 905, COM GARANTIA ON SITE POR 36 MESES.	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	1.299,00 R\$
89591	IMPRESSORA LASER	MONOCROMÁTICA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	2.125,00 R\$
89592	IMPRESSORA LASER	MONOCROMÁTICA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	690,00 R\$
92917	MICROCOMPUTADO R DE MESA	INFOWAY ST 4265	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	690,00 R\$
			MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	2.230,00

92919	MICROCOMPUTADOR DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.230,00
92936	MICROCOMPUTADOR DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.230,00
92954	MICROCOMPUTADOR DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.230,00
92955	MICROCOMPUTADOR DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.230,00
92957	MICROCOMPUTADOR DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.230,00
92958	MICROCOMPUTADOR DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.230,00
93821	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; 2 PORTAS; TIPO 2	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.016,24
94004	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; RECEPÇÃO COM BIOMBO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5.402,78
94349	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; 2 PORTAS; TIPO 2	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.016,24
94352	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	SEM COMPLEMENTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 916,34
94353	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	SEM COMPLEMENTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 916,34
94361	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; RECEPÇÃO COM BIOMBO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5.402,78
94578	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; RECEPÇÃO COM BIOMBO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5.402,78
94579	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; RECEPÇÃO COM BIOMBO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5.402,78
94583	GAVETEIRO PARA	SEM COMPLEMENTO	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$

94595	ESCRITÓRIO ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	916,34 R\$
95267	MONITOR DE VÍDEO	VIDEO COLOR LCD-LED 20	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	1.694,09 R\$
95273	MONITOR DE VÍDEO	VIDEO COLOR LCD-LED 20	MACHADO VIVIAN ROCHAEL	MACHADO VIVIAN ROCHAEL	350,00 R\$
95274	MONITOR DE VÍDEO	VIDEO COLOR LCD-LED 20	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	350,00 R\$
95488	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	350,00 R\$
95489	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	13.302,55 R\$
95490	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	13.302,55 R\$
95491	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	13.302,55 R\$
95492	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	13.302,55 R\$
95493	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	13.302,55 R\$
95509	MESA PARA REUNIÃO	REDONDA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	13.302,55 R\$
95511	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; COM ARMÁRIO; TIPO 1	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	1.806,75 R\$
95512	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; COM ARMÁRIO; TIPO 2	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	6.651,28 R\$
95537	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	6.806,64 R\$
			MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	1.694,09

95538	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.694,09
95539	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.694,09
95644	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.816,45
95645	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.816,41
95646	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.816,41
95647	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.816,41
95648	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.816,41
95649	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.816,41
95650	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.816,41
95653	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.694,10
95654	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	R\$ 1.694,09
95655	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.694,09
97749	TELEFONE DIGITAL	MARCA AASTRA, MODELO DIALOG 4222	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 655,00
18018	IMPRESSORA LASER	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 795,00
2 18055	QUADRO	MOLDURA PARA INSERÇÃO DE	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 39,00

2	DECORATIVO	CARTAZES; 30CMX41CM	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18055	QUADRO	MOLDURA PARA INSERÇÃO DE	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 39,00
3	DECORATIVO	CARTAZES; 30CMX41CM	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18055	QUADRO	MOLDURA PARA INSERÇÃO DE	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 62,00
4	DECORATIVO	CARTAZES 42CM X 59,05 CM	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18060	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
2	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18060	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
3	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18060	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
4	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18060	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
5	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18060	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
6	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18060	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
7	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18060	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 50 X 30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 55,00
8	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18060	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 50 X 30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 55,00
9	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18061	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 50 X 30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 55,00
0	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18061	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 50 X 30 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 55,00
1	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18061	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$
4	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	500,00
18061	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$
5	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	500,00



18061 6	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 500,00
18061 7	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 500,00
18061 8	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 500,00
18061 9	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 500,00
18062 0	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	R\$ 500,00
18062 1	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 500,00
18062 2	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 500,00
18062 3	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 500,00
18062 4	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18062 5	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18062 6	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18062 7	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18062 8	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18062 9	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00

0	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
1	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
2	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
3	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
4	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
5	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
6	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
7	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
8	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18063	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
9	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18064	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
0	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18064	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
1	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18064	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
2	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18064	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
3	AUDITÓRIO		MACHADO	MACHADO	
18064	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 5,00
4	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	

18064 5	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18064 6	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18064 7	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18064 8	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18064 9	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18065 0	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18065 1	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18065 2	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18065 3	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5,00
18065 4	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40,00
18065 5	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40,00
18065 6	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40,00
18065 7	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40,00
18065 8	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40,00
18065	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00

9	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18066	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO 50 X 20 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
0	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18066	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO 50 X 20 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
1	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18066	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO 50 X 20 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
2	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18066	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO 50 X 20 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
3	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18066	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO 50 X 20 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
4	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18066	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO 50 X 20 CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 40,00
5	AUDITÓRIO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18067	PEÇA DECORATIVA	BUSTO MASCULINO, BRANCO	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 82,00
0			MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
18067	PEDESTAL DE	CROMADO REGULAVAL	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$
1	SINALIZAÇÃO		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	111,00
18067	PERSIANA A	CORTINA EM TECIDO GORGURINHO;	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$
4	VERIFICAR	MED. 735X300CM	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	706,00
18067	PERSIANA A	CORTINA EM TECIDO GORGURINHO;	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$
5	VERIFICAR	MED; 235X407CM	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	261,00
18067	IMPRESSORA	PARA MUSEU	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
7	MATRICIAL		MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
20941	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
1			MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
20941	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
2			MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
21267	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4			MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	

21315 4	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
21315 5	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
21535 0	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
21535 3	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
21969 9	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 116,10
22535 3	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
22575 8	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
23546 9	LIVRO DO ACERVO	ESTÉTICA FOTOGRÁFICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 92,00
23813 8	LIVRO DO ACERVO	MARKETING CULTURAL E FINANCIAMENTO DA CULTURA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 71,92
23843 5	LIVRO DO ACERVO	ECONOMIA DA CULTURA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 56,89
25003 6	GRAMPEADOR MANUAL	PEÇA DECORATIVA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
25003 7	CALCULADORA DE MESA	ANTIGA; MANUAL; EM FERRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	DANTE MIGUEL FARAGE	R\$ 0,01
25006 6	CALCULADORA DE MESA	ANTIGA; MANUAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
27003 9	CADEIRA GIRATÓRIA	REVESTIMENTO EM COURO, RECLINAVEL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
31017	CADEIRA OU SOFÁ A	POLTRONA FIXA ; ESPALDAR ALTO; EM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

6	VERIFICAR	MADEIRA DE LEI TRABALHADA, C/ ASSENTO E ENCOSTO ALMOFADADOS	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
310178	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	POLTRONA FIXA ; ESPALDAR ALTO; EM MADEIRA DE LEI TRABALHADA, C/ ASSENTO E ENCOSTO ALMOFADADOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
310192	APARADOR PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA TRABALHADA; MED 80X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
310193	APARADOR PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA TRABALHADA; MED 80X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	SHIRLEY GILDENE BRITO CAVALCANTE	R\$ 0,01
370210	MESA DE APOIO	MESA PARA TELEFONE EM MADEIRA; C/ 1 GAVETA E PRATELEIRA, MED. 0,82 X 0,45 X 0,65 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
370211	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA DE LEI, TAMPO APOIADO EM 2 PECAS TORNEADAS, MED. 0,51 X 0,37 X 0,46 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
370220	RELÓGIO DE PAREDE	TIPO PENDULO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
370221	CALCULADORA DE MESA	ANTIGA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
370243	ESTANTE NÃO VAZADA	EM MADEIRA; ESTILO COLONIAL, BORDAS TORNEADAS, C/ GAVETEIROS LATERAL E UM GAVETAO CENTRAL, MED. 1,61 X 0,41 X 1,60 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
370244	TELEFONE DIGITAL	NA COR PRETA, ESTILO ANTIGO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
370246	PORTA-CHAPÉU	EM MADEIRA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
450045	CABIDEIRO PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA; C/ ESPELHO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

46000 1	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA DE LEI, C/ 2 GAVETEIROS DE 2 GAVETAS, 1 GAVETA CENTRAL, MED. 1,70 X 0,90 X 0,75 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
55136 0	MEMÓRIA PARA MICROCOMPUTADOR	2GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 65,74
55137 1	MEMÓRIA PARA MICROCOMPUTADOR	2GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 65,74
73	CADEIRA FIXA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
475	ESTANTE NÃO VAZADA	TIPO ARMÁRIO; AÇO; PORTAS DE VIDRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
905	MÁQUINA DE ESCREVER	MECÂNICA; TIPO PAICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
962	CADEIRA GIRATÓRIA	C/ 5 RODIZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
1931	CADEIRA GIRATÓRIA	C/ 4 RODIZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
2060	MESA DE APOIO	EM MADEIRA PAU-FERRO, C/ 2 GAVETAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
2277	MÁQUINA DE ESCREVER	MECÂNICA; CARRO PEQUENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3788	MÁQUINA DE ESCREVER	MECÂNICA; CARRO PEQUENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3793	MÁQUINA DE ESCREVER	MECÂNICA; CARRO PEQUENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3895	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	POLTRONA HILLE, CONCHA, C/	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3913	CÂMERA FOTOGRAFICA	P/ FILME ROLLEYFLEX, F, LENTE PLANART	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

3940	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/MOLDURA JEAN FRANCOIS MILLET (1814/4) LA BRUCIATRICA D ERBA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
3942	QUADRO DECORATIVO	FORMATO A, MED. 25,5X31CM, C/ MOLDURA, ALMECARI PIZZI- MAESTRI DELLATRAVA LAZZA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4257	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/ MOLDURA, JEAN FRANCOIS MILLET - LA BRUCIATRICE D ERBA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4539	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA EM ACO CROMADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4541	CADEIRA FIXA	APOIO EM MADEIRA; ESPALDAR ESTOFADO COM ESPUMA; COM PROTEÇÃO PVC; ESTRUTURA METAL PINTADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4553	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4670	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	ELETRONICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,02
4749	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4944	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4945	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4946	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4947	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
4948	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL;	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01



4949	PEÇA DECORATIVA	EM METAL DOURADO CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4950	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4951	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4952	PEÇA DECORATIVA	CINZEIRO ANTIGO ESTILO COLONIAL; EM METAL DOURADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
4965	RELÓGIO DE PAREDE	---	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
5011	PORTA-RETRATO	EM MADEIRA DE LEI, C/ RETRATO DE RUI BARBOSA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
5100	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA PAU-FERRO, PAINEL REVESTIDO EM VINIL, C/ GAVETEIRO DE 3 GAVETAS, MED. 1,40 X 0,80 X 0,75 M	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
5521	TELEFONE DIGITAL	---	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
5970	MÁQUINA IMPRESSORA ALTO- RELEVO		MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
6118	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/ MOLDURA - P. AUGUSTE RENOIR	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
6119	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/ MOLDURA - P. AUGUSTE RENOIR	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
6120	QUADRO DECORATIVO	FORMATO G, MED. 40 X 50 CM, C/ MOLDURA, JEAN BAPTISTA CHARDIN (1699- 1779)	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
6179	QUADRO	FORMATO H, MED. 50 X 70 CM, C/	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

	DECORATIVO	MOLDURA, WILLIAN J.M. TURNER - II CANAL GRANDE - NE W YORK	MACHADO PIMENTA	MACHADO PIMENTA	
6180	QUADRO DECORATIVO	FORMATO H, MED. 60 X 100 CM, C/ MOLDURA, MICHELLI LACELLA, SAN FRANCISCO II PONTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6356	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	ELETRONICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,02
6376	CALCULADORA DE MESA	IMPRESSORA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6776	ESTANTE A VERIFICAR	EM MADEIRA JACARANDA DA BAHIA, MODULADA, C/ 3 PORTAS E 1 VAO LIVRE, C/ 4 DIVISOES E 2 PRATELEIRAS NA PARTE SUPERIOR, MED. 2,50 X 0,40 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
6843	MESA PARA REUNIÃO	EM MADEIRA; JACARANDA DA BAHIA, MED. 1,20 M DIAMETRO, (BRASILIA)	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
7083	TAPETE DECORATIVO	EM TECIDO OVERLAN, TECIDO A MAO, MED. 2,00 X 3,00 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
7536	MICROCOMPUTADO R A VERIFICAR	TERMINAL DE COMPUTADOR C/ TECLADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,12
7715	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA; C/ DETALHES EM OSSO NO CENTRO E LATERAIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8212	ESCANINHO PARA ESCRITÓRIO	6 VÃOS; 12 GAVETAS; 3 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8213	ESCANINHO PARA ESCRITÓRIO	6 VÃOS; 12 GAVETAS; 3 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8214	ESCANINHO PARA ESCRITÓRIO	6 VÃOS; 12 GAVETAS; 3 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8215	ESCANINHO PARA	6 VÃOS; 12 GAVETAS; 3 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01

8328	ESCRITÓRIO FICHÁRIO PARA ARQUIVOS	EM AÇO; C/ 4 GAVETAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
8346	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
8347	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	R\$ 0,01
8359	IMPRESSORA MATRICIAL	GRAFICA, CAPACIDADE 300 CPS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,07
8391	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA JACARANDA DA BAHIA, PAINEL REVESTIDO EM VINIL, GAVETEIRO C/ 3 GAVETAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8574	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA DE AÇO CROMADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8623	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8624	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8854	FICHÁRIO PARA ARQUIVOS	P/ FICHAS 5X8, C/ 16 GAVETAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8855	FICHÁRIO PARA ARQUIVOS	P/ FICHAS 5X8, C/ 16 GAVETAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8882	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 5 PRATELEIRAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8883	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 5 PRATELEIRAS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
8970	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA CEREJEIRA, C/ 5 GAVETAS, TAMPO DE COURO PIROGRAVADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
9010	MICROCOMPUTADOR DE MESA	C/ MONITOR E TECLADO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,19
9551	MEDIDOR	P/ MEDIR E REGISTRAR TEMPERATURA E	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 0,04

	HIGROTHERMÓGRAFO	UMIDADE RELATIVA DO AR	MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA	
9804	PRENSA PARA PAPÉIS	EM AÇO; COM 2 CHAPAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
9938	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10314	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10316	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10317	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10359	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10360	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10361	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10362	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10363	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10368	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10369	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10370	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10372	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS CONJUGADOS, C/ 02 PAINÉIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
10373	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 0,01

10374	ESTANTE VAZADA	CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
10375	ESTANTE VAZADA	CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
10376	ESTANTE VAZADA	CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
10401	ESTANTE VAZADA	CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
10407	ESTANTE VAZADA	CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
10436	ESTANTE VAZADA	CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
10437	ESTANTE VAZADA	CONJUGADOS, C/ 02 PAINEIS NAS EXTREM. C/ PLANO BASE P/ 12 BANDEJAS E CHAPEU EM AÇO; DUPLA FACE C/ 05 MODULOS	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
10930	ESPÁTULA EM PRATA	PARA BOLO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
10931	ESPÁTULA EM PRATA	PARA BOLO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
11032	MESA DE CENTRO	EM AÇO; TAMPO EM CRISTAL FUME DE 12 MM, MÉD. 0,90M DE DIAMETRO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
11044	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
11045	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
11047	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
11054	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	ESTILO COLONIAL; EM MADEIRA DE LEI, C/ ESPALDAR ALTO, EM PALHINHA, ASSENTO C/ ALMOFADA SOLT	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN	R\$ 0,01
11076	URNA PARA EVENTOS	DE VIDRO E LATAO, MED. 0,50 X 0,50 M	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 0,01

11077	RELÓGIO DE PAREDE	EM MADEIRA, ESTILO COLONIAL	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11079	RELÓGIO DE PAREDE	EM MADEIRA, ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11080	RELÓGIO DE MESA	EM MARMORE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11081	RELÓGIO DE PAREDE	EM MADEIRA, ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11082	RELÓGIO DE PAREDE	EM MADEIRA, ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11084	TELEFONE DIGITAL	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11085	PANELA DECORATIVA	DE FERRO FUNDIDO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11086	PANELA DECORATIVA	DE FERRO FUNDIDO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11162	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11176	BANDEJA PARA SERVIR	EM PRATA; TRABALHADA, FORMATO REDONDO, TAMANHO GRANDE, C/ ALCA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11178	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11190	COMPOTEIRA EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11191	COMPOTEIRA EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11249	URNA PARA EVENTOS	DE VIDRO; P/ GUARDAR BANDEIRAS, C/ GUARNICOES DE BRONZE, BASE EM MARMORE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11387	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA PAU-FERRO, MED. 1,20 X 0,60 M	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 0,01

11389	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	POLTRONA FIXA EM COURO	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11472	ESPELHO COM MOLDURA	EM MADEIRA TRABALHADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11480	URNA PARA EVENTOS	DE VIDRO; C/ A MAQUETE DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIAO - T.C.U.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11721	MESA DE APOIO	JACARANDA DA BAHIA, C/ 01 GAVETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11764	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	ELETRONICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,02
11883	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA JACARANDA DA BAHIA, PAINEL REVESTIDO EM COURO, GAVETEIRO C/ 4 GAVETAS, MED. 180X90CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11891	CADEIRA FIXA	POLTRONA HILLE, CONCHA, C/	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11892	CADEIRA FIXA	POLTRONA HILLE, CONCHA, C/	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11912	MÁQUINA IMPRESSORA ALTO- RELEVO	.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11934	ESTANTE NÃO VAZADA	EM MADEIRA CEREJEIRA, FECHADA, C/ 4 DIVISOES, PORTAS DE VIDRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11957	PEÇA CONDECORATIVA	MEDALHA TRABALHADA - HOMENAGEM DA REPUBLICA DA INDONESIA A CORTE DA REPUBLICA DO BRASIL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11959	PEÇA CONDECORATIVA	MEDALHA DA DELEGACIA DA ADESG	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11960	PEÇA CONDECORATIVA	MEDALHA AL TRIBUNAL DE CUENTAS DE LA UNION DEL BRASIL - LIMA - 1975	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11994	PRATO DECORATIVO EM PRATA	PRATO DECORATIVO EM PRATA; TRABALHADA - HOMENAGEM AO DIA DA INDEPENDENCIA - TRIBUNAL DE CONTAS DE SAO PAULO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

11995	PEÇA CONDECORATIVA	TROFÉU "O SEMEADOR", 16.9.88 - ADMINISTRACAO SANTA ROSA AO MÍN. ALBERTO HOFFMANN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
11996	PEÇA CONDECORATIVA	TROFÉU HOMENAGEM DA IMBEL AO TCU - 03.10.77	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12010	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	POLTRONA FIXA EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12048	PEÇA CONDECORATIVA	TROFÉU HONRA AO MERITO AO TCU - 22.06.79 - AGRADECIMENTO DOS PARTICIPANTES DO 19 CURSO DE ADM. PUBLICA MUNICIPAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12225	TELEVISOR EM CORES	20 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12393	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA EM ACO CROMADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12395	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA EM ACO CROMADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12396	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA EM ACO CROMADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12439	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12440	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12441	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12442	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12444	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12445	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12446	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01



12447	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12448	COLHER EM PRATA	PARA SOBREMESA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12773	MESA PARA REUNIÃO	EM MADEIRA; JACARANDA DA BAHIA, MED. 1,20 M DIAMETRO, (BRASILIA)	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
12918	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA JACARANDA DA BAHIA, PAINEL REVESTIDO EM VINIL, MED. 1,55 X 0,80 M.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13001	QUADRO DECORATIVO	FORMATO H, MED. 50 X 70 CM, C/ MOLDURA, GIOVANNI BOLDINI (1842-1931), CONDORE E VENEZA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13029	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13069	CALCULADORA DE MESA	ELETRÔNICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13301	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA DE LEI, FORMATO REDONDO, ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13302	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA ESTILO COLONIAL, C/ 2 GAVETEIROS LATERAIS DE 4 GAVETAS E 1 GAVETA CENTRAL.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13303	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA ESTILO COLONIAL, C/ 2 GAVETEIROS LATERAIS DE 4 GAVETAS E 1 GAVETA CENTRAL.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13307	MESA LATERAL	ESTILO COLONIAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13308	MESA DE CENTRO	ANTIGA; FORMATO RETANGULAR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13310	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13316	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13321	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01



13339	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13340	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13341	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13342	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13343	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13344	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13345	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13346	CADEIRA FIXA	ESTILO COLONIAL; C/ ASSENTO ESTOFADO E ENCOSTO EM PALHINHA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13360	BANDEIRA DO BRASIL	TRABALHADA EM SEDA PURA, ESTRELAS C/ PEDRAS BRANCAS NO CENTRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13446	CADEIRA FIXA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13854	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13946	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA MAGNOLIA, C/ 1 GAVETEIRO DE 2 GAVETAS, C/ PAINEL FRONTAL RECUADO E PAINEIS LATERAIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13978	CADEIRA FIXA	TIPO POLTRONA; EM COURO; ESTRUTURA CROMADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
13979	CADEIRA FIXA	TIPO POLTRONA; EM COURO; ESTRUTURA CROMADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14050	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA; CORREÇÃO AUTOMÁTICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

14193	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14194	CADEIRA FIXA	POLTRONA FIXA EM COURO; PES EM JACARANDA DA BAHIA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14222	MESA DE APOIO	KART, C/ 01 GAVETA PEQUENA E GAVETAO, C/ RODIZIOS E PAINEL REVESTIDO EM VINIL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14315	CADEIRA GIRATÓRIA	ESPALDAR MEDIO EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14316	CADEIRA GIRATÓRIA	ESPALDAR MEDIO EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14396	MESA DE APOIO	JACARANDA DA BAHIA, C/ 01 GAVETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
14608	TELEVISOR EM CORES	20 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15042	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA CEREJEIRA, C/ 5 GAVETAS, TAMPO DE COURO PIROGRAVADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15079	MESA LATERAL	EM MADEIRA; CEREJEIRA ENCERADA, QUADRADA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15279	TELEFONE DIGITAL	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15805	MÁQUINA DE ESCREVER	MANUAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15806	BALANÇA DE PRECISÃO	DE ALTA PRECISAO; ACOPLADA EM CAIXA DE MADEIRA, C/ PORTA DE VIDRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15936	LEITEIRA EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15937	BULE EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
15938	AÇUCAREIRO EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

15966	ARMÁRIO PARA REFRIGERADOR	EM MADEIRA, P/ FRIGOBAR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
16549	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,28
16594	CALCULADORA DE MESA	IMPRESSORA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,09
16914	APARELHO DE FAX	TRANSCÉPTOR PARA FAC-SIMILE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,12
17915	CADEIRA FIXA	EM COURVIM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,86
18020	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3,87
18023	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3,87
18024	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3,87
18025	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; 2 FACES, C/ PLANO BASE DUPLO FIXO, 12 BANDEJAS REMOVIVEIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3,87
18639	GRAMPEADOR MANUAL	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 10,90
19711	PEÇA CONDECORATIVA	PLACA DE HOMENAGEM DA ESCOLA DE COMANDO DO ESTADO-MAIOR DO EXERCITO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
19852	PEÇA CONDECORATIVA	MEDALHA DO TRIBUNAL DE CONTAS DA REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAI - IV ASSEMBLEIA DO OLACEFS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
19853	PEÇA CONDECORATIVA	MEDALHA DA CONTROLADORIA GERAL DA REPUBLICA DO PARAGUAI - IV ASSEMBLEIA DO OLACEFS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
20032	MICROCOMPUTADOR PORTÁTIL	NOTEBOOK, 486	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5.002,57
20360	IMPRESSORA LASER	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.831,00

20718	MÁQUINA DE ESCREVER	ELÉTRICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.380,00
20789	ARMÁRIO PARA ARQUIVOS	EM AÇO; 4 GAVETAS; TAMANHO OFÍCIO; COM SUPORTE PARA PASTAS SUSPENSAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 253,00
22242	UMIDIFICADOR DE AR	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 168,00
22348	MICROCOMPUTADOR DE MESA	486; DX4, C/ MONITOR E TECLADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.959,00
22467	IMPRESSORA JATO DE TINTA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 978,00
23706	CADEIRA FIXA	EM COURVIM; ESTRUTURA EM FERRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 31,40
23728	CADEIRA FIXA	EM COURVIM; ESTRUTURA EM FERRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 31,40
24284	TELEFONE DIGITAL	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 287,00
24447	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM MADEIRA; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS; MED. 160X80X35CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 367,45
24460	SCANNER DE MESA	COLOR PAGE II	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 990,00
24565	CERTIFICADOR/TESTA DOR DE CABOS	CERTIFICADOR UTP; PENTA SCANNER 2-WAY	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.850,00
24567	CERTIFICADOR/TESTA DOR DE CABOS	TESTADOR DE CABOS ÓPTICOS; OIS-8 E OIS- 10	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.100,00
24703	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1,0 KVA, AVR 1000BI	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 45,80
25594	IMPRESSORA JATO DE TINTA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 775,00
25766	MICROCOMPUTADOR PORTÁTIL	NOTEBOOK; C/ TECLADO, MONITOR COLORIDO, MODEM, ETHERNET E MALETA P/ TRANSPORTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5.738,47

26488	COFRE MECÂNICO	EM AÇO; MED. 120X50X45CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 755,00
26541	REFRIGERADOR COMPACTO	CAPACIDADE P/ 120 LITROS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 324,00
26831	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 35,00
27050	FAX MODEM	EXTERNO; 33.600 BPS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 203,68
27572	IMPRESSORA JATO DE TINTA	COLORIDA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 9.400,00
27864	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE, EM MADEIRA, ESTRUTURA EM AÇO, C/ TAMPO EM MADEIRA, 03 GAVETAS, MED. 0,41 X 0,50 X 0,54 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 198,00
27967	UNIDADE DE FITA DAT	C/ PLACA SCSI-2	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.060,00
28227	IMPRESSORA DE ETIQUETAS	DE CODIGO DE BARRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 975,54
28485	HUB PARA REDE	MINI-HUB; 08 PORTAS, SEM GERENCIAMENTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 86,99
28566	HUB PARA REDE	STACKABLE DE 24 PORTAS GERENCIADO E SEM MODULO DE GERENCIAMENTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.338,00
28714	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
28715	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
28716	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
28733	ARMÁRIO PARA	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 390,00

	EXPEDIENTE	LAMINADO MELAMINICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA	
28799	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMINICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
28962	CERTIFICADOR/TESTADOR DE CABOS	TESTADOR DE CABOS DE CABEAMENTO UTP	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 101,30
29118	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM; C/ MODULO DE MEMORIA, MONITOR, TECLADO, CD ROOM, CAIXAS DE SOM, MOUSE, CAPAS PLASTICAS E MICROFONE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.825,00
29174	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM; C/ MODULO DE MEMORIA, MONITOR, TECLADO, CD ROOM, CAIXAS DE SOM, MOUSE, CAPAS PLASTICAS E MICROFONE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.825,00
29578	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMINICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
29579	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMINICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
29592	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AGLOMERADO; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMINICO; 2 PORTAS; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; SAPATAS REGULADORAS DE NÍVEL; MED. 80X54X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
29651	SCANNER DE MESA	, COLORIDO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.487,00
29775	IMPRESSORA LASER	MONOCROMÁTICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.528,00
30090	CONCENTRADOR DE REDE	SISTEMA CONCENTRADOR (SWITCH DE WORKGROUP); 24 PORTAS; PARA WIRING-CLOSET	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.773,63
30135	MESA PARA MICROCOMPUTADOR	C/ SUPORTE PARA TECLADO REBAIXADO, E REGULAGEM DE ALTURA, TAMPO EM MADEIRA AGLOMERADA REVESTIDA DE LAMINADO BRANCO, ESTRUTURA METÁLICA,	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 50,90



30707	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	MED. 100X68X73CM , ENTRADA 220 VAC, SAÍDA 120 VAC.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
31184	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM III; , C/ MONITOR DE VÍDEO LG DE 15 POLEGADAS, CD-ROM, 02 CAIXAS DE SOM, MOUSE MARCA LOGITECH, TECLADO NBM, SUPORTE P/ MOUSE, MICROFONE, CAPAS, CABOS DE ALIMENTAÇÃO, CABO P/ AUDIO PADRÃO RCA, E CABO P/ REDE.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.650,00
31195	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM III; , C/ MONITOR DE VÍDEO LG DE 15 POLEGADAS, CD-ROM, 02 CAIXAS DE SOM, MOUSE MARCA LOGITECH, TECLADO NBM, SUPORTE P/ MOUSE, MICROFONE, CAPAS, CABOS DE ALIMENTAÇÃO, CABO P/ AUDIO PADRÃO RCA, E CABO P/ REDE.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.650,00
31531	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE; NO TAMANHO DE 0,41 X 0,55 X 0,63 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 268,00
31533	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE; NO TAMANHO DE 0,41 X 0,55 X 0,63 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 268,00
31535	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE; NO TAMANHO DE 0,41 X 0,55 X 0,63 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 268,00
31839	QUADRO DECORATIVO	MOLDURA PARA INSERÇÃO DE CARTAZES; NATURAL, FOSCA, VIDRO ANTI-REFLEXO, FUNDO DE DURATEX, TAMANHO INTERNO DE 57 X 73 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40,00
32265	ZIP DRIVE	UNIDADE EXTERNA PARA BACKUP; ZIPE DRIVE, UTILIZA ZIP DIRVE DE 250 MB, COM FONTE DE ALIMENTAÇÃO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 379,00
32402	IMPRESSORA LASER	COM UNIDADE DUPLEX	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.499,00
33173	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33245	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33314	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33321	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93

33448	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33726	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ASSENTO E ENCOSTO REGULÁVEIS, PÉS COM 05 PÁS E RODÍZIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 377,93
33802	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
33839	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
33981	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
34083	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
34288	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	1 KVA; 110/220V; 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 32,98
36508	MESA DE CENTRO	, FORMATO OCTAÉDRICO, TAMPO REVESTIDO EM COURO PIROGRAFADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
37351	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	2 KVA; BIVOLT; COM FILTRO DE LINHA E 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 60,76
37524	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	2 KVA; BIVOLT; COM FILTRO DE LINHA E 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 60,76
37525	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	2 KVA; BIVOLT; COM FILTRO DE LINHA E 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 60,76
37685	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM III; 933MHZ, COM 128MB DE MEMÓRIA, HD DE 40GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, C/ CAIXAS E MICROFONE EMBUTIDOS, C/ MOUSE E TECLADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.203,99
38230	IMPRESSORA JATO DE TINTA	POLICROMÁTICA,	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.981,00
38273	ALTO-FALANTE	SEM FIO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.550,00
38280	APARELHO DE FAX	COM CORTE AUTOMÁTICO DE PAPEL, EMISSÃO DE RECIBO, SECRETÁRIA ELETRÔNICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 550,00

38724	CADEIRA GIRATÓRIA	DIGITAL EM VINIL; NA COR PRETA, SEM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, BASE COM 5 HASTES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 162,35
38767	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL; NA COR PRETA, SEM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, BASE COM 5 HASTES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 162,35
38794	CADEIRA GIRATÓRIA	EM TECIDO, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ESPALDAR ALTO, C/ MECANISMOS A GÁS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 175,00
38963	CADEIRA GIRATÓRIA	EM TECIDO, NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ESPALDAR MÉDIO, C/ MECANISMO A GAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 169,00
39014	VÍDEO CASSETE	DE 07 CABEÇAS, ESTÉREO, ALIMENTAÇÃO BIVOLT, CONTROLE REMOTO E MANUAL EM PORTUGUÊS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 354,00
39265	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM III; 933MHZ, COM 128MB DE MEMÓRIA, HD DE 40GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, C/ CAIXAS E MICROFONE EMBUTIDOS, C/ MOUSE E TECLADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.204,00
39412	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM MADEIRA; 4 PRATELEIRAS REGULÁVEIS; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO; MED. 160X54X75CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 698,00
39426	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM MADEIRA; MED. 90X50X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 410,00
39451	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM MADEIRA; MED. 90X50X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 410,00
39452	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM MADEIRA; MED. 90X50X160CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 410,00
39527	MESA PARA REUNIÃO	REDONDA; MED. 1,20X0,75M, REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 240,00
39706	MESA PARA REUNIÃO	OVALADA; MED. 3,20X1,20/0,90X0,75M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 750,00
39831	IMPRESSORA LASER	COM UNIDADE DUPLEX,	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.990,00
39979	SCANNER DE MESA	COLORIDO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 682,00
39980	SCANNER DE MESA	COLORIDO	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 682,00

40665	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE, REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO, C/ 02 GAVETAS MÉDIAS, 01 GAVETÃO E 04 RODÍZIOS, MED. 400X500X700 MM	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 208,95
41482	QUADRO MAGNÉTICO	BRANCO, MOLDURA EM ALUMÍNIO, MEDINDO, 1,50 X 1,00 M,	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 124,00
41514	CALCULADORA DE MESA	COM 12 DÍGITOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 143,00
41555	SERVIDOR DE REDE	DE ARQUIVOS EM GABINETE, COM 01 PROCESSADOR PENTIUM III DE 1,4 GHZ, 1 GB DE MEMÓRIA RAM, 02 UNIDADES DE DISCO RÍGIDO PADRÃO SCSI DE 73 GB CADA, 01 UNIDADE DE FITA DLT DE 40 GB E 03 FONTES DE ALIMENTAÇÃO REDUNDANTES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40.056,66
41602	MONITOR DE VÍDEO	TIPO CRISTAL LÍQUIDO (LCD); 15 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.917,00
41604	MONITOR DE VÍDEO	TIPO CRISTAL LÍQUIDO (LCD); 15 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.917,00
41629	CADEIRA GIRATÓRIA	EM TECIDO; NA COR PRETA, COM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, BASE COM 05 HASTES, TIPO DATILOGRAFO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 176,70
42140	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM IV; 2 GHZ, COM 256 MB DE MEMÓRIA, HD DE 80 GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, CAIXAS DE SOM, MICROFONE, MOUSE E TECLADO.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.795,00
42173	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM IV; 2 GHZ, COM 256 MB DE MEMÓRIA, HD DE 80 GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, CAIXAS DE SOM, MICROFONE, MOUSE E TECLADO.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.795,00
550040	GRAVADOR DE DVD	, C/ FACE EXTERNA NA COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 144,97
42281	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM IV; 2 GHZ, COM 256 MB DE MEMÓRIA, HD DE 80 GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR DE 15 POLEGADAS, CAIXAS DE SOM, MICROFONE, MOUSE E TECLADO.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.795,00
42704	EXTINTOR DE INCÊNDIO	PQS; 6 KG	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 40,00
42848	MESA PARA MICROCOMPUTADOR	EM LAMINADO PADRÃO MOGNO; SUPORTE RETRÁTIL PARA TECLADO; MED. 100X60X73CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	R\$ 202,90

42880	MESA PARA ESCRITÓRIO	MODULAR; EM LAMINADO PADRÃO MOGNO, MED. 190X75X75CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 449,00
42908	APARADOR PARA ESCRITÓRIO	EM LAMINADO PADRÃO MOGNO; MED. 200X58X75CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 660,00
43952	CARIMBADOR/NUMERADOR	AUTOMÁTICO; COM 6 DÍGITOS, EM AÇO INOX	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 159,00
44069	TELEFONE DIGITAL	COM 15 TECLAS DE FUNÇÕES, DISPLAY AJUSTÁVEL DE CRISTAL LÍQUIDO DE 2 X 20 CARACTERES E VIVA-VOZ	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 800,00
44082	TELEFONE DIGITAL	COM 15 TECLAS DE FUNÇÕES, DISPLAY AJUSTÁVEL DE CRISTAL LÍQUIDO DE 2 X 20 CARACTERES E VIVA-VOZ	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 800,00
44111	TELEFONE DIGITAL	COM 15 TECLAS DE FUNÇÕES, DISPLAY AJUSTÁVEL DE CRISTAL LÍQUIDO DE 2 X 20 CARACTERES E VIVA-VOZ	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 800,00
44211	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE, MEDINDO 400 X 500 X 680 MM, COM ACABAMENTO LAMINADO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 373,00
44478	GRAVADOR DE CD	GRAVAÇÃO 52X, REGRAVAÇÃO 24X E LEITURA DE 52X	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 178,00
44613	TELEFONE ANALÓGICO	MULTIFREQUENCIAL, COM TECLADO DE 18 TECLAS, DECÁDICO, CAMPAINHA ELETRÔNICA COM VOLUME AJUSTÁVEL, NA COR MARFIM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 24,80
45160	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45161	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45162	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45163	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45164	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS RMS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
45165	CAIXA ACÚSTICA	COM ALTO FALANTE 8" E UM TWEETER TITÂNIO, NA COR BRANCA, POTÊNCIA DE 60 WATTS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00

		RMS		PIMENTA	
45860	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45861	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45862	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45863	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45864	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45865	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45866	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45867	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45868	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45869	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45870	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45871	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45872	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45873	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45874	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00

45875	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45876	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45877	BASE PARA PAINEL EXPOSITOR	PARA QUADROS DE PINTURA; EM MDF 20MM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,00
45878	PAINEL EXPOSITOR	PARA EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE PINTURA, MEDINDO 0,70X0,50M, CONFECCIONADO EM MDF E COM ACABAMENTO EM TINTA ACRÍLICA BRANCA METALATEX.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 221,25
45887	PAINEL EXPOSITOR	PARA EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE PINTURA, MEDINDO 2,40X1,20M, CONFECCIONADO EM MDF E COM ACABAMENTO EM TINTA ACRÍLICA BRANCA METALATEX.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,25
45889	PAINEL EXPOSITOR	PARA EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE PINTURA, MEDINDO 2,40X1,20M, CONFECCIONADO EM MDF E COM ACABAMENTO EM TINTA ACRÍLICA BRANCA METALATEX.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,25
45890	PAINEL EXPOSITOR	PARA EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE PINTURA, MEDINDO 2,40X1,20M, CONFECCIONADO EM MDF E COM ACABAMENTO EM TINTA ACRÍLICA BRANCA METALATEX.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,25
45946	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	ENTRADA DE 110 E 220 V - BIVOLT, POTÊNCIA DE NO MÍNIMO 1,0 KVA, POSSUI FILTRO DE LINHA, COM QUATRO TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 139,45
46029	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46030	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46031	BULE EM PRATA	PARA CAFÉ; 1 LITRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46032	LEITEIRA EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46076	PROJETOR MULTIMÍDIA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 7.339,00
46080	PROJETOR MULTIMÍDIA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 7.339,00

46092	PROJETOR MULTIMÍDIA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 7.339,00
46094	MÁQUINA DE ESCREVER	MANUAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46095	PEÇA DECORATIVA	TINTEIRO ORNAMENTAL MATA BORRÃO E CINZEIRO EM ALABASTRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
46284	TELEVISOR EM CORES	LCD; 26", DE ALTA RESOLUÇÃO W-XGA, FORMATO 16:9, ACOMPANHADA DE CAIXAS ACÚSTICAS FRONTAIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 10.250,00
46285	MODULADOR DE ÁUDIO E VÍDEO	MODULADOR A/V CATV; ALIMENTAÇÃO:110/220V, ACOMPANHA CABO DE ÁUDIO E VÍDEO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 325,00
46288	SEQUENCIAL DE VÍDEO	COM ÁUDIO, COMPOSTO DE 10 CANAIS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 300,00
46290	VÍDEO CASSETE	DE 07 CABEÇAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 390,00
46291	TELEVISOR EM CORES	DE 20", C/ CONTROLE REMOTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 490,00
46566	ALTO-FALANTE	SEM FIO; C/ RECEPTOR DE FREQUÊNCIA COMPÁTIVEL C/ A REGIÃO CENTRO-OESTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.600,00
46567	ALTO-FALANTE	SEM FIO; C/ RECEPTOR DE FREQUÊNCIA COMPÁTIVEL C/ A REGIÃO CENTRO-OESTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.600,00
46568	ALTO-FALANTE	SEM FIO; C/ RECEPTOR DE FREQUÊNCIA COMPÁTIVEL C/ A REGIÃO CENTRO-OESTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.600,00
47282	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	VOLANTE, MED. 40X50X68CM, EM MDF, NA COR OVO, C/ 2 GAVETAS E 1 GAVETÃO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 362,25
47730	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, TIPO DIGITADOR, ESPALDAR BAIXO, BRAÇOS FIXOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 234,00
48115	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, TIPO SECRETÁRIA, ESPALDAR MÉDIO, BRAÇOS FIXOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 380,00
48287	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; ABERTA, MED. 95X200X80CM, NA COR GRAFITE, C/ 6	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 450,00



48289	ESTANTE VAZADA	PRATELEIRAS EM AÇO; ABERTA, MED. 95X200X80CM, NA COR GRAFITE, C/ 6 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 450,00
48290	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; ABERTA, MED. 95X200X80CM, NA COR GRAFITE, C/ 6 PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 450,00
48307	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; , ALTO, MED. 80X50X166CM, NA COR CINZA URANO, C/ 03 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.210,00
48309	ESTANTE VAZADA	EM AÇO; , ALTO, MED. 80X50X166CM, NA COR CINZA URANO, C/ 03 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.210,00
48314	ARMÁRIO BAIXO	EM AÇO; MÉDIO, MED. 80X50X113,5CM, NA COR CINZA URANO, C/ 02 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 980,00
48315	ARMÁRIO BAIXO	EM AÇO; MÉDIO, MED. 80X50X113,5CM, NA COR CINZA URANO, C/ 02 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 980,00
48316	ARMÁRIO BAIXO	EM AÇO; MÉDIO, MED. 80X50X113,5CM, NA COR CINZA URANO, C/ 02 PRATELEIRAS INTERNAS AJUSTÁVEIS, PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 980,00
48318	ARMÁRIO BAIXO	EM AÇO; MED. 80X50X68,9CM; COR CINZA URANO; 1 PRATELEIRA INTERNA AJUSTÁVEL; PORTA EM MADEIRA REVESTIDA EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 810,00
48730	TELEFONE ANALÓGICO	MULTIFREQUENCIAL, COM TECLADO DE 15 TECLAS, DECÁDICO, CAMPAINHA ELETRÔNICA COM VOLUME AJUSTÁVEL, NA COR MARFIM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 25,90
49026	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	MICROPROCESSADO, BIVOLT, SAÍDA DE 110V, C/ FILTRO DE LINHA, POTÊNCIA DE 1KVA, C/ 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 108,00
49165	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	MICROPROCESSADO, BIVOLT, SAÍDA DE 110V, C/ FILTRO DE LINHA, POTÊNCIA DE 1KVA, C/ 4 TOMADAS TRIPOLARES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 108,00
49907	MICROCOMPUTADOR DE MESA	CELERON; D330 2.6GHZ, COM 256MB DE MEMÓRIA, HD DE 80GB, CD-ROM DE 52X, MONITOR LCD DE 15 POLEGADAS, 2 CAIXAS DE SOM AMPLIFICADAS, TECLADO ABNT2 E MOUSE ÓPTICO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 285,00
50035	MICROCOMPUTADOR DE MESA	PENTIUM IV; 2.8GHZ, COM 1GB DE MEMÓRIA, HD DE 80GB, CD-ROM DE 52X, 2 CAIXAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	R\$ 285,00

		DE SOM AMPLIFICADAS, TECLADO ABNT2 E MOUSE ÓPTICO		PIMENTA	
50932	UMIDIFICADOR DE AR	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 195,00
50935	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL ARTISTICO EM ALUMÍNIO DO ARTISTA LUIZ HERMANO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.000,00
50936	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL ARTISTICO NA DIMENSÃO 1,46X2,30M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 14.700,00
50937	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL ARTISTICO MED. 200X200CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 23.618,00
50939	TERMINAL DE AUTOATENDIMENTO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 11.000,00
50941	TERMINAL DE AUTOATENDIMENTO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 11.000,00
50950	BALANÇA PLATAFORMA	TIPO ROMANA DE PESAGEM DE CAFÉ; COM 3 PESOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1,00
51099	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL TUBULAR, CONFECCIONADO EM VOAL COM IMPRESSÃO DO MAPA MUNDI, COM PERFIL DE ALUMÍNIO NA PARTE SUPERIOR E INFERIOR, MED. 2M DE DIÂMETRO X 2,50M DE ALTURA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.800,00
51850	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, COM BRAÇOS, TIPO DATILÓGRAFO, ESPALDAR BAIXO, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 196,29
51924	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, COM BRAÇOS, TIPO DATILÓGRAFO, ESPALDAR BAIXO, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 196,29
51926	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, COM BRAÇOS, TIPO DATILÓGRAFO, ESPALDAR BAIXO, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 196,29
51928	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, COM BRAÇOS, TIPO DATILÓGRAFO, ESPALDAR BAIXO, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 196,29
52025	MESA DE APOIO	MED. 60X60X60CM, COM TAMPO EM MADEIRA REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 140,00
52038	BULE EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01

52039	BULE EM PRATA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
52040	BANDEJA PARA SERVIR	EM PRATA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
52041	CADEIRA FIXA	ESTRUTURA METÁLICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 0,01
52042	ARMÁRIO BAIXO	EM MDF; BAIXO; MED. 90X75X50CM; COR BRANCA; 2 PORTÁS; 1 PRATELEIRA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 303,39
52057	ARMÁRIO A VERIFICAR	EM MDF, SUSPENSO, MED. 140X49X60CM, REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR BRANCA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 649,99
52058	ARMÁRIO BAIXO	EM MDF, , COM RODINHAS, MED. 109X50X74CM, REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR BRANCA, C/ 2 PORTAS DE CORRER E TAMPO DE VIDRO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 619,99
52059	RACK PARA TV E VÍDEO	PARA EQUIPAMENTOS COM RODINHAS, MED. 80X48X142CM, REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO NA COR BRANCA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 649,90
52408	SUPORTE PARA MONITOR	EM MADEIRA; COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 37,99
52618	MESA PARA MICROCOMPUTADOR	COR BRANCA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 319,00
52712	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.150,00
52713	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.150,00
52722	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.150,00
52726	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.150,00
52727	TELEVISOR EM CORES	TELA PLANA, 42", PLASMA, RESOLUÇÃO 852X480 PIXELS, 220 V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.150,00
52779	SUPORTE PARA TV	DE PLASMA 42"	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	R\$ 97,11

52817	LENTE PARA CÂMERA FOTOGRAFICA	NIKON D50, TIPO 28-80MM F/3.5-5.6G, AUTOFOCUS NIKKOR ZOOM PRETA, FILTRO DE 28MM, DISTANCIA FOCAL MINIMA DE 33CM, CONTROLE DE IMAGEM ZOOM DOIS TOQUES, ÂNGULOS DE VISÃO DE 30 GRAUS.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 490,00
53712	ARMÁRIO PARA EXPEDIENTE	EM AÇO; 80X50X166CM, COR CINZA URANO, COM 3(TRÊS) PRATELEIRAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.379,00
53714	ARMÁRIO BAIXO	EM AÇO; BAIXO, MED. 80X50X68,9CM, COR CINZA URANO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 849,00
54099	IMPRESSORA JATO DE TINTA	DE MESA; POLICROMÁTICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.070,00
54281	CONDICIONADOR DE AR	SPLIT; 30000 BTU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.353,01
54286	PAINEL EXPOSITOR	PAINEL ARTISTICO, COMPOSTO DE 09 UNIDADES DE CUBOS DE MADEIRA LAQUEADA REVESTIDOS COM ESPELHOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 9.499,83
54287	MESA A VERIFICAR	DIX QUADRADA COM TAMPO DE VIDRO TEMPERADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 572,29
54288	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54289	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54290	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54291	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54292	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,34
54293	PUFE DECORATIVO	EM COURO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,39
54294	LIVING RECAMIER	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 672,16

54296	PORTA-GUARDA-CHUVA	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 125,47
54648	CÂMERA FOTOGRAFICA	DIGITAL DE 6.24 MEGAPIXELS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.678,00
54708	PROJETOR MULTIMÍDIA	MED. 295X78X238MM, C/ CONTROLE REMOTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.842,00
54731	CONDICIONADOR DE AR	PORTÁTIL; 12.000 BTUS, 220V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.124,62
54893	APARELHO DE FAX	TIPO PAPEL IMPRESSÃO A4/FILME	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 498,00
55255	MESA A VERIFICAR	PARA STILL COM CHAPA DE ACRILICO BRANCO TRANSLUCIDO, 4 BRAÇOS ARTICULAVEIS, 4 ILUMINADORES HALÓGENOS PARA 2 LÂMPADAS PALITO DE 200W	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.466,60
55816	TELEFONE DIGITAL	DISPLAY DE CRISTAL LÍQUIDO E VIVA VOZ	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 496,90
55991	MAPOTECA PARA ESCRITÓRIO	EM ACO; MED. 120X80X114CM, COM 10 GAVETAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.800,00
55992	MESA LATERAL	DE APOIO, PARA SECRETÁRIA, EM IMBUÍJA ESCURECIDA COM BORDAS TALHADAS. MED. 1,05 X 0,55 X 0,75 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.185,00
55997	SUPORTE PARA PROJETER	KM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 139,00
55998	SUPORTE PARA PROJETER	KM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 139,00
56016	TRIPÉ A VERIFICAR	PARA MÁQUINA FOTOGRAFICA, PROFISSIONAL, EM ALUMÍNIO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 460,00
56031	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43
56032	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43
56033	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43

56034	CAIXA A VERIFICAR	COR TRASPARENTE CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43
56035	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43
56037	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43
56038	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43
56039	CAIXA A VERIFICAR	CAIXOTE EM VIDRO CRISTAL TEMPERADO COM ESPESSURA DE 6MM, NA COR TRASPARENTE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 623,43
56096	FURADEIRA ELÉTRICA	DE IMPACTO; 3/8, duas velocidades	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 159,00
56151	FLASH ELETRÔNICO	PARA MÁQUINA FOTOGRÁFICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.160,00
56512	MEDIDOR TERMOHIGRÓGRAFO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.500,00
56513	DESUMIDIFICADOR DE AR	PARA GRANDES AMBIENTES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.600,00
56708	APARELHO DE DVD	PLAYER REPRODUÇÃO: CD, CD-R, CD-RW, DVD, DVD-R, DVD-RW, VCD; PADRÃO COR PAL-M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,00
56709	APARELHO DE DVD	PLAYER REPRODUÇÃO: CD, CD-R, CD-RW, DVD, DVD-R, DVD-RW, VCD; PADRÃO COR PAL-M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,00
56710	APARELHO DE DVD	PLAYER REPRODUÇÃO: CD, CD-R, CD-RW, DVD, DVD-R, DVD-RW, VCD; PADRÃO COR PAL-M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 120,00
56842	ESTABILIZADOR DE TENSÃO	POTÊNCIA DE 2000 VA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 204,54
56909	CARRINHO DE SERVIÇO	TRANSPORTE TIPO ARMAZÉM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 290,00
56910	ESCADA PARA SERVIÇO	EM ALUMÍNIO; ALTA; TIPO DOMÉSTICA; DOBRÁVEL; MED. 220CM; CARGA DE 100KG	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	R\$ 115,00

57171	PORTA-CHAVES	COM 60 CHAVES, COM CHAVEIROS E SUPORTES NUMERADOS.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 219,62
57632	SUPORTE PARA MONITOR	PARA MONITOR EM LAMINADO MELAMÍNICO COR OVO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 21,20
58207	TELEFONE DIGITAL	Compatível com a central telefonica CPCT modelo MD-110- com viva voz-, mute, identificador do nº chamado, teclas progressíveis, transf. de chamada, acesso p/ segunda linha e controle de volume, tomada tipo RJ-11	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 398,08
58285	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, PRETO, COM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, TIPO DIGITADOR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 146,95
58602	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, PRETO, COM BRAÇOS, ESPALDAR BAIXO, TIPO DIGITADOR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 146,95
58765	MESA A VERIFICAR	EM AÇO; Med. 1.30x0.75x0.75m, base em tubo de aço cromado, tampo em vidro cristal temperado	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 972,00
58768	CARRINHO DE SERVIÇO	EM CHAPA DE AÇO; 3 PRATELEIRAS; 2 RODÍZIOS FIXOS E 2 GIRATÓRIOS; MED. 90X60X80CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 267,00
58783	SUPORTE A VERIFICAR	SUPORTE PRISMÁTICO EM MDF, MEDINDO 1,20X0,90X2,10, COM PORTA E FECHADURA PARA COLOCAÇÃO DE TOGA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.414,16
58784	SUPORTE A VERIFICAR	CÚBICO, EM MDF, COM 18MM DE ESPESSURA, MEDINDO 0,80MX0,80MX1,90M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.493,12
58785	SUPORTE A VERIFICAR	CÚBICO, EM MDF, COM 18MM DE ESPESSURA, MEDINDO 0,80MX0,80MX1,90M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.493,12
58786	SUPORTE A VERIFICAR	SUPORTE PRISMÁTICO EM MDF, COM 18MM DE ESPESSURA, MEDINDO 0,90MX0,70MX0,90M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.196,05
58792	SUPORTE A VERIFICAR	PARA BANDEIRA; EM MDF, COM 18MM DE ESPESSURA, MEDINDO 2,00MX1,50M.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 642,76
58795	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X20X20CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,10
58796	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X20X20CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 220,10
58797	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED.	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 220,10

		20X20X20CM	MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA	
58798	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X30X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,00
58799	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X30X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,00
58800	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X30X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,00
58801	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 20X30X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 271,00
58802	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 15X50X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 236,78
58803	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 15X50X30CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 236,78
58804	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 10X40X40CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 299,16
58805	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 10X40X40CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 299,16
58807	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 10X40X40CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 299,16
58808	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 10X40X20CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 261,77
58809	APOIO PARA LEITURA	PRISMÁTICO; EM MDF 18MM; MED. 10X40X20CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 261,77
58812	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	DOTADO DE APARADOR PORTA LIVRO DE VISITAS EM MDF COM 18MM DE ESPESSURA, SEMI-BRILHO EM TODA SUA SUPERFÍCIE.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.139,97
58813	PEÇA DECORATIVA	PÓRTICO - RÉPLICA DE ENTRADA PRINCIPAL DO TCU RJ CONSTRUÍDO EM MADEIRA IMBUÍDA, ENTALHADA E EM RESINA.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 4.894,01
58814	TABLADO A DEFINIR	EM MDF COM 18MM DE ESPESSURA PARA APOIO DAS POLTRONAS E MESA DO PRESIDENTE.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.078,02
58850	SUPORTE PARA TV	DE PLASMA 42	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 920,00



59862	MICROCOMPUTADOR DE MESA	COM ASSISTÊNCIA TÉCNICA ON SITE POR 36 MESES	MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 815,00
550178	GRAVADOR DE DVD	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 430,00
550180	GRAVADOR DE CD	52X32X32, COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 118,00
60663	QUADRO DECORATIVO	MED 62 X 47, COM MOLDURA 7000-152, BISOR 16150276, VIDRO ANTE-REFLEX E FUNDO FOAN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 246,00
60727	MESA PARA REUNIÃO	REDONDA; tipo I, tampo de 70cm em laminado melamínico cor ovo, base em aço pintada na cor ovo	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 248,16
61238	SUPORTE PARA TV	DE SUTENTAÇÃO DE TV DE PLASMA 42" - COM ABRIGO PARA COMPUTADOR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 850,00
61239	SUPORTE PARA TV	DE SUTENTAÇÃO DE TV DE PLASMA 42" COM ABRIGO PARA COMPUTADOR	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 850,00
61405	TELEFONE DIGITAL	EQUIPADOS COM DISPLAY FIXO COM 2 LINHAS E 20 CARACTERES, VIVA VOZ	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 384,23
61514	LUXÍMETRO DIGITAL	200.000 LUX	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 233,00
61515	SUPORTE PARA TV	SUPORTE PARA TV / DE PLASMA E SUPORTE PARA COMPUTADOR NA PARTE INFERIOR DO MESMO, PINTURA NA COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 850,00
61516	SUPORTE PARA TV	SUPORTE PARA TV / DE PLASMA E SUPORTE PARA COMPUTADOR NA PARTE INFERIOR DO MESMO, PINTURA NA COR PRETA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 850,00
61550	CACHEPÔ DECORATIVO	PARA VASO DE PLANTA ORNAMENTAL; MED. 100X45X45CM; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO PADRÃO CHOCOLATE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 255,41
61555	CACHEPÔ DECORATIVO	PARA VASO DE PLANTA ORNAMENTAL; MED. 100X45X45CM; REVESTIDO EM LAMINADO MELAMÍNICO PADRÃO CHOCOLATE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 255,41
61752	CIRCULADOR DE AR	45CM DE DIÂMETRO; 3 VELOCIDADES	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 185,00
62550	TELEFONE	MODO DE CHAMADA TOM, TEMPO FLASH	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 55,00

	ANALÓGICO	100 MS, 5 POSIÇÕES DE MEMÓRIA, FUNÇÕES MUTE, REDIAL E VIVA-VOZ, DISPLAY PARA BINA, AJUSTE DE VOLUME	MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA	
63229	CADEIRA GIRATÓRIA	EM VINIL, NA COR PRETA, COM ENCOSTO PARA OS BRAÇOS, ESPALDAR MÉDIO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 317,70
64786	CADEIRA GIRATÓRIA	ERGONÔMICA SEATWELL, EM TECIDO, COM BRAÇOS, APOIO LOMBAR, ESPALDAR MÉDIO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.610,00
65190	MICROCOMPUTADOR DE MESA	Teclado em Portugues, Mouse Óptico	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.669,00
65265	MICROCOMPUTADOR DE MESA	Teclado em Portugues, Mouse Óptico	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.669,00
65469	MONITOR DE VÍDEO	Video Color LCD 17" Preto	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 371,00
65478	MONITOR DE VÍDEO	Video Color LCD 17" Preto	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 371,00
67391	TELEFONE ANALÓGICO	COR BRANCA, FUNÇÃO REDISCAGEM, FUNÇÃO FLASH COM TEMPO DE FLASH DE 100MS, FUNÇÃO PAUSA, FUNÇÃO MUDO, SELEÇÃO TONE/PULSE, CONTROLE DO VOLUME DA CAMPAINHA, BASE ANTIDERRAPANTE, TOMADA TIPO RJ-11, HOMOLOGAÇÃO PELA ANATEL, FUNCIONAMENTO COM ALIMENTAÇÃO A PARTIR DA REDE TELEFÔNICA(VEDADO O FUNCIONAMENTO ATRAVÉS DE LIGAÇÃO NA REDE ELÉTRICA)	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 16,93
67703	MICROCOMPUTADOR DE MESA	INTEL CORE 2 DUO, 2,93 GHZ, TELA DE 24 POLEGADAS, 4GB DE RAM, HD 640GB, TECLADO E MOUSE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 5.455,00
67710	ARMÁRIO A VERIFICAR	EM MDF; VOLANTE; BRANCO; MED. 100X45X75CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 900,00
67711	ARMÁRIO A VERIFICAR	EM MDF; VOLANTE; BRANCO; MED. 100X45X75CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 900,00
67712	MESA PARA MICROCOMPUTADOR	APOIO EM L, MDF, BRANCO, TUBO METÁLICO CROMADO, MED. 120X45 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.100,00
67713	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	MDF, BRANCO, COM RODÍZIOS, 2 PORTAS, MED. 100X45X50 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 650,00
67714	PRATELEIRA PARA	EM MDF; BRANCO, MED. 415X50CM	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$ 800,00

	ESCRITÓRIO		MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA	
67715	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67716	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67717	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67718	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67719	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67720	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67721	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67722	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X35 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67723	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X45 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67724	PRATELEIRA PARA ESCRITÓRIO	EM MDF; BRANCO, MED. 100X45 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 200,00
67725	PAINEL A VERIFICAR	EM MDF; BRANCO, FRISOS NA COR ALUMÍNIO, MED. 285X120CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.500,00
68843	CARRINHO DE SERVIÇO	PARA PROCESSOS; EM CHAPA DE AÇO; 3 PRATELEIRAS; 2 RODÍZIOS FIXOS E 2 GIRATÓRIOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 311,84
68896	CÂMERA FOTOGRAFICA	COM LENTE DX 18-55mm, sem acessórios, inclusive bateria e carregador de bateria	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.122,00
68897	MP4 PLAYER	IPOD 16GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 631,80
69982	IMPRESSORA LASER	MONOCROMATICA, DE MESA, 30 PPM,	VIVIAN ROCHAEL	VIVIAN	R\$

		110V, COM TRANSFORMADOR PARA 220V	MACHADO PIMENTA	ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.065,00	
70185	LOUSA INTERATIVA	"SMART BOARD", TELA DE 48", RESOLUÇÃO DE 4000X4000 PIXELS, CABO E CONEXÃO USB, SEM NECESSIDADE DE ALIMENTAÇÃO ELÉTRICA, BANDEJA COM APAGADOR E 4(QUATRO) CANETAS COLORIDAS, TELA SENSÍVEL AO TOQUE.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	4.950,00	R\$
72591	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	402,90	R\$
72982	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	402,90	R\$
73004	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	402,90	R\$
73031	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	402,90	R\$
73230	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	402,90	R\$
73287	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	402,90	R\$
73446	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	402,90	R\$
73557	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	402,90	R\$
73959	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS, LCD, WIDESCREEN	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	402,90	R\$
74884	MONITOR DE VÍDEO	17"	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	255,00	R\$
76606	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76616	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76617	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76638	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76674	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76675	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$

76676	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76686	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76687	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76771	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76848	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76865	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76867	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
76869	APOIO PARA PÉS	EM ABS INJETADO DE ALTO IMPACTO OU POLIPROPILENO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	67,50	R\$
78474	MICROCOMPUTADO R DE MESA	AMD PHENOM II 3GHZ, 4GB DE RAM, HD DE 250GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.549,00	R\$
78535	MICROCOMPUTADO R DE MESA	AMD PHENOM II 3GHZ, 4GB DE RAM, HD DE 250GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.549,00	R\$
78536	MICROCOMPUTADO R DE MESA	AMD PHENOM II 3GHZ, 4GB DE RAM, HD DE 250GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.549,00	R\$
78575	MICROCOMPUTADO R DE MESA	AMD PHENOM II 3GHZ, 4GB DE RAM, HD DE 250GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.549,00	R\$
79221	MEDIDOR PAQUÍMETRO	DIGITAL, MARCA MITUTOYO, MODELO REF - 500-144B	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	490,00	R\$
80061	REFRIGERADO R COMPACTO	TIPO FRIGOBAR, 120 LITROS, BRANCO, 220V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	600,00	R\$
80424	SCANNER DE MESA	MARCA KODAK, MODELO i2600, DUPLEX, 50PPM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.780,00	R\$
82303	REFRIGERADO R COMPACTO	TIPO FRIGOBAR, 120 LITROS, BRANCO, 220V	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	600,00	R\$
82449	IMPRESSORA LASER	POLICROMÁTICA, COMPATÍVEL COM OS SISTEMAS OPERACIONAIS MICROSOFT WINDOWS XP, WINDOWS 7 E WINDOWS SERVER 2003	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	878,00	R\$
83077	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.358,40	R\$

83081	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.358,40
83083	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.358,40
83086	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.358,40
83144	MICROCOMPUTADO R DE MESA	8GB DE RAM, HD DE 1TB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.358,40
83852	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00
83853	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00
83885	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00
83886	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00
84167	MONITOR DE VÍDEO	DE 21 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 326,00
85594	SCANNER DE MESA	MESA DIGITALIZADORA - A3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.925,00
85595	SCANNER DE MESA	MESA DIGITALIZADORA - A3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 3.925,00
85783	SCANNER DE MESA	KODAK I2600	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 2.240,00
86193	TELEFONE ANALÓGICO		VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 49,99
86316	TELEFONE ANALÓGICO		VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 49,99
86677	QUADRO DECORATIVO	MOLDURA EM MADEIRA PARA OBRA DE PINTURA SOBRE TELA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 560,00
86754	ARMÁRIO A VERIFICAR	MALA EM MDF, COM GAVETAS E RODINHAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 1.000,00
86755	MESA A VERIFICAR	EM COMPENSADO, TIPO NICHÓ.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	R\$ 100,00

86756	MESA A VERIFICAR	EM COMPENSADO, TIPO NICHÓ.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	100,00	R\$
86757	MESA A VERIFICAR	EM COMPENSADO, TIPO NICHÓ.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	100,00	R\$
86758	MESA A VERIFICAR	EM COMPENSADO, TIPO NICHÓ.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	100,00	R\$
86759	MESA A VERIFICAR	EM MDF BRANCO, TIPO ESCRIVANINHA.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	150,00	R\$
86790	MICROCOMPUTADO R DE MESA	PROCESSADOR INTEL CORE I7-3770, 8 GB DE MEMÓRIA RAM 1600 MHZ, 4 SLOTS DE MEMÓRIA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	2.203,21	R\$
86917	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	360,79	R\$
87630	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	360,79	R\$
87642	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	360,79	R\$
87643	MONITOR DE VÍDEO	DE 20 POLEGADAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	360,79	R\$
88846	CARRINHO DE SERVIÇO	MULTIUSO; DOBRÁVEL; 4 QUATRO RODAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	399,00	R\$
88907	DISCO RÍGIDO EXTERNO	1TB; 3.0 USB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	316,45	R\$
88908	DISCO RÍGIDO EXTERNO	1TB; 3.0 USB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	316,45	R\$
88909	MESA DIGITALIZADORA	MARCA WACOM MODELO INTUOS5	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.299,00	R\$
88910	MESA DIGITALIZADORA	MARCA WACOM MODELO INTUOS5	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.299,00	R\$
88911	MESA DIGITALIZADORA	MARCA WACOM MODELO INTUOS5	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.299,00	R\$
88912	MESA DIGITALIZADORA	MARCA WACOM MODELO INTUOS5	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.299,00	R\$
89382	PROJETO R MULTIMÍDIA	EPSON POWERLITE 905, COM GARANTIA ON SITE POR 36 MESES.	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	2.125,00	R\$

89591	IMPRESSORA LASER	MONOCROMÁTICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	690,00	R\$
89592	IMPRESSORA LASER	MONOCROMÁTICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	690,00	R\$
92917	MICROCOMPUTADO R DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	2.230,00	R\$
92919	MICROCOMPUTADO R DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	2.230,00	R\$
92936	MICROCOMPUTADO R DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	2.230,00	R\$
92954	MICROCOMPUTADO R DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	2.230,00	R\$
92955	MICROCOMPUTADO R DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	2.230,00	R\$
92957	MICROCOMPUTADO R DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	2.230,00	R\$
92958	MICROCOMPUTADO R DE MESA	INFOWAY ST 4265	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	2.230,00	R\$
93821	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; 2 PORTAS; TIPO 2	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	3.016,24	R\$
94004	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; RECEPÇÃO COM BIOMBO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5.402,78	R\$
94349	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; 2 PORTAS; TIPO 2	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	3.016,24	R\$
94352	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	SEM COMPLEMENTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	916,34	R\$
94353	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	SEM COMPLEMENTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	916,34	R\$
94361	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; RECEPÇÃO COM BIOMBO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5.402,78	R\$
94578	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; RECEPÇÃO COM BIOMBO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5.402,78	R\$
94579	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; RECEPÇÃO COM BIOMBO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5.402,78	R\$



94583	GAVETEIRO PARA ESCRITÓRIO	SEM COMPLEMENTO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	916,34	R\$
94595	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.694,09	R\$
95267	MONITOR DE VÍDEO	VIDEO COLOR LCD-LED 20	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	350,00	R\$
95273	MONITOR DE VÍDEO	VIDEO COLOR LCD-LED 20	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	350,00	R\$
95274	MONITOR DE VÍDEO	VIDEO COLOR LCD-LED 20	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	350,00	R\$
95488	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	13.302,55	R\$
95489	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	13.302,55	R\$
95490	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	13.302,55	R\$
95491	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	13.302,55	R\$
95492	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	13.302,55	R\$
95493	ESTAÇÃO DE TRABALHO	2 LUGARES; COM ARMÁRIO; TIPO 3	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	13.302,55	R\$
95509	MESA PARA REUNIÃO	REDONDA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.806,75	R\$
95511	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; COM ARMÁRIO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	6.651,28	R\$
95512	ESTAÇÃO DE TRABALHO	1 LUGAR; COM ARMÁRIO; TIPO 2	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	6.806,64	R\$
95537	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.694,09	R\$
95538	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.694,09	R\$
95539	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.694,09	R\$

	95644	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	4.816,45	R\$
	95645	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	4.816,41	R\$
	95646	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	4.816,41	R\$
	95647	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	4.816,41	R\$
	95648	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	4.816,41	R\$
	95649	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	4.816,41	R\$
	95650	ARMÁRIO DIVISIONAL	ALTO; ABERTO; TIPO 1	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	4.816,41	R\$
	95653	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.694,10	R\$
	95654	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.694,09	R\$
	95655	ARMÁRIO BAIXO	2 PORTAS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.694,09	R\$
	97419	TABLET PC	SAMSUNG GALAXY TAB S 10.5 16GB WI FI BRANCO	DANTE MIGUEL FARAGE	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	1.280,99	R\$
	97749	TELEFONE DIGITAL	MARCA AASTRA, MODELO DIALOG 4222	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	655,00	R\$
2	18018	IMPRESSORA LASER	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	795,00	R\$
2	18055	QUADRO DECORATIVO	MOLDURA PARA INSERÇÃO DE CARTAZES; 30CMX41CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	39,00	R\$
3	18055	QUADRO DECORATIVO	MOLDURA PARA INSERÇÃO DE CARTAZES; 30CMX41CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	39,00	R\$
4	18055	QUADRO DECORATIVO	MOLDURA PARA INSERÇÃO DE CARTAZES 42CM X 59,05 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	62,00	R\$
2	18060	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	40,00	R\$

3	18060	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	40,00	R\$
4	18060	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	40,00	R\$
5	18060	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	40,00	R\$
6	18060	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	40,00	R\$
7	18060	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 60X30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	40,00	R\$
8	18060	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 50 X 30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	55,00	R\$
9	18060	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 50 X 30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	55,00	R\$
0	18061	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 50 X 30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	55,00	R\$
1	18061	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 50 X 30 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	55,00	R\$
4	18061	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	500,00	R\$
5	18061	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	500,00	R\$
6	18061	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	500,00	R\$
7	18061	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	500,00	R\$
8	18061	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	500,00	R\$
9	18061	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	500,00	R\$
0	18062	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	500,00	R\$
1	18062	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	500,00	R\$

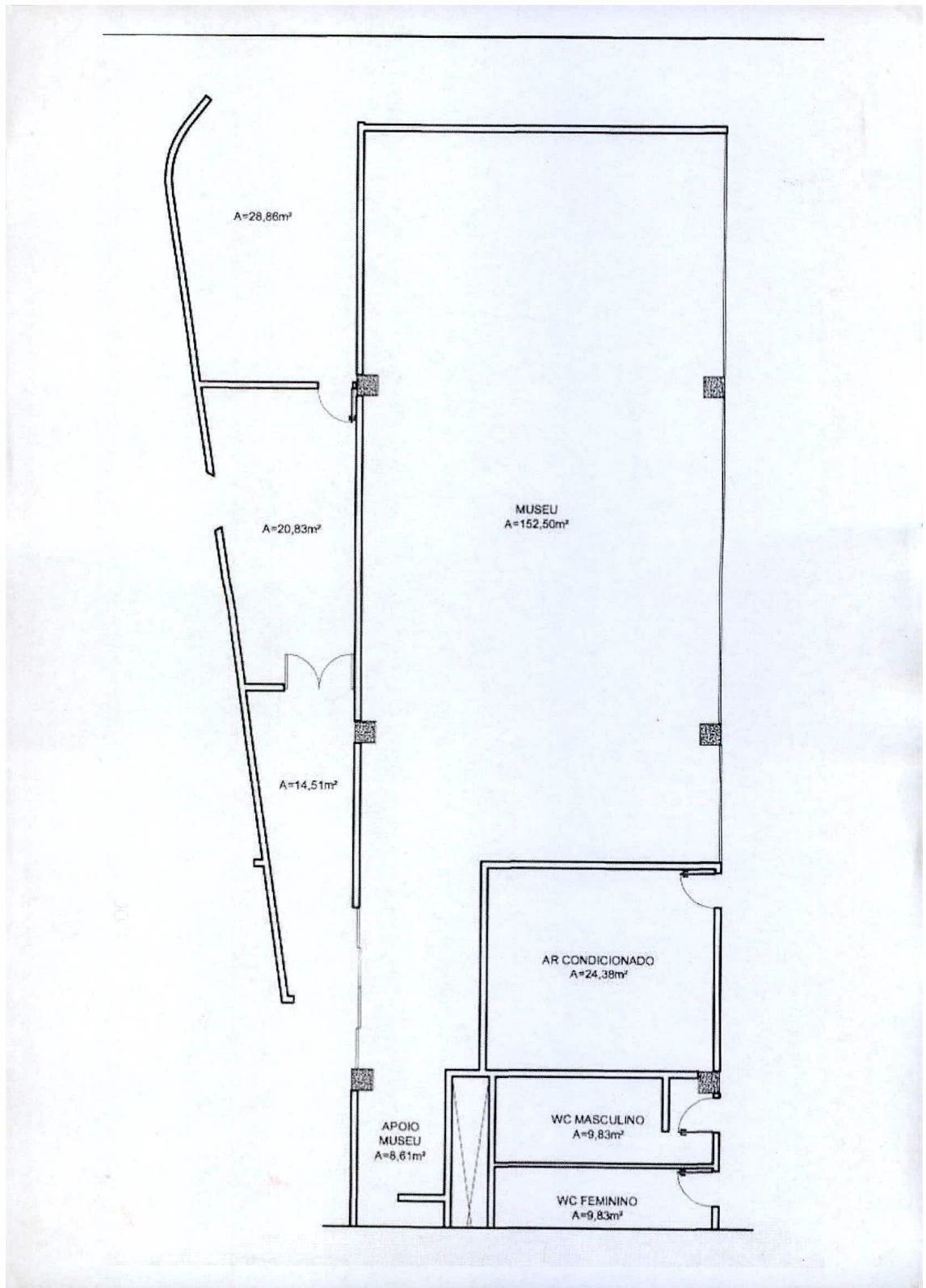
2	18062	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	500,00	R\$
3	18062	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 6 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	500,00	R\$
4	18062	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
5	18062	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
6	18062	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
7	18062	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
8	18062	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
9	18062	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
0	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
1	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
2	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
3	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
4	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
5	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
6	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
7	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
8	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$

9	18063	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
0	18064	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
1	18064	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
2	18064	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
3	18064	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
4	18064	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
5	18064	PÚLPITO PARA AUDITÓRIO	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	5,00	R\$
6	18064	PÚLPITO PARA	ACRÍLICO, 10 X 5 CM	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO	5,00	R\$
7	18067	IMPRESSOR A MATRICIAL	PARA MUSEU	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
1	20941	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
2	20941	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
4	21267	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
4	21315	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
5	21315	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
0	21535	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
3	21535	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
9	21969	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	116,10	R\$

3	22535	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
8	22575	LIVRO DO ACERVO	---	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
9	23546	LIVRO DO ACERVO	ESTÉTICA FOTOGRÁFICA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	92,00	R\$
8	23813	LIVRO DO ACERVO	MARKETING CULTURAL E FINANCIAMENTO DA CULTURA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	71,92	R\$
5	23843	LIVRO DO ACERVO	ECONOMIA DA CULTURA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	56,89	R\$
6	25003	GRAMPEADO R MANUAL	PECA DECORATIVA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
6	25006	CALCULADORA DE MESA	ANTIGA; MANUAL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
9	27003	CADEIRA GIRATÓRIA	REVESTIMENTO EM COURO, RECLINAVEL	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
6	31017	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	POLTRONA FIXA ; ESPALDAR ALTO; EM MADEIRA DE LEI TRABALHADA, C/ ASSENTO E ENCOSTO AI MOFADADOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
8	31017	CADEIRA OU SOFÁ A VERIFICAR	POLTRONA FIXA ; ESPALDAR ALTO; EM MADEIRA DE LEI TRABALHADA, C/ ASSENTO E ENCOSTO AI MOFADADOS	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
0	37021	MESA DE APOIO	MESA PARA TELEFONE EM MADEIRA; C/ 1 GAVETAE PRATELEIRA, MED. 0,82 X 0,45 X 0 65 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
1	37021	MESA DE CENTRO	EM MADEIRA DE LEI, TAMPO APOIADO EM 2 PECAS TORNEADAS, MED. 0 51 X 0 37 X 0 46 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
0	37022	RELÓGIO DE PAREDE	TIPO PENDULO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
1	37022	CALCULADORA DE MESA	ANTIGA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
3	37024	ESTANTE NÃO VAZADA	EM MADEIRA; ESTILO COLONIAL, BORDAS TORNEADAS, C/ GAVETEIROS LATERAL E UM GAVETAO CENTRAL MED 1 61 X 0 41 X 1 60 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
4	37024	TELEFONE DIGITAL	NA COR PRETA, ESTILO ANTIGO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
6	37024	PORTA-CHAPÉU	EM MADEIRA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$

5	45004	CABIDEIRO PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA; C/ ESPELHO	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
1	46000	MESA PARA ESCRITÓRIO	EM MADEIRA DE LEI, C/ 2 GAVETEIROS DE 2 GAVETAS, 1 GAVETA CENTRAL, MED. 1,70 X 0,90 X 0,75 M	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	0,01	R\$
0	55136	MEMÓRIA PARA MICROCOMPUTADOR	2GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	65,74	R\$
1	55137	MEMÓRIA PARA MICROCOMPUTADOR	2GB	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	VIVIAN ROCHAEL MACHADO PIMENTA	65,74	R\$

## ANEXO 17 - PLANTA BAIXA DO MUSEU DO TCU





## ANEXO 18 - ROTEIRO DE ATIVIDADES PARA IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DO TCU

### MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

Após a realização de obras de ampliação do Tribunal de Contas da União, foi restabelecido o Museu do Tribunal de Contas da União. Desta feita, porém, com as características peculiares da museologia moderna. Localizado no edifício sede, térreo, com cerimônia de reinauguração realizada em 10 de novembro de 2004. Sua missão é preservar e divulgar a memória da instituição de forma dinâmica e interativa.

O Museu do Tribunal de Contas da União implanta uma linha de museu de natureza histórica oficial com o objetivo de recuperar e divulgar o percurso da instituição e se tornar para a sociedade um meio de informação.

Desta forma, o Museu é de natureza afim à área de informação e por isso subordinado ao Centro de Documentação – CEDOC do Instituto Serzedello Corrêa-ISC. Dado às características de sua missão, também possui ligação com as funções de educação corporativa do ISC.

O acervo do Museu do Tribunal de Contas da União é composto de peças relacionadas à história do TCU, tais como:

- móvel;
- documentos escritos com valor histórico;
- documentos iconográficos;
- objetos, medalhas, condecorações.

## ROTEIRO DE ATIVIDADE PARA A IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DO TCU

### 1. PESQUISA

1.1. Busca por acontecimentos - A primeira exposição tem como tema os 114 anos de história do Tribunal de Contas da União, o trabalho de pesquisa consistiu em levantar marcos históricos e suas personagens eméritas. Para tanto, foram utilizados livros e documentos institucionais, monografias, livros de história e depoimentos de servidores e autoridades. Outro ponto importante, foi a contextualização dos momentos importantes vividos no Tribunal e os acontecimentos da história do Brasil.

1.2. Memória Viva – Foram gravadas entrevistas com personalidades eméritas do Tribunal, esses depoimentos foram editados e fazem parte da atual exposição.

1.3. Peças históricas – Foi realizado um trabalho de sensibilização dos servidores para que percebessem a importância do resgate da memória da instituição, isso nos permitiu contar com a colaboração de um grupo importante, mobilizado em resgatar peças de valor histórico.

1.4. Documentos históricos - Foram resgatados documentos escritos e documentos iconográficos de valor histórico em processos de trabalho e alguns guardados à revelia dos servidores.

### 2. PROFISSIONAIS CAPACITADOS:

2.1. Promoção de curso sobre “Montagem de exposição”, ministrado por profissional com habilitação em museologia e restauração oferecido à equipe do Museu;

2.2. Contratação de profissional com formação em museologia para auxiliar na criação do espaço físico e na montagem da exposição;

2.3. Seleção de estudantes com habilidade verbal e conhecimento de história do Brasil para trabalharem como monitores do museu.

### 3. PLANO DIRETOR

3.1. Apresentação de um plano diretor para o Museu do Tribunal de Contas da União com o objetivo de descrever as linhas de ação museológicas a serem implementadas, este plano consistia de:

- a) Previsão orçamentária para o ano de 2005;
- b) análise diagnóstica de certos aspectos que favorecem a implementação do Museu do TCU;
- c) Planejamento e programa museológico de modo a lhe dar suporte para a implementação;
- d) organização e gerenciamento de suas atividades e projetos.

### 4. RESTAURAÇÃO DO ACERVO

4.1. Contratação de profissionais de diferentes áreas nos trabalhos de restauração de mobiliário, objetos de arte, documentos, bandeira e etc.

4.2. Utilização de artistas plásticos para a criação de réplicas de peças históricas.

### 5. PREPARAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO

5.1. O estudo do espaço físico destinado a instalação do museu contou com o auxílio de profissionais pertencentes ao quadro de servidores do Tribunal com formação em engenharia, estes servidores auxiliaram na composição do ambiente de acordo com as recomendações da moderna museologia.

5.2. Confeção de expositores em madeira de diferentes formas e tamanhos para abrigar as coleções.

5.3. A formulação da programação visual para o Museu do Tribunal de Contas da União envolveu a criação de uma identidade visual própria, com o uso de painéis e fotografias.

## 6. DIVULGAÇÃO

6.1. A campanha de divulgação da exposição inaugural do Museu do Tribunal de Contas da União partiu do questionamento de qual seria o papel de um museu institucional. Foi selecionado um tema que sensibilizasse, principalmente, os servidores do TCU. Com isso foram criados cartazes, *folders*, *banners*, filipetas e filmes promocionais amplamente propagados dentro e fora da instituição.

## 7. MUSEU VIRTUAL

7.1. O Museu do Tribunal de Contas da União dedica ao público o “Museu Virtual”, página na internet abrigada no portal do TCU, que tem como principal objetivo a divulgação das exposições. Hoje a página oferece além das informações pertinentes ao Museu, visita panorâmica de 360º da atual exposição, onde o visitante é transportado para o interior do Museu.

## 8. ACERVO

8.1. Criação de reserva técnica para manutenção, guarda, preservação, laboratório e restauro de acervos. Configura-se também como um local de trabalho técnico para manutenção de banco de dados, serviço de documentação, arquivo fotográfico, documental e também como área de tratamento para acervos.

8.2. Esse espaço destinado a reserva técnica deverá obedecer condições previamente estipuladas de temperatura, umidade e luminosidade de forma que não comprometa o acervo.

## 9. OBJETIVOS DO MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

- Formar acervos e coleções dos mais diversos registros documentais referentes à sua história.
- Pesquisar e divulgar os resultados dessa investigação na forma de publicações, catálogos, e especialmente exposições de longa duração, temporárias e/ou itinerantes.
- Realizar exposições de longa duração, temporárias e/ou itinerantes de temas diversificados que contribuam para o enriquecimento cultural e profissional do corpo técnico do TCU e da sociedade em geral.
- Instruir e atualizar o público em geral sobre a trajetória do Tribunal de Contas da União apresentando os marcos históricos e suas personagens eméritas.
- Divulgar ações e procedimentos operacionais do TCU.
- Auxiliar, através de ações museológicas, na aproximação do Tribunal de Contas da União com o cidadão.

## ANEXO 19 - TEXTO DA EXPOSIÇÃO TCU: UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

### 1. A CRIAÇÃO DO TRIBUNAL DE CONTAS

Desde a chegada dos portugueses, o Brasil foi considerado propriedade da família real portuguesa e de seus mandatários. Com a Proclamação da República, em 1889, houve uma mudança de paradigma e o governo passou a ser exercido em benefício do povo, devendo-se a ele a prestação de contas das despesas que em seu nome devem ser executadas.

O Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro Presidente da República, nomeou o jurista e jornalista Ruy Barbosa Ministro da Fazenda, que criou, em 1890, o Tribunal de Contas, pelo Decreto 966-A, definindo-o da seguinte forma:

“Corpo de magistratura intermediária entre a Administração e a Legislatura que colocado em posição autônoma, com atribuições de revisão e julgamento, cercado de garantias contra quaisquer ameaças, possa exercer as suas funções vitais no organismo constitucional, sem risco de converter-se em instituição de ornato aparatoso e inútil.”

### 2. A IMPLEMENTAÇÃO DO TRIBUNAL DE CONTAS

Após a criação do Tribunal de Contas, este ainda carecia de regulamentação para efetivamente existir e atuar. Na Assembleia continuava sob exame o texto constitucional que em seu texto inicial, decretado pelo Governo Provisório, não fazia menção ao Tribunal.

Com o intuito de isentar o recém criado órgão de futuras atitudes arbitrárias e possíveis dissoluções, Ruy Barbosa, designou a “Comissão do Vinte e Um”, liderada pelo senador pernambucano José Hygino Duarte Pereira, responsável pela elaboração do projeto de regulamentação do Tribunal. A proposta foi aprovada sem qualquer impugnação ou modificação na sessão de 27 de janeiro de 1891, sendo definitivamente institucionalizada com a promulgação da primeira Constituição do Brasil República, em 24 de fevereiro do mesmo ano.

### 3. SERZEDELLO CORREA E A INSTALAÇÃO DO TRIBUNAL DE CONTAS

A sucessão de conflitos, revoltas e a dissolução da Assembléia Constituinte de 1891, culminaram na renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca.

O Marechal Floriano Peixoto assumiu a Presidência da República em novembro daquele ano, reiterando o papel do Tribunal de Contas como fiscal das contas públicas e contentor de gastos.

Um dos protagonistas da implementação da República, o tenente-coronel Inocêncio Serzedello Correa, segundo ministro da Fazenda de Floriano Peixoto, viabilizou a regulamentação do Tribunal de Contas, dotado de cinco membros com direito a voto - um deles representante do Ministério Público, com poder de veto absoluto, extensivo mesmo ao Presidente da República.

No ato de instalação do Tribunal de Contas, em 1893, declarou:

“Em nome do Governo, mais ainda em nome da Republica, que não desaparece com os governos, agradeço a tão prestantes cidadãos por terem aceitado as nomeações e para o bem da Republica, moralidade da administração, exato cumprimento do orçamento e economia nos dinheiros públicos, declaro instalado o Tribunal de Contas.”

Poucos meses depois, Floriano Peixoto demonstrou insatisfação com o Tribunal após ter o ato de contratação de um protegido considerado ilegal por falta de dotação orçamentária e determinou a reforma do órgão por considerá-lo superior ao Presidente da República, ao que Serzedello Corrêa respondeu:

“Não. Superior a Vossa Excelência, não. Quando Vossa Excelência está dentro da lei e da Constituição o Tribunal cumpre as suas ordens. Quando Vossa Excelência está fora da lei e da Constituição o Tribunal lhe é superior. Reformá-lo não podemos...”

Entendendo a reforma como meio de inutilização do Tribunal, Serzedello Corrêa pede demissão. Sua atitude bravamente corajosa e de espírito público é exemplo até hoje.

#### 4. O FIM DA REPÚBLICA VELHA E A ERA VARGAS

A política do “Café com leite”, alternou as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais na Presidência, durante a República Velha, finda com a Revolução de 1930. Após conflitos marcantes, sucessivas reorganizações e eleições desastrosas, constituiu-se o Governo Provisório, apoiado pelas forças armadas, elegendo-se Presidente Getúlio Vargas.

Novamente o Tribunal perderia força até a Revolução Constitucionalista de 1932, propiciadora da Constituição de 1934, cujo texto contemplava sua reorganização.

Diante desse quadro, o Tribunal passou a agir com maior independência, chegando em 1937, pela única vez em sua história, a emitir parecer contrário à aprovação das contas da Presidência da República. A Câmara dos Deputados, entretanto, acolhendo mensagem do Presidente Getúlio Vargas, declarou-as aprovadas. O ministro Francisco Thompson Flores, relator do parecer, por sua vez foi posto em disponibilidade, não mais regressando ao Tribunal.

No mesmo ano, Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo, outorgou ao país uma nova Constituição, fechou o Congresso Nacional e cerceou as ações do Tribunal.

A Era Vargas teve seu fim em 1945, quando o Presidente do Supremo Tribunal Federal assume a Presidência até a realização das eleições, nas quais saiu-se vitorioso o General Dutra.

#### 5. O RENASCIMENTO DO TRIBUNAL DE CONTAS EA CONSTITUIÇÃO DE 1946



Finda a Segunda Guerra Mundial e a Era ditatorial de Vargas, o Brasil começou a se refazer de profundas modificações sócio-econômicas, fazendo-se patente a necessidade de reforços nos mecanismos de controle da execução dos gastos públicos.

A Constituição de 1946 viabilizou ao país novo processo de democratização, reforçando o poder das instituições e garantindo as liberdades individuais, período em que o Tribunal de Contas exerceu papel fundamental, então revigorado em suas competências e com sua área de atuação ampliada.

Tal fase de Democracia no Brasil e de renascimento do Tribunal perduraram até a primeira metade dos anos sessenta, quando instituiu-se o governo militar.

## 6. A CONSTITUIÇÃO DE 1967

Em 1964, o governo militar promoveu outra alteração na Constituição: o Presidente legislava por meio de decretos-leis.

O Tribunal de Contas antecipou-se à possibilidade de a nova Carta trazer problemas para o sistema de controle e prontificou-se a contribuir para o texto Constitucional, ao que o Presidente da República recusou, assegurando que a nova Carta estaria de acordo com a Lei de Orçamento em vigor – Lei 4.320/64 – e que a instituição do controle interno garantiria maior eficácia ao controle externo, a cargo do Tribunal.

Tendo-se acesso ao texto da nova Constituição, entendeu-se que a mesma não correspondia aos termos que o presidente da República propusera e decidiu-se que seria necessário prestar um esclarecimento ao Poder Legislativo e à nação, divulgado em nota à imprensa.

A perda de competência foi realmente verificada mais tarde, mas o Tribunal soube exercer com responsabilidade e propriedade as funções a ele reservadas.

Promulgada a Constituição, assinou-se o decreto-lei instituidor da nova Lei Orgânica do Tribunal de Contas da União - TCU, assim denominado pela primeira vez. Todavia, somente com a edição da Emenda Constitucional nº 01, de 17 de outubro de 1969, o nome passou a ser oficial.

## 7. A AMPLIAÇÃO DAS ATRIBUIÇÕES DO TCU COM A CARTA DE 1988

A nova Constituição Federal, chamada “Constituição Cidadã” pelo Deputado Ulysses Guimarães, em razão da ampla participação popular em sua elaboração, tornou-se também conhecida como “Constituição Fiscalizadora” e teve expressivo significado para o TCU.

Suas competências foram ampliadas por meio do art. 71 da Constituição, às quais acrescentaram-se além do controle nas áreas contábil, financeira, e orçamentária, novas funções fiscais e julgadoras sobre a área patrimonial e sobre o desempenho operacional das entidades sob sua jurisdição.

Como consequência, o TCU passou a dispor de mecanismos que lhe permitem assegurar que os recursos públicos serão aplicados não apenas na forma dos regulamentos estabelecidos, mas que alcançarão efetivamente os objetivos aos quais são destinados.

## 8. O TCU HOJE

O Tribunal de Contas da União aprecia as contas do Presidente da República e julga as contas dos administradores e responsáveis por recursos públicos do Brasil, assim como as de qualquer pessoa que possa causar dano aos cofres públicos. Assegura, desta forma, a efetiva e regular gestão de tais recursos em benefício da sociedade brasileira.

O TCU é integrado por nove ministros, tem quadro próprio de pessoal, jurisdição em todo o território nacional, rede informatizada interligada em todo o país e promove constante intercâmbio com Entidades Fiscalizadoras Superiores em todo o mundo. Atuam junto ao Tribunal três auditores que substituem os ministros quando necessário. Atua, também, junto ao TCU Ministério Público,

autônomo, que tem a missão de guarda da lei e fiscal da sua execução, manifestando-se sobre a maioria dos processos apreciados.

O TCU incentiva a participação direta do cidadão no controle da gestão pública, com o objetivo de garantir moralidade, eficiência, economia e publicidade dos atos de gestão do dinheiro público. Esta prática é conhecida como controle social.

Como exemplo de ações de estímulo ao controle social o TCU mantém uma Ouvidoria e promove eventos de Diálogo Público - conjunto de ações sistematizadas de relacionamento, divulgação e troca de conhecimentos entre o TCU e a sociedade, o Congresso Nacional e os gestores públicos.

O TCU também divulga e dá publicidade de sua jurisprudência e dos trabalhos desenvolvidos por meio da edição de diversas publicações e da manutenção de site na internet – [www.tcu.gov.br](http://www.tcu.gov.br).